



A propos de ce livre

Ceci est une copie numérique d'un ouvrage conservé depuis des générations dans les rayonnages d'une bibliothèque avant d'être numérisé avec précaution par Google dans le cadre d'un projet visant à permettre aux internautes de découvrir l'ensemble du patrimoine littéraire mondial en ligne.

Ce livre étant relativement ancien, il n'est plus protégé par la loi sur les droits d'auteur et appartient à présent au domaine public. L'expression "appartenir au domaine public" signifie que le livre en question n'a jamais été soumis aux droits d'auteur ou que ses droits légaux sont arrivés à expiration. Les conditions requises pour qu'un livre tombe dans le domaine public peuvent varier d'un pays à l'autre. Les livres libres de droit sont autant de liens avec le passé. Ils sont les témoins de la richesse de notre histoire, de notre patrimoine culturel et de la connaissance humaine et sont trop souvent difficilement accessibles au public.

Les notes de bas de page et autres annotations en marge du texte présentes dans le volume original sont reprises dans ce fichier, comme un souvenir du long chemin parcouru par l'ouvrage depuis la maison d'édition en passant par la bibliothèque pour finalement se retrouver entre vos mains.

Consignes d'utilisation

Google est fier de travailler en partenariat avec des bibliothèques à la numérisation des ouvrages appartenant au domaine public et de les rendre ainsi accessibles à tous. Ces livres sont en effet la propriété de tous et de toutes et nous sommes tout simplement les gardiens de ce patrimoine. Il s'agit toutefois d'un projet coûteux. Par conséquent et en vue de poursuivre la diffusion de ces ressources inépuisables, nous avons pris les dispositions nécessaires afin de prévenir les éventuels abus auxquels pourraient se livrer des sites marchands tiers, notamment en instaurant des contraintes techniques relatives aux requêtes automatisées.

Nous vous demandons également de:

- + *Ne pas utiliser les fichiers à des fins commerciales* Nous avons conçu le programme Google Recherche de Livres à l'usage des particuliers. Nous vous demandons donc d'utiliser uniquement ces fichiers à des fins personnelles. Ils ne sauraient en effet être employés dans un quelconque but commercial.
- + *Ne pas procéder à des requêtes automatisées* N'envoyez aucune requête automatisée quelle qu'elle soit au système Google. Si vous effectuez des recherches concernant les logiciels de traduction, la reconnaissance optique de caractères ou tout autre domaine nécessitant de disposer d'importantes quantités de texte, n'hésitez pas à nous contacter. Nous encourageons pour la réalisation de ce type de travaux l'utilisation des ouvrages et documents appartenant au domaine public et serions heureux de vous être utile.
- + *Ne pas supprimer l'attribution* Le filigrane Google contenu dans chaque fichier est indispensable pour informer les internautes de notre projet et leur permettre d'accéder à davantage de documents par l'intermédiaire du Programme Google Recherche de Livres. Ne le supprimez en aucun cas.
- + *Rester dans la légalité* Quelle que soit l'utilisation que vous comptez faire des fichiers, n'oubliez pas qu'il est de votre responsabilité de veiller à respecter la loi. Si un ouvrage appartient au domaine public américain, n'en déduisez pas pour autant qu'il en va de même dans les autres pays. La durée légale des droits d'auteur d'un livre varie d'un pays à l'autre. Nous ne sommes donc pas en mesure de répertorier les ouvrages dont l'utilisation est autorisée et ceux dont elle ne l'est pas. Ne croyez pas que le simple fait d'afficher un livre sur Google Recherche de Livres signifie que celui-ci peut être utilisé de quelque façon que ce soit dans le monde entier. La condamnation à laquelle vous vous exposeriez en cas de violation des droits d'auteur peut être sévère.

À propos du service Google Recherche de Livres

En favorisant la recherche et l'accès à un nombre croissant de livres disponibles dans de nombreuses langues, dont le français, Google souhaite contribuer à promouvoir la diversité culturelle grâce à Google Recherche de Livres. En effet, le Programme Google Recherche de Livres permet aux internautes de découvrir le patrimoine littéraire mondial, tout en aidant les auteurs et les éditeurs à élargir leur public. Vous pouvez effectuer des recherches en ligne dans le texte intégral de cet ouvrage à l'adresse <http://books.google.com>

Serie 2^a

LIVROS DIDÁTICOS

Vol. 3

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

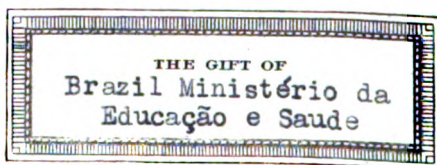
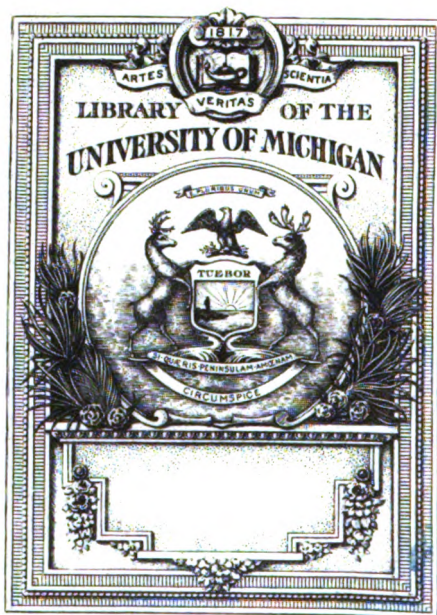
A 857,021

Otoniel Mota

Lições de Português



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO



869.5
M922
1941

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

End. Avenida Rio Branco nº. 219/39

Edifício da Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro

LIÇÕES DE PORTUGUÊS

Exemplar № 00931 *

Serie 2.ª

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA
LIVROS DIDÁTICOS

Vol. 3

OTONIEL MOTA

LIÇÕES DE PORTUGUÊS

9.ª EDIÇÃO

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — PORTO ALEGRE

1941



Ilmo. sr. Prof. Otoniel Mota

Capital

Prezado amigo

Seu livro LIÇÕES DE PORTUGUÊS vem sendo insistentemente procurado por professores e alunos de todo o País e essa procura tem sido tal que nos obriga a voltar à sua presença para insistir na sua publicação. Pensamos que o amigo não deve privar os estudantes brasileiros de tão precioso compendio.

Ficamos assim aguardando sua aquiescencia ao nosso pedido e sem mais, somos com estima e consideração,

de v. s.

Amos. Atos. Obrgs.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

O. MARCONDES FERREIRA

Diretor

*Reg. Min. da Educação -
L. 2.424
1.4.42*

Este livro, em virtude de uma página de Castilho publicada há um século e transcrita por mim há cerca de trinta anos na 1.ª edição da obra, foi julgado inconveniente para o ensino brasileiro.

Em virtude disso, esgotou-se a última edição.

A alunos, professores, diretores de ginasios que me interpelavam, dei sempre esta resposta: "Está esgotado e não será reimpresso".

Em virtude, porém, da carta retro, achei que não me assistia o direito de lesar o ensino de minha terra com a ausência do volume no mercado e concordei em tirar nova edição, suprimindo a referida página.

OTONIEL MOTA

Algumas explicações

1. O autor deste livro é dos que estão convencidos de que o estudo do português se torna cada vez mais antipático aos alunos. Convenceu-se, mais, de que a razão principal está no modo por que se ele faz quase sempre: o método sintético, aliado em geral ao acervo indigesto de matéria; a uma terminologia por vezes rebarbativa, difícil de reter e sem utilidade imediata na prática; a um ouriçado de regras e definições; aos programas extensos, complicados, mas também "machucados", atropelados, apenas arranhados nos pontos básicos, e isso mesmo após um esforço improficuo em que a memória teve o papel predominante — uma tal engrenagem vai matando o estímulo para o estudo, sem estancar, felizmente, o desejo de conhecer a língua. Ao contrario: este cresce, à medida que cresce na consciência do aluno a convicção de que a língua é uma necessidade imprescindível como arma de luta, principalmente nos tempos atuais.

O A. quis entrar por um caminho que não é novo e que se lhe afigura mais cômodo, racional e eficaz, de acordo com a experiência dos povos mais adiantados em matéria de educação.

Este livro é um esforço sincero em favor do método analítico.

Fruto de um meio viciado, é possível, todavia, que ele proprio ainda traga consigo uma larga crosta de sintetismo que a crítica e a experiência irão tirando aos poucos.

O programa do A. cifra-se em poucas palavras: simplificar a matéria, suavizar o ensino, seleccionar (1) o essencial e insistir, repisar, para que esse essencial se grave indelevelmente no espirito.

2. Com esse programa diante dos olhos, era impossivel ao A. deixar de fazer, até certo ponto, obra revolucionaria.

A sua preocupação constante, porem, foi conservar tudo quanto de sagrado a tradição nos legou, isto é — tudo aquilo que é legítimo, ou cuja permanencia não pode ser nociva.

(1) Este verbo que tem tanta razão de viver como *acionar*, *evolucionar*, etc., felizmente já se acha registado por G. Viana.

3. A obra é dividida em dois livros : o primeiro deles, por sua vez dividido em duas partes, encerra materia concernente ao 1.º e 2.º anos ginasiais ; o 2.º contem a seleta de trechos clássicos e os comentarios que lhes são apensos. Destina-se mais ao 3.º ano, mas repousa, em absoluto, sobre a primeira parte, isto é — sobre um sistema de análise quanto possível simples e realmente lógico.

Para evitar o erro funesto de um ensino de português que consistia quase exclusivamente em análise — tomando-se como fim aquilo que apenas é um meio — ultimamente se enveredou pelo caminho de uma reacção exagerada, que tende a fazer tabua rasa de toda e qualquer análise. E' uma campanha insensata que não vale a pena de uma refutação. O A. procurou o justo meio que a experiencia lhe ditou.

4. Esta obra é quasi a coroa de uma serie planejada e pressupõe, portanto, materia que nela não se contem, pelo menos todo o programa para admissão aos ginasios. O fato de o A. começar quase pelo fim, foi porque o carater mais geral da presente publicação poderia estender a sua influencia para alem dos limites ginasiais, de forma que este volume, mais facilmente vendido, se tornasse uma garantia para os seus irmãos esboçados.

5. Na primeira parte do primeiro livro, a parte que vai até a pág. 82 e que é destinada ao 1.º ano, o A. procurou ser o mais infantil possível na linguagem : esforçou-se por falar exatamente como faz em aula a pequeninos, permitindo-se mesmo o emprego de um estribilho que ele sói martelar em classe. Veja-se pág. 34, n.º 81.

E' preciso ter isto em vista para se não estranhar a diferença de diapasão que se há de notar entre o principio e o fim da obra, em lições que distam por vezes dois anos uma da outra.

6. Como corolario do método analítico, applicou-se o processo americano dos diagramas, de cujo valor pedagógico, admiravel, se convencerá qualquer professor que lhe beber o espirito. Mas, como disse um professor americano, é ele um andaime que se deve tirar logo que a casa esteja pronta. Contra esse processo tem sido formulada a seguinte objecção : "O aluno pode fazer apenas "mecanicamente os diagramas". A isto se responde :

- a) Quando tal acontecer, o aluno terá, contudo, atingido o essencial, que é ver claro as relações que existem entre os varios elementos da sentença, sem o que não fará o diagrama de forma alguma.

- b) O fazer ele de modo mecânico recai exclusivamente sobre o professor, que não cumpriu o seu papel principal : o de fiscal e dirigente. O diagrama é um auxiliar modesto, não um mestre ou uma fórmula mágica, e a indolencia ou incuria do professor pode prejudicar e até anular a efficacia do processo.

7. Na organização da seleta o A. levou em vista, o mais possível, escolher trechos que formassem um todo. E' por isso que fez um largo emprego de cartas. Nem sempre, porem, lhe foi dado levar a cabo perfeitamente o desiderato.

A seleta destina-se a ser um estudo preparatorio para os Lusíadas.

8. As notas que se foram ajuntando aos parágrafos são de varios teores, sendo que algumas visam mais ao professorado que aos alunos. O uso delas em classe depende, pois, exclusivamente, do criterio do mestre.

Primeiro livro

PARTE PRIMEIRA

LIÇÃO I

1. Imaginemos que encontramos um pedacinho de papel com estes dizeres : «O meu cão». Aí está uma reunião de três palavras que afinal quase nada exprimem. Não podemos tirar delas nenhuma conclusão e dizemos, portanto, que não formam sentido. — Suponhamos ainda que logo adiante achamos outro pedacinho em que podemos ler isto : «morreu». Também quase nada conseguimos daí. Se, porem, reunirmos os dois pedacinhos, teremos : «O meu cão morreu». Isto — dizemos logo — tem SENTIDO.

Mas por que ? Qual a razão por que um grupo de palavras forma sentido e outro não forma ?

Reflitamos. No exemplo acima podemos ver que no primeiro pedacinho de papel havia um substantivo : *cão*. No segundo havia uma afirmação categórica feita pelo verbo : *morreu*. Ora bem, o substantivo sem a afirmação não formava sentido ; nem a afirmação sem o substantivo. Foi preciso ajuntar os dois.

2. Para haver *sentido*, pois, é necessario existir um substantivo unido a uma afirmação (isto é, a um verbo).

3. E a toda reunião de palavras *que forma sentido* dá-se o nome de *sentença*.

4. Em uma sentença pode haver mais de um substantivo ; mas nem todos recebem a afirmação feita pelo verbo.

Exemplo: «Um aluno do Ginasio veio à nossa casa». Aí está uma reunião de palavras que forma sentido. E', pois, uma *sentença*. Nela encontramos três substantivos : *aluno*, *Ginasio*, *casa*, e uma afirmação : *veio*. Dos três substantivos, entretanto, só um aceita a afirmação feita pelo verbo. Quem é que veio? *Aluno*.

5. O substantivo do qual se faz a afirmação chama-se *substantivo sujeito*, ou simplesmente **SUJEITO** da sentença. A afirmação que dele se faz recebe o nome de *predicado*.

NOTA. — Na análise de uma sentença, ao aluno principiante é mais fácil achar o predicado do que o sujeito. Para isso basta-lhe achar o *verbo*. Uma vez achado este, é só dirigir-lhe a pergunta *quem?* ou: *o que?* e a resposta será o sujeito da sentença. Seja a sentença: — Na mangueira do pomar pendia de um galho um ninho de beijaflor —.

Busquemos o predicado. E' *pendia*. Façamos a pergunta: — O que é que *pendia*? — A resposta é pronta: *ninho*. Eis aí o sujeito da sentença.

QUESTIONARIO

- 1 — Que é necessario haver para termos um *sentido*? (2)
- 2 — Que é uma *sentença* (3)
- 3 — Quantos substantivos pode haver numa sentença? (4)
- 4 — Qual deles é o que recebe o nome de sujeito? (idem)
- 5 — Que é, pois, sujeito? (5)
- 6 — Qual é a maneira mais facil de analisar uma sentença? (nota)

LIÇÃO II

6. O sujeito e o predicado podem constar de uma só palavra, como neste caso: *Canario canta*; ou de mais de uma palavra, como em: *O canario, lindo pássaro do Brasil, canta admiravelmente em nossas florestas*.

No sujeito podemos contar agora sete palavras, no predicado cinco.

7. Mas, se observamos bem, veremos que entre as sete palavras do sujeito há uma que é indispensavel: é *canario*. Por semelhante modo, o predicado tem uma palavra indispensavel: é *canta*. Ainda quando suprimíssemos *todas* as outras, elas por si sós formariam *sentido* e constituiriam *sentença*: *canario canta*. Pelo contrario, se supirmos qualquer delas, ainda que conservemos *todas* as mais, já não existirá *sentença*, porque não haverá *sentido*.

8. As palavras indispensáveis na sentença chamam-se — **sujeito gramatical e predicado gramatical**.

9. O sujeito e o predicado gramaticais, unidos com os demais elementos secundários, formam o sujeito e o predicado totais ou lógicos.

10. Os elementos que se ajuntam ao sujeito e ao predicado gramaticais têm o nome de **modificadores**.

NOTAS. — 1. Assim se chamam porque *modificam* o sujeito ou o predicado. *Modificar* quer dizer — dar um novo modo de ser às cousas, dar-lhes uma nova feição, um novo colorido. Por exemplo, se alguém nos diz : — Vi uma flor —, a palavra *flor* traz ao nosso espírito uma idéia apagada, de uma cousa que pode ter mil formas e mil cores. Mas se nos disserem : — Vi uma flor pequena, escarlate, com quatro pétalas arredondadas —, não é certo que os elementos *pequena, escarlate, com quatro pétalas arredondadas* trouxeram muita luz para podermos ver em espírito a natureza da flor? E' que esses elementos *modificaram* a primeira idéia que nos dava a simples palavra *flor*. — 2. Os gramáticos em geral chamam *adjuntos* ao que nós chamamos *modificadores*.

11. Seja a sentença :

Os meus ricos pêssegos hoje caíram desastradamente.

Aí temos como sujeito gramatical o substantivo *pêssegos*. Em redor e presos a ele vemos os adjetivos *os, meus e ricos*. Estes adjetivos são, pois, *modificadores* do substantivo sujeito.

12. O predicado gramatical é o verbo *caíram*. Em redor e presos a ele vemos os advérbios *hoje e desastradamente*. Esses advérbios são, portanto, *modificadores* do predicado gramatical — *caíram*.

13. Os alunos repetirão o exercício acima nas seguintes sentenças, apontando o sujeito gramatical e seus modificadores, bem como o predicado gramatical e seus modificadores :

1. As nossas lindas aves não cantaram ontem.
2. Esta adorável menina lê agora extraordinariamente.
3. Voaram ali muitas rolinhas.
4. Os teus cães veadeiros passaram aqui depressa.

QUESTIONARIO

- 1 — De quantas palavras pode constar o sujeito ou o predicado? (6)
 - 2 — Que é sujeito gramatical e predicado gramatical? (8)
 - 3 — Que é o sujeito total? o predicado total? (9)
 - 4 — Que outro nome têm o sujeito e predicado totais? (idem)
 - 5 — Que nome têm os elementos secundarios que se ajuntam ao sujeito e ao predicado gramaticais? (10)
 - 6 — Que quer dizer *modificar*? (ver a nota 1)
 - 7 — Que outro nome se dá aos modificadores? (nota 2)
-

LIÇÃO III

14. Os modificadores do sujeito podem ser, como vimos, simples adjetivos. Mas podem ser também grupos de palavras com valor de adjetivo. Seja, por exemplo, a sentença: «O cavalo trotão chegou». O adjetivo *trotão*, que serve de modificador do sujeito, pode ser substituído pela expressão *de trote*: o cavalo *de trote*. Este grupo de palavras compõe-se da preposição *de* e do substantivo *trote*, e é um modificador do sujeito.

E' sempre possível fazer uma preposição prender um substantivo, com o qual ela forme um conjunto que vá modificar o substantivo sujeito. E esse conjunto denominaremos *frase*.

15. **Frase** é, pois, um conjunto de palavras iniciado por uma preposição (1).

16. Assim também, em vez de dizer: «Ele corre *rapidamente*», podemos substituir a adverbio *rapidamente*, que está modificando o predicado gramatical *corre*, pela expressão *com rapidez*.

Aí temos uma *frase* formada pela preposição *com* e o substantivo *rapidez*. Evidentemente essa frase equivale ao adverbio *rapidamente*.

(1) Esta definição de *frase*, altamente simplificadora e cômoda, tomamo-la aos gramáticos ingleses e americanos. Deve-se, porém, explicar aos alunos também o sentido lato da palavra *frase*, como sinónimo de *sentença*.

17. Donde concluímos que as frases são de duas naturezas : **natureza adjetiva e natureza adverbial.**

18. Denominá-las-emos, pois, **frases adjetivas e frases adverbiais.**

NOTA. — A frase adjetiva modifica, além do sujeito, qualquer substantivo da sentença.

19. O sujeito gramatical é expresso por um **substantivo** ou por um **pronome** que lhe faça as vezes. Ex. : «*Pedro corre*», «*Ele cai*».

20. Quando o pronome faz a função de sujeito, diz-se que está no **caso reto.**

QUESTIONARIO

- 1 — Que podem ser os modificadores do sujeito? (14)
- 2 — Como se chama o conjunto de palavras que modifica o sujeito? (14)
- 3 — Que é frase? (15)
- 4 — De quantas naturezas são as frases? (17)

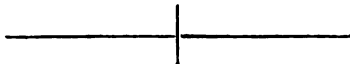
LIÇÃO IV

21. **Analisar** uma sentença é descobrir e classificar os diversos elementos que a compõem.

22. Para mais facilmente conseguirmos uma análise, recorreremos ao processo dos *diagramas*, usado na América do Norte.

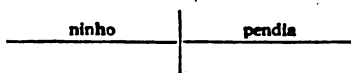
Os diagramas são figuras geométricas destinadas a mostrar, de uma forma visual, palpável, a relação das palavras entre si.

Traçaremos uma linha horizontal e cortá-la-emos por uma pequena vertical.

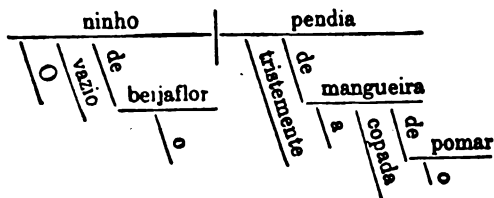


Seja a sentença : «Da copada mangueira do pomar pendia tristemente o ninho vazio do beijaflor».

À direita, sobre a linha horizontal, colocaremos o predicado gramatical ; à esquerda, o sujeito gramatical.



Colocaremos agora debaixo do sujeito e do predicado gramaticais os seus modificadores.



23. Observem : a) que as linhas **horizontais** são ocupadas só pelos substantivos e pelo verbo ; b) que as linhas **obliquas** estão ocupadas pelos adjetivos *o*, *vazio*, *o*, *a*, *copada*, *o* e pelo advérbio *tristemente* ; c) que os referidos adjetivos estão todos debaixo dos substantivos que eles modificam, e o advérbio *tristemente* debaixo do verbo ; d) que por semelhante modo a frase adjetiva *do beijaflor* está ao lado dos adjetivos seus irmãos, e a frase adverbial *da mangueira copada do pomar* está ao lado do advérbio *tristemente* ; e) que a grande frase *da mangueira copada do pomar* compõe-se de uma preposição que a introduz (*de*), um substantivo (*mangueira*), dois adjetivos (*a*, *copada*) e uma pequena frase adjetiva (*do pomar*), que por seu turno se decompõe em três palavras (*de*, *o*, *pomar*) ; f) que as preposições *de* se acham apertadas entre duas palavras, *ligando-as*, posição essa que há de ser *forçosamente* a *de todas* as preposições, onde quer que existam ; g) que das duas palavras ligadas pela preposição a segunda tem de ser *necessariamente* um substantivo (ou pronome que lhe faça as vezes), tal como se pode observar na sentença analisada ; h) que foi necessario desdobrar as contrações *do* e *da* em *de o*, *de a* para se analisarem as frases *do beijaflor*, *da mangueira*.

Observações como tais são applicaveis a toda e qualquer sentença.

QUESTIONARIO

- 1 — Que é *analisar* uma sentença? (21)
- 2 — Que diz o n.º 23 a respeito dos substantivos e do verbo? (letra a). Dos adjetivos? (letra b). Dos adjetivos e advérbios? (letra c). Das frases adjetivas e adverbiais? (letra d). Da colocação das preposições? (letra f).
- 3 — Que parte da sentença tem de ser a palavra que a preposição prende para ligar? (letra g).
- 4 — Que diz a letra h com relação a *do* e *da*?

24. Analisar por diagrama as seguintes sentenças :

- a) Os olhos abrasados da onça brilhavam terrivelmente na escuridão da caverna.
- b) Os cães amestrados, de fina raça, acuavam com um furor indomável.
- c) O braço da donzela descansava em um velário, entre jarras de porcelana.
- d) Na deserta amplidão dos campos luminosos murgem sinistramente os grandes bois sequiosos.

NOTA. — Colocada que seja em diagrama uma sentença, deve o aluno submetê-la ao seguinte interrogatório :

- 1.º — Todas as palavras que se acham em linhas horizontais são substantivos, pronomes ou verbos?
- 2.º — Todas as que estão em linhas oblíquas são adjetivos ou advérbios?
- 3.º — Estão as preposições todas *entre* duas palavras?
Qualquer resposta negativa querará dizer que houve erro na análise.

LIÇÃO V

25. Os alunos já conhecem certamente a definição que é dada pelas gramáticas a respeito da preposição : «Preposição é a palavra que *liga* duas outras palavras indicando ao mesmo tempo uma relação».

Esta definição é boa, mas está acima da compreensão dos alunos : a palavra *relação* é muito alta e traz uma idéia difícil de apanhar.

Se os alunos só decorassem essa definição, teriam apenas na memória um conjunto de palavras, sem que isso constituísse **um conhecimento**. *Decorar não é conhecer ; decorar fórmulas não é ver as cousas.*

26. Na lição anterior mostramos, de modo material, que as preposições *ligam*, e que o segundo elemento da ligação há de ser um substantivo, ou um pronome que lhe faça as vezes (1). Por isso, no diagrama, elas *nunca* podem vir senão *entre duas palavras*.

27. Agora falaremos das relações que elas expressam. Não vamos definir ; vamos mostrar o *fato*.

Quando dizemos : «casa de Pedro», a preposição *de* não somente *liga* as palavras *casa* e *Pedro*, mas indica que há entre elas a idéia de *posse*. A casa é *possuída* por Pedro. E' a *relação de posse*.

Na expressão : «copo de vidro», já a preposição *de* indica uma relação muito diferente : a de *qualidade* do copo ou *materia* de que ele é feito.

28. As relações principais são a de *posse, qualidade, materia, tempo, lugar, modo, exclusão, fim, posição, referencia, companhia, etc.*, que facilmente os alunos poderão enxergar e *deverão enxergar* por si sós.

29. As principais **preposições** são 19 : *a, de, ante, após, até, entre, para, com, desde, em, sob, per, por, contra, sobre, sem, trás, durante e perante*.

30. Por vezes duas ou mais palavras se encontram com o valor de uma preposição : *por sobre, para com, etc.*

Ex. : «O livro estava *por sobre* a mesa». «Ele foi mau *para com* o mendigo».

(1) A preposição junte, como se sabe, um *infinito* a outras palavras ; mas não se deve perder de vista que o infinito é em sua natureza íntima um substantivo : é parte *nominal* do verbo. A preposição pode também prender advérbios de lugar ou de tempo. Ex. : — Foi até lá e fica por hoje. — Esses chamados advérbios são aí verdadeiros substantivos, que às vezes chegam a fazer função de sujeito, como nesta sentença : — *Aquí é frio* —. Aquí = este lugar.

31. À reunião de duas ou mais palavras fazendo as vezes de preposição, chama-se **locução prepositiva**.

32. As locuções prepositivas terminam sempre por preposições e exprimem as mesmas relações já nossas conhecidas.

33. As principais são : *junto de, junto a, perto de, em redor de, ao lado de, ao pé de, atrás de, em cima de, por baixo de, diante de*. Há muitas outras que na leitura e análise encontraremos.

QUESTIONARIO

- 1 — Quais são as principais relações? (28)
 - 2 — Dizer as preposições. (29)
 - 3 — Como se chama a reunião de palavras que equivale a uma preposição? (31)
 - 4 — Como terminam as locuções prepositivas? (32)
 - 5 — Dizer as principais delas. (33)
-

Damos em seguida um trecho de Eça de Queiroz, no qual grifamos todas as preposições existentes, afim de que os alunos descubram as relações indicadas.

«Onofre, desde os vinte anos, vivia no deserto da Tebaida.

A sua caverna de solitario era no alto de um monte, toda de rocha avermelhada e nua, sem um tojo ou um musgo que lhe amaciasse a aspereza : e de certo outrora abrigara salteadores sañracenos, porque a vasta laje que *diante dela* se estendia, em eirado, estava cerrada e defendida *por* um muro de pedras soltas, enegrecidas *pelo fumo de labaredas, e com seteiras como as de uma cidadela*. Rudes degraus, escavados na penedia, desciam tumultuosamente *a* um vale, onde um fio *d*agua caindo de fraga *em* fraga, criara um horto *de* ervas silvestres, tamargueiras, terebintos, três altas palmeiras e mesmo uma mimosa, que *em* cada primavera floria e perfumava o ermo. Para além, *depois de* grossos penhascos *de* pórfiro, eram as areias, as imensas areias arábicas, ondulando *até ao* Mar Vermelho, lisas, fulvas, como a pele *de* um leão.

Cada vez que a mimosa se cobria *de* cachos amarelos, Onofre, *com* um ferro *de* lança encontrado no fundo da sua caverna, entalhava na rocha um risco, como os que seu pai, na sua taberna *em* Afrodite, *sobre* o Nilo, traçava no muro *para* apontar os anos do vinho Mareótico. -

Todos os três meses, um monje aparecia, montado no seu dromedario, trazendo *em* ceirões *d'*esparto esses pães *de* aveia, duros e mais largos que rodas, que os abades dos mosteiros distribuíam *pelos* Solitarios. *Sem* descer do dromedario, o monje dava a Onofre o seu pão, bebia uma malga *de* agua fresca, contava a nova consideravel *dalgum* edito imperial *sobre* os cristãos, *de* um outro Cesar aclamado *pelas* ⁽¹⁾ legiões, ou *de* uma heresia inesperada que afligia a Igreja — e partia, desaparecia *entre* as dunas, curvado *sob* o seu longo capuz, ao lento badalar dos guizos do seu dromedario. *Por* muitas luas Onofre não avistava outra face humana. E a sua vida *re-*começava sempre igual, como a agua do seu horto, que, *com* o mesmo rumor, escorria nas mesmas pedras.

(1) — NOTA. — As preposições *de*, *per* e *por* que preendem uma frase aos *participios* *passados*, indicam quase sempre a relação de *agente*, pessoa ou cousa que faz alguma ação. *E'* o mesmo agente da voz passiva, ou complemento de *causa eficiente*, consoante nossos antigos gramáticos.

LIÇÃO VI

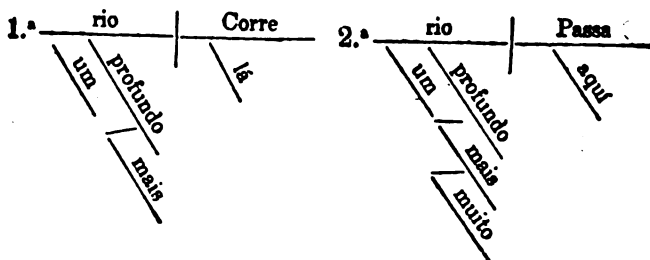
35. Sabe-se que a palavra *adverbio* quer dizer *junto do verbo*. E, de fato, essa é a função principal dos advérbios. Ex. : «Luiz partiu *ontem*, voltou *hoje* e tornará a partir *brevemente*». Vemos aí que os três advérbios estão modificando três verbos.

36. Mas o advérbio pode modificar também um adjetivo, como neste exemplo : «Corre lá um rio mais profundo». O advérbio *mais* está modificando o adjetivo *profundo*.

37. Por vezes o advérbio modifica outro advérbio : «Passa aquí um rio muito mais profundo». Neste exemplo o advérbio

muito está modificando o adverbio *mais*, que por seu turno modifica, como vimos, o adjetivo *profundo*.

38. Signifiquemos isto, colocando em diagrama as duas sentenças.



39. Às vezes temos uma reunião de palavras equivalente a um adverbio: tanto faz dizer, por exemplo: «Fez isto ocultamente», como dizer: «Fez isto às ocultas». E' evidente.

A tais reuniões de palavras dá-se o nome de **locuções adverbiais**.

NOTA. — As locuções adverbiais quase sempre começaram por serem simples *frases adverbiais* que, por muito repetidas no falar comum, acabaram formando *um todo indivisível* ao espírito. Só com a prática os alunos irão distinguindo com segurança uma cousa da outra.

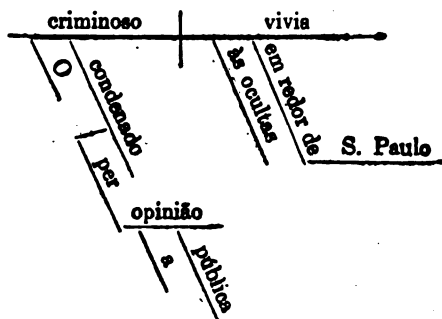
40. Algumas das principais locuções adverbiais são: *de lado, de parte, de molho, de manhã, de tarde, de manso, de roda, de pé, de carro; a pé, a cavalo, à direita, à esquerda, às claras, às ocultas, às apalpadelas, às escuras, aos saltos, aos trancos, aos pinotes, aos bofetões, à pressa; pouco a pouco, manso e manso, pé ante pé, de gatinhas, etc.*

41. Em diagrama as locuções adverbiais, assim como as locuções prepositivas, são colocadas em uma linha apenas, por maior que seja o número de palavras que as componham.

Seja a sentença: «O criminoso, condenado pela opinião pública, vivia às ocultas em redor de São Paulo».

Aí temos a locução adverbial *às ocultas* e a locução prepositiva *em redor de*.

Coloquemos em diagrama :



42. Observem ainda a colocação da frase *pela opinião pública*. Vem ela modificando o adjetivo *condenado*. E', pois, uma frase *adverbial*; porque, se o adverbio é que modifica o adjetivo (n. 36), claro está que a frase que exerce semelhante função é *adverbial*.

43. Os adjetivos, na forma *masculina singular*, fazem frequentemente o papel de advérbios : «Compramos *caro*», «Vendemos *barato*», «Cantou *alto*», «Falaram *baixo*».

44. Às vezes, mesmo na forma plural *masculina* ou *feminina*, eles exercem essa função. Nós o veremos depois.

QUESTIONARIO

- 1 — Que fazem os advérbios? (35, 36, 37)
- 2 — Como se chamam as reuniões de palavras que equivalem a advérbios?
- 3 — Como devem ser colocadas em diagrama? (41)
- 4 — Como se deve classificar a frase *per a opinião pública*? (42)
- 5 — Que forma assume o adjetivo para fazer a função de advérbio? (43)

LIÇÃO VII

45. Já ficou dito que as preposições ligam duas palavras e indicam uma relação.

Vamos agora ver outra parte da sentença que também pode ligar duas palavras entre si : é a **conjunção**. Quando dizemos : «O homem é alto *e* magro», está claro que a conjunção *e* está ligando os dois adjetivos *alto*, *magro*.

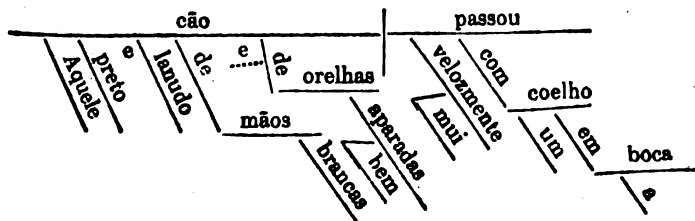
46. Onde está, pois, a diferença entre a preposição e a conjunção? Está em que a conjunção não tem por fim indicar nenhuma das relações que já nos são conhecidas : aproxima, apenas, uma palavra de outra.

47. Além disso a conjunção liga elementos homogêneos : adjetivo com adjetivo, adverbio com adverbio, etc., ao passo que a preposição pode prender um substantivo a um verbo ou a um adjetivo.

48. E assim como ligou dois *adjetivos*, no exemplo acima, poderia ligar duas frases *adjetivas*. Ex. : «O meu cavalo *de trole e de sela* foi vendido». As duas frases : *de trole*, *de sela* estão ligadas pela conjunção *e*.

49. O diagrama torna claro o que acabamos de dizer.

Seja a sentença : «Aquele cão preto e lanudo, de mãos brancas e de orelhas bem aparadas, passou mui velozmente com um coelho na boca».



50. Aí se vê a conjunção *e* ligando o adjetivo «preto» ao adjetivo «lanudo», e a frase adjetiva *de mãos brancas* à outra *de orelhas bem aparadas*.

51. Por em diagrama as seguintes sentenças :

- a) O ar macio e ermo cheirava a rosas de vergel e à flor de laranjeira.
- b) Nas ruas tortuosas e sombrias da cidade reinou naquela noite um silêncio de conspiração e de morte.

LIÇÃO VIII

52. Analisar as seguintes sentenças, em que vão grifadas as locuções adverbiais e prepositivas :

1. Arde a terra abrasada *debaixo* da candente abóbada de um forno.
2. *Por vezes* uma faísca dura saltava das ferraduras das eguas.
3. *Em cima* do monte Nebo ⁽¹⁾ um belo astro mais branco, de uma refulgencia divina, olhava para mim.
4. Penetramos entre arvoredos, num aroma de pomares, *através* de abundancia e frescura.

NOTAS. — 1.º) Na sentença n.º 4 o sujeito está oculto. E' necessario pô-lo claro. No diagrama, este sujeito, bem como qualquer outro sujeito oculto, deve vir *entre parêntese*. 2.º) Observem a expressão *através de*. Escritores que não amam a nossa lingua ou que a não conhecem, costumam suprimir a preposição *de* e escrevem : *através os pomares*, em vez de *através dos pomares*. E' feio erro, uma grosseira imitação do francês. 3.º) Depois da conjunção e está oculta alguma expressão que é preciso tambem por clara no diagrama, sem o que as cousas não ficam como devem ser. O que é?

QUESTIONARIO

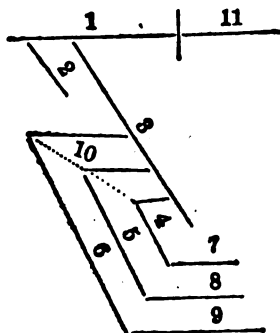
- 1 — Como devem vir em diagrama os sujeitos ocultos? (nota 1)
- 2 — Que fazem os maus escritores com a nossa expressão *através de*? (nota 2)

(1) A expressão *monte Nebo* deve ser colocada como uma só palavra no diagrama. Logo dir-se-á porque.

LIÇÃO IX

53. Já tivemos oportunidade de ver na lição V que a frase *pela opinião pública* está modificando o adjetivo *condenado*. Acontece, porém, às vezes, que um adjetivo vem modificado por mais de uma frase. Assim, poderíamos dizer : «O criminoso, perseguido pela opinião pública e pela polícia, vivia às ocultas em redor de São Paulo».

Damos abaixo um modelo para os diagramas em que entrem sentenças como essa.



Na linha n. 1 vai o sujeito gramatical ; na de n. 11 o predicado gramatical ; na de n. 3 o adjetivo modificado ; nas linhas ns. 4, 5 e 6, as preposições que funcionam nas diferentes frases ; nas de ns. 7, 8 e 9 os substantivos ligados por essas preposições ; nas pequenas linhas pontuadas (10) as conjunções que ligarem as diversas frases.

54. Coloque o aluno em diagrama, conforme o modelo e as indicações acima, a sentença : «O criminoso, etc.».

E mais as seguintes :

1. Um barco de vela, cheio de fardos e de gente, deslisava pelo rio apertado entre as paredes e sombreado pela mata. O campo era verde e nas árvores quietas não havia movimento. Veve naquela hora de calma e

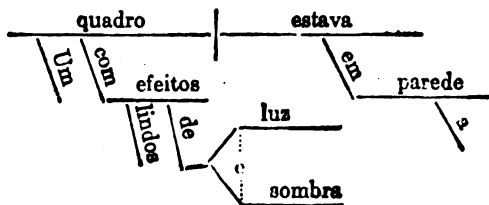


3. *Ao longe*, entre bosques de laranjeiras prateadas de suas flores, alvejam, *aquí e acolá*, as ermidinhas erguidas pela piedade dos fiéis nos visos dos outeiros iluminados pelo sol.

55. Quando a preposição que aparece na primeira frase é a mesma que aparece na segunda, pode-se usar outro modelo em que a preposição se escreva uma única vez.

Seja a sentença : «Na parede estava um quadro com lindos efeitos *de luz e de sombra*».

A fórmula para o diagrama pode ser esta :



Esta forma é quase sempre preferível, como a experiencia provará.

LIÇÃO X

56. A lição anterior preparou já os espíritos para um excelente exercício mental de que agora nos vamos ocupar. Referimo-nos à *supressão* de preposições na sentença. Ela é muitíssimo comum e muitíssimo elegante. Assim, em vez de «quadro com lindos efeitos de luz e de sombra», poder-se-ia dizer : «quadro com lindos efeitos de luz e sombra», suprimindo-se a preposição *de* na segunda frase.

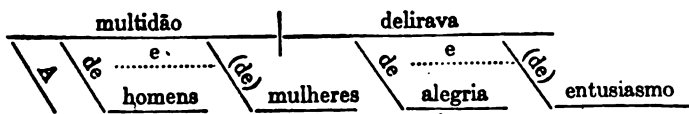
57. Nas sentenças que vamos dar a analisar, o aluno terá de por claras, entre parênteses e no lugar próprio, as preposições ocultas. Eis o excelente exercício de que falamos acima :

1. Uma mulher, exausta de lágrimas, jazia em uma pedra, com a cabeça caída nos joelhos e os esplêndidos cabelos louros desmanchados, alastrados até o chão.
2. Com os filhos pela mão, o cântaro esguio ao ombro, uma fila de mulheres descia, cantando, para a fonte de Siloé.

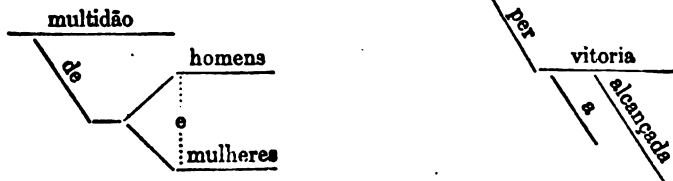
NOTA. — Na expressão *descia cantando* podemos considerar o verbo *descia* como auxiliar do verbo *cantando*. E, assim, os dois verbos são encarados como um só e vêm juntos, na mesma linha, no diagrama.

3. O homem de cabelos brancos e sacola às costas ia assobiando, numa completa indiferença, através das ruas e praças movimentadas.

58. Modelo. — «A multidão de homens e mulheres delirava de alegria e entusiasmo pela vitória alcançada».



Outra forma:



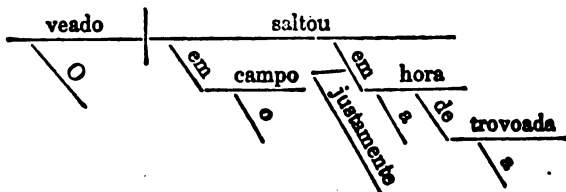
NOTA. — A frase *pela vitória alcançada* modifica ao mesmo tempo os dois substantivos *alegria* e *entusiasmo*. Veja-se como isso está representado no diagrama.

LIÇÃO XI

59. Se o adverbio, como vimos, modifica um adjetivo e um outro adverbio, já nos dita o bom senso que deve também modificar uma frase adjetiva ou uma frase adverbial. E assim é, de fato.

60. Mas, quando tal sucede, o adverbio não se prende a uma palavra em particular : *governa uma expressão toda*. E' o que se vê na sentença : «O veado saltou no campo *justamente* na hora da trovoad». O adverbio *justamente* não se prende a uma palavra em separado : modifica toda a expressão — *na hora da trovoad* : *justamente na hora da trovoad*.

Eis a sua colocação no diagrama :



NOTA. — Muitos alunos são levados a fazer uma frase modificar um adverbio, o que só rarissimamente acontece. Fiquem, pois, avisados e tratem de verificar o diagrama em que tal colocação aparecer. Adverbio modifica frase, mas FRASE MUI RARAMENTE MODIFICA ADVERBIO.

61. Analisar as seguintes sentenças :

1. Os presos, muito sem agasalho, dormiam de modo miseravel, comumente pelas enxovias infetas.
2. Sobre a bandeja de prata, bordada de flores em relevo, avultava um alto e antiquíssimo copo também de fina prata.
3. Ficara o seu precioso relógio de ouro talvez sobre a mesa do escritorio.

QUESTIONARIO

- 1 — Além de modificar um verbo, um adjetivo ou outro adverbio, que mais faz o adverbio ? (59)
- 2 — A que palavra se prende então ? (60)

LIÇÃO XII

62. Os alunos já devem ter observado que numa sentença ora o sujeito vem antes do predicado, ora o predicado antes do sujeito. Ex. : «Um ótímo pintassilgo cantava na palmeira». «Na palmeira cantava um ótímo pintassilgo».

63. Quando o sujeito vem antes do predicado, a sentença está na ordem *direta* ; quando o predicado vem antes do sujeito, ela está na ordem *inversa*.

64. Uma sentença em que se afirma alguma cousa de um modo natural, como, por exemplo : «O sol brilha», chama-se *declarativa* ; aquella em que se faz uma exclamação, como : «Que lindo sol brilha hoje !», chama-se *exclamativa* ; uma outra em que se interroga, como em : «Brilhará hoje o sol?», é chamada *interrogativa*.

65. Qualquer sentença — seja *declarativa*, *exclamativa* ou *interrogativa* — analisa-se do *mesmo modo*.

NOTA. — A velha teoria de que para se analisar uma sentença *interrogativa* é necessario subentender uma expressão oculta, principal, é uma desnecessidade que só serve para complicar o que é simples. Assim nós o reputamos, pelo menos, com os gramáticos ingleses e americanos.

66. Quando em uma sentença se omite um dos elementos, diz-se que houve *elipse* desse elemento. Pode haver elipse do sujeito, do verbo, etc.

NOTA. — *Elipse* vem de uma palavra grega que significa *omissão*, *supressão*.

67. Dizer a ordem em que vêm as sentenças abaixo :

1. Margarida vai à fonte. 2. Brotam lírios pelo monte.
3. Seus olhos verdes, risinhos, nunca pousam em ninguém.
4. Ria a clara manhã no céu sereno. 5. As nuvens correm açoi-
tadas pelo vento. 6. Na deserta amplidão dos campos lumi-
nosos, mugem sinistramente os grandes bois sequiosos.

QUESTIONARIO

- 1 — Que é a ordem direta? (63)
 - 2 — A inversa? (idem)
 - 3 — As sentenças podem ser... (64)
 - 4 — Como se analisam? (65)
 - 5 — Que é *elipse*?
-

LIÇÃO XIII

68. Analisar as sentenças abaixo :

1. Pelas gretas mal juntas das frestas do andar terreo luzia o clarão de um grande braseiro, talvez aceso na cozinha.
2. *Em redor*, entre canteiros de rosas, orlados de mirto, resplandeciam nobres vasos de mármore caríntico.
3. *Junto à estrada*, com uma piedade ostentosa, caiada *de fresco*, reluzia ao sol, entre roseiras, a sepultura doméstica.
4. *Por entre* a multidão, em rixas, soldados romanos rondavam aos pares com um ramo de oliveira no capacete, benignos e paternais.

NOTA. — Os adjetivos *benignos* e *paternais* podem vir colocados diretamente debaixo do substantivo *soldados*, ou debaixo do verbo, em função adverbial. Veja-se o n.º 44.

5. *Em torno*, moços robustos, com as faces infladas e rubras, sopravam para o céu furiosamente em trompas recurvas de bronze.
6. O animal, acossado pelos cães, passou bem perto dos caçadores estendidos sobre folhas secas e debaixo das árvores frondosas.
7. Apareciam vestígios do crime justamente no lugar dos passeios feitos por Henrique nas belas tardes de abril.
8. A casa de Gamaliel ficava num alto, decerto por trás do templo, sobre a colina de Ofel.

9. No azul da janela uma abelha cor de ouro zumbia em torno da flor de madressilva.

NOTA. — Há aqui uma preposição oculta. Cuidado !

LIÇÃO XIV

69. Numa oração que recitamos, num discurso, numa carta, há sempre uma ou mais pessoas, um ou mais seres a quem nos dirigimos. Ex. : « *Pai nosso que estas no céu*, santificado seja o teu nome ». « *Sr. presidente*, peço a palavra ». « *Meu caro André*, escrevo-te à pressa ».

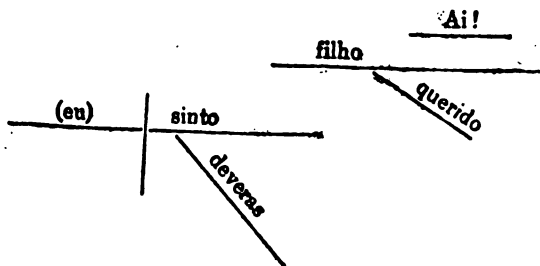
70. As palavras de que nos servimos, falando ou escrevendo, para invocar os seres, denominam-se **vocativos**.

NOTA. — *Vocativus* é um adjetivo que significa em latim — *aquilo que serve para chamar*. Daí veio a nossa palavra *vocativo*. São seus irmãos os nossos verbos *invocar*, *evocar*, *convocar*, etc.

71. O vocativo e a **interjeição** são elementos que não se subordinam à lógica. Portanto, para analisarmos uma sentença em que entre um ou outro, ou ainda ambos ao mesmo tempo, temos de *separá-los* dos verdadeiros elementos da sentença.

Seja, por exemplo, a sentença : « *Ai ! filho querido*, sinto deveras ! »

O diagrama será :



A sentença, na realidade, é apenas : *(eu) sinto deveras*.

72. Os vocativos vêm sempre **separados por vírgulas**.

Vejam os alunos a virgulação que empregamos nas três sentenças do n. 69. Observem, ainda, estes exemplos :

«Assim como o cervo suspira pelas fontes das aguas, assim a minha alma suspira por ti, *ó Deus!*» (Padre A. Pereira).

«*Senhor Deus meu*, tu tens feito muitas cousas maravilhosas». (IDEM).

«*Senhor*, não me repreendas no teu furor nem me castigues na tua ira». (IDEM).

«Exultai, *ó justos*, no Senhor.» (IDEM).

«E vós, *Tágides minhas*... dai-me agora um som alto.» (CAMÕES).

73. Por em diagrama :

Resplandece, belo sol do meu Brasil, por sobre as matas e os campos !

NOTA. — Nesta sentença há *elipse* de um elemento. Ver o n.º 66.

QUESTIONARIO

- 1 — Que é um *vocativo*? (70)
- 2 — Como se coloca em diagrama? (71)
- 3 — Qual é a sua pontuação? (72)

LIÇÃO XV

74. Às vezes explicamos um substantivo por meio de outro. Ex. : «D. Pedro, *imperador do Brasil*, era um espírito lúcido».

O substantivo *imperador* está explicando quem é o D. Pedro de quem se fala : não é um conde ou um duque, mas o *imperador*.

75. Ao substantivo que explica outro substantivo (ou um pronome) dá-se o nome de substantivo **aposto**.

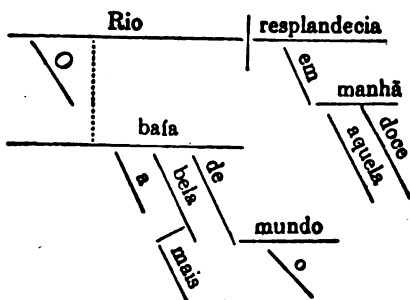
NOTA. — A palavra *aposto* quer dizer : *colocado junto*.

76. Como há uma certa semelhança entre os substantivos apostos e os vocativos, é frequente, entre alunos principiantes, confundí-los. E' fácil, porem, evitar isso, observando que o vocativo *invoca* ou *chama* um ser qualquer, ao passo que o aposto *não invoca*.

77. Relendo a sentença que demos no n.º 74, verá o aluno que o aposto também *vem separado por vírgulas*.

78. Eis como se coloca em diagrama o substantivo aposto.

Seja a sentença : «O Rio, a mais bela baía do mundo, resplandecia naquela doce manhã».



NOTA. — Nas expressões — *a ilha Marajó*, *o Dr. Eusebio*, *o rio Amazonas* — os nomes próprios, estritamente falando, são *apostos*: *Marajó* é aposto explicativo de *ilha*. Mas a aposição é tão fraca, os dois substantivos já se fundiram por tal forma, que o melhor é considerá-los num todo, como uma única expressão, e assim os colocar em diagrama: isto é — um ao lado do outro. O mesmo acontece com a expressão: *a cidade de Lisboa*. Os clássicos primitivos diziam também: — *a cidade Lisboa*. A expressão *de Lisboa*, contudo, é *apositiva* e explica-se facilmente, se atendermos a que na passagem do latim popular para o português o aposto era expresso pelo caso *genitivo*. A preposição *de* é um vestígio disso.

Sentenças a analisar :

1. O' Rei, tu brilharás ainda por muitos anos nesse teu trono, garantia dos fracos.
2. O Amazonas, o maior rio do mundo, corre em territorio peruano e brasileiro.

3. O caminho da cidade passava pela enorme ponte de metal, admiravel construção, e por cima da colina fronteira ao edificio do collegio.
4. O batel da vida humana, minha querida filha, deslisa por entre escolhos ameaçadores, semeados às ocultas debaixo das aguas revoltas.
5. Cesar, o célebre general romano, morreu às mãos de Bruto, ardente republicano, no coração de Roma, a cidade eterna.

QUESTIONARIO

- 1 — Que é um *substantivo apostro*? (75)
 - 2 — Como se distingue do *vocativo*? (76)
 - 3 — Como se *pontua*? (77)
-

LIÇÃO XVI

79. Antes de avançarmos, a experiencia nos manda fazer algumas observações tendentes a evitar certos enganos em que frequentemente caem os alunos principiantes.

80. Começaremos pelo **participio passado**.

Uma grande parte dos alunos, mesmo depois de avisados pelo mestre, collocam o participio passado como predicado grammatical, isto é, como *verbo*.

Este engano é mais que natural. O aluno tem de encontrar um verbo na sentença. Topa com o participio passado. Ora, o participio passado não é verbo? Certamente que é. Logo, aí está o verbo pedido.

81. Mas realmente não é assim. O participio, na sua natureza íntima, é mais adjetivo do que verbo. E' chamado mesmo — *adjectivo verbal*. E aquí, no 1.^o ano deste Ginasio, consoante a orientação do lente, **todas as vezes** que na sentença dada à classe apparecer um participio passado, saibam os alunos que esse participio está na função de **adjectivo** e, portanto, *deve vir debaixo de um substantivo no diagrama*.

82. Só raramente é que o particípio se apresenta como verbo ; mas isso os alunos poderão ver apenas do 2.^o ano em diante.

83. Outra observação é com referencia ao *a* acentuado (à).

Como já devem saber, esse *a* é contração de dois : *a* + *a*. O primeiro é *preposição* : logo, há de aparecer no diagrama ligando duas palavras. O segundo é *adjetivo determinativo articular* ; logo, há de aparecer debaixo de um substantivo no diagrama. No diagrama, por conseguinte, o *a* acentuado desdobra-se em dois.

84. Está claro que esse segundo *a*, sendo adjetivo *feminino*, tem de vir modificando um substantivo *feminino*, com o qual ele concorda em gênero.

85. Daí também se conclue que só se pode acentuar um *a* antes de uma palavra feminina.

86. Onde, em outros termos, esta regra : «Nunca se acentua o *a* antes de substantivos masculinos».

87. E' erro, portanto, escrever : «Iremos à São Paulo».

NOTAS. — 1.^a) O infinito de qualquer verbo equivale a um substantivo masculino, e, portanto, não pode ter *a* acentuado antes de si. — 2.^a) Nas expressões *às claras*, *às tontas*, etc., está oculto um substantivo : *às claras* equivale, por exemplo, a — *a as (horas) claras* ou *em as (horas) claras*.

88. Disso, porem, não se pode concluir que se deva acentuar sempre o *a* antes de palavras femininas. Muitas e muitas vezes o *a* antes de palavras femininas é apenas a preposição.

Por exemplo, nesta sentença : «Fomos *a* uma cidade do interior».

Esse *a* é só a preposição ; pelo que, não pode ser acentuado.

Que o adjetivo articular definido *a* não está aí para contrair-se com a preposição, vê-se facilmente pela presença do articular indefinido *uma*. O definido e o indefinido não podem achar-se na mesma sentença, modicando a mesma palavra. Ou um ou outro. •

NOTA. — O artigo definido também não se emprega junto com os demonstrativos *este*, *esse*, etc. ; portanto não se craseia o *a* antes desses adjetivos.

89. A contração de duas vogais iguais chama-se *crase*.

QUESTIONARIO

- 1 — Como funciona o particípio passado? (82)
- 2 — Que representa o *a* acentuado? (84)
- 3 — Como se coloca no diagrama? (idem)
- 4 — Dar a regra do n.º 86.
- 5 — Deve acentuar-se sempre o *a* antes de palavras femininas? (88)
- 6 — Que nome se dá à contração de duas vogais? (89)

90. Os alunos acentuarão ou deixarão de acentuar o *a* no trecho abaixo : «Os rios *a* essa hora andavam cheios e temerosos. De um *a* outro lado a correnteza rolava furiosamente, *a* arrastar grossos toros de madeira. Era necessario, entretanto, irmos *a* cidade, custasse o que custasse. Tínhamos de atravessar *a* nado, um *a* um, aquela massa de agua revolta, e isto *as* nove horas da noite, *as* escuras. Alguns passaram *a* cavalo, agarrados *a* crina ; *a* estes o perigo era menor. Felizmente chegamos sãos, mas *a* pingar.

NOTA. — Exercícios como este devem ser muito repetidos.

SENTENÇAS SELETAS

Somos de parecer que os alunos devem exercitar-se o mais possivel, depois de terem chegado a este ponto, afim de que o caminho, para diante, não lhes ofereça a mínima dificuldade.

Pelo que, apresentamos aquí uma lista de sentenças colhidas nos mais brilhantes escritores, especialmente em Eça de Queiroz.

1. Ele dorme numa capa esfarrapada, com a nuca sobre um tambor, à frescura das estrelas e sob a bondade dos luares.

2. Junto à muralha de Bezeta, grandes panos vermelhos e azues secavam em cordas, às portas das tinturarias.

3. Com ele vinha um homem nedio e risonho, de face cor de papoula, coroado por uma enorme mitra de lã negra enfeitada de fios de coral.

4. Num carão lívido e chupado os seus olhos fundos luziam com a tristeza de lâmpadas de sepulcro.

5. Os cordeiros, deitados nas lages, amarrados pelas patas, balavam tristemente.

6. Um brilho de neve e ouro vibrava profusamente no ar mole, irradiado dos claros mármore, dos granitos brunidos, dos recamos preciosos banhados pelo divino sol de Nizan.

NOTA. — *Nizan* era o mês de abril entre os hebreus.

7. Nos seus refulgentes olhos umedecidos, no fugitivo tremor de seus labios, só transpareceu nesse instante uma magoa misericordiosa pela opaca inconciencia dos homens.

8. Salmos a um terreiro abrigado pelo muro de um jardim todo plantado de ciprestes.

NOTA. — *Todo* aquí é adverbio.

9. No rosto magro, requeimado, sob sobranceiras densas, unidas num só traço, negrejava com uma profundidade infinita o resplendor de seus olhos.

10. Para além, por cima dos turbantes alvos, apinhados, brilhavam pontas de lança.

11. No terraço de uma casa, ao pé das muralhas, uma figura imóvel, abrigada sob um alto guarda-sol franjado de guizos, olhava para esses longes da Arabia.

12. Sobre uma tripeça, incrustada de nácar, num incensador de bronze, fumegava uma resina aromática.

13. À sombra das oliveiras os camelos descarregados ruminavam placidamente.

14. As folhas dos ramos de abril desabrochavam num azul moço, tenro, cheio de esperança.

15. Nas quebradas e recosto das colinas estão resplandecendo ao sol já meio tropical, as casinhas brancas esparzidas entre a densa ramada dos hortos e vergeis.

16. Ao longe, entre bosques de laranjeiras prateadas de suas flores, alvejam, aquí e acolá, as ermidinhas erguidas pela piedade dos fiéis nos visos dos outeiros iluminados pelo sol.

17. O agreste dos serros eminentes contrasta com a brandura melancólica da solidão.

18. O campo de Jericó, com três leguas de extenso e duas e meia de largo, corre pouco distante de ásperas montanhas.

NOTA. — Os adjetivos *extenso* e *largo* equivalem aos substantivos *extensão* e *largura*: são, pois, aquí, verdadeiros substantivos.

19. Pelas aleias flexuosas do enorme jardim perpassa o pequeno tílburí levado a galope pelas três ou quatro parelhas de *ponneys* da ilha de Timor, estugados a chicote por um malaio nu, com o seu largo chapéu em tortulho, de listas de escarlate e ouro.

NOTA. — Chamamos a atenção especial dos alunos para a riqueza do vocabulário contido nestas sentenças, riqueza esta que não deve ser malbaratada.

LIÇÃO XVII

91. Luiz recebeu do seu irmão o seguinte telegrama: — «Papai chegou». — Nada mais curto, mas também nada mais claro. Esse telegrama é uma sentença acabada, um sentido perfeito. Mas é porque a afirmação feita pelo verbo *chegou* é completa: satisfaz inteiramente ao nosso espírito.

Os verbos cuja afirmação por si só satisfaz cabalmente ao espírito chamam-se verbos de **predicação completa**.

92. Imaginemos agora um outro telegrama dirigido a Alberto: «Teu mano comprou». E' claro que Alberto, recebido esse telegrama, vai reclamar do telégrafo; porque evidentemente suprimiram aí alguma cousa. Comprou o que?

E' que a afirmação feita pelo verbo *comprou* é incompleta.

Mas se o telegrama for este: «Teu mano comprou uma fazenda», já não há sentido suspenso: a palavra *fazenda* completou a afirmação.

93. Os verbos que necessitam de alguma palavra para que seja completa a sua afirmação chamam-se — verbos de **predicação incompleta**.

94. As palavras que completam a afirmação feita pelo verbo denominam-se **complementos**.

NOTA. — Quando um verbo, pois, deixa o nosso espírito a perguntar «o que?» — é verbo de predicação incompleta; e a palavra que acode a essa pergunta é o complemento.

95. Dirijam os alunos a pergunta «o que?» aos verbos abaixo e depois os classifiquem entre verbos de predicação *completa* e verbos de predicação *incompleta*.

96. 1. O rio corre... 2. O cão ladra... 3. O gato mia...
4. O gavião devorou... 5. O papagaio está... 6. O elefante é...
7. O carneiro tem... 8. Os cavalos comem... 9. As mães amam...
10. A casa parece... 11. O dia ficou...
12. O trem apitou... 13. O ar tremia...

QUESTIONARIO

- 1 — Que é um verbo de predicação completa? (91)
- 2 — Que é um verbo de predicação incompleta? (93)
- 3 — Como se chamam as palavras que completam a afirmação feita pelo verbo? (94)
- 4 — Como se conhecem os verbos de predicação incompleta? (nota)

LIÇÃO XVIII

97. Tomemos agora dois verbos de predicação incompleta : o verbo *ser* e *procurar*.

98. Formemos a sentença : «Laura é boa». Laura é... o que? *Boa*. Eis aí : *boa* é o complemento do verbo *é*. Mas é fácil de ver que esse complemento é uma simples qualidade do sujeito *Laura*. Tanto é assim que podemos colocá-lo como mero modificador do sujeito, dizendo : «A *boa* Laura é nossa amiga».

99. Quando o complemento é qualidade do sujeito, dá-se-lhe o nome de — **complemento atributo**.

NOTA. — A palavra *atributo* não quer dizer nada mais do que *qualidade*.

100. Aos verbos que pedem tais complementos chamaremos **atributivos**.

NOTA. — Costumam chamar-lhes: — *predicativos* ou *verbos de ligação*.

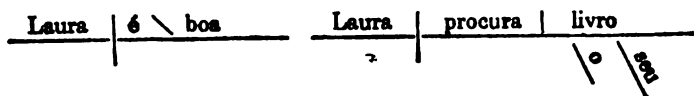
101. Formemos agora uma outra sentença: «Laura procura o seu livro». Procura o que? *Livro*. — Eis aí o complemento. Mas desta vez o complemento não é qualidade do sujeito: *livro* não é qualidade de *Laura*.

102. O complemento que *não é* qualidade do sujeito denomina-se — **complemento objeto**.

103. Aos verbos que pedem *objeto* chamaremos — **verbos objetivos**.

NOTAS. — 1.ª) Os nossos gramáticos chamam a esses verbos: — «verbos transitivos», porque — dizem eles — indicam em geral uma ação que se dirige para um ponto, que *transita* para um *objeto*. A ação de *procurar*, feita por Laura, dirige-se para o objeto *livro*. E assim se explica também por que o complemento de tais verbos recebeu o nome de *objeto* do verbo; é, por assim dizer, o ponto terminal da ação. — 2.ª) Aos verbos de predicação *completa* e aos de predicação *incompleta atributivos* dão os gramáticos o nome de *intransitivos*.

104. Ponhamos em diagrama as duas sentenças:



105. Observem que colocamos os complementos imediatamente após os verbos; mas o complemento *atributo* vem separado por um tracinho *obliquo* apontando para o sujeito. O complemento *objeto*, porem, vem separado por um tracinho *em pé*.

NOTA. — Esses traços são uma linguagem. A razão de vir o traço do atributo apontando para a esquerda é indicar que a qualidade volta para o substantivo sujeito. Outra colocação desvirtuaria esta linguagem.

106. Chamamos agora a atenção especial dos alunos para o seguinte : os verbos atributivos são apenas cinco : *ser, estar, parecer, ficar, permanecer*; os verbos objetivos são inúmeros.

NOTAS. — 1.ª) Nem sempre os verbos *ser, estar, etc.* pedem um atributo. — 2.ª) O atributo pode ser expresso por uma frase. Assim : «O café está *sem açúcar*». *Sem açúcar* é o mesmo que *desaçucarado*.

107. Colocar em diagrama, observando cuidadosamente o que ficou dito nos números 94 (e nota), 95 e 105 :

1. Naquela hora tão agradável de passeio, o mar, coalhado de navios, era sereno.
2. Pelos campos abertos, sem o menor sinal de vida, o ar estava parado.
3. O animal, horivelmente maltratado, trazia no dorso uma chaga sangrenta.
4. O cão de caça, estendido ao patamar, parecia muito doente.
5. A mãe do menino, aflita com a demora, punha na estrada os seus doces olhos umedecidos.
6. Com aquele curativo, feito por mãos tão delicadas, o poldro ficou inteiramente quieto.

QUESTIONARIO

- 1 — Qual é o complemento atributo ? (99)
- 2 — Como se chamam os verbos que pedem atributo ? (100) Como costumam chamar-lhes ? (nota)
- 3 — Que é o complemento objeto ? (102)
- 4 — Como se chamam os verbos que pedem objeto ? (103)
- 5 — Que nome dão os gramáticos a tais verbos ? (ver a nota)
- 6 — Onde se colocam os complementos no diagrama ? (105)
- 7 — Como se distingue no diagrama o complemento atributo do complemento objeto ? (105)
- 8 — Quantos são os verbos atributivos ? Os objetivos ? (106)

114. Também as formas *me* (= a mim), *te* (= a ti), *se* (= a si), *nos* (= a nós), *vos* (= a vós), são colocadas como o foi *lhe* na 3.ª fórmula dos diagramas acima : «Ele *me* levou um livro».

115. Às vezes as formas *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos* equivalem aos adjetivos possessivos *meu*, *teu*, *seu*, *nosso*, *vosso*, e como tais devem ser tratadas. Ex. : «Feri-*lhe* a cabeça» ; é o mesmo que «feri a *sua* cabeça».

116. Todas as formas pronominais que não servem de sujeito são chamadas *obliquas*.

117. Substituir as reticências abaixo pelo pronome *o* ou *lhe*, conforme o caso, e colocar as sentenças em diagrama.

1. Amigo, amanhã irei visitar *ti*. 2. Quero contar *ti* uma historia. 3. Saúdo *o* com todo o respeito. 4. Envio *o* muitas saudades. 5. Ofereço *o* os meus préstimos. 6. Considero... muito. 7. Rogo... mil perdões. 8. Desafio *o* para um duelo. 9. Feri *o* na face. 10. Dei *ti* uma lição.

NOTA. — *Irei visitar, quero contar*, são locuções verbais e vão colocadas em diagrama como se cada uma delas fosse um só verbo.

QUESTIONARIO

- 1 — Como pode ser expresso o complemento attributo? (108)
- 2 — Como pode ser expresso o complemento objeto? (109)
- 3 — Qual é o erro em que caem muitos alunos? (109 e nota)
- 4 — Quais são as formas pronominais da 3.ª pessoa que podem servir de objeto? (110)
- 5 — Quais as que não podem? (111 e 112)
- 6 — A que equivalem as formas *lhe* e *lhes*? (112)
- 7 — Onde vêm elas no diagrama? (idem)
- 8 — E' correcta a expressão : «Ontem fui procurar-*lhe*?» (111)
- 9 — Como se deve dizer? (110)
- 10 — Como se colocam em diagrama as formas *me* (= a mim), *te* (= a ti), etc.? (114)
- 11 — Que diz o n.º 115? O n.º 116?

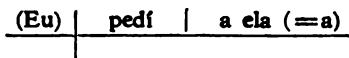
LIÇÃO XX

118. Já vimos que é grave erro usar das formas *ele*, *ela* como objeto, dizendo: «Vi *ele*», «Pedí *ela*». Diz-se — «vi-o», «pedí-a». — Mas às vezes, em lugar das formas *o* e *a*, podem usar-se as formas *a ele*, *a ela*: «Vi *a ele* mesmo».

Nesse caso, *a ele* e *a ela* são verdadeiros objetos, e no diagrama vêm em cima da linha, como as formas *o* e *a*.

119. A preposição *a* em tais construções de nada vale: é como se não existisse.

120. Eis o diagrama:



121. Por vezes às formas pronominais *me*, *te*, *se*, *o*, *a*, etc., servindo de objeto, se acrescentam ainda as formas *a mim*, *a ti*, *a ele*, etc. Ex.: «Ofendeu-me *a mim*». «Vimo-lo *a ele*».

Essas segundas formas são *pleonásticas* e, portanto, não se analisam.

No diagrama elas ficarão de fora.

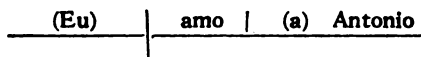
NOTA. — *Pleonástico* vem de *pleonismo*, que quer dizer — *repetição de uma idéia, uso de palavras que podem ser suprimidas porque sobejam.*

Estas formas pleonásticas às vezes são usadas com um substantivo. Ex.: «O homem eu vi-o na rua».

122. Quando o objeto é PESSOA, também pode vir com a preposição *a*. Assim, tanto faz dizer: «Amo Antonio», como dizer: «Amo *a* Antonio». Nesta sentença igualmente a preposição é um simples expletivo.

NOTAS. — 1.º) Dá-se o nome de *expletivo* a certas partículas que são usadas sem um valor apreciável, às vezes como mero recurso para impedir confusão, como sucede no caso acima. Há um exemplo clássico de confusão de sentido que teria sido evitada se o escritor tivesse lançado mão desse *a* expletivo. Ei-lo: «Ama o povo o bom rei». E' o povo que ama ao rei ou o rei que ama ao povo? 2.º) Às vezes, mesmo quando o objeto é *cousa*, não pessoa, emprega-se com o *a* expletivo para impedir obscuridade de sentido. Nós veremos isto quando comentarmos os autores.

Diagrama da sentença supra :



QUESTIONARIO

- 1 — Podem usar-se as formas *a ele*, *a ela* como objeto ? (118)
- 2 — Como se colocam no diagrama ? (118)
- 3 — Qual é o valor da preposição *a* em tais casos ? (119)
- 4 — Como se empregam às vezes as formas *a mim*, *a ele*, etc. ? (121)
- 5 — Que é *pleonasma* ? (nota)
- 6 — Em que outro caso se usa a preposição *a* com o objeto ? (122)
- 7 — Que é um *expletivo* ? (nota 1)
- 8 — Que diz a nota 2 ?

LIÇÃO XXI

123. Os alunos já estão habituados a falar em 1.^a pessoa do singular, 2.^a do plural, etc.

124. Considera-se 1.^a pessoa aquela que fala ; 2.^a pessoa aquela com a qual se fala ; 3.^a pessoa aquela da qual se fala.

125. A 1.^a pessoa do *singular* é representada pelos pronomes *eu*, *me*, *mim*, *comigo* ; a do *plural* pelos pronomes *nós*, *nos*, *conosco*.

126. A 2.^a pessoa do *singular* é representada pelos pronomes *tu*, *te*, *tí*, *contigo* ; a do *plural* pelos pronomes *vós*, *vos*, *convosco*.

127. A 3.^a do *singular* pelos pronomes *ele*, *ela*, *o*, *a*, *lhe*, *se*, *si*, *consigo* ; a do *plural* por *eles*, *elas*, *os*, *as*, *lhes*, *se*, *si*, *consigo*.

128. Além disso a terceira pessoa é representada por todo substantivo que apareça na sentença.

129. Seja a sentença : «Eu te mando o livro». Aí temos a primeira pessoa : *eu* ; a segunda, representada pelo pronome *te* ; a terceira, representada pelo substantivo *livro*.

Exercícios

1. Escreva as frases concessivas que acompanham a 1.ª pessoa do verbo "ser" na forma afirmativa, negativa, interrogativa, etc.

2. Escreva as frases concessivas que acompanham a 2.ª pessoa do verbo "ser" na forma afirmativa, negativa, interrogativa, etc.

3. Escreva as frases concessivas que acompanham a 3.ª pessoa do verbo "ser" na forma afirmativa, negativa, interrogativa, etc.

4. Escreva as frases concessivas que acompanham a 1.ª pessoa do verbo "ser" na forma afirmativa, negativa, interrogativa, etc. Como se vê, a frase concessiva é sempre formada com o verbo "ser" na 1.ª pessoa do verbo.

5. Escreva as frases concessivas que acompanham a 2.ª pessoa do verbo "ser" na forma afirmativa, negativa, interrogativa, etc. Como se vê, a frase concessiva é sempre formada com o verbo "ser" na 2.ª pessoa do verbo.

6. Escreva as frases concessivas que acompanham a 3.ª pessoa do verbo "ser" na forma afirmativa, negativa, interrogativa, etc. Como se vê, a frase concessiva é sempre formada com o verbo "ser" na 3.ª pessoa do verbo.

7. Escreva as frases concessivas que acompanham a 1.ª pessoa do verbo "ser" na forma afirmativa, negativa, interrogativa, etc. Como se vê, a frase concessiva é sempre formada com o verbo "ser" na 1.ª pessoa do verbo.

8. Escreva as frases concessivas que acompanham a 2.ª pessoa do verbo "ser" na forma afirmativa, negativa, interrogativa, etc. Como se vê, a frase concessiva é sempre formada com o verbo "ser" na 2.ª pessoa do verbo.

Exercícios

1. Escreva as frases concessivas que acompanham a 1.ª pessoa do verbo "ser" na forma afirmativa, negativa, interrogativa, etc. (125)
2. Escreva as frases concessivas que acompanham a 2.ª pessoa do verbo "ser" na forma afirmativa, negativa, interrogativa, etc. (126)
3. Escreva as frases concessivas que acompanham a 3.ª pessoa do verbo "ser" na forma afirmativa, negativa, interrogativa, etc. (127)
4. Escreva as frases concessivas que acompanham a 1.ª pessoa do verbo "ser" na forma afirmativa, negativa, interrogativa, etc. (130)
5. Escreva as frases concessivas que acompanham a 2.ª pessoa do verbo "ser" na forma afirmativa, negativa, interrogativa, etc. (131)
6. Escreva as frases concessivas que acompanham a 3.ª pessoa do verbo "ser" na forma afirmativa, negativa, interrogativa, etc. (132)

7. Escreva as frases concessivas que acompanham a 1.ª pessoa do verbo "ser" na forma afirmativa, negativa, interrogativa, etc. Como se vê, a frase concessiva é sempre formada com o verbo "ser" na 1.ª pessoa do verbo.

«Pecador, ainda queres mais experiencia da tua fraqueza e inconstancia? Acaba de crer que de ti não podes nada, nem levantar do chão uma palha, se Deus te não ajudar. E's estatua com pés de barro: se a pedra de qualquer ocasião te toca, estás desfeito em pó. E's cana fragil que qualquer vento a dobra. Se te fundas em ti, edificas sobre areia, e, em vindo a tempestade, padecerás ruína». (BERNARDES).

LIÇÃO XXII

138. A 2.^a pessoa, aquella com quem se fala, pode ser também expressa pelos pronomes chamados **de tratamento** e que são tão pronomes como os outros. São eles: *Você, v.^a exc.^a, v.^a s.^a, o sr., etc.*

139. Mas aquí succedeu uma curiosidade na lingua portuguesa. Essas expressões originariamente eram da 3.^a pessoa não da 2.^a. Como foi, então, que passaram a representar a 2.^a? Vejamos.

140. A nossa palavra *você*, por exemplo, é contração de *vossa mercê*. Ora, *vossa mercê* ou *a mercê de vós* é 3.^a pessoa, como *vosso cachorro, vossa familia*. E isto porque os substantivos *mercê, cachorro, familia*, são da 3.^a pessoa (n. 128).

E assim como se dizia: «Vosso cachorro me mordeu», dizia-se: «Vossa mercê me nomeou».

141. E' como se disséssemos «A mercê de vós me nomeou». Aquí temos a 3.^a pessoa representada pelo substantivo *mercê*; a 2.^a pelo pronome *vós*, e a 1.^a pelo pronome *me*.

142. Pouco a pouco a expressão *vossa mercê* foi ocupando o lugar de *vós*; a idéia do substantivo *mercê* foi-se apagando, ao ponto de se gerar o pronome *você*.

143. Mas assim como se dizia : «*Vosso* cão com os *seus* finos dentes me mordeu», dizia-se : «*Vossa mercê* com a *sua* boa vontade me nomeou».

NOTA. — Os adjetivos possessivos, que na expressão *vossa mercê* assumiam as formas da 3.ª pessoa, para concordarem com o substantivo *mercê*, continuam nessas mesmas formas com a expressão *você* : «*você* no *seu* discurso», etc.

144. Por isso é que se diz também : «*Vossa* excelencia no *seu* artigo asseverou uma verdade».

E' disparate dizer : «*Vossa* excelencia no *vosso* artigo».

QUESTIONARIO

- 1 — Como se pode ainda representar a 2.ª pessoa ? (138)
- 2 — Qual é a curiosidade de que fala o n.º 139 ?
- 3 — Que succedeu com a expressão *vossa mercê* ? (142)
- 4 — Qual é a forma dos possessivos com a expressão *você* ? (143, nota)
- 5 — Qual é o disparate de que trata o n.º 144 ?

LIÇÃO XXIII

145. Todas as vezes que as formas da 2.ª pessoa *te* e *vos* servem de objeto, são substituídas pela forma *o* na terceira. Salvo nos casos em que os verbos forem *pronominais* (1). Aí a forma da 3.ª pessoa é *se*.

146. Seja a sentença : «*Vós* sois um benemérito ; eu *vos* tenho na conta de um estudioso infatigável». Passemos para o tratamento da 3.ª pessoa : «*Você* (ou *v.ª exc.ª*, *v.ª sr.ª*, etc.) é um benemérito ; eu *o* tenho na conta de um estudioso infatigável».

147. Seja agora a sentença : «*Vós* *vos* feristes com a *vossa* faca». — Como estão vendo, o verbo *ferir* é pronominal

(1) Esta lição pressupõe o conhecimento dos verbos pronominais e sua conjugação.

neste caso. O pronome *vos* é o seu objeto. Na 3.ª pessoa temos : «Você feriu-se com a sua faca».

148. Quando *te* e *vos* equivalem a *a ti*, *a vós*, isto é — a uma frase adverbial (n. 114) ou ao possessivo (n. 115), são substituídos por *lhe*. Ex. : «Eu concedo-te o perdão». Isto é o mesmo que : «Eu concedo o perdão *a ti*». Na 3.ª pessoa : «Eu concedo-*lhe* o perdão».

149. O outro caso : «Eu quebro-te o orgulho». E' o mesmo que : «Eu quebro o *teu* orgulho». Na 3.ª pessoa : «Eu *lhe* quebro o orgulho».

QUESTIONARIO

- 1 — Qual é a forma da 3.ª pessoa que substitue as formas *te* e *vos* quando estas servem de objeto? (145)
- 2 — Qual é a exceção? (idem)
- 3 — Qual é forma da 3.ª pessoa que substitue *te* e *vos* quando estes equivalem a uma frase adverbial ou ao possessivo? (148)

150. Os alunos passarão para a 3.ª pessoa o exercicio abaixo. Vão grifadas as palavras que têm de sofrer alterações.

«Não *faças* a outrem o que não *queres* que *te* *façam*. *Sê* tolerante para que os outros *te* *tolerem*. *Segue* os conselhos de *teu* pai, que *te* *conduzirão* à felicidade e *te* *prepararão* uma doce velhice. Não *te* *rebeles* na adversidade, mas *sofre* resignado que os sucessos *te* *contrariem*, sem *te* *deixarem* por vezes um momento de treguas. *Sê* homem. Ofereço-*te* o meu apoio e abraço-*te* efusivamente. Elogio-*te* sem reservas a attitude que *assumiste* há pouco. Adeus».

NOTA. — Exercicios como estes devem ser feitos amiludadamente. Consideramo-los como os MAIS EFICAZES para o manejo da lingua, e porisso, em nossos aulas, os estendemos até o 4.º ano. E por mais que os repitamos, por vezes se encontram alunos, felizmente raros, que no proprio 4.º ano ainda vacilam. — Tais exercicios exigem uma trenagem frequente na conjugação dos verbos irregulares, e forçam por isso os alunos a desviarem de diante de si, pela repetição das formas, o maior escolho de nossa lingua.

LIÇÃO XXIV

151. Analisar as seguintes sentenças :

1. Nas eiras brancas os bois, enfeitados de anêmonas, pisavam o trigo da colheita da Pascoa.
2. O braço erguido, calçado até o cotovelo numa luva inteira, em pregas de castor bordado, segura um binóculo à altura dos olhos
3. Ao fundo uma casa de banhos, moderna, uma Terma romana, estendia com ar de luxo e ociosidade a longa arcada de seu pórtico de granito.
4. Na fulva aridez aspérrima dos montes,
Entre as cintilações narcóticas da luz,
As árvores antigas, atléticas mendigas,
Levantam para os céus os grandes braços nus.
5. Na sala azul, de teto de cedro, perfumada de malóbatro, o austero doutor já nos aguardava estendido no divã de correias brancas, com os pés nus, as largas mangas arregaçadas e pregadas no ombro, e ao lado um bordão de viagem, uma cabaça de agua e uma trouxa, emblemas da saída do Egito.

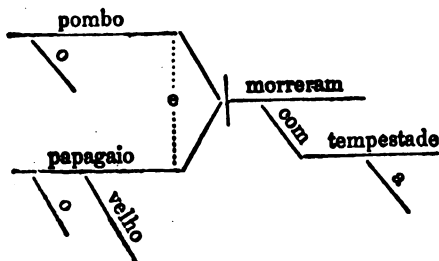
NOTAS. — 1.º) O adjetivo *estendido* está em função adverbial. Ver o n.º 44, e o n.º 68, sentença 4, nota. — 2.º) A locução adverbial *ao lado* está em função adjetiva. Explica-se isso pelo fato de que essa locução, como quase sempre sucede com as locuções, vem de uma simples frase: *a o lado*; e por isso neste exemplo assume antes o caráter de frase adjetiva, como neste outro exemplo: «vi um homem com um chapuzinho de lado». Não é raro o proprio adverbio assumir o papel de adjetivo, como neste caso: «Somente Pedro ficou em casa», em que o adverbio *somente* equivale ao adjetivo *sozinho*. — 3.º) Para se colocar bem no diagrama a expressão: — *emblemas da saída do Egito* — deve-se ter em conta o que ficou dito em o n.º 78, nota.

6. Caná de Galiléia foi antigamente uma boa cidade, levantada em um pequeno outeirinho de rocha firme, aformoseada ao poente por um pequeno e fresco vale e rodeada por todas as outras partes de cabeços áridos.

LIÇÃO XXV

152. 1. Algumas vezes temos uma afirmação feita com referencia a *dois* substantivos, ou mais, em vez de um só. Ex. : «Com a tempestade morreram o pombo e o velho papagaio».

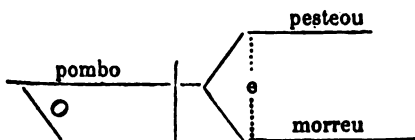
Há então o que se chama — **um sujeito composto**. Eis o modelo de diagrama :



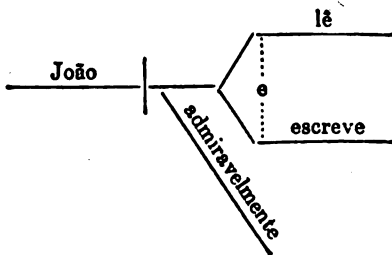
153. 2. Outras vezes temos com um só substantivo *duas* ou *mais* afirmações.

E' o **predicado composto**. Ex. : «O pombo *pesteou e morreu*».

Modelos de diagrama :

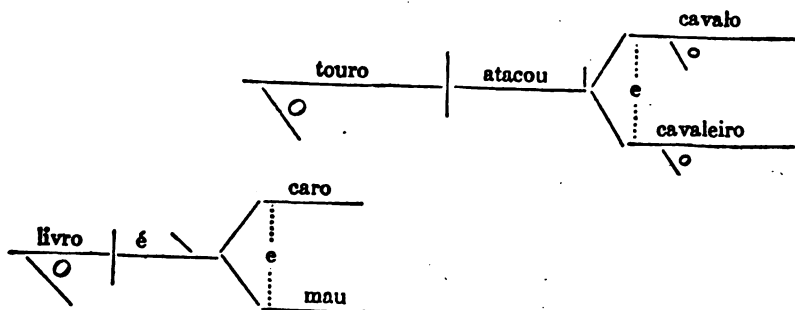


«João lê e escreve admiravelmente».



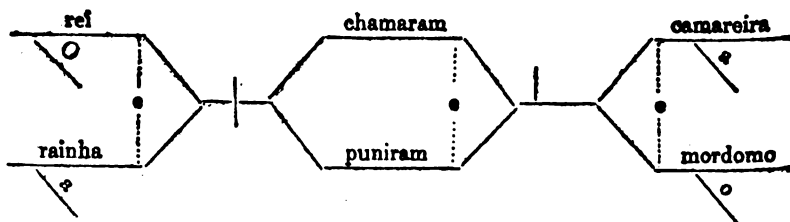
NOTA. — O adverbio *admiravelmente* modifica ambos os verbos e não um em particular. Observem a colocação no diagrama.

154. 3. Há também casos de objetos e atributos compostos. «O touro atacou o cavalo e o cavaleiro»; «O livro é caro e mau».

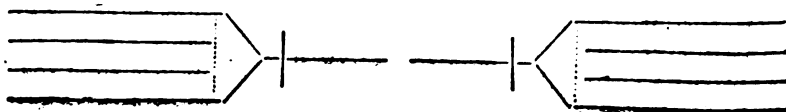


155. 4. Finalmente, há casos, ainda que mais raros, em que temos sujeito composto, predicado composto e objeto ou atributo composto, tudo na mesma sentença.

«O rei e a rainha chamaram e puniram a camareira e o mordomo».



Quando o sujeito, o predicado, o atributo ou o objeto são compostos de mais de dois elementos, as fórmulas para diagramas são estas.



156. Analisar :

1. A cada passo, ao longo das grandes naves flexuosas, surpreendem-nos retiros umbrosos, formidaveis grutas de um recolhimento sagrado, ou amplos lagos dormentes.
2. As servas pressurosas estenderam à sombra das gameleiras as alvas esteiras de airí, e colocaram sobre elas os urús cheios de farinha dagua.
3. Frutas de varias especies, cachos roxos de assaí, os rubros croás e os fragrantés abacaxis, enchiam o girau levantado no meio do terreiro.

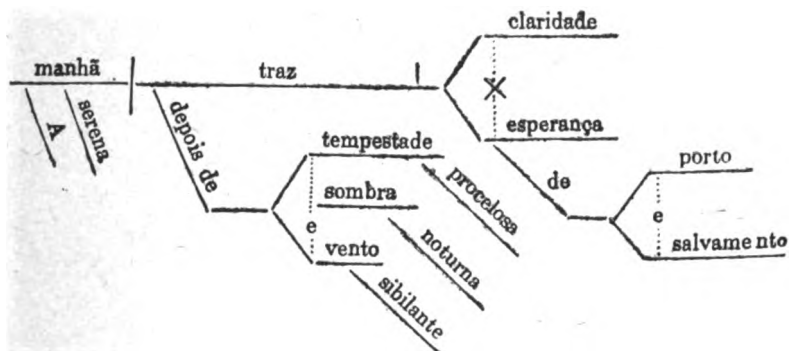
NOTA. — Conforme o modo por que os alunos encararem este exemplo, pode aparecer no diagrama uma novidade que exige uma forma não encontrada nos modelos conhecidos até aquí. Mas a saída é tão simples que nos abstermos de a mencionar, deixando, como é nosso costume, à iniciativa do aluno o que pode ser alcançado com o simples exercicio da sua propria intelligencia.

4. Diante de uma cabana feita de ramos de loureiro, um velho obeso apregoava o vinho fresco de Siquem, as favas novas de abril.
5. O médico veio apressadamente e conseguiu salvar ao menino.
6. Com uma rija bengala na mão, avancei para o cão bravio e ferí a ele na cabeça com um golpe de mestre.
7. O nosso fornecedor, sempre amavel, presenteou-nos com um cestinho de figos e ainda nos deu algumas garrafas de agua mineral.
8. Meu querido professor, um verdadeiro amigo, remeteu-me ontem dois excelentes livros e convidou-me para um jantar em familia.
9. Desejo-te muita saude e felicito-te pelos brilhantes exames feitos no Ginasio.
10. Oscar alcançou a Livio na rua e tomou-lhe o papagaio.

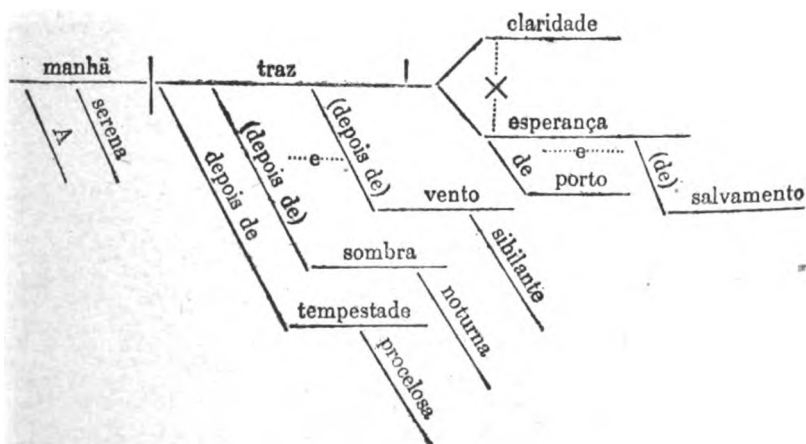
157. MODELO :

«Depois de procelosa tempestade,
Noturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento».

(CAMÕES).



Outra forma :



LIÇÃO XXVI

158. O adjetivo concorda com o substantivo em gênero e número. Quer dizer que um substantivo masculino pede o adjetivo na forma masculina : «um cachorro *bravo*». Um substantivo no plural pede o adjetivo na forma plural : «dois cachorros *bravos*». Isto é sabido de todos. Quando, porem, um só adjetivo se prende a dois substantivos de gêneros diferentes, isto é, um masculino e outro feminino, esse adjetivo toma a forma **masculina plural** : «um cachorro e uma cachorra *furiosos*». A regra é a mesma tanto para o adjetivo que vem como simples modificador do sujeito, como para o adjetivo que serve de atributo. Ex. : «O cachorro e a cachorra eram *furiosos*».

NOTA. — Quando os pronomes *você*, *v.^a ex.^a*, *v.^a s.^a*, etc., se referem a indivíduos do sexo masculino, o adjetivo aparece na forma masculina : «*v.^a ex.^a é digno*».

159. O verbo ou predicado gramatical concorda com o sujeito em número e pessoa. Eis uma regra muito conhecida. Ela quer dizer que o verbo vai mudando de forma conforme o sujeito é da 1.^a, 2.^a ou 3.^a pessoa, e conforme é do singular ou do plural. Se tomarmos o verbo *andar*, vemos que o sujeito *eu* (1.^a pessoa do sing.) pede a forma *ando* ; o sujeito *tu* (2.^a pessoa do singular) a forma *andas*, etc.

160. E' frequente os principiantes violarem esta regra, pondo o verbo no singular e o sujeito no plural, ou viceversa. Por exemplo : «*Chegou* muitos livros», em vez de «*chegaram* muitos livros». O sujeito *livros* é da 3.^a pessoa do plural e por isso pede a forma *chegaram*, que é da mesma pessoa e do mesmo número. A forma *chegou* é da mesma *pessoa* (3.^a), mas não é do mesmo número : é singular. Pelo que, não há *concordancia de número*, ainda que haja *de pessoa*.

Esses erros graves recebem o nome de **solecismos**.

161. O sujeito composto vale por um sujeito simples, mas do número plural. Pede, pois, o verbo no plural. Assim, diz-se «*Pedro e João vieram*».

162. Às vezes, porém, com o sujeito composto o verbo pode vir no singular, principalmente se o sujeito estiver **depois do verbo**: «E *passará o céu e a terra*». Como se vê, o sujeito é *o céu e a terra*. Devia ter o verbo no plural: *passarão* e é assim que quase sempre se diz. Mas como vinha *depois* do verbo, este ficou no singular: *passará*.

163. Também quando o sujeito composto tem os seus elementos ligados pelas conjunções **ou** e **nem**, pode o verbo vir no singular ou no plural. «Nem Pedro nem João **faz** isso». — «Nem Pedro nem João **fazem** isso».

NOTA. — Há ainda casos mais curiosos que os alunos saberão depois.

164. Quando o sujeito é composto da **primeira** pessoa (do singular ou do plural) com a **segunda** ou **terceira** (do singular ou do plural), o verbo vai para a **primeira do plural**: «Eu e tu *iremos a Santos*». «Eu e ele *fizemos um contrato*». — «Nós e eles *fomos iludidos*».

165. Quando o sujeito é composto **só da 2.ª pessoa** (do singular ou do plural) com a **3.ª**, o verbo vai para a **2.ª pessoa do plural**: «Tu e ele *ireis a Santos*». «Ele e vós *fareis isso*».

QUESTIONARIO

- 1 — Que sabem a respeito da concordância do adjetivo com o substantivo? (158)
- 2 — Como é que concorda o verbo com o sujeito? (159)
- 3 — Qual é o erro comum em principiantes? (160)
- 4 — Como se chamam esses erros? (idem)
- 5 — Em que número deve estar o verbo de um sujeito composto? (161)
- 6 — Há exceções? (162 e 163)
- 7 — Que sabem dizer do sujeito composto da 1.ª pessoa com a 2.ª ou 3.ª? (164)
- 8 — Que sabem dizer do sujeito composto só da 2.ª com a 3.ª? (165)

166. Os alunos completarão as sentenças abaixo :

1. Meu tio e eu... 2. Nós e o vizinho... 3. Tu, o Pedro, os filhos do vizinho e eu... 4. O coronel Felício, vós, os vossos irmãos e nós... 5. Os colegas, tu e meus amigos... 6. Tu, teu pai e nós... 7. Vós e os vossos protegidos...

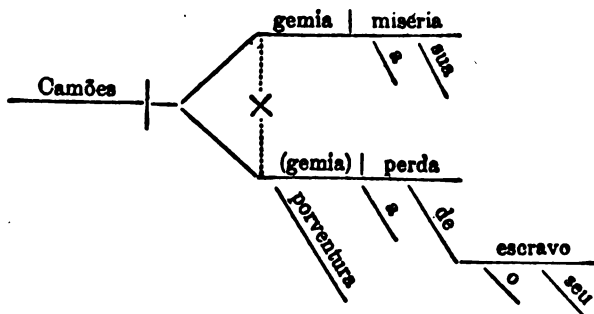
LIÇÃO XXVII

167. Já os alunos devem ter bem clara no espírito a noção do verbo de predicação completa e a do verbo de predicação incompleta. E' tempo de lhes advertirmos que frequentemente esses verbos trocam de categoria entre si. Assim, o verbo *cheirar* significa em primeiro lugar — lançar cheiro ; de modo que dizemos : «A rosa cheira bem». Como se está vendo, esse verbo, tomado em tal significação, é de predicação *completa*. Mas isso não nos impede de dizer igualmente : «Nós cheiramos a rosa». Imediatamente o verbo mudou de sentido e de categoria, e ficou sendo de predicação *incompleta*, objetivo (ou transitivo).

168. Por outro lado, o verbo *comer*, por exemplo, é de predicação *incompleta* : quem come, come alguma cousa. Esse verbo aceita sempre a pergunta : *o que ?* Mas podemos suprimir o objeto, indicando apenas, vagamente, a ação. E, assim, dizemos : «Aquele sujeito como bem». E' como se disséssemos : «A ação de comer ele a faz perfeitamente».

169. Eis aqui ainda uma sentença com um verbo de predicação completa empregado como verbo objetivo : «Camões gemia a sua miséria, porventura a perda do seu escravo».

Diagrama :



NOTAS. — 1.ª) Fomos obrigados a repetir o verbo, porque o adverbio *porventura*, que se casa perfeitamente com o verbo *gemia* quando este governa o segundo membro do objeto com-

posto, não se casa quando ele governa o primeiro. Esta observação é de capital importancia no uso dos diagramas, pois frequentemente os alunos ficam embaraçados com exemplos semelhantes. — 2.º) A pequena cruz entre os membros do predicado indica a ausencia de conjunção, a qual, no texto, como se pode ver, está substituida por uma vírgula. Donde podemos mesmo tirar uma regra : « Quando os varios membros de um sujeito, predicado, attributo ou objeto compostos não são ligados por conjunção, são separados por vírgula ».

Sentenças a analisar :

1. Por entre estas alas de homens prostrados, um grande velho emaciado vinha descendo devagar os degraus, com um incensador de ouro nas mãos.
2. As eguas de Perêia, com as patas entravadas, pendiam a cabeça sob a espessura das longas crinas.
3. Os finos linhos, ensopados nas essencias ardentes de ambar, de malóbatro e de bácaris, enchiam o ar de fragrancia e de moleza a alma dos homens.

NOTA. — *Bácaris* era uma erva reputada como antídoto contra feitiços.

QUESTIONARIO

- 1 — Que succede às vezes com os verbos de predicação completa ? (167) Com os de predicação incompleta ? (168)
- 2 — Por que se repetiu o verbo no diagrama ? (nota 1)
- 3 — Dar a regra da nota n.º 2.

LIÇÃO XXVIII

170. Já dissemos aos alunos, em o número 64, que há sentenças chamadas *interrogativas*, porque nelas se faz uma pergunta. Dissemos mais (n. 65) que essas sentenças se analisam do mesmo modo que as declarativas.

171. Hoje vamos ver que nelas funcionam os **adjetivos**, **pronomes** e **adverbios interrogativos**.

172. Assim quando dizemos : «*Que* homem passou ali?», esse *que* é um adjetivo interrogativo, que modifica o substantivo *homem* e que no diagrama, por conseguinte, vem debaixo dele.

173. Na expressão : «*Quem* vem lá?» *quem* é pronome interrogativo, que está servindo de sujeito.

174. Nas sentenças : «*Como* foi esse desastre?», «*Quando* aconteceu tal cousa?», *como* e *quando* são advérbios interrogativos e como os outros advérbios se colocam no diagrama sem a menor dificuldade.

175. Os pronomes interrogativos podem funcionar como *sujeito*, *objeto* ou *atributo*.

176. Colocar em diagrama :

1. Que homem passou ali?
 2. Quem vem lá?
 3. Como foi esse desastre?
 4. Quando aconteceu tal cousa?
 5. Amigo, feriste a quem?
 6. Quem és tu?
 7. Quem disse semelhante calunia?
 8. Por que vieste tão tarde?
 9. Onde estaveis ontem?
-

LIÇÃO XXIX

177. Na sentença : «*Maria* ama o irmãozinho» temos um verbo objetivo (ou transitivo) : *ama*. Três cousas estão aí indicadas : a) que há uma ação expressa pelo verbo (ver o n. 103, nota) ; b) que o sujeito é quem faz a ação ; c) que há um objeto (irmãozinho) que sofre a ação feita pelo sujeito.

178. Quando o sujeito faz a ação indicada pelo verbo, diz-se que ele é *ativo*, porque *ativo* significa — *o que age* ou *o que faz alguma cousa* ; e diz-se também que o verbo está na *voz ativa*.

179. Seja, porem, a sentença : «O irmãozinho é amado por Maria». Vemos logo que *irmãozinho* — que na sentença acima era *objeto* do verbo na voz ativa — passou agora a ser *sujeito*. Mas, embora como sujeito, ele apenas recebe a ação indicada pelo verbo *amar* : ele não é quem ama ; ele é *amado*.

180. Por outro lado, *Maria*, que, como sujeito da voz ativa, fazia a ação verbal, perdeu o lugar de sujeito e foi funcionar numa *frase adverbial* que modifica o verbo. Mas, apesar dessa mudança de colocação, ela continua a fazer a ação indicada pelo verbo ; é ela ainda quem ama.

181. Quando o sujeito, em vez de fazer, sofre a ação verbal, diz-se que ele é *passivo*, e que o verbo está na *voz passiva*.

182. E o ser que, na voz passiva, funcionando embora numa frase, continua a fazer a ação verbal, denomina-se — o *agente da passiva*.

183. A frase do agente é introduzida pelas preposições *por*, *per* e *de*. Ex. : «Clovis foi ferido *por* Mario» ; «A carta foi escrita *pelo* secretario» ; «Adelina é querida *de* todos».

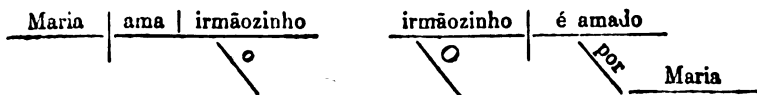
NOTA. — Nem sempre, com a voz passiva, uma frase adverbial introduzida por essas preposições indica o agente : às vezes indica *instrumentalidade* ou *meio*.

184. A voz passiva forma-se regularmente no português com o *participio passado* do verbo objetivo que se quer apasivar, mais o verbo *ser* : *é amado*, *é conhecido*, etc.

NOTA. — Daí não se conclua que infalivelmente haverá uma voz passiva sempre que encontrarmos participios passados unidos a formas do verbo *ser*.

185. Nas formas passivas, o verbo *ser* e o participio passado são considerados como uma única locução verbal e, portanto, colocam-se no diagrama sem traço algum de separação.

186. Apresentamos dois diagramas :



187. Confrontando a forma da voz ativa com a da passiva, vemos desde logo que o objeto da primeira passou a ser sujeito da segunda, e o sujeito da primeira foi figurar debaixo do verbo, na frase do agente, regido pela preposição *por*, que não existia na voz ativa.

188. Transformar em voz passiva as sentenças do n. 151 (menos a de n. 6) e a do n. 157.

NOTA. — A esta lição deve seguir-se uma recordação dos verbos conjugados na voz passiva.

QUESTIONARIO

- 1 — Quais são as três cousas indicadas na sentença do n.º 177?
- 2 — Quando é que o sujeito se diz *ativo*? (178)
- 3 — Por que lhe deram essa denominação? (*idem*)
- 4 — Que é a *voz ativa*? (*idem*)
- 5 — Quando é que o sujeito é denominado *passivo*? (181)
- 6 — Que é o *agente* da voz passiva? (182)
- 7 — Quais são as preposições que introduzem a frase do agente? (183)
- 8 — Que outra cousa indicam às vezes essas preposições? (nota)
- 9 — Como se forma regularmente a voz passiva em português? (184)
- 10 — Como se colocam em diagrama as formas passivas? (185)
- 11 — Que succede na transformação da voz ativa na passiva? (187)

LIÇÃO XXX

189. Queremos esforçar-nos nesta lição para impedir aos alunos uma confusão muito natural.

Como já vimos, a passiva é composta do verbo *ser* mais o particípio passado do verbo que se apassiva: *é amado*, *é querido*, etc. Mas já vimos também que o verbo *ser* liga um atributo ao sujeito. Ex.: «Pedro é amavel». Como distinguir então a forma da voz passiva da forma atributiva?

190. Em primeiro lugar, na forma passiva o particípio passado se une ao verbo *ser* para formar com ele uma única

expressão verbal, indicando que a ação, em vez de ser feita pelo sujeito, é sofrida por ele.

Há linguas que têm formas especiais para isso, e dizem com uma só palavra aquilo mesmo que nós dizemos com duas. Assim, por exemplo, *amo* se diz em latim exatamente como no português: *amo*; mas nossa expressão — *sou amado* já se diz em latim com uma única palavra: *amor*. Bastou acrescentar um *r* à forma da voz ativa para esta se transformar na passiva.

191. Mas isso bem nos está mostrando que as nossas duas palavras *sou amado* valem por uma única expressão verbal: é como se fossem um só verbo.

192. Com as formas atributivas nada disso acontece. O atributo não precisa ser participio passado: pode ser um adjetivo qualquer (*branco, alto, bom, etc.*), ou um substantivo, que qualificam o sujeito e se prendem a ele não só pelo verbo *ser*, mas também pelos verbos *estar, parecer, ficar e permanecer* (*é branco, está branco, ficou branco*).

193. Porem a maneira mais prática e mais segura de enxergar a voz passiva é: a) observar em primeiro lugar se há, com o verbo *ser*, um participio passado, pois sem este não pode existir voz passiva; b) procurar o agente, claro ou oculto, fazendo ao verbo a pergunta: *por quem?* ou *por que coisa?* Ex.: «Emília é amada». — «Por quem?» — «Por todos», ou «por suas colegas». Eis aí dois agentes.

As formas que não são passivas não admitem essa pergunta.

194. Oferecemos dois diagramas, um com a voz passiva (o 1.º), outro com a forma atributiva:

Pedro	é amado	Pedro	é feio

195. Dizer, nas sentenças abaixo, quais são as formas passivas, quais as atributivas; mostrar os agentes claros e buscar agentes ocultos.

- a) O cavalo é negro. b) Silvio é louvado pelo mestre.
c) Oscar foi lavrador. d) Mario foi nomeado pelo governo.
e) Rosa era mais morena. f) Paulo era estimado de todos.
g) Carlos será colocado nesse lugar. h) Henrique será orador.

i) Jorge foi mestre por muitos anos. j) Ele foi classificado em segundo lugar.

196. Analisar, após interpretação cuidadosa e observando cautelosamente as letras *a* e *b* do n. 193.

1. Sem as ilusões da nossa imaginação o capital da felicidade humana seria muito diminuto e limitado.
2. Os espíritos metódicos são ordinariamente os menos sublimes e transcendentos.

NOTA. — Nesta sentença houve elipse de um elemento. Por esse motivo há um adjetivo *substantivado*. No diagrama, pois, ou se põe claro o referido elemento — e nesse caso o adjetivo vai ocupar o seu posto — ou se deixa oculto — e nesse caso o adjetivo assume o papel que competia ao elemento oculto.

3. Os tolos muitas vezes são promovidos a grandes empregos em utilidade e proveito dos velhacos.
4. Os homens sem mérito algum, brochados de insignias e de ouro, são comparáveis aos maus livros ricamente encadernados.
5. Naquela região baldia, pelo tempo das chuvas, os chapadões eram transformados em atoleiros quase intransitáveis.
6. Grossas vigotas estavam prontas e foram colocadas por sobre o pequeno rio enfurecido e empolado com a tempestade.

QUESTIONARIO

- 1 — Que diz o n.º 190?
- 2 — Que diz o n.º 191 acerca da expressão «sou amado»?
- 3 — Qual é a maneira prática de achar a voz passiva? (193)

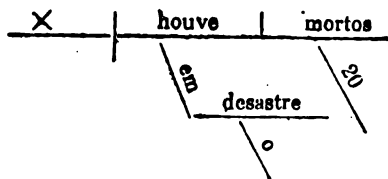
LIÇÃO XXXI

197. Vamos falar dos chamados — verbos **impessoais**. São os que se usam na 3.ª pessoa do singular, sem sujeito: *chove, troveja, neva*. Não se pode perguntar ao verbo *chover*: «Quem é que chove?»

198. Entre esses verbos existem dois que merecem especial atenção : são eles *haver* e *fazer*. Merecem especial atenção — dizemos — porque a cada passo são empregados no plural, de modo inteiramente errado. Por exemplo : «*Houveram* 20 mortos no desastre» ; «*Fazem* 5 anos que fui ao Rio». — Deve dizer-se : «*Houve* 20 mortos», «*Faz* 5 anos».

199. Esse erro nasce de uma falsa análise : vem de se pensar que *mortos* é sujeito do verbo *haver*. Ora — dizem — se o sujeito está no plural, o verbo também deve estar, porque o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa. — Mas acontece que esses dois verbos são empregados impessoalmente, e, portanto, nem podem ir para o plural, nem podem ter sujeito, conforme se disse no n. 197. *Mortos* não é sujeito, mas *objeto*.

200. Em diagrama :



201. A 3.ª pessoa do plural também pode ser empregada de modo semelhante, sem sujeito expresso. Ex. : «*Dizem* por aí coisas horribles». Neste caso temos um **sujeito indeterminado**, que também se representa em diagrama pelo sinal X.

202. A diferença está em que nas expressões impessoais acima *não pode haver sujeito* ; ao passo que nas expressões de sujeito indeterminado é sempre possível determinar-se o sujeito. Exemplifiquemos. Um certo jornal noticia o seguinte : «Na praça da República apunhalaram ontem à noite um individuo de cor parda». *Apunhalaram*? Mas quem é que apunhalou? Não se nos diz. Houve, entretanto, alguém que fez a ação de apunhar. Há, pois, um sujeito, que é possível descobrir. No dia imediato, porem, o mesmo jornal acrescenta : «Sabemos que o individuo de cor parda, apunhalado na praça da Re-

pública, foi vítima da vingança de José Silva». Podemos nós agora determinar o sujeito.

203. Outra maneira de indicar o sujeito indeterminado é empregando um pronome indefinido, como, por exemplo, *a gente*: «*A gente* ouve cada cousa!»

QUESTIONARIO

- 1 — Que é um verbo impessoal? (197)
- 2 — Quais são os dois verbos impessoais que merecem atenção especial? (198)
- 3 — Por que merecem? (idem)
- 4 — Quais são as duas expressões erradas que se mencionam? (idem) Corrijam-nas.
- 5 — Onde vem esse erro? (199)
- 6 — Que outra pessoa pode ser empregada de modo semelhante, sem sujeito? (201)
- 7 — Qual é a diferença, entretanto? (202) Exemplifiquem.
- 8 — Que outra maneira existe de expressar o sujeito indeterminado? (203)

204. Analisar as sentenças abaixo:

1. Nas festas de São João havia fogueira acesa durante a noite, café bebido na cuia e bolo de frigideira para todo o pessoal reunido.

NOTA. — Cuidado com a frase: *para todo o pessoal reunido*.

2. Armaram uns palanques muito vistosos, com seus toldos de sedas amarelas e carmezins, em redor da teia guarnecida de arcos e galhardetes de todas as cores.

LIÇÃO XXXII

205. Os alunos já conhecem, certamente, um verbo *pronominal*: é aquele que se conjuga com dois pronomes *da mesma pessoa*: *eu me firo*, *tu te feres*, etc. Se o pronome obliquo é objeto do verbo, diz-se que o verbo é *reflexivo*. A razão do nome *reflexivo* nós veremos agora.

Vamos estudar duas sentenças que aparentemente muito se parecem. Ei-las : «Pedro feriu-se» ; «Pedro batizou-se no dia 30».

206. No primeiro caso temos uma *voz ativa*, porque o sujeito faz a ação indicada pelo verbo. Mas o que há de curioso é que o sujeito mesmo é quem sofre a ação por ele feita : a ação do verbo *ferir* se exerce no próprio Pedro, que se acha representado pelo pronome *se* servindo de objeto (o verbo é *reflexivo*).

207. Quando os pronomes pessoais *me, te, se, nos, vos*, funcionando como objeto, recebem a ação verbal e a fazem voltar para o sujeito — denominam-se **pronomes reflexivos**.

NOTAS. — 1.ª) *Reflexivo* é o que reflete. *Refletir* é fazer voltar aquilo que ia numa certa direção. — 2.ª) Os gramáticos costumam chamar de *voz reflexa* a esse caso particular da voz ativa em que o sujeito não somente faz, mas também sofre a ação verbal.

208. Estudemos agora o 2.º caso : «Pedro batizou-se no dia 30». Quem é que fez a ação verbal? Foi Pedro? Pedro batizou-se a si mesmo? Certo que não. E' claro como a luz do dia que «Pedro batizou-se» equivale a «Pedro foi batizado». Aí está, portanto, uma verdadeira *voz passiva* que, em vez de ser formada com o verbo *ser* mais um particípio passado, se formou com o pronome pessoal.

209. O pronome, nesse caso, recebe o nome de **partícula apassivadora**, em vez de *pronome reflexivo*.

210. A função apassivadora pode ser expressa pelos pronomes *me, te, se, nos* e *vos* : «Eu *me* batizei», «Tu *te* batizaste», etc.

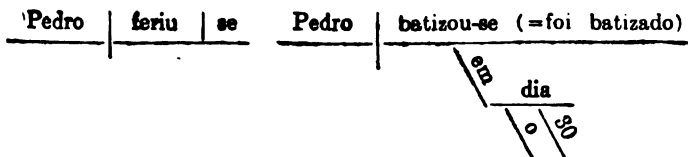
211. Torna-se ainda mais evidente a voz passiva se pusermos claro o agente, dizendo : «Pedro batizou-se *pelo* Padre Antonio». Em João de Barros, um clássico português, lemos : «Descobriram-se as ilhas *per* um Antonio de Nolle» ; «Descobriu-se a ilha Formosa *per* um Fernando do Pó».

NOTA. — No tempo de Barros empregava-se a preposição *per* em certos casos em que hoje empregamos a preposição *por*.

212. Tais formas passivas aparecem quase sempre com sujeitos **que não são pessoas**, mas sim animais ou cousas. Ex: «*Alugam-se casas*», «*Ferram-se cavalos*», «*Reformam-se chapéus*».

213. No diagrama, o pronome que serve de partícula apassivadora coloca-se ao lado do verbo sem nenhum dos traços que indicam o objeto ou o atributo. Mas os alunos ainda **devem explicar** as formas pronominais pelas formas com o verbo *ser*, postas entre parêntese, conforme o diagrama abaixo.

214. Vejam-se os diagramas :



NOTA. — O pronome, em tais formas passivas, é um verdadeiro *sufixo apassivador*, semelhante ao de que falamos em o n.º 190. Em alguns dialetos italianos, em que há também o mesmo processo de apassivar, o pronome *se* fica reduzido a um simples *s* e aglutina-se com o verbo: *perdres* (*perdersi*) (DIEZ).

QUESTIONARIO

- 1 — Quando é que um verbo se chama *reflexivo*? (205)
- 2 — O que há de curioso na sentença «*Pedro feriu-se*»? (206)
- 3 — Que são *pronomes reflexivos*? (207)
- 4 — Por que lhes deram esse nome? (nota 1)
- 5 — O que é que os gramáticos chamam *voz reflexa*? (nota 2)
- 6 — Qual é o outro modo de formar a voz passiva? (208)
- 7 — O que é que se chama *partícula apassivadora*? (209)
- 8 — Quais são os pronomes que exercem essa função? (210)
- 9 — Quando é que aparece especialmente a passiva pronominal? (212)
- 10 — Como se colocam em diagrama os pronomes apassivadores? (218)

Analisar as seguintes sentenças :

1. Por trás de grossas caixas gradeadas encruzavam-se os cambistas com uma moeda de ouro pendente das orelhas entre as melenas sórdidas.
2. Os homens fuscos do deserto apinhavam-se em torno dos gigos de fruta.
3. Na casa mortuaria, toda fechada, cantavam-se rezas tristes em redor do ataúde.
4. No alto da colina, entre mangueiras copadas, edificava-se um espaçoso sobrado.
5. O poldro, fustigado pelo látego e sofreado por um pulso de ferro, ergueu-se completamente nas patas traseiras.
6. Para a festa, com ansiedade esperada, armaram-se elegantes barracas enfeitadas de mil modos.
7. Alí bebia-se água pura.
8. No armazem da esquina vendem-se lindas castanhas.

LIÇÃO XXXIII

215. Há casos em que costumamos atribuir a atividade a certos seres que por si mesmos não podem ser ativos. Assim, dizemos frequentemente : «O sol levantou-se entre nuvens negras», «A porta fechou-se ruidosamente». Ora, é claro que o sol não se levanta por si mesmo, nem tão pouco a porta se fecha por si mesma : o sol levanta-se por causa de uma força da natureza, e a porta se fecha por qualquer causa exterior, como o vento, por exemplo.

216. Mas, como essas causas que atuam são forças cegas da natureza, e não pessoas, era indiferente ao espírito humano atribuir a ação verbal às forças que atuam sobre os seres, ou aos próprios seres inanimados movidos por essas forças.

217. Em tais expressões, pois, nós estamos empregando verdadeiras *metáforas*, isto é — uma linguagem figurada que

empresta aos seres qualidades que eles não possuem. E' cousa muito comum em todas as linguas.

218. Assim, os seres inanimados vieram a ser considerados sujeitos dos verbos *objetivos*, como se eles proprios pudessem agir : e o pronome *se* funciona então como objeto ou pronome reflexivo, **não como partícula apassivadora.**

QUESTIONARIO

- 1 — Os seres inanimados, como *sol*, *porta*, etc., são capazes de ação, de movimento por si mesmos? (215)
- 2 — O que é que os põe em movimento? (*idem*)
- 3 — Que fez o espirito humano? (216)
- 4 — O que é o pronome *se* nas sentenças em que os seres inanimados são tidos como sujeitos? (218)
- 5 — Que é *metáfora*? (217)

219. Analisar as seguintes sentenças :

1. No tope do monte erguiam-se os vigorosos cedros.
2. Derribam-se os cedros a golpes de machado.
3. Um tapete viçoso de relva bem lisa estendia-se em declive até uma aleia de alfazema.
4. A barca, repleta de passageiros, deslisava-se suavemente por sobre o rio turvo e parado.
5. Viam-se lindos cisnes brancos nas águas azues e profundas do lago.
6. O mar encrespava-se à hora da partida.
7. Por causa da seca, naquele ano se comprava milho por um preço elevadíssimo.

LIÇÃO XXXIV

220. Estudemos a expressão de João de Barros : «Descobriu-se a ilha Formosa per um Fernando do Pó». Aí temos a voz passiva com os seus três elementos : o sujeito (*ilha*), o verbo apassivado (*descobriu-se* = *foi descoberta*), o agente (*per um Fernando do Pó*).

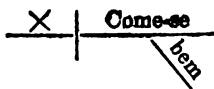
221. Foi assim, isto é, com esses três elementos claros, que começou a passiva pronominal na língua portuguesa. Camões escreveu : «mar que dos feios focas se navega», isto é : — *mar que é navegado dos feios focas, ou pelos feios focas.*

NOTAS. — 1.ª) *Foca* era masculino no tempo de Camões. — 2.ª) No português atual não se usa mais apassivar com o pronome as expressões em que há um agente *claro*. Não se diz : «*Navegam-se os mares pelos focas*», mas : «*São navegados*».

222. Mas aconteceu que se começou a ocultar o agente, e então dizia-se : «*Navegam-se os mares*», «*Navega-se o rio*». Entretanto, como se pode ver, o sujeito ainda ficava claro : *mares, rio.*

223. Afinal, deu-se um passo além : ocultou-se também o sujeito, e começou-se a dizer apenas : «*Navega-se com bons ventos*», «*Come-se bem*».

224. Eis um diagrama elucidativo :



225. O sinal X quer dizer que não há sujeito : a expressão é impessoal.

NOTA. — Muitos alunos por vezes consideram os verbos como passivos e dão-lhes um objeto. Mas a voz passiva não tem objeto. Quando os alunos estiverem nessa tentação, reflitam e não de ver que o termo que lhes parece *objeto* é o *sujeito* da sentença.

226. Temos, pois, uma **passiva pessoal** (quando há sujeito claro), e uma **passiva impessoal** ou simplesmente **expressão impessoal** (quando não há sujeito).

NOTA. — E' perfeitamente o que se dá em latim. *Petrus amatur* é expressão *pessoal* : *Pedro é amado* ; mas *amatur*, simplesmente, é expressão *impessoal* : *ama-se*.

227. Essas expressões impessoais principiaram com os verbos de predicação incompleta objetivos, mas com o tempo se estenderam aos verbos de predicação completa e até aos de

predicação incompleta atributivos: de *come-se*, *navega-se* passou-se a dizer: *anda-se*, *está-se*.

Elas, podem, portanto, receber um atributo: «Estava-se pronto para a luta».

NOTA. — O mesmo succedeu em latim, lingua em que se dizia *curritur*, *statur*, sem sujeito, expressões essas que são também lá denominadas *passivas impessoais*.

Assim, vê-se que a noção da passividade, por uma evolução gradual que nos é dado determinar na corrente dos séculos, foi-se obliterando ao ponto de, em dizeres como *vive-se*, *está-se*, etc., as expressões verbais como que se apresentarem ao nosso espírito perfeitamente iguais às ativas de sujeito indeterminado. De forma que — *vive-se por aí à larga* — é o mesmo que — *vivem por aí à larga*.

Ora, dessa equipolencia de sentido era apenas um passo para um caso de contaminação sintática, de modo que se começasse a dar um objeto às expressões impessoais com o pronome *se*, assim como se dá aos verbos ativos de sujeito indeterminado: *dizem por aí uma coisa triste*, *diz-se por aí uma coisa triste*.

E o espírito popular, enxergando nas palavras *uma coisa triste*, não mais o sujeito de *diz-se*, mas o objeto, não recuou de lhes dar um plural: *diz-se cousas tristes*. Nada mais lógico.

E' um fenómeno curioso que podemos rastrear no latim e no grego. No latim a apassivação se estendeu pouco a pouco até o verbo *stare*, que já foi usado por Cornelio Nepos, se não nos enganamos, na forma *statur*. Dizia-se mesmo: *statur bene*, expressão impessoal, SEM SUJEITO, correspondente ao nosso: *está-se bem*.

Porem o português foi além: não só diz — *está-se bem*, mas *está-se bom*. E' um caso de ampliação que o latim provavelmente teria atingido se vivesse mais algum tempo como lingua falada.

Entretanto, em latim, na expressão impessoal, a idéia de passividade não chegou a obliterar-se ao ponto de se dar ao verbo um objeto. Dizia-se *amatur*, expressão igual ao nosso *ama-se*; mas *amatur hominem* seria uma verdadeira monstruosidade na lingua de Vergilio.

O grego, porem, não trepidou em ir aonde o latim não foi: a passiva impessoal começou a reger um objeto: *timeiton esti tēn aretēn* (RIEMANN).

No PORTUGUÊS LITERARIO a evolução foi ao ponto de dar à expressão impessoal um atributo (ver o n.º 227), mas não um objeto. Castilho não vacila em dizer: «*Está-se pronto*»; mas evita em absoluto uma expressão como *ama-se-o*. Castilho não diria: «*Ama-se aquele homem*; *ama-se-o* pelos seus modos

bondosos» ; mas sim : « ama-se ELE pelos seus modos bondosos », expressão evidentemente passiva, com o sujeito claro.

Essa repugnância é tão grande que até os escritores menos escrupulosos, como Eça de Queiroz, frequentemente a manifestam. Eça escreveu : « Os ímpios do século XVIII foram insaciáveis bebedores de café — e, na primeira mesa do botiquim do Procopio, onde ELE se bebeu... »

Onde se o bebeu, é, pois, um aleijão linguístico no momento atual. Mas se-lo-á no futuro ? Não sabemos. Estabelecemos os fatos, como cumpre fazer em gramática, e deixamos que a língua continue o seu curso natural, sem querermos contribuir, com o nosso dogmatismo, para que ela siga este ou aquele rumo, consoante nosso pendor individual. Missão que seria, aliás, sobre violenta, improficua. De qualquer modo, porém, que encaremos o intrincado fenómeno, o que sempre nos pareceu uma violência gramatical é o tal *SE* *SUJEITO*. Como se as expressões com o pronome *se*, consideradas pelo espírito popular ativas e capazes mesmo de reger um objeto, deixassem por isso de ser *impessoais*, isto é, *sem sujeito* !

QUESTIONARIO

- 1 — Quais são os três elementos contidos na sentença do n.º 220 ?
- 2 — Como foi que surgiu a passiva pronominal no português ? (221)
- 3 — Que se começou depois a fazer ? (222)
- 4 — E logo mais ? (223)
- 5 — Que quer dizer o sinal X ? (225)
- 6 — Quantas formas passivas temos ? (226)
- 7 — Como principiaram as expressões *impessoais* ? (227)

228. Sentenças a analisar :

1. Quase sem nariz e beiços, vesgo e da altura de um rapaz de nove anos, não mostrava no rosto ponta de barba.
2. Sobre as árvores imóveis, os pássaros, quietos e mudos, eriçavam a plumagem aos ventos correntes.
3. Defronte dele, em uma mesa encrustada de madre-pérola, entre vasos de barro com flores pintadas, açafates de filigrana de prata cheios de fruta e pedaços cintilantes de gelo — erguia-se um candelabro em forma de arbusto.

4. Lançaram-se os fundamentos da casa do Senhor no quarto ano, no mês de zio.
 5. Hortelãos com um ramo de amendoeira preso ao carapuço apregoavam grinaldas de anêmonas ou ervas amargas da Pascoa.
 6. Naquelas festas nacionais dormia-se ao relento e não se ficava doente.
 7. A pertinacia da tentação só se vence com a constancia da resistencia.
-

LIÇÃO XXXV

229. «O governo nomeou Pedro coletor estadual», «Eu considerei-o capaz disso». Eis aí duas sentenças que encerram alguma novidade para os alunos.

Vê-se que os dois verbos (*nomeou* e *considereí*) são objetivos : o primeiro tem por objeto o substantivo *Pedro* ; o segundo, o pronome *o*.

230. Mas é evidente que ao objeto *Pedro* se prende estreitamente o substantivo *coletor*, e ao pronome *o* o adjetivo *capaz*.

231. Essas duas palavras (*coletor* e *capaz*) estão qualificando os dois complementos objetos. Constitue cada uma delas um **novo complemento** que, visto servir para *qualificar* o objeto, poderemos denominar **subatributo**, por ser, como se percebe logo, muito semelhante ao atributo.

NOTA. — Há varias outras maneiras de denominar este complemento.

232. Dissemos que «o governo nomeou Pedro coletor estadual»; mas poderíamos dizer também : «O governo *nomeou coletor* a Pedro». Vê-se, pois, que o subatributo **tende a acostar-se ao verbo**, formando com ele como que uma só expressão quase indivisível ao nosso espírito.

238. Está claro que o subatributo se encontra também com a passiva pronominal : «Reputou-se *perdida* a carga do navio».

239. Podemos, portanto, dizer que o subatributo é um substantivo ou um adjetivo que qualificam o objeto na voz ativa, e o sujeito na voz passiva.

NOTA. — O subatributo pode vir acompanhado das preposições *em*, *por*. «Elegeram-no *em* comandante», «Julguei-o *por* morto». Também a palavra *como* — neste caso uma verdadeira preposição — serve para prender o subatributo : «Ele escolheu-me *como* juiz». Nos diagramas estas partículas devem ser postas entre parêntese, como expletivos.

LIÇÃO XXXVI

NOÇÕES DE PONTUAÇÃO

240. Os adjetivos qualificativos e as frases adjetivas em geral se prendem diretamente aos substantivos : «*Os modernos homens de bem* são raros».

241. Esta regra, porem, é violada quando se quer dar **força especial** ao adjetivo ou à frase : nesse caso virgulam-se.

242. Quando dois adjetivos qualificativos ou duas frases se unem ao mesmo substantivo, vêm separados por vírgula : «*Os homens honestos, verdadeiros, são raros*»; «*Os homens de bem, sem mancha na vida pública ou privada, são raros*».

243. Os substantivos apostos e os vocativos são separados por vírgula.

244. Os diversos elementos que formam um sujeito, um predicado, um atributo ou um objeto compostos vêm separados por vírgula, se entre eles não há conjunção. Ver o n. 169, nota 2.

245. Os termos presos pela conjunção e em geral vêm sem vírgula : «*Pedro e Paulo foram e voltaram sem novidade*».

Contudo, se os dois elementos são muito extensos, podem separar-se por vírgula. A vírgula nesse caso chama-se *vírgula de respiração*, porque é usada só com o fim de dar tempo para respirar àquele que lê. Ex. : «Pedro e Paulo foram com toda a pressa à cidade indicada pelo nosso ilustre amigo, e voltaram sem novidade alguma».

246. Os advérbios e as frases adverbiais em geral se prendem diretamente aos verbos e aos adjetivos. Ex. : «Ele corre *velozmente*»; «O balão passou *com rapidez incrível*».

247. Quando, porém, se quer dar força especial ao advérbio ou à frase, então põe-se entre vírgulas. Ex. : «Marcos asseverou, *veementemente*, que era falso».

248. Quando dois advérbios ou duas frases adverbiais modificam o mesmo verbo, vêm separados por vírgula. Ex. : «Ele fala *com força, com clareza, com eloquência*».

NOTA. — Com as frases adverbiais há exceções : isto é — duas frases podem estar modificando o mesmo verbo, sem serem separadas por vírgula.

Também se virgula, muitas vezes, quando se faz uma *inversão* da ordem. Ex. : «O balão, *com rapidez incrível*, passou por sobre nós».

Nisto, porém, vai muito do gosto particular de cada escritor, e não se podem dar regras absolutas.

Os casos mais particulares os alunos aprenderão depois, e aprenderão, especialmente, *lendo e observando*.

NOTA. — Aos professores, mormente aos novatos, o autor se permite a liberdade de observar que esta lição deve ser aplicada imediatamente em trechos *faceis*, de autores modernos, e nos exercícios de composição, especialmente em *cartas*.

249. Os dois pontos servem para indicar uma citação. Ex. : «O homem disse : A bolsa ou a vida». Servem também para indicar que o que se segue explica ou completa o que ficou dito : Ex. : «Os soldados desistiram da empresa : o caminho era intransitável».

250. Não se separam por vírgula o sujeito, o objeto e o atributo.

PARTE SEGUNDA

LIÇÃO XXXVII

251. Temos falado em complemento *objeto*. E' tempo agora de dizermos que o que até aquí chamamos *objeto*, em geral se denomina **objeto direto**.

252. Assim o denominaram pelo fato de vir preso ao verbo *diretamente*, isto é — sem que haja entre ele e o verbo nenhum elemento intermediario.

253. Mas isto já nos está mostrando que os gramáticos conheciam um complemento a que chamaram **objeto indireto**. E está claro que assim o qualificaram porque viram entre ele e o verbo alguma coisa de permeio.

254. De fato, há complementos que se ajuntam ao verbo por intermedio de uma preposição : esses são os *objetos indirectos*.

255. Certos verbos aceitam ambos os complementos : o *direto* e o *indireto*. Assim, podemos dizer : «Eu perdoei o homem», ou «Eu perdoei ao homem». No primeiro caso vem o *objeto direto*, sem preposição ; no segundo o *indireto*, com a preposição *a*.

256. As duas construções são corretas ; mas a do *objeto indireto* é mais antiga e mais usada pelos clássicos.

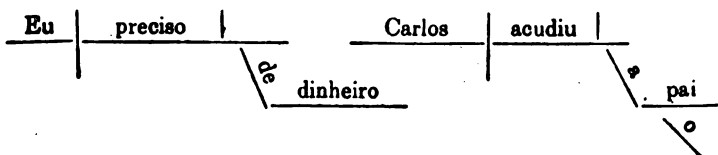
257. Os verbos que pedem *objeto indireto* são chamados **objetivos indirectos** ou **transitivos indirectos**.

258. Quando a preposição *a* é a que aparece com o substantivo que serve de *objeto indireto*, podemos ver desde logo que, se quisermos representar esse *objeto* por um pronome da 3.^a pessoa, devemos usar a forma *lhe*. Por exemplo : «Perdoei ao homem ; perdoei-lhe de todo o coração».

NOTA. — Conforme o n.º 255, também se pode dizer : «perdoei-o»

259. Os principais verbos objetivos indiretos são : *perdoar, obedecer, desobedecer, socorrer, aspirar, suceder* (no sentido de assumir o lugar deixado por alguém : «D. Pedro II sucedeu a D. Pedro I»), *acudir, assistir, resistir, presidir, usar, precisar, necessitar, carecer, gozar.*

260. Coloquemos em diagrama duas sentenças : «Eu preciso de dinheiro» ; «Carlos acudiu ao pai».



NOTAS. — 1.ª) Observem que o objeto indireto vem colocado DEBAIXO da linha horizontal do predicado, e DEPOIS do pequeno traço vertical que indica o objeto direto. Assim fica ele diferenciado das meras frases adverbiais. — 2.ª) Se em vez de «Carlos acudiu ao pai», tivéssemos : «Carlos acudiu-lhe», esse *lhe* seria colocado debaixo do verbo, como no 2.º modelo do número 113, *mas também depois do traço vertical.* — 3.ª) A passiva impessoal pode reger um objeto indireto : «Obedecia-se à lei». O mesmo sucedia em latim : «*Invidetur potentibus.*»

Aos senhores professores que porventura compulsarem o presente livro, julgamos de utilidade algumas explicações como defesa de nossa maneira especial de encarar este assunto. — 1. Sendo este um dos pontos mais difíceis de ensinar aos meninos, porque a tendencia deles, muito natural, é confundirem o *lhe* objeto indireto com o *lhe* equivalente a uma simples frase adverbial (n. 113, modelo 3), afastamos esta lição das lições XVIII, XIX, e seguintes, com o intuito pedagógico de permitir que as noções ali ministradas se depositassem completamente no espírito infantil. — 2. Limitamos o objeto indireto aos complementos dos verbos enumerados no n. 259, por julgarmos que ir além é querer penetrar no intrincado das distinções desnecessarias e, sobre desnecessarias, impossiveis de apanhar por um aluno do 1.º ano ginasial. E' missão quase desesperadora fazer o menino enxergar alguma diferença entre as expressões : «Levei o livro *a* Pedro» e «Levei o livro *à* mesa». Instintivamente ele considera da mesmíssima forma

as expressões *a Pedro, à mesa*, isto é — considera-as como frases adverbiais, perfeitamente irmãs. E, de fato, buscar fazer aí uma distinção é, segundo pensamos, querer transportar para o domínio do português noções sutis de gramática latina : é introduzir, prejudicialmente, aqui, aquilo que somente lá tem uma razão de ser. Ainda melhor do que nós andaram os ingleses e americanos, que desconhecem por completo o objeto indireto, remetendo tudo para o domínio das frases adverbiais.

O objeto indireto era, em latim, o termo que, posto no **dativo**, recebia indiretamente a ação verbal. No latim, portanto, havia o **caso** para servir de critério gramatical : a **flexão nominal** tirava toda dúvida. Mas aconteceu que já em latim, com os verbos de movimento, o dativo e o acusativo com *ad* equivaliam-se ; tanto se podia dizer : «*Vexi librum Petro*», como «*Vexi librum ad Petrum*» ; «*Vexi librum ad mensam*», como «*Vexi librum mensae*».

Estava, pois, quase apagado o critério que separava o objeto indireto de qualquer modificador adverbial que se juntasse ao verbo.

Ora, no latim popular, com a morte do dativo, substituído em todos os casos pelo acusativo com *ad*, a distinção ainda mais se apagou, de forma que no português não é possível rastrear-lhe sequer vestígios.

De maneira que os gramáticos, segundo pensamos, se metem a fazer *teoricamente* uma distinção que não nos é possível tornar palpável nos exemplos que nos é dado analisar com a classe.

QUESTIONARIO

- 1 — Que é objeto indireto ? (253)
- 2 — Que é objeto direto ? (251)
- 3 — Que acontece com certos verbos ? (255)
- 4 — Qual é a construção mais antiga ? (256)
- 5 — Como se chamam os verbos que pedem objeto indireto ? (257)
- 6 — Que sucede quando a preposição *a* é a que aparece com o objeto ? (258)
- 7 — Quais são os principais verbos objetivos indiretos ? (258)
- 8 — Como se coloca em diagrama o objeto indireto ? (259, notas 1 e 2)

LIÇÃO XXXVIII

261. As sentenças até aqui analisadas continham um só sujeito e um só predicado. Por esse motivo todas elas são chamadas **sentenças simples**.

262. Mas, como vimos, o sujeito podia constar de um único substantivo (sujeito simples), ou de mais de um substantivo (sujeito composto). Da mesma forma, o predicado era simples (quando só havia um verbo), ou composto (quando havia mais de um verbo).

263. Ora bem, sempre que tivermos um sujeito ou um predicado composto, é possível desdobrarmos a sentença em *duas* ou mais partes, conforme o número de substantivos no sujeito, ou de verbos no predicado.

264. Assim, a sentença «As ruas e as praças estavam apinhadas de povo» pode ser decomposta em duas : «As ruas estavam apinhadas de povo», «As praças estavam apinhadas de povo». Repetiu-se, como se vê, o predicado.

265. Seja agora a sentença : «A arma disparou e feriu o menino». Desdobra-se em : «A arma disparou e a arma feriu o menino» ; ou ainda : «A arma disparou e *ela* feriu o menino». A repetição foi do sujeito, que no segundo caso apareceu em forma pronominal.

266. Cada uma dessas partes de que passa a compor-se a sentença recebe o nome de **cláusula**.

267. Costuma definir-se cláusula como sendo — *a parte de uma sentença que tem o seu sujeito e o seu predicado*.

268. A sentença que contém duas ou mais cláusulas denomina-se **sentença composta**.

269. As mais das vezes as cláusulas não são o fruto de um desdobramento de sentença simples. Assim, quando dizemos : «O homem põe e Deus dispõe», há aí duas cláusulas, mas não há desdobramento algum : nem se repetiu o sujeito, nem se repetiu o verbo.

270. As cláusulas podem constituir sentidos independentes entre si, como na sentença que acabamos de considerar : «O homem põe — Deus dispõe». Nesse caso, cada cláusula tem sua vida própria, e, separada das outras, forma por si só uma pequenina sentença.

271. Quando as cláusulas formam sentido independente, chamam-se **cláusulas coordenadas**.

NOTA. — Coordenar significa — *por as cousas em ordem, uma ao lado da outra*. Chamando, pois, algumas cláusulas *coordenadas*, queremos dizer que elas estão apenas reunidas, mas sem que uma dependa da outra. Daí se conclue que há cláusulas que **NÃO FORMAM SENTIDO INDEPENDENTE**. Nós logo falaremos nelas.

272. A sentença composta de cláusulas independentes ou coordenadas — denomina-se **sentença composta por coordenação**.

QUESTIONARIO

- 1 — Que é sentença simples? (261)
 - 2 — Que se pode fazer sempre que há um sujeito ou predicado composto? (263)
 - 3 — Que nome recebe cada parte de uma sentença desdobrada? (266)
 - 4 — Definam a cláusula (267).
 - 5 — Como se denomina a sentença que contem duas ou mais cláusulas? (268)
 - 6 — Como se chamam as cláusulas que formam sentido independente? (271)
 - 7 — Como se chama a sentença composta de cláusulas independentes? (272)
-

LIÇÃO XXXIX

273. As cláusulas coordenadas podem ligar-se umas às outras por intermedio de conjunções. Ex. : «O homem põe e Deus dispõe»; ou só pelo sentido : «O homem põe, Deus dispõe».

274. Se a ligação se faz por intermedio de uma conjunção, a cláusula recebe o nome de **coordenada sindética**.

NOTA. — O adjectivo *sindético* significa no grego — *aquilo que conjunta uma cousa com outra*.

275. Se a ligação se faz apenas pelo sentido, a cláusula denomina-se — **coordenada assindética**.

NOTA. — A partícula *a* posta antes de um adjectivo diz o contrario da idéia expressa por esse adjectivo: *acatólico* é o contrario de *católico*, *assindético* o contrario de *sindético*.

276. As conjunções que ligam as cláusulas coordenadas chamam-se **coordenativas**. Dividem-se em :

277. 1. Copulativas : *e, também* (em certas expressões).

NOTA. — Muitas outras existem, que na prática mostraremos. Por exemplo: *isto é, a saber, demais, outrossim, etc.*

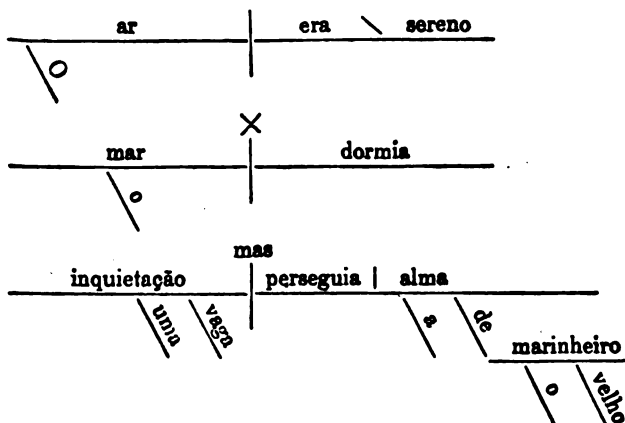
2. Disjuntivas : *ou, nem, ora* (quando empregada repetidamente: «*Ora um, ora outro falava*»).

3. Adversativas : *mas, porem, todavia, contudo, não obstante, antes, senão*.

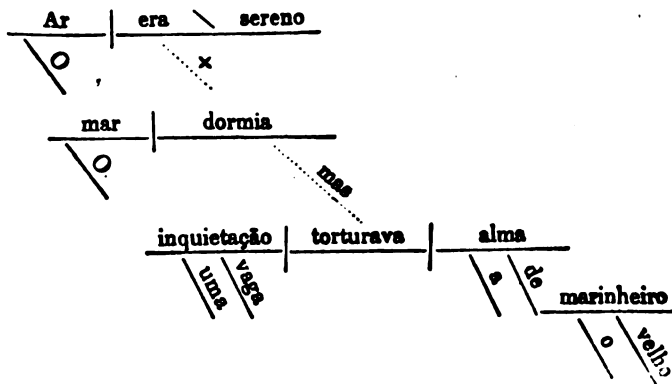
4. Conclusivas : *logo, pois*.

NOTAS. — 1.º) *Pois* é conjunção coordenativa conclusiva, quando vem POSPOSTA a qualquer palavra da cláusula por ela introduzida: «*O homem, pois, partiu*». Convem notar que somente quando pospositiva é que ela aparece entre vírgulas, como no exemplo acima. Se, porem, vem logo no inicio da cláusula por ela introduzida, não recebe vírgula e pertence a outra categoria, de que logo falaremos. — 2.º) Cumpre ainda observar que a mesma conjunção pode variar de categoria conforme o sentido. O aluno deve procurar descobrir a categoria pelo sentido expresso, e não colocar logo a conjunção em uma certa e determinada categoria. A conjunção *e*, por exemplo, que é quase sempre copulativa, passa a ser adversativa nesta expressão de Camões: «*Preso da Egipcia linda e não pudica*» — isto é, «*MAS não pudica*».

278. Coloquemos em diagrama a sentença: «*O ar era sereno, o mar dormia; mas uma vaga inquietação perseguia a alma do velho marinheiro*».



279. Aí temos uma sentença composta por coordenação. A 1.ª cláusula recebe o nome de principal, pelo fato de vir em 1.º lugar ; a 2.ª é coordenada assindética ; a 3.ª coordenada sindética adversativa. O sinal X indica ausencia de conjunção. Também poderíamos usar a fórmula seguinte, quase sempre preferível por facilitar a colocação das cláusulas, mas não tão expressiva como a primeira :



280. As linhas deverão partir de verbo a verbo, porque o verbo é a alma da sentença.

QUESTIONARIO

- 1 — De quantos modos podem as cláusulas coordenadas prender-se umas às outras? (273)
 - 2 — Que é *cláusula coordenada sindética*? (274)
 - 3 — Que é *cláusula coordenada assindética*? (275)
 - 4 — Como se chamam as conjunções que ligam as cláusulas coordenadas sindéticas? (276)
 - 5 — Quais são elas? (277)
 - 6 — Que diz a nota 1 a respeito de *pois*?
 - 7 — Que diz a nota 2 a respeito das conjunções?
-

LIÇÃO XL

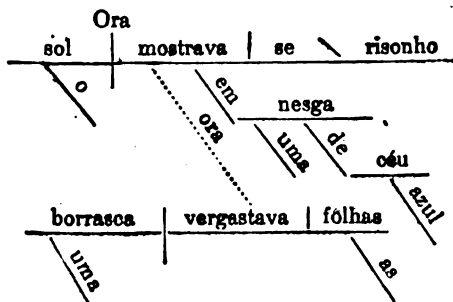
281. Analisar as sentenças :

1. O tempo correu admiravelmente bem ; o trabalho foi feito com a maior regularidade ; logo, a colheita deve ser esplêndida.
2. A riqueza doura a sabedoria e o talento, mas não os constitue.
3. Pedacos de areia reluziam em seco e a agua baixa arrastava-se com um marulho brando, toda enrugada do roçar dos seixos.
4. A agua abundava ; sobre as colinas erguiam-se fortalezas novas ; pedras sagradas delimitavam os campos.
5. A espada de bainha preta e copos de roca descansava fora do boldrié a seu lado, e a alabarda, insignia do posto, via-se encostada da outra parte.

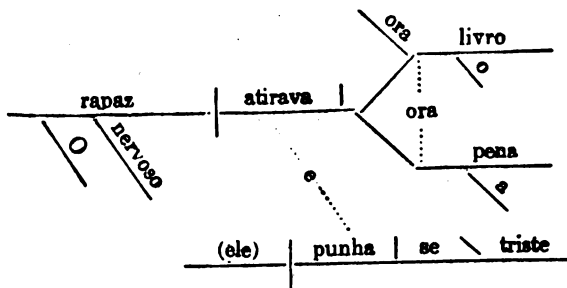
282. As conjunções *ora*, *ou* e *nem*, usadas repetidamente, oferecem casos curiosos em que a conjunção não *liga*, mas simplesmente *introduz* uma cláusula, ou um elemento qualquer da cláusula. Assim, na sentença :

«Ora o sol se mostrava risonho em uma nesga de céu azul, ora uma borrasca violenta vergastava as folhas».

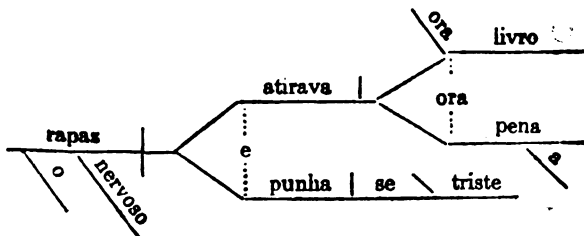
283. Em diagrama :



284. Seja ainda a sentença : «O rapaz, nervoso, atirava a cada passo ora o livro, ora a pena, e punha-se triste».



285. Repetindo-se o sujeito na forma pronominal, consideramos a sentença como composta, contendo duas cláusulas. Mas podíamos fazer de outro modo.



286. Neste caso consideramos a sentença como *simples*, de *predicado composto*. Esta segunda maneira de analisar é quase sempre preferível, não só porque simplifica muito, como porque solve dificuldades serias.

NOTA. — Há casos, porem, em que o deadiobramento é forçoso : quando, por exemplo, vem com o sujeito um modificador que ele só aceita quando funciona como sujeito de um dos verbos, mas não do outro.

LIÇÃO XLI

287. Nas sentenças compostas por coordenação chamamos *principal* a cláusula que vem em primeiro lugar. A razão do nome é fraca, mas é conveniente, como a experiencia mostrará.

288. Agora, porem, vamos ver outra especie de sentenças compostas em que há uma cláusula chamada *principal*, não pelo simples fato de vir em primeiro lugar, mas porque ocupa realmente um papel superior. E', por assim dizer, a cláusula *comandante*.

289. Em redor da principal se reuñem outras cláusulas secundarias, que só vivem quando ligadas a ela ; que estão como que debaixo de suas ordens e por isso se denominam — *cláusulas subordinadas*.

290. A sentença que contem uma cláusula *principal* e outras que são *subordinadas* a esta, chama-se — *sentença composta por subordinação*.

291. Estudemos, por exemplo, a sentença «Eu irei quando ele vier». Vê-se logo qual é a principal : *Eu irei*. Ela tem vida propria, o que não acontece com a outra : *quando ele vier*. Esta, se a separarmos da companhia, fica a pedir ao nosso espírito que a liguemos de novo, para que possa formar sentido.

QUESTIONARIO

- 1 — Qual a razão por que se dá o nome de *principal* a uma das cláusulas da sentença composta por coordenação? (287)
 - 2 — Que é — *sentença composta por subordinação*? (290)
 - 3 — O nome de *principal* dado agora a uma das cláusulas tem a mesma razão de ser que na sentença composta por coordenação? (288)
 - 4 — Que são *cláusulas subordinadas*? (289)
-

LIÇÃO XLII

292. Até aqui, nas sentenças analisadas, jogamos quase que só com os pronomes pessoais, também chamados — **pronomes substantivos**.

293. E' tempo agora de encarmos a outra classe de pronomes chamados — **pronomes adjetivos**. Este nome lhes foi dado pelo fato de que eles em geral pressupõem um substantivo ao qual se referem.

294. Por exemplo, na sentença : «O homem, que nós vimos, faleceu», essa palavra *que* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo *homem*.

295. Os pronomes adjetivos dividem-se em :

1. **Demonstrativos** : *isto, isso, aquilo, o*.

NOTA. — *O* é pronome adjetivo demonstrativo em expressões como esta : «Dizem isso, mas eu não *o* creio», isto é — *não creio isso que dizem*. E' também pronome demonstrativo na expressão *o que* quando o elemento *o* pode ser transformado em **AQUILO**.

2. **Interrogativos** : *quem*. Ex. : «*Quem fez isso?*»

3. **Relativos** : *que, o qual, cujo, quem, onde ou aonde, quanto, o que*.

4. **Indefinidos** : *tudo, nada, alguém, ninguém, algo*.

NOTAS. — 1.ª) *Quem* quando é pronome relativo, não faz interrogação alguma. Ex. : «*Quem diz o que quer ouve o que*

não quer». «*Quem quer vai, quem não quer manda*». — 2.º) *Onde* é chamado pelos gramáticos em geral — *adverbio conjuntivo*. E de fato, embora a sua função principal seja a de pronome relativo, não deixa ele de exercer uma função adverbial modificadora do verbo. — 3.º) *Quanto* é pronome relativo nas expressões *tudo quanto, todos quantos, tanto quanto*. — 4.º) *O que* é pronome relativo quando não se pode separar em dois elementos, de modo que o fique equivalente a *AQUILO*. (Ver 295, 1, nota).

296. O substantivo ou pronome que **antecede** os pronomes relativos chama-se por isso mesmo — **o antecedente**. Na sentença: «O homem, que nós vimos ontem, faleceu», *homem* é o *antecedente* do pronome relativo *que*.

NOTA. — Obedecendo ao critério geral que nos guia, a saber a simplificação das teorias gramaticais, não fizemos distinção entre pronomes relativos e adjetivos relativos, não só por julgarmos desnecessária — e portanto inconveniente — semelhante distinção, como porque em gramática histórica geralmente só se fala em *pronomes relativos*. Não queremos dizer, está claro, que *qual*, por exemplo, não exerça a função adjetiva em expressões como: «Avistei o homem, o qual homem, etc.». Mas mesmo aí ele não perde completamente o seu caráter de pronome. E como é *pronome adjetivo*, cumpre apenas aos professores salientarem a função adjetiva incidentemente assumida.

Em latim *qui* é pronome, e como tal é classificado: o que não impede os gramáticos de ensinarem que às vezes *qui* funciona como adjetivo. Foi esse o nosso critério.

LIÇÃO XLIII

297. A lição anterior preparou os espíritos para o que vamos hoje dizer.

298. As cláusulas subordinadas podem ter **três funções**.

- a) **Função adjetiva.**
- b) **Função adverbial.**
- c) **Função substantiva.**

299. As cláusulas de natureza adjetiva são introduzidas pelos pronomes relativos (n. 295, 3). Na sentença: «O homem,

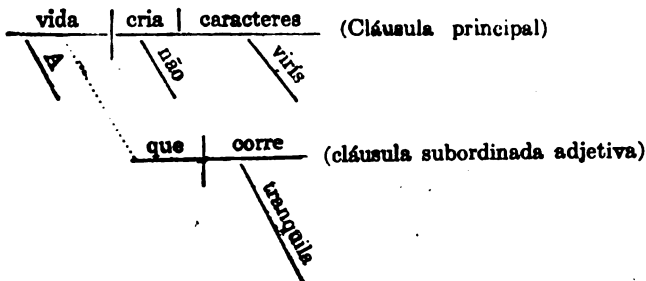
que nós vimos ontem, faleceu», há duas cláusulas. A principal é: «O homem faleceu». A outra («que nós vimos ontem») é subordinada adjetiva, introduzida pelo pronome relativo *que*: *que nós vimos* é igual a «visto» por nós.

300. O pronome relativo *que* ou faz a função de sujeito ou a de objeto: raramente a de atributo.

NOTA. — Por aquí se vê que o relativo *que*, NUNCA PODE VIR NA LINHA PONTUADA. O MESMO SUCEDE COM OS DEMAIS RELATIVOS.

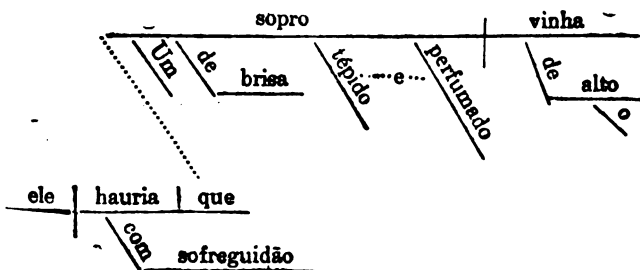
301. Em função de **sujeito**: «A vida que corre tranquila não cria caracteres viris».

Em diagrama:

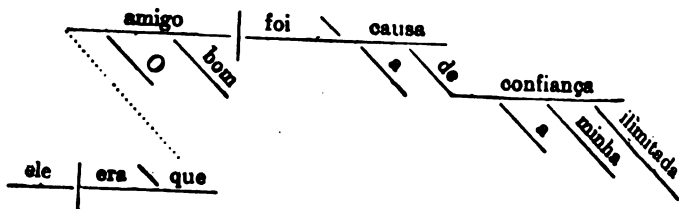


NOTA. — *Tranquila* pode ser colocado também como atributo, ficando o verbo *correr* na função de verbo *atributivo* ou *de ligação*. Há ocasiões em que um adjetivo pode ser colocado como simples *modificador* do sujeito, como *advérbio*, ou como *atributo*, indiferentemente.

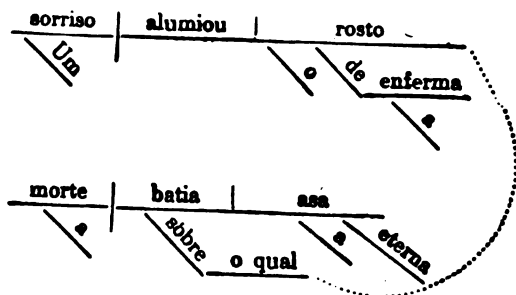
302. Em função de **objeto**: «Vinha do alto um sopro de brisa, tépido e perfumado, que ele hauria com sofreguidão».



303. Em função de atributo : «O bom amigo que ele era foi a causa da minha confiança ilimitada».



304. Os pronomes relativos podem vir regidos de preposição. Ex. : «E' muito pouco o tempo *com que* contamos». Nesse caso eles formam com a preposição uma frase que vai modificar um elemento da cláusula subordinada adjetiva. Coloquemos em diagrama esta sentença : «Um sorriso alumiou o rosto da enferma, sobre o qual a morte batia a asa eterna».



305. A tendencia dos alunos principiantes seria colocar a frase *sobre o qual debaixo* de *rosto*, na cláusula principal. E' um erro que se repete em certos casos mesmo depois de varias advertencias.

306. Daí o tirarmos esta regra absoluta : «O pronome relativo nunca funciona na cláusula em que se acha o substantivo a que ele se refere».

LIÇÃO XLIV

307. Sentenças a analisar :

1. Os homens que não se vingam são sempre os mais bem vingados.
 2. A ventura dos maus tem o brilho e a duração do relâmpago que precede e anuncia o raio.
 3. O elogio que mais saboreamos é de ordinario o que menos merecemos.
 4. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com seus últimos raios.
 5. Agora o sol irradia, inunda a terra, torna rutilantes as paredes das casas, que, vistas de longe, parecem salpicadas de neve.
 6. A cigarra, na grande luz tépida que dourava o colmo da casinhola, entrou a cantar.
 7. Eu não te sei dizer o que era aquela música sobrenatural.
- NOTA. — Esse o depois do verbo *dizer* é pronome demonstrativo. (Vide o n.º 295, 1, nota.) Equivale a *AQUILO*.
8. Toda aquela sombria Diana esguedelhada, que se chama a floresta, dormia sob a opressão da neve, triste, silenciosa, estoica, soberba.
 9. No portal havia um nicho com um santo de pedra, que lia uma biblia, tambem de pedra.
 10. O mundo latino, em todos os seus aspectos políticos, sociais, literarios, científicos, morais e económicos, governa-se ainda infelizmente pelas normas e ditados de uma antiga sociedade, em que a desigualdade e o privilegio, na sua mais imoderada aspiração, constituam o principio dominante da vida nacional.
 11. Um sol ardente, implacavel, de que resulta uma temperatura de 45 graus à sombra, dardeja fogo pelos rasgões da folhagem sobre a agua dormente.
 12. Um corpete, dos que então se chamavam *Mimosos*, de seda preta com guarnições singelas, e cintura curtíssima, desenhava mal a rara elegancia daquele corpo esbelto, moldado pelas graças.

LIÇÃO XLV

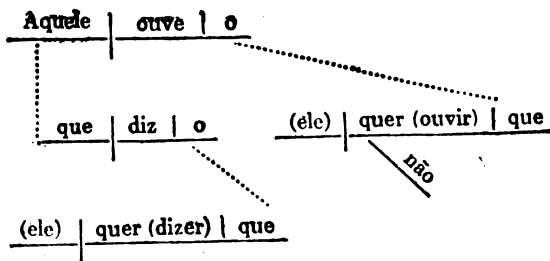
308. O pronome relativo *quem* é igual a *aquele que*. Para analisar-se, é preciso desdobrá-lo nesses dois elementos.

309. Com ele aparecem sempre dois verbos ; de modo que o primeiro elemento (*aquele*) funciona com o segundo verbo, e o segundo elemento (*que*) funciona com o primeiro verbo.

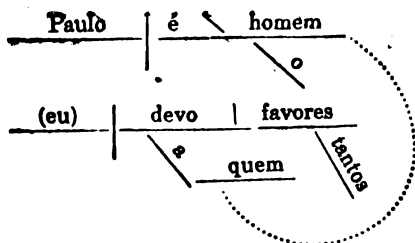
310. Seja a sentença : «Quem cala consente». Desdobrando o *quem*, temos : «Aquele que cala consente». *Aquele* é o sujeito de *consente*, e *que* é sujeito de *cala*.

NOTA. — *Aquele* é um adjetivo substantivado, devido à supressão da palavra *homem*.

311. Coloquemos em diagrama a sentença : «Quem diz o que quer ouve o que não quer».



312. Quando, porem, o pronome relativo *quem* está regido de preposição, às vezes não se desdobra nos dois elementos acima mencionados. Por exemplo : «Paulo é o homem a quem tantos favores devo».



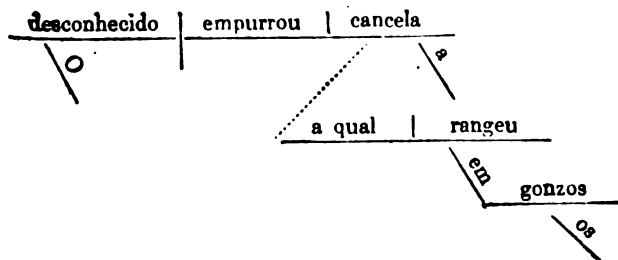
NOTA. — *Quem*, servindo de objeto, vem sempre regido da preposição *a*, que, em análise, não é tomada em consideração, como em o n.º 122. Ex.: «O homem *a quem* sirvo é generoso e honesto».

313. Analisar as sentenças :

1. Quem não tem medo, vive sem resguardo e acaba cedo.
2. Quem não é grato, menos será pagador exato.
3. Quem mais estudou o passado melhor sabe e pode ler o futuro.
4. Quem arma o seu inimigo a si proprio se desarma.
5. Não espereis moralidade em quem não tem pontualidade.
6. Para quem ama e teme a Deus não há neste mundo completa desgraça.
7. Esse homem, para quem não há piedade na terra, é o chefe altanado da oligarquia do Norte.
8. Em larga roda de novéis guerreiros
Ledo caminha o festival Timbira
A quem do sacrificio cabe a honra.

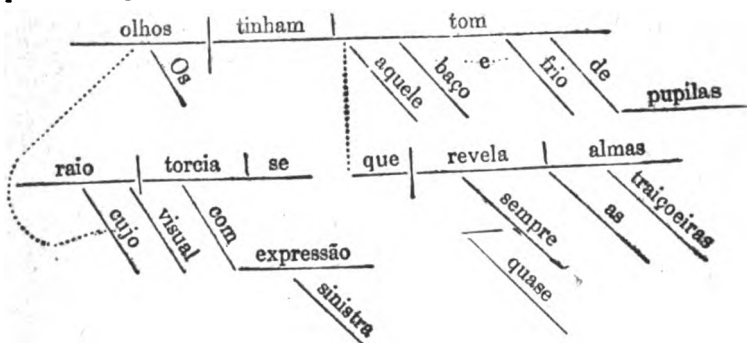
LIÇÃO XLVI

314. Os pronomes relativos *o qual*, *onde*, *cujo*, não oferecem grande dificuldade. Ex.: «O desconhecido empurrou a cancela, a qual rangeu nos gonzos».

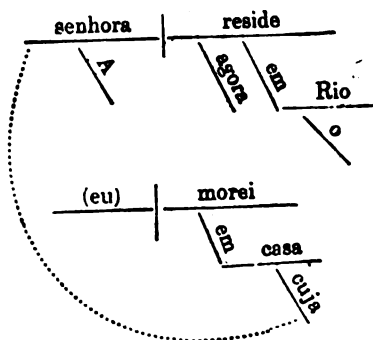


NOTA. — *O qual*, *a qual* colocam-se como um todo em diagrama, isto é, sem se separarem os elementos, *o*, *a*, e *qual*.

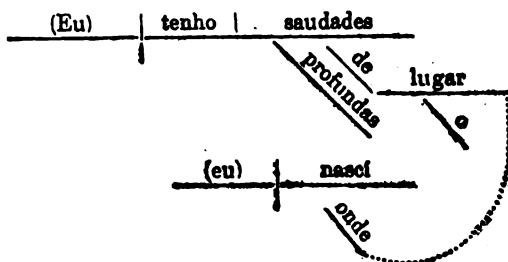
315. «Os olhos, cujo raio visual se torcia com sinistra expressão, tinham aquele tom baço e frio de pupilas que revelava sempre as traçojeiras».



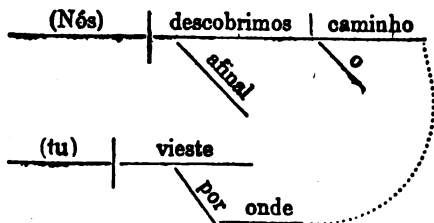
316. «A senhora, em cuja casa morei, reside agora no Rio».



317. «Tenho profundas saudades do lugar onde nasci».



318. «Descobrimos afinal o caminho por onde vieste».



319. Em todos os exemplos acima temos, pois, sentenças compostas por subordinação, com uma cláusula principal e uma ou mais cláusulas subordinadas adjetivas.

320. O pronome relativo *onde* às vezes não tem um substantivo claro ao qual se refira. Exemplo : «Ele deixava doces recordações onde passava». Nesse caso é preciso subentender o substantivo *lugar* : «Ele deixava doces recordações (no lugar) onde passava».

NOTA. — Essa omissão já vem do latim. Na *Imitação de Cristo* lê-se : «Non est homo securus a tentationibus totaliter, quandiu vixerit, quia in nobis est UNDE tentamur». A versão portuguesa diz : «O homem, enquanto vive na terra, nunca está completamente ao abrigo das tentações ; porque em nós está o MOTIVO PELO QUAL (*unde*) somos tentados».

321. Analisar por diagrama :

1. Que horroroso crime expiava o palacio deserto, cujos vigamentos podres estalavam com o peso de telhados arrombados, cujos moveis ruidos de caruncho se desfaziam no pó da velhice e do abandono ?
2. Pastam na relva alguns bois mansos, em cujos grandes olhos pensativos se espelha a tranqüila imagem do local.
3. No meio das damas, açafatas, camaristas e criados, pálidos e sufocados, o príncipe D. João, sua esposa a princesa D. Carlota, seus filhos e sua mãe a rainha D. Maria I, cujos gritos de demencia cortavam o coração, diziam o último adeus à terra de seu berço.
4. À beira da agua, onde borboletas rutilantes, do tamanho de um palmo, adejam sobre os ramalhetes

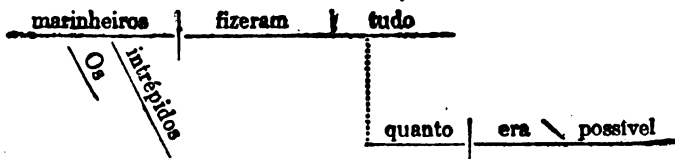
multicores dos nenúfares e sobre as folhas gigantescas das vitorias regias, enfloram-se em anfiteatro verdejante os rododendros.

5. Nas tabas por onde passa, e na terra de seus pais, ele conta aos velhos, que depois ensinam aos moços, as proezas dos heróis que viu em seu caminho, de quem recebeu o abraço da paz.

NOTA. — Neste exemplo, de Alencar, omitimos por conveniência a conjunção *e* em certo trecho.

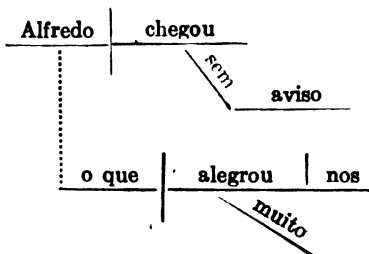
LIÇÃO XLVII

322. «Os intrépidos marinheiros fizeram tudo quanto era possível».



NOTA. — Às vezes *quanto* aparece sozinho, com o seu antecedente oculto. Ex.: «Ele disse *quanto* quis», isto é — *tudo quanto quis*.

323. «Alfredo chegou sem aviso, o que muito nos alegrou».



NOTAS. — 1.ª) A cláusula — *o que muito nos alegrou* — não modifica uma palavra em particular na cláusula principal, mas modifica-lhe todo o sentido. Estas cláusulas denominam-se

— ADJETIVAS IMPROPRIAS. — 2.ª) Os alunos devem ter cuidado para não confundir estes casos com aqueles em que entram em combinação o pronome demonstrativo *o* e o pronome relativo *que*. Ver o n.º 295, nota 4, e o n.º 311. — 3.ª) Também não devem confundir com os casos em que, pela supressão de um substantivo, o adjetivo articular *o* se substantiva. Ex.: «*O* que faz isso é mau». «*Os* que fazem isso são maus»; isto é: «*O* homem que faz isso, etc.» — 4.ª) Por vezes, mormente em português arcaico, o relativo, nas cláusulas adjetivas impróprias, aparece na simples forma *que*, em vez de *o que*.

324. Analisar por diagrama :

1. Os que mais querem subir são por vezes os que menos o merecem.
2. Não faças a outrem o que não queres para ti.
3. O correio trouxe essa nova, o que espantou todo o mundo.
4. Conduzimos da casa tudo quanto encontramos.
5. Todos quantos se achavam presentes manifestaram descontentamento.
6. Quantos andavam por aqueles lados apanhavam febre.

LIÇÃO XLVIII

325. As cláusulas subordinadas adverbiais assim se denominam, como logo se vê, porque exercem a função de advérbios. Quase sempre modificam o verbo.

326. A maior parte das cláusulas subordinadas adverbiais são ligadas por uma classe de conjunções chamadas **subordinativas**.

327. Dividem-se as conjunções subordinativas em :

1. **Temporais :** *Quando, enquanto, logo que, assim que, desde que, apenas, mal, etc.* Ex. : «*Saíremos quando ele chegar, apenas ele chegar, etc.*»

2. **Causais** : *porque, pois*. Ex. : «Não fui, porque choveu», «Prendi-o, pois não estudava a lição».

3. **Finais** : *que* (com o sentido de *afim de que*). Camões escreveu :

«Co'os panos e c'os braços acenavam
Às gentes lusitanas *que esperassem*».

4. **Concessivas** : *embora, quando, ainda que*. Ex. : «Não creio em tal cousa, *embora* o afirmem» ; «*Quando* assim acontecesse, ainda não havia razão para temores».

NOTA. — As conjunções *ou, quer, seja* (repetidas e com o conjuntivo) entram nesta categoria.

Está-se claramente vendo que só o sentido é que determina se a conjunção *quando* é *temporal* (327, 1) ou *concessiva*.

5. **Consecutivas** : *de modo que, de maneira que, de tal modo que*, etc.

6. **Condicionais** ou **hipotéticas** : *se, contanto que, salvo se*, etc.

7. **Comparativas** ou **intensivas** : *como, como se, que* (ou *do que, qual, tal qual, tanto quanto, tão... que, tão... como*). Ex. : «Era alto como uma perobeira» ; «Tinha mais agilidade *que* (*do que*) um gato».

NOTAS. — 1.º) Com as cláusulas subordinadas adverbiais comparativas dá-se um fenómeno curioso, que os alunos devem ter claro na mente : é a **OMISSÃO DO VERBO**, que se dá na grande maioria dos exemplos. «Pedro é tão sabio como João», isto é «*como João é sabio*». Em geral é necessario subentender o verbo (e às vezes outros elementos) da cláusula a que se prende a subordinada comparativa. Ex. : «Tinha mais agilidade *do que* um gato (tem agilidade).» — 2.º) Às vezes as expressões *assim, assim tambem, do mesmo modo*, etc., entram pleonasticamente nas cláusulas subordinadas adverbiais comparativas, e precisam, pois, de ser eliminadas. Ex. : «Assim como a cortiça vem sempre à tona da agua, *assim tambem* os homens de mérito real têm de boiar». Aquí a análise nos manda suprimir o *assim tambem* que acompanha a cláusula principal.

328. Todas essas conjunções subordinativas ligam cláusulas subordinadas adverbiais. Resta agora uma só, que

não liga cláusulas adverbiais : é a subordinativa **integrante**. Esta liga cláusulas subordinadas substantivas, de que logo falaremos.

329. A conjunção subordinativa integrante é **que**.

330. Daí o podermos tirar a regra: «Excetuando-se a conjunção integrante **que**, todas as mais conjunções subordinativas ligam cláusulas subordinadas **adverbiais**».

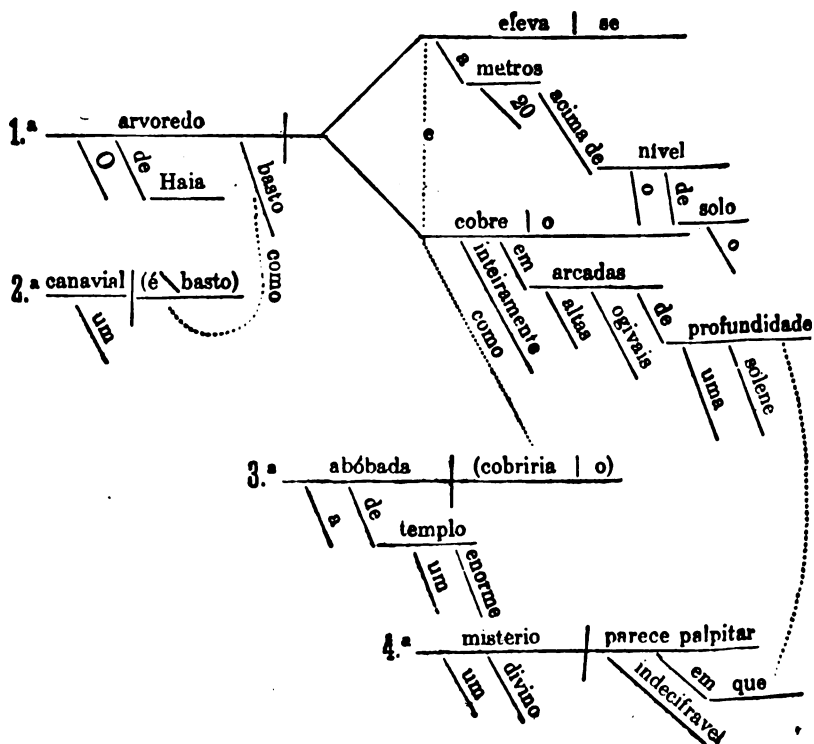
331. Muitas outras conjunções existem, que os alunos poderão descobrir pelo sentido no decorrer dos exercícios. As que apresentamos aqui são as principais e servem para encaminhar a mente juvenil a achar por si mesma *muitas* que omitimos. Nessa pesquisa individual o mais importante é descobrir pelo sentido, pela função, se a cláusula introduzida por uma conjunção é *coordenada* ou *subordinada adverbial*: a meticulosa apreciação do valor exato de cada conjunção não tem grande importancia prática, ainda que seja de real utilidade como ginástica intelectual.

LIÇÃO XLIX

332. No diagrama, a cláusula subordinada adverbial prende-se à principal por uma linha pontuada que vai de **verbo** a **verbo**, e na qual se coloca a conjunção. Nas adverbiais *comparativas*, porém, a linha pode partir de um *adjetivo* ou de um *adverbio*.

Modelos :

333. 1. «Basto *como* um canavial, o arvoredado de Haia eleva-se a 20 metros acima do nível do solo e cobre-o inteiramente, *como* a abóbada de um enorme templo, em altas arcadas ogivais, de uma profundidade solene, *em que* parece palpitar, indecifrável, um misterio divino».



NOTA. — E' indiferente que a linha pontuada onde se acha a conjunção caia directamente sobre o verbo (como na 3.ª cláusula), ou venha apanhá-lo debaixo da linha horizontal (como na 2.ª cláusula).

Discussão do diagrama. Sentença composta por subordinação.

1.ª cláusula. Principal.

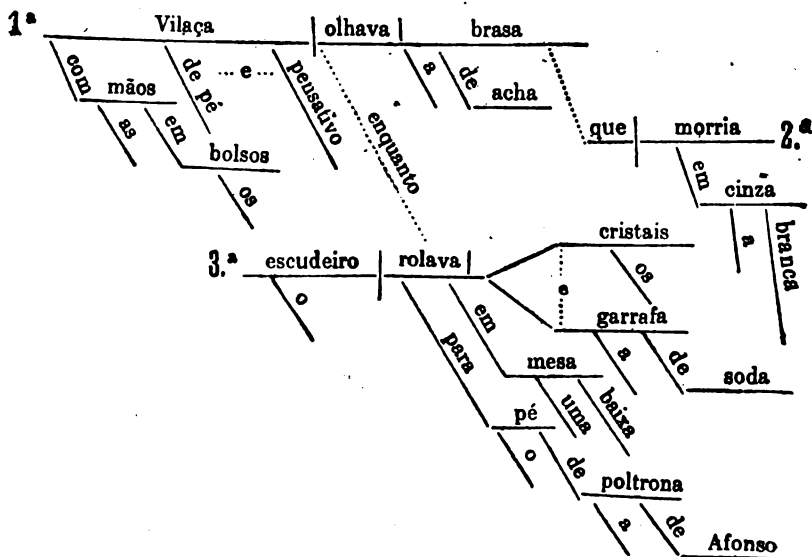
2.ª cláusula. Subordinada adverbial comparativa, modificando o adjetivo *basto*.

3.ª cláusula. Subordinada adverbial comparativa, modificando o verbo *cobre*.

4.ª cláusula. Subordinada adjetiva.

2. «Enquanto o escudeiro rolava para o pé da poltrona de Afonso, em uma mesa baixa, os cristais e a garrafa de soda,

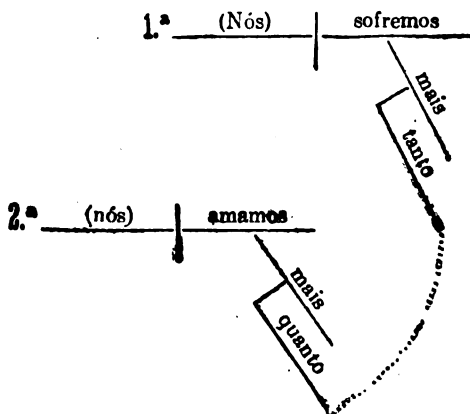
Vilaça, com as mãos nos bolsos, de pé e pensativo, olhava a brasa da acha que morria na cinza branca ».



Discussão. Sentença composta por subordinação.

1.^a cláusula. Principal. 2.^a cláusula. Subordinada ad-
jetiva. 3.^a cláusula. Subordinada adverbial temporal.

3. «Quanto mais amamos, tanto mais sofremos».



Discussão. Sentença composta por subordinação.

1.ª cláusula. Principal.

2.ª cláusula. Subordinada adverbial comparativa.

LIÇÃO L

334. Sentenças a analisar :

1. Não trabalha com a mira em honras ou riquezas quem se preza de valente e honrado.
2. Quando a imoralidade invade as classes elevadas, nunca deixa de exercer pernicioso influencia sobre as camadas inferiores da sociedade.

NOTA. — Há aqui uma inversão da ordem. A cláusula principal vem depois da subordinada. Posto claro o sujeito da principal, esta ficará sendo : «*Ela* nunca deixa de exercer pernicioso influencia sobre as camadas inferiores da sociedade». e a subordinada é : «quando a imoralidade invade as classes elevadas». Mas não é natural que a principal comece por um pronome, e que o substantivo a que esse pronome se refere só apareça funcionando na subordinada. O melhor é inverter os termos. Teremos então o seguinte : «*A imoralidade* nunca deixa de exercer pernicioso influencia sobre as camadas inferiores da sociedade, quando *ela* invade as classes elevadas».

3. Não se mede a grandeza de um país pela extensão do seu territorio, *senão* pelo valor do seu povo.
4. Os maiores heróis são aqueles de quem o mundo não chega a ter conhecimento.

NOTA. — *Chega a ter* deve ser considerado como uma única expressão verbal.

5. Quanto menores forem as nossas ambições, quanto mais sobria for a nossa vida, tanto mais felizes seremos, porque uma vida desinteressada destrói os vícios, extingue os desejos, fortalece a alma, eleva o espírito.
-

LIÇÃO LI

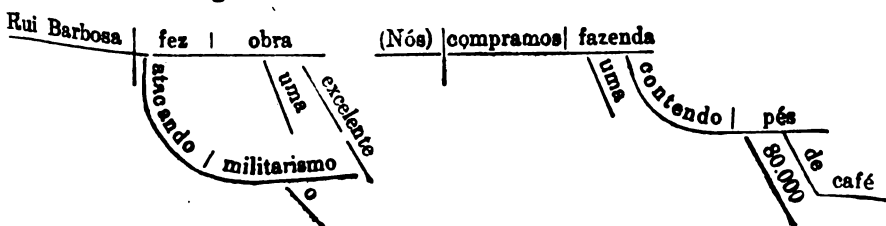
335. O gerundio, sendo parte do infinito, é, por sua natureza, elemento *subordinado*: equivale, pois, a uma cláusula subordinada.

NOTAS. — 1.º) O modo conjuntivo e o infinito são por sua própria natureza subordinados, razão por que NUNCA O VERBO DA CLÁUSULA PRINCIPAL PODE ESTAR NESSES MODOS, mas só no indicativo, imperativo ou condicional. 2.º) Quando o gerundio é igual ao nosso infinito preposicionado com o valor do *infinito histórico* do latim, equivale a uma cláusula *coordenada*, como neste exemplo de Herculano: «Aquí verieis os esculcas a aninharem-se nas guaritas das torres; os roldas e sobreroldas a fugirem pelos adarves; os facheiros a sumirem-se debaixo das almenaras; os hadjis a acolherem-se às mesquitas molhados até os ossos; as velhas, que tinham saído ao vozear do almoadem, levadas pelas torrentes das ruas tortuosas e estreitas, bradando por Mafoma e por Alá. E agua CAINDO». *Caindo*, isto é — *a cair*, ou simplesmente — *caía*.

336. Como tal o gerundio pode fazer, no entanto, duas funções: uma *adverbial* e outra *adjetiva*. Assim, quando dizemos: «Rui Barbosa fez uma excelente obra atacando o militarismo», esse gerundio *atacando* equivale a uma cláusula adverbial de tempo: *quando atacou*. Modifica, portanto, o verbo.

337. Mas na sentença: «Compramos uma fazenda contendo 80.000 pés de café» o gerundio *contendo* equivale a uma cláusula adjetiva: *que contem*. Modifica, por consequencia o substantivo.

Em diagrama:

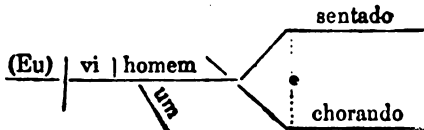


338. Quase sempre o sujeito do gerundio é o mesmo da cláusula a que ele se prende; algumas vezes, contudo, ele tem

sujeito proprio. Ex. : «Chegando o expresso, parte o trem de carga».

NOTA. — A colocação natural do gerundio no diagrama é em linha curva. Com isso não só significamos que ele participa da natureza de um adjetivo e da natureza de um verbo, mas facilitamos a colocação dos objetos, quando requeridos pelo gerundio. Nem sempre, porém, essa colocação é possível; quando o gerundio tiver sujeito proprio, como no exemplo acima, a sua colocação precisa ser como a de outro qualquer verbo. O mesmo acontece quando ele vem regido de preposição. Ex. : «Em nascendo, expirou».

339. O gerundio pode ainda fazer a função de *subatributo*. Ex. : «Vi um homem sentado e chorando».



Nesse caso ele está fazendo o papel de cláusula adjetiva : *que chorava*.

O melhor, porém, é dá-lo como simples adjetivo, do mesmo modo que o participio passado ou qualquer outro adjetivo em função de subatributo, o que simplifica muito a análise.

340. O infinito, regido de preposição, também faz por vezes a função de subatributo e equivale, pois, a uma *cláusula adjetiva*. «Vi o homem a cantar», isto é — «o qual cantava».

NOTA. — O gerundio e o infinito preposicionado, servindo de subatributo ou de cláusula adjetiva, representam em português o *participio presente latino*. Vi um homem cantando (ou a cantar) dizia-se em latim : «Vidi hominem canentem». A doutrina, modernamente pregada, de que o gerundio com valor de cláusula adjetiva é sintaxe bastarda, imitação do francês, não tem o mínimo fundamento histórico, conforme provamos a saciar em nosso estudo — «Um ensaio de sintaxe histórica. A evolução do gerundio» (1). Essa doutrina nasceu do abuso

(1) Esse estudo foi perfilhado pelo professor E. C. Pereira na sua *Gramática histórica*, e provocou de Meyer Lübke a seguinte carta :

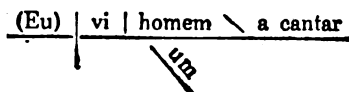
— Monsieur, je vous remercie de votre article — Questions filologiques. La question que vous traitez est très difficile et pour cela très intéressante. Je suis disposé à accepter votre point de vue, contre l'opinion de Mr. Leite et de feu Moreira. — C'est un grand mérite de poursuivre ces études dans une région qui est aussi éloignée des centres scientifiques que le Brésil, et je vous félicite de votre zèle. J'espère bien que vous continuerez. Bien à vous.

Bonn, Coburgstrasse 4.

MEYER LÜBKE

ultimamente praticado por escritores como Eça de Queiroz e Euclides da Cunha, no emprego do gerundio com a referida função lógica. Os clássicos não malsinaram nunca tal emprego, mas eram muito mais parcimoniosos do que os modernos. EIS TUDO QUANTO SE PODE DIZER. O abuso moderno todavia explica-se, atendendo-se a que o espírito propende para a simplicidade, e o gerundio é mais simples do que a perfrase com uma cláusula adietiva.

341. Modelo de diagrama : «Vi um homem a cantar».



NOTAS. — 1.ª) Convém conservar a preposição *a* ao lado do infinito, formando com ele uma unidade, mesmo porque, além do mais, não se lhe percebe uma função clara. — 2.ª) É assim que se analisam certas expressões clássicas, em que as formas passivas, pronominais ou não, se seguem verbos no infinito com o valor de subatributo. Ex.: «*Viam-se em derredor ferver as praias*» (CAMÕES). «*Ouviam-se ladrar os cães*». (HERCULANO). Está claro que em vez do infinito pode vir o gerúndio em tais construções. Ex.: «*Viam-se em derredor *fervendo* as praias*». — 3.ª) Cumpre, porém, observar que também se pode dizer: «*Via-se em derredor FERVEREM as praias*». Nesse caso a análise é outra, como logo mais estudaremos. Rebelo da Silva escreveu: «*Via-se as ervas crescerem no patio*».

LIÇÃO LII

342. Analisar as sentenças:

1. A um lado, no bastidor, sobre a tela repregada, notava-se ainda a agulha picando a talagarsa na pétala delicada da flor, cujo matiz (ela) deixara em meio.
2. A noite, cujos primeiros véus já começavam a cobrir as terras baixas, enquanto os derradeiros raios do sol esmoreciam na coroa dos outeiros, avizinhava-se toldada de castelos de nuvens, que surgiam do sul, listrando o horizonte de barras cinzentas, rasgadas de espaço em espaço pelos clarões dos relâmpagos.

3. À vista do referido não era totalmente irracional a presunção daquele convidado, reservando as moscas para alguém que as desejasse (BERNARDES).
4. Ao grande Assuero, senhor de cento e vinte e sete províncias, representa a Escritura Divina assentado no seu real trono e todo chamejando esplendores de ouro e pedraria preciosa (IDEM).

NOTA. — Vejam o n. 122.

5. D. José I, fraco, ignorante e nulo, teria seguido o miserável trilho de seus antecessores, se a Providencia, por um desses prodígios que raramente ela repete, lhe não impusesse um homem que, apoderando-se de sua vontade, reinasse em seu lugar.
6. Na garganta da serra ou sobre o outeiro,
Pelo pinhal da encosta ou na campina,
Nesse dia de atroz carnificina
Negros uns vultos vaguear se viam.
7. No meio da impetuosidade e do júbilo com que os soldados católicos, quase certos da vitória, corriam sobre os infieis desbaratando-os, a voz de Pedro Lopes, que servia de capitão do terço, mudou em um instante o aspecto da batalha.

LIÇÃO LIII

343. Podemos agora considerar as **cláusulas substantivas**. Assim se chamam porque fazem as funções de um substantivo, como vamos ver.

344. Por exemplo, a função de sujeito, com os verbos impessoais *parece, consta, urge, convem, insta*, etc. Ex. : «*Parece que vai chover*», «*Consta que a cidade foi tomada*», «*Urge que façamos isso*», etc.

345. Aí as cláusulas — *que vai chover, que a cidade foi tomada, que façamos isso* — são sujeitos dos verbos impessoais

parece, consta e urge. O que nos leva a voltar rasto atrás, afim de falarmos de novo a respeito dos verbos impessoais. Dissemos (n. 197) que eles se usam na 3.^a pessoa do singular, *sem sujeito*. Agora podemos acrescentar : *ou tendo por sujeito apenas uma cláusula*. — Tal acréscimo não podíamos dá-lo antes desta lição, porque seria lançar uma confusão funesta no espírito de cada aluno. Lá, falamos do geral : agora estamos aptos para enfrentar os casos particulares ou as exceções.

346. Também com as expressões — *é certo, é justo, é conveniente*, etc., funcionam como sujeito cláusulas substantivas : «*E' certo que ele vem.*» *Que ele vem* é o sujeito do verbo *é*, e *certo* faz a função de atributo.

347. O substantivo serve de objeto ; pois bem, há cláusulas com idêntica função : Ex. : «*Espero que apareças breve.*» *Que apareças breve* é o objeto de *espero*.

348. O substantivo serve de atributo ; por semelhante modo há cláusulas fazendo esse papel. Ex. : «*O meu desejo é que sares logo.*» *Que sares logo* é o atributo, preso ao sujeito pelo verbo *é*.

349. Ligado por uma preposição, como já sabemos à saciedade, o substantivo forma frases de natureza adjetiva ou adverbial, conforme a função ; assim também há cláusulas no mesmo caso, isto é — que apanhadas por uma preposição, como se fossem meros substantivos, formam com ela uma frase, adverbial ou adjetiva conforme a função. Assim, em vez de «*Tenho precisão da tua vinda*», podemos dizer : «*Tenho precisão de que venhas*».

350. Cláusulas há que funcionam como substantivos apostos. Ex. : «*Só alimento um desejo : que venhas.*» *Que venhas* é aposto de *desejo*.

351. As cláusulas substantivas são em geral introduzidas pela conjunção subordinativa integrante *que*.

NOTA. — Certos alunos mantêm por largo tempo a confusão entre o pronome relativo *que* e a conjunção integrante. Esquecem-se de que o pronome se refere a um *substantivo* (ou pronome) antecedente, e a conjunção quase sempre está unida

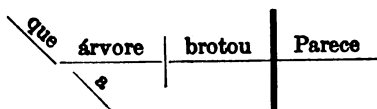
a um verbo, ao qual ela prende uma cláusula em função de sujeito, de objeto ou de atributo.

352. As cláusulas substantivas são, pois :

1. Subjetivas.
2. Objetivas.
3. Atributivas.
4. Completivas prepositivas ou fraseológicas.
5. Apositivas.

353. Colocação em diagrama.

1. Substantiva subjetiva : «Parece que a árvore brotou».

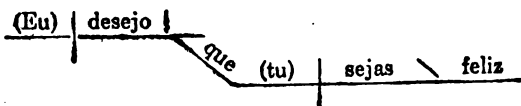


Discussão. — Sentença composta por subordinação.

Cláusula principal : *Parece*.

Cláusula subordinada, substantiva, subjetiva : *que a árvore brotou*.

2. Substantiva objetiva : «Desejo que sejas feliz».

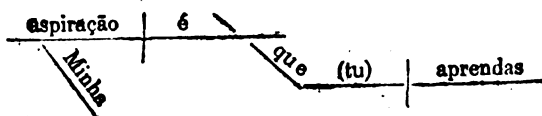


Discussão. — Sentença composta por subordinação.

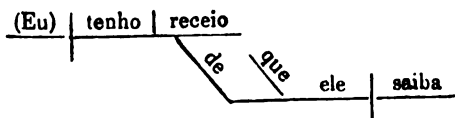
Cláusula principal : — *Eu desejo*.

Cláusula subordinada substantiva objetiva : *que tu sejas feliz*.

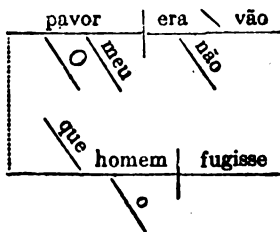
3. Substantiva atributiva : «Minha aspiração é que aprendas».



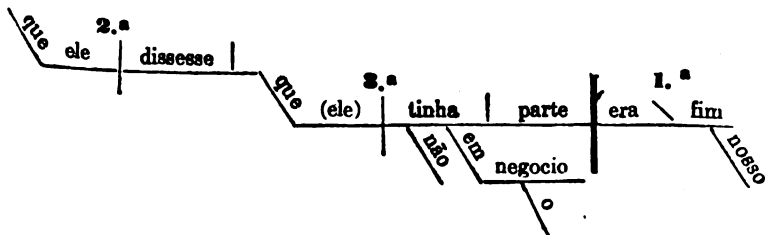
4. Substantiva fraseológica : «Tenho receio de que ele saiba».



5. Substantiva apositiva : «O meu pavor — que o homem fugisse — não era vão».



354. Há ainda casos curiosos em que o sujeito é expresso por mais de uma cláusula. Ex. : «Nosso fim era que ele dissesse que não tinha parte no negócio».



Discussão : — Cláusula principal : *era nosso fim*.

Cláusula subordinada substantiva subjetiva (propriamente) : *que ele dissesse*.

Cláusula subordinada substantiva objetiva : *que ele não tinha parte no negócio*.

Como se vê, esta última cláusula, objeto do verbo *dissesse*, não deixa de ser, em parte, sujeito de *era*.

NOTAS. — 1.ª) Quando o sujeito é cláusula, o traço que o separa do predicado deve ser bem marcado, para que se possa ver logo onde se acha o verbo da principal. Veja-se a diferença entre o traço antes de *tinha* e o traço antes de *era*. — 2.ª) Na sentença acima o substantivo *fim* pode ser considerado como sujeito da cláusula principal, e a cláusula — *que ele dissesse* — como atributo. As sentenças ou cláusulas em que o sujeito e o atributo podem trocar as suas posições sem que o sentido sofra com isso, são denominadas **CONVERSÍVEIS**.

LIÇÃO LIV

355. Analisar :

1. Parece, sr. presidente, que uma resposta categórica se deve dar.
2. Eu sei, senhores, que as teorias filantrópicas exigem imediatamente a realização dos seus desejos.
3. Quando Galvani descobriu que a perna de uma rã se contraía ao contacto de metais, quem poderia ter imaginado que esse fato, tão insignificante na aparência, daria resultado tão importante?

NOTA. — Considere-se *poderia ter imaginado* como um só verbo.

4. Tendo Galileu sabido por acaso que um certo Lipershey, holandês e fabricante de óculos, tinha oferecido ao conde Mauricio de Nassau um instrumento por meio do qual os objetos distantes pareciam estar mais próximos do espectador, procurou a causa de tal fenómeno, acabando por inventar o telescópio, pelo qual principalmente começou a ciência moderna da astronomia.

NOTAS. — 1.ª) Para bem se analisar esta sentença veja-se o que dissemos em o n.º 334, sentença 2, nota. — 2.ª) Pode-se considerar *acabando por inventar* como uma única expressão verbal. O mesmo se dá com *pareciam estar*.

5. Quem teria imaginado que os famosos rochedos brancos de Albion foram edificados por insetos tão pequenos, que só foram descobertos com o auxilio do microscópio, da mesma ordem daqueles que enriqueceram o oceano com ilhas de coral?

NOTA. — *Que*, adiante de *pequenos*, é conjunção comparativa (327, 7). Coloca-se na linha pontuada que deve partir de *tão* e finalizar no verbo *foram descobertos* (Ver o n.º 332, no final do parágrafo).

6. Aqueles que observam a vida prática vêem que a fortuna está geralmente do lado do homem industrioso, como os ventos e as ondas estão ao lado dos melhores navegantes.
7. O poeta Wordsworth disse com muito acerto que «a dependencia e a independencia, a confiança nos outros e a confiança em nós mesmos, cousas tão opostas, devem entretanto caminhar a par».

LIÇÃO LV

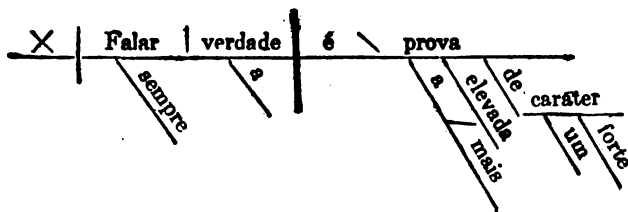
356. O modo infinito, do qual já estudamos uma parte — o gerundio — é rico em aplicações na lingua portuguesa.

357. Já o vimos com valor de cláusula adjetiva, quando funciona como subtributo, regido de preposição (ver o n.º 341). Vê-lo-emos agora em função substantiva.

358. 1. Começaremos pela função de sujeito, que ele pode fazer sozinho ou em composição com outros elementos, constituindo, num e noutro caso, uma cláusula substantiva **subjettiva**. Ex.: «**Viver** é fácil ; *saber viver* é que é difícil » ; « *Falar* sempre a verdade é a mais elevada prova de um carater forte ».

359. Nesses exemplos o infinito funciona de modo absoluto, **sem sujeito**.

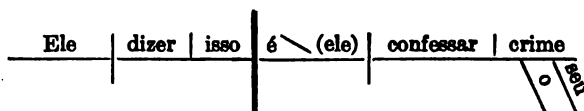
Em diagrama :



360. Outras vezes há sujeito claro. Ex. : «Dizer ele isso é confessar o seu crime».

361. 2. Função de atributo. Está representada na sentença acima (n. 360) pela cláusula — «*confessar o seu crime*».

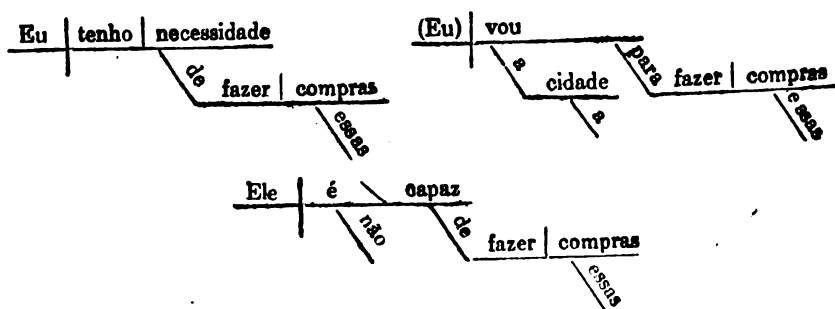
Em diagrama :



362. Formando cláusula de natureza substantiva, mas dentro de uma frase adverbial ou adjetiva. Ex. : «Tenho necessidade de *fazer essas compras*» ; «Vou à cidade para *fazer essas compras*» ; «Ele não é capaz de *fazer essas compras*».

363. Segundo se vê claramente, a cláusula *fazer essas compras* equivale a um substantivo, razão por que as preposições *de* e *para* puderam ir ao seu encontro. (Veja-se o n. 23, letra g) Em composição com essas preposições ela forma uma frase ora adjetiva, ora adverbial, conforme a função.

364. Em diagrama :



NOTA. — O infinito *fazer* pode ter claro o sujeito *eu* ou *ele*, como o infinito *confessar*, no diagrama n.º 361.

365. Se, em vez de um infinito, vier o conjuntivo com a conjunção integrante *que*, temos análise idêntica. Ex. : «Tenho necessidade de *que venhas*». «Dei ordens para *que venhas*» ;

«Estamos ansiosos para *que venhas*». Ver o n. 353, sentença 4, quanto ao diagrama.

366. Em todos esses casos a preposição, em vez de encontrar um substantivo, como era de esperar numa sentença simples, encontrou uma *cláusula subordinada substantiva*. Nada mais lógico. E com essa cláusula forma ela uma grande frase, cuja natureza só se pode determinar pela função; adjetiva, se modifica um substantivo; adverbial, se modifica um verbo ou um adjetivo.

367. Daí podemos tirar esta regra: Todas as vezes que uma cláusula — com o verbo no infinito ou no conjuntivo — for ligada por uma preposição a um verbo, a um adjetivo ou a um substantivo, essa cláusula será de *natureza substantiva*.

NOTAS. — 1.º) Os gramáticos em geral fazem GRANDE CONFUSÃO neste ponto. Por exemplo, na sentença: «Fomos à cidade para fazer compras», dizem que *para fazer compras* é uma cláusula adverbial. Porém na sentença: «Ele não é capaz de fazer compras classificam de fazer compras como cláusula substantiva, ainda que a expressão toda esteja modificando um adjetivo! Tudo vem de introduzirem a preposição como elemento constitutivo da cláusula. Este é um dos pontos em que a nossa classificação de frase adjetiva e frase adverbial (ver os ns. 17 e 18) revela a sua utilidade: ela nos forra dessas incoerências e faz o aluno claramente enxergar que, em análise, as formas complexas nada mais são do que a evolução natural, a reprodução apenas ampliada, das formas simples conhecidas. — 2.º) Os gramáticos em geral tomam as expressões *afim de que*, *para que* como sendo conjunções. Nesse caso as cláusulas por elas ligadas serão *subordinadas adverbiais*. Não há nisso, praticamente, nenhuma inconveniência.

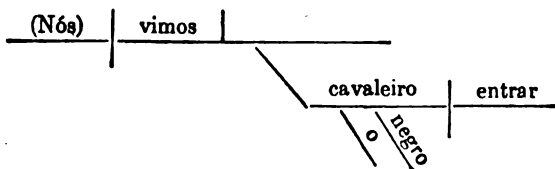
368. Às vezes o infinito de um verbo parece estar em composição com outro verbo que aparentemente lhe serve de auxiliar, quando, na realidade, cada um deles é um elemento que funciona separadamente. Seja, por exemplo, a sentença: «Vimos entrar o cavaleiro negro». A tendência do aluno é enxergar em *vimos entrar* uma única expressão verbal e dar-lhe *cavaleiro* como objeto (o que é erro), analisando assim:

(Nós)	vimos entrar	cavaleiro
		o negro

369. Isto nos leva a observar que, numa expressão verbal composta de dois ou mais verbos, o ultimo verbo é que determina a natureza da expressão toda com respeito à predicação : isto é, se o **último** verbo for de predicação completa, a expressão toda o será ; se for de predicação incompleta, o mesmo sucederá com a expressão em conjunto. Seja a expressão : «Ele *tinha principiado a fazer* o negocio». O verbo *fazer*, de predicação incompleta, objetivo, determina a natureza da expressão toda : *negocio* é objeto da expressão *tinha principiado a fazer*. Pelo contrario, na sentença : «Ele *tinha principiado a andar*», a expressão toda é de predicação completa, porque o verbo *andar* o é.

370. Diante disso, está evidentemente **errado o diagrama acima**, porque *entrar* não pode pedir objeto. E' que, em vez de uma sentença simples, o que ali existe é uma sentença composta por subordinação, com uma cláusula subordinada substantiva objetiva.

Em diagrama :



NOTA. — Esta cláusula infinitiva pode ser posta em diagrama à semelhança da infinitiva atributiva do n.º 361. Por semelhante modo, aquela pode ser posta conforme este modelo, que é preferível.

371. Em casos como esses o sujeito do infinito pode ser expresso pelos pronomes obliquos *me*, *te*, *se*, *o*, *a*, *nos*, *vos*, *os*, *as*. Ex. : «Vimo-lo ferir-se». Observem mais estes exemplos :

«...viram os tronos vacilar ou aluirem-se ; viram os principios novos germinarem (R. DA SILVA).

«...viu alvejar os turbantes, e, depois, surgirem rostos tostados». (HERCULANO).

«Há homens cujo furor extremo é necessario excitar para os fazer depor o manto e o punhal, e agredirem pela frente». (IDEM).

NOTAS. — 1.º) Quando, em tais construções, o infinito tem sujeito plural, mas segue-se aos verbos *ver*, *ouvir*, *fazer*, *deixar* e *mandar*, pode vir na forma pessoal ou impessoal, tal como provam os exemplos acima. — 2.º) Outrossim, se o infinito for *transitivo*, é indiferente que o pronome da 3.ª pessoa seja expresso pela forma *o* ou *lhe*. Ex.: «Vi-o fazer isso», ou «Vi-lhe fazer isso». Se, porém, o infinito não for transitivo, só se emprega a forma *o*. Ex.: «Vi-o morrer», mas nunca «Vi-lhe morrer». — 3.º) Eis aí um caso especial em que um pronome no caso *obliquo* pode servir de sujeito, a saber — quando vem com um verbo no infinito. E' exactamente o que se dava em latim: «Post ubi ILLAS audivi loqui...» (PLAUTO).

372. O infinito muitas vezes vem determinado pelo artigo, como se fosse mero substantivo. Ex.: «O comer com pressa faz mal à saúde». Isto nos prova de forma palpavel o quanto de substantivo existe na natureza do infinito.

LIÇÃO LVI

373. Analisar as sentenças abaixo :

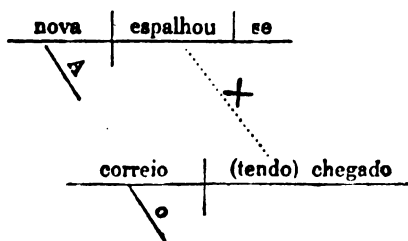
1. Fazer mal aos animais é indício de mau carater.
2. A ambição de dirigir os homens é alimentada quase sempre pelos menos aptos.
3. A simpatia é a capacidade de sentir os sofrimentos, as dificuldades e as desesperanças do próximo.
4. A essencia da mais acrisolada civilização é aceitar o cumprimento do dever a troco de qualquer sacrificio.
5. Para gozar de mais completa liberdade espiritual precisa o espirito de ser esclarecido pelo saber.
6. E' obvio que, por não ser boa a direção dada a um carater, a vontade firme e tenaz torna-se simplesmente uma força para o mal.
7. E' um dever para todo homem cuja sorte tem sido favorecida, que goza das vantagens da fortuna, da illustração ou da influencia social, de que tantos se vêem privados, o empregar ao menos uma parte do seu tempo e do seu dinheiro no melhoramento social.

LIÇÃO LVII

374. Até aqui vimos o *participio passado* funcionando sempre como simples adjetivo. Vamos encontrá-lo agora em função verbal.

375. Assim, quando dizemos: «Chegado o correio, espalhou-se a nova», o participio *chegado* equivale a «*tendo chegado*», ou «*assim que chegou* o correio». Constitue com a palavra *correio* uma cláusula subordinada adverbial temporal, na qual ele funciona como verbo. Tais cláusulas chamam-se **participais**.

376. Em diagrama :



NOTAS. — 1.ª) E' quase sempre util, para maior clareza, fazer o participio em tais casos vir acompanhado de um gerundio, que pode ser *tendo* ou *sendo*, conforme o sentido o requeira ; e às vezes até por formas compostas, como *tendo sido*. O participio representa um verbo passivo. — 2.ª) Observem que a cláusula do participio, em semelhantes construções, vem separada por vírgula. — 3.ª) A natureza dessa cláusula só pode ser determinada pelo sentido, como succede com as gerundivas.

377. Às vezes, ainda quando o participio pode ser considerado como simples adjetivo, é de necessidade **transformá-lo em cláusula adjetiva**, na qual ele funciona como parte de uma expressão passiva. Por exemplo : «Os homens encontrados mortos eram caçadores». Aquí somos forçados a fazer a transformação indicada, para que *mortos* funcione como sub-atributo da passiva : «que foram encontrados *mortos*».

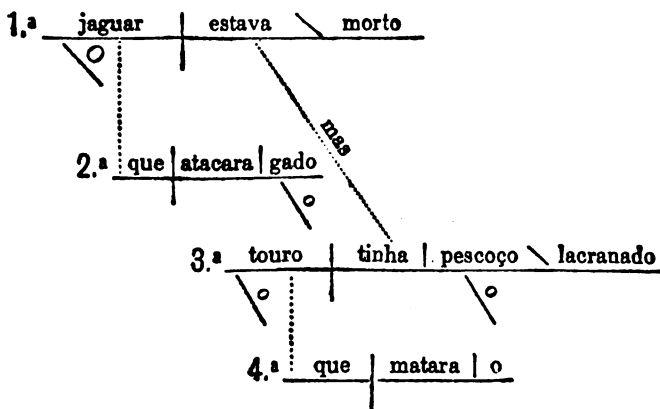
378. Analisar as sentenças :

1. Dado o sinal que fora convencionado, a tropa atirou contra o povo inerte.
2. O único monumento sobrevivente do florescimento grego de Alexandria é uma coluna gigantesca e esbelta, resto do Serapeum, chamada, sem razão alguma, Coluna de Pompeu.
3. Aberto o pequenino cofre, que um laço de fita azul apertava, apareceram às piedosas reliquias, objeto de tamanhos carinhos.
4. Um sintoma característico do sentimento de igualdade social é o aspecto geral do povo nas grandes reuniões em que ele concorre com as demais classes vulgarmente chamadas superiores.

LIÇÃO LVIII

379. Às vezes, dentro da mesma sentença, encontramos cláusulas coordenadas e cláusulas subordinadas. Nesse caso a sentença tem o nome de **mista**. Ex. : «O jaguar, que atacara o gado, estava morto, mas o touro, que o matara, tinha o pescoço lacranado».

380. Em diagrama :



Discussão. Sentença mista.

- 1.ª cláusula. — *Principal.*
- 2.ª cláusula. — *Subordinada adjetiva.*
- 3.ª cláusula. — *Coordenada sindética adversativa.*
- 4.ª cláusula. — *Subordinada adjetiva.*

381. Analisar :

1. O incendio destruidor a galopar com furia,
Como um Átila, arrasta a túnica purpurea
Nos bosques seculares.
E, Laocoontes senís, os troncos viridentes,
Torcem-se, crepitando entre as rubras serpentes
Com as caudas de fogo em convulsões nos ares.
2. O Brasil chegara enfim à idade viril e não era possível
que continuasse por mais tempo sob a tutela da antiga
metrópole.
3. À noite, de bordo do *Etna*, vaporzinho que ia largar
para Malta, viam-se as luzes da cidade e ouvia-se a
música militar tocando pelas ruas de Siracusa.
4. Dois soldados de vestidos encarnados perfilavam-se na
bateria ; um resto de sol fez reluzir as cornetas que
embocaram e, por algum tempo, ouvimos as notas
prolongadas, lentas, tristes como a dilaceração da sau-
dade, em modulações sonoras, repetidas, atenuadas no
eco distante, espaiadas e desfalecidas no ar, fundidas
e desfeitas nas ultimas irradiações luminosas que, em-
palidecendo, se apagaram na lividez do ceu e no azul
sombrio e logo enegrecido do mar.

LIÇÃO LIX

382. Há sentenças em que se encontram cláusulas curiosas. Nelas figuram pronomes relativos que aparentemente introduzem certas cláusulas, quando, na verdade, vão funcionar em outras,

383. Seja a sentença : «O livro que eu desejava que viesse chegou afinal pelo último correio». Aí vemos o relativo *que* introduzindo *aparentemente* a cláusula : *eu desejava*. Se meditarmos um pouco, porem, veremos que ele vai funcionar na outra cláusula «que viesse», na qual serve de sujeito.

384. A sentença fica tendo, pois, as seguintes cláusulas :

1 — «O livro chegou afinal pelo último correio».

2 — «eu desejava».

3 — «que que viesse».

385. A segunda cláusula, que à primeira vista se nos afigurava adjetiva, só o é aparentemente. Chamar-lhe-emos, portanto — **falsa adjetiva**. E a terceira, que nos parecia substantiva apenas, surge-nos como substantiva e adjetiva ao mesmo tempo !

386. E cumpre observar que os casos de dupla natureza em uma cláusula não são tão raros que justifiquem o silencio guardado a respeito desse fenômeno pelos nossos mais meticolosos gramáticos.

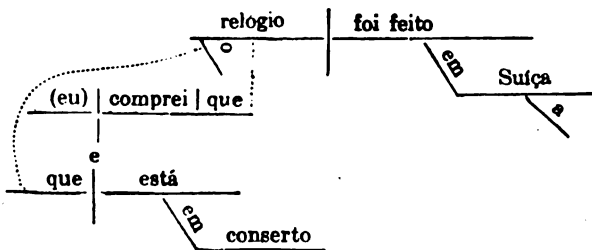
387. Analisar as sentenças abaixo :

1. Um bigode quase todo branco, espetado nas guias como as sedas de um chicote, e o resto da cara rapado e escanhado cuidadosamente, afinam perfeitamente o tipo singular e repugnante deste personagem funesto que as desgraças civis fizeram sobrenadar com as escumas sociais, mas que as galés, cedo ou tarde, hão de recolher como um filho pródigo, se as iras populares se lhes não anteciparem.
2. «Seguido de um mastim seu predileto, a pé e com uma ascuma na mão, foi-se através das brenhas, por uma vereda que dizia para os píncaros tristes e ermos, onde era tradição que a linda dama tinha aparecido a seu pai». (HERCULANO).

LIÇÃO LX

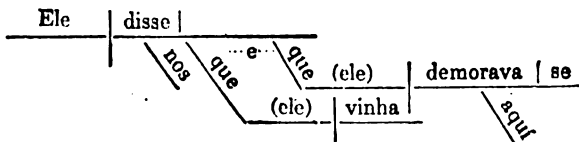
388. Resta-nos falar dos casos em que aparentemente temos uma **sentença mista** quando, na realidade, o que há é uma sentença composta por subordinação. Ex. : «O relógio que comprei e que está em conserto foi feito na Suíça». — Neste exemplo a presença da conjunção **e** faz supor que temos uma cláusula coordenada sindética copulativa. E' um puro engano. Essa conjunção está apenas aproximando duas cláusulas subordinadas e indicando que a segunda é da mesma natureza que a primeira. A ligação dessas cláusulas com a principal é feita, não pela conjunção **e**, mas pelo pronome relativo **que**, tanto num como noutro caso.

389. Eis o diagrama :



NOTA. — A aproximação pode também ser feita do verbo *comprei* ao verbo *está* por uma linha pontuada na qual se colocará a conjunção **e**.

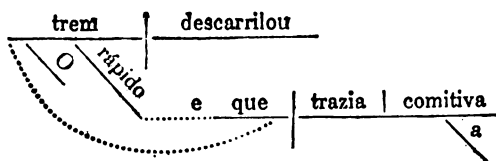
390. Outro exemplo : «Ele nos disse que vinha e que se demorava aqui».



Neste exemplo temos duas cláusulas subordinadas substantivas objetivas, ligadas à principal pela conjunção su-

bordinativa integrante *que*, mas aproximadas entre si pela conjunção coordenativa *e*, cuja missão é mostrar que ambas são perfeitamente irmãs.

391. Às vezes uma conjunção coordenativa aproxima uma cláusula adjetiva, ligada por qualquer dos pronomes relativos, a um simples adjetivo ou a uma frase adjetiva. Ex. : «O trem rápido e que trazia a comitiva descarrilou».



392. Analisar as sentenças abaixo :

1. A navalha de ponta e de cabo de osso, que trazia na cintura, era afamada em toda a comarca pela habilitade com que a jogava ou com que sabia atirá-la de arremesso aonde punha o alvo.
2. Passados meses, o burel grosseiro,
O leito de cortiça, e a fervorosa
E continua oração foram cerrando
No coração dos míseros as chagas
Que o mundo sabe abrir, mas que não cura.
3. A falange de grandes nomes, que já citamos, ao correr da pena, de homens saídos das classes laboriosas e tornados célebres na ciencia, no comercio, na literatura, nas belas artes, prova que, em resumo, não são insuperaveis todas as dificuldades que oferecem a pobreza e o trabalho.

LIÇÃO LXI

393. Não queremos concluir estas lições de análise sem fazer ver aos alunos que não pretendemos haver encarado todas as dificuldades que existem em nossa lingua. Há mesmo em

todas as linguas dificuldades invencíveis, verdadeiros absurdos, cousas que contradizem à lógica em vez de se submeterem às suas leis. Muitas vezes tais absurdos se originam de que alguns elos, que prendiam as diversas partes do pensamento, se foram perdendo através dos tempos com o intuito de se abreviarem as expressões. Nada é tão apto como o diagrama para nos fazer esbarrar com essas falhas a cada passo, graças ao tremendo rigor de lógica a que o processo nos obriga.

394. Trataremos aqui apenas de algumas das dificuldades mais comuns. Começaremos pela expressão *é que*. Ex. : «Eu *é que* sou o mau». «Nos *é que* falamos nisso». — A melhor maneira de resolver a dificuldade é considerar o elemento *é que* como mero *expletivo* (ver o n. 120, nota) e deixá-lo de lado : *eu é que sou o mau* ficará reduzido a — *eu sou o mau*. E' sempre possível fazer-se isto.

395. As cláusulas subordinadas adverbiais ligadas pela conjunção *senão*, exigem em geral três cousas para que haja uma análise satisfatória.

- 1.ª — Repetir o verbo da cláusula principal.
- 2.ª — Subentender nesta cláusula o pronome indefinido *nada*.
- 3.ª — Desdobrar *senão* nos seus dois elementos constitutivos (*se e não*), funcionando *se* como conjunção e *não* como advérbio ligado ao verbo.

Por ex. : «O moço não desejava *senão* dinheiro». — «O moço não desejava (*nada*) *se não* (desejava) dinheiro».

396. Com a comparativa *que* ou *do que* é também necessário subentender o verbo — e às vezes outros elementos — da cláusula com a qual a comparação se faz. (ver o n. 327, 7, nota.) Quando à conjunção comparativa *que* ou *do que* se segue um infinito, em geral esse infinito funciona como cláusula substantiva junto ao elemento subentendido. Ex. : «Respirar uns ares puros é mais conveniente do que tomar drogas», isto é — «do que tomar drogas (é conveniente)».

397. Às vezes, para simplificar a análise, o verbo subentendido pode juntar-se ao infinito, como seu auxiliar, formando ambos a cláusula comparativa.

Só os casos particulares é que determinarão o melhor caminho a seguir.

398. Na expressão «Não tenho cousa *que* fazer» pode-se, para facilidade de análise, subentender um verbo junto ao infinito *fazer* : por exemplo, *que* (possa) *fazer*.

NOTA. — Cumpre observar, porem, que este recurso não condiz com a historia da lingua. Tal construção já existia no baixo latim, onde o infinito usurpava nesse caso o lugar do conjuntivo. Santo Agostinho escreveu : «*Non habent quid respondere*» (DIEZ, III, 112).

399. Com o verbo *ser*, conforme o n.º 354, nota 2, as cláusulas substantivas podem às vezes ser consideradas como subjetivas ou atributivas, indiferentemente.

400. Muitas vezes encontram-se cláusulas substantivas introduzidas por *como*, *porque*, *quando*, *se*, todas elas mais ou menos com o carater de dúvida ou interrogação, mas encaixadas numa das divisões de que trata o n. 352. Ex. : «Não sei *como* isso aconteceu, *quando* isso aconteceu, *porque* isso aconteceu, *se* isso aconteceu. Nesses casos, *como*, *porque*, *quando*, *se*, podem ser considerados como conjunções subordinativas **interrogativas**, e as cláusulas substantivas por elas ligadas, sem deixarem de ser *subjetivas*, *objetivas*, etc., devem denominar-se — **interrogativas indiretas**.

Tambem se encontram tais cláusulas com os adjetivos e advérbios interrogativos *quanto*, *qual*, *onde*, etc.

401. Há caso em que as conjunções *como*, *porque*, *se*, etc. melhor serão consideradas como subordinativas **integrantes** ligando simples cláusulas substantivas, como a integrante *que*.

402. Finalmente encontram-se exemplos em que *como* é perfeitamente igual à expressão — «*modo pelo qual*» — e, portanto, introduz cláusulas adjetivas ; assim como se deparam exemplos em que *quando*, ligado a um substantivo com a idéia de tempo, prende tambem cláusulas adjetivas e equivale à expressão «*em que*», devendo, pois, ser considerado como **pronome relativo** : *tempo quando*, *momento quando*.

LIÇÃO LXII

403. A colocação dos pronomes na sentença recebe o nome de **sínclise pronominal** ou **topologia pronominal**.

404. Tomemos três sentenças : «Eu esperei-o ontem», «Eu o espero hoje», «Eu esperá-lo-ei amanhã».

405. Na primeira sentença o pronome obliquo vem *depois* do verbo. A essa sínclise ou colocação dá-se o nome de **ênclise**.

406. Na segunda vem *antes* do verbo : a sínclise recebe o nome de **próclise**.

407. Na terceira vem *no meio* do verbo : a sínclise denomina-se **mesóclise**.

ÊNCLISE

408. Dá-se a ênclise :

- a) Quando o pronome se prende a um verbo colocado no começo da sentença : «Parece-me que chove». Não se poderia nunca iniciar uma sentença com um pronome obliquo. Donde podemos até doutrinar de modo mais facil talvez de se gravar na memoria, dizendo : — «O pronome obliquo nunca se escreve com letra maiúscula».
- b) Nas cláusulas substantivas infinitivas. Ex. : «...o queimar é sentir-se, o queimar é vingar-se». (VIEIRA).
- c) Nas cláusulas adverbiais comparativas em que entrar um infinito : «Ele não fazia mais do que vingar-se».
- d) Nas cláusulas gerundivas em geral : «O oficial, achando-se doente, não pode cumprir as ordens».

Com os imperativos positivos, no português moderno : «Com toda a urgencia, manda-me o remedio».

PRÓCLISE

409. a) Pode-se dizer, de um modo geral, que todos os advérbios, preposições e conjunções atraem o pronome oblíquo para antes do verbo, isto é — provocam a próclise. Ex. : «Se **me** fizeres isso, zango-me», «Não tens razão para **me** dizeres isso», «O não **me** dizeres isso foi um crime». — Como se vê, a conjunção *se*, a preposição *para* e o advérbio *não* reclamaram o pronome proclítico. E' uma questão de eufonia : ensaiem os alunos a colocação depois do verbo e verão que repugna ao ouvido.

b) A próclise é exigida com especialidade pelos advérbios de negação : *não, nunca, jamais* : «Não **se** diz isso», «Nunca **se** fez tal coisa».

c) Todos os pronomes relativos exigem a próclise : «Este é o homem que **me** ofendeu». «Eis o lugar onde **nos** encontramos», «Aquele é a moça cujo noivo **se** suicidou».

d) Também os pronomes indefinidos — *tudo, nada, ninguém* : «Nada **se** cria, tudo **se** perde»; «Ninguém **se** iluda».

e) A próclise é de rigor com os participios passados : «Eu tenho-lhe feito favores» : nunca «Eu tenho feito-lhe».

MESÓCLISE

410. Dá-se com o futuro do indicativo e com o condicional : «Dir-lhe-ei toda a verdade», «Considerá-lo-íamos um traidor».

411. De forma nenhuma se poderia usar a ênclise nesses dois casos ; mas poder-se-ia usar a próclise em vez da mesóclise : «Nós o considerariíamos um traidor».

SÍNCLISE VARIÁVEL

412. Quando temos um verbo auxiliar seguido de um infinito, a sínclise varia.

Podemos usar três fórmulas :

1.ª) Auxiliar + pronome + infinito. Ex. : «Desejo-lhe falar.»

2.ª) Pronome + auxiliar + infinito : Ex. : «Hoje o irei procurar».

- 3.ª) Auxiliar + infinito + pronome. Ex. : «Hoje irei procurá-lo».

Destas três colocações a primeira é a menos eufônica e a mais rara nos clássicos genuínos ; a terceira é a mais elegante e usual.

NOTA. — Não se coloca um pronome obliquo entre dois verbos se não podemos prendê-lo ao primeiro pelo traço de união.

413. Se houver palavras atraentes, só se empregam a segunda e a terceira fórmulas. Ex. : «O nosso amigo não **me** veio procurar», «O nosso amigo não veio procurar-**me**». Mas não se dirá : «O nosso amigo não veio-**me** procurar».

414. Com um verbo auxiliar seguido de um gerundio, a sínclise normal é de permeio aos dois verbos : «João andava-**me** buscando por toda a parte».

Há casos todavia de posposição : «andava buscando-**me**».

415. Nas cláusulas intercaladas, com o verbo *dizer* e outros semelhantes, a sínclise regular é a próclise. Ex. : «Deus, **lhe** disse eu, é amor». Mas há exemplos de ênclise.

416. Quanto aos casos mais particulares de sínclise, estudá-los-emos nos comentários aos trechos clássicos.

LIÇÃO LXIII

PONTUAÇÃO

417. Procuraremos completar as noções que demos na lição XXXVI, pág. 81.

418. Nas sentenças ou cláusulas em que houver omissão de um verbo, indica-se isso, geralmente, por uma vírgula : «Antonio pescou dois douradinhos ; o pobre do Pedro, nenhum (não *pescou* nenhum).

419. As cláusulas coordenadas asindéticas, quando não são muito extensas, vêm separadas por vírgula : «Os foguetes pipocavam, os sinos tangiam, chegava povo».

420. Se, porem, as cláusulas são longas, separam-se por ponto e vírgula. Ex. : «Os foguetes ruidosos, fabricados pelo Zé da Esquina, pipocavam sem treguas nas ruas festivas ; os sinos repicavam nas torres das varias igrejas espalhadas pela cidade ; gente acudia de toda parte para a festa convidativa».

421. Os elementos que entram em uma mesma função na sentença, são também separados por vírgula ou ponto e vírgula, conforme a extensão dos mesmos. Ex. : «O sujeito trazia roupa grosseira, garrucha, sacola de algodão e uma cinta larga» ; «O sujeito trazia roupa grosseira remendada com fazenda diferente ; uma garrucha velha, carregada com perdigotos e pólvora diamante ; uma sacola sórdida, feita de algodão riscado».

422. As coordenadas sindéticas copulativas e disjuntivas em geral não se virgulam, salvo se são muito extensas ou se lhes queremos dar ênfase. Ex. : «O homem põe e Deus dispõe». «Nem eu vou nem ele vem», «Ou eu vou ou ele vem».

423. As coordenadas sindéticas adversativas são separadas por vírgula ou ponto e vírgula. Ex. : «Você me havia prometido, mas não cumpriu».

424. As cláusulas sub. adjetivas com o relativo *que* ou o *qual*, não são separadas por vírgula, quando equivalem a um adjetivo restritivo. Ex. : «O relógio que me deste é excelente». A cláusula *que me deste* indica um relógio particular, «*dado por ti*», entre outros relógios que não foram dados. É restritiva.

425. Seja agora : «O relógio, *que é um util objeto*, deve ser guardado com amor». A cláusula *que é um util objeto* é explicativa, porque todos os relógios têm essa qualidade. Por isso virgoulou-se.

426. As adjetivas com *onde* ou com *que* e o *qual* regidos de preposição, em geral separam-se por vírgula. Ex. : «Era aquele o caminho saudoso da fazenda, onde tantas vezes passamos a cavalo».

427. As adjetivas improprias (n. 323) são sempre separadas por vírgula.

428. O mesmo se dá, geralmente, com as gerundivas. Ex. : «Ela não pretende mais continuar os estudos, considerando o seu melindroso estado de saúde».

429. Pode dizer-se, de modo geral, que as cláusulas subadverbiais são separadas por vírgula, principalmente as que vêm com as conjunções *se, quando, enquanto, porque, pois*.

NOTA. — Quanto à virgulação de *pois*, ver o n.º 277, conj. concl., nota.

430. Virgulam-se as cláusulas que vêm em ordem inversa, ou as intercaladas : «Considerando isso, o médico evitou a operação». Como se vê, a cláusula principal está em segundo lugar.

431. «Aquele espetáculo, esta era nossa opinião, desmoralizava o povo». Neste exemplo a cláusula *esta era nossa opinião* está encravada no meio da cláusula — *aquele espetáculo desmoralizava o povo*.

432. Os elementos intercalados podem também vir entre parêntese ou entre travessões : «Aquele espetáculo (essa era nossa opinião) desmoralizava o povo», «Aquele espetáculo — essa era nossa opinião — desmoralizava o povo».

433. Não se separam por vírgula as cláusulas substantivas. Ex. : «Espero que venhas».

434. Observamos aos alunos que só a muita leitura e atenção é que os tornará verdadeiramente aptos a pontuar com acerto e elegância.

NOTA. — Esta lição deve ter aplicação imediata em trechos de bons autores MODERNOS.

Segundo livro

TRECHOS SELETOS

Seguidos dos respectivos comentarios

O jogo ⁽¹⁾

435. Há uma calamidade peor do que¹ a loteria e a bolsa. Estas derivam, mas no segundo grau, de uma enfermidade humana, cuja descendencia immediata é infinitamente mais reprovada e desastrosa. De todas as² desgraças que penetram no homem pela algibeira, e³ arruinam o carater pela fortuna, a mais grave é, sem dúvida nenhuma, essa : o jogo, o jogo, na sua⁴ expressão mãe, o jogo, na sua acepção usual, o jogo propriamente dito ; em uma palavra : o jogo : os naipes, os dados, a mesa verde.

Permanente como as grandes endemias que devastam a humanidade, universal como o vicio, furtivo como o crime, solapador no seu contagio como as invações purulentas, corruptor de todos os estímulos morais como o álcool, ele zomba da decencia, das leis e da policia, abarca no dominio das suas emanções a sociedade inteira, nivela sob a sua deprimente igualdade todas as classes, mergulha na sua promiscuidade indifferente até os mais baixos volutabros do lixo social, alcança no requinte das suas seduções as alturas mais⁵ aristocráticas da intelligencia, da riqueza, da autoridade : inutiliza genios, degrada príncipes ; emudece oradores ; atira à luta política almas azedadas pelo calistismo⁶ habitual das paradas infelizes, à familia corações degenerados pelo contacto quotidiano de todas as⁷ impurezas, à concorrência do trabalho diurno os náufragos das noites tempestuosas do azar ; e não raro⁸ a violencia das indignações furiosas, que vêm estuar no recinto dos parlamentos, é apenas a ressaca das agitações e dos des- troços das longas madrugadas do Casino.

(1) Os pequenos números que se encontram no texto indicam as expressões consideradas no *Comentário* feito a cada trecho, comentário que os alunos acharão no fim da obra e que deverão estudar cuidadosamente afim de se discutir cada lição em aula. Vejam o comentário a esta lição.

Quantos destinos não se contam por aí dominados exclusivamente na sua irremediável esterilidade pela ação desse fadario maligno ! Quantas vidas, que a natureza dotara de prendas excelentes para a felicidade própria e o bem dos seus semelhantes, não se consomem, graças à tirania dessa paixão absorvente, no descontentamento, na revolta, na inveja, na malevolência habitual ! Quantos fenômenos inexplicáveis de reação, de cólera, de odio ao que existe, de despeito contra o que dura, de guerra ao que⁹ se eleva, de irreconciliabilidade com o que não se¹⁰ abaixa, não têm a sua origem nos contratempos e amarguras dessas existências aberradas, que sacudidas continuamente pelas emoções do inesperado, se¹¹ alimentam das suas surpresas, se estiolam com as suas decepções e,¹² vendo a felicidade repartir-se às cegas pela superfície do tabuleiro verde, acabam por supor que a sorte de todos, neste mundo, se distribue com a mesma casualidade, com a mesma desproporção, com a mesma injustiça, acabam por ver no merecimento, no esforço, na economia, na perseverança, cousas fictícias, estranhas ou hostis, acabam por confundir o sudario divino dos mártires do trabalho, com a pobreza exprobratoria em que a ociosidade amortalha os desclassificados de todas as profissões !¹³

...Essa fatalidade que rouba ao estudo tantos talentos, à industria tantas forças, à probidade tantos caracteres, ao dever doméstico tantas virtudes, à patria tantos heroismos, reina sob a sua manifestação completa em esconderijos onde a palavra se¹⁴ abastarda no calão, onde a personalidade humana se¹⁵ despe do seu pudor, onde a embriaguez da cobiça delira cínica e obscena, onde os maridos blasfemam pragas improferíveis contra a sua honra conjugal, onde, em uma comunhão odiosa, se¹⁶ contraem amizades inverossímeis, onde o menos que se¹⁷ gasta é o equilibrio da alma, o menos que se¹⁸ arruina é o ideal, o menos que se¹⁹ dissipa é o tempo, estofo precioso de todas as obras primas, de todas as utilidades sólidas, de todas as ações grandes.

Inumeravel é o número de criaturas que a tentação, o exemplo, o instinto, o hábito, o acaso, a miseria, levam a passar por esses latíbulos, cuja clientela vai periodicamente fazer-se²⁰ apodrecer ali por gozo, por necessidade, por avidez, e na cor-

rupção de cujos misterios cada iniciado se afaz a ir deixando ficar aos poucos a energia, a fé, o juizo, a nobreza, a honra, a temperança, a caridade, a flor de todos os afetos, cujo perfume embalsama e preserva o carater. Aqueles que, por uma reacção de horror no fundo da consciencia, logram salvar-se²¹ em tempo desses tremedais, poderiam escrever a historia da natureza humana vista sob aspectos inominaveis. Outros, porem, presas da vasa, que nunca mais os²² larga, rolam e imergem nela de decadencia em decadencia, cada vez mais saturados, cada vez mais infelizes, cada vez mais afundidos no infortunio, até que a piedade infinita do termo de todas as cousas lhes²³ recolha ao seio do eterno esquecimento os restos inuteis de um destino sem epitafio.

Eis o jogo, o grande putrefator. Diátese cancrosa das raças anemizadas pela sensualidade e pela preguiça, ele entorpece, caleja e desviriliza os povos, nas fibras de cujo organismo insinuou o seu germe proliferante e inextirpavel.

Os desvarios do encilhamento dão e passam como rápidos temporais. São irregularidades violentas das épocas de prosperidade e esperança. Só o jogo não conhece remittencias; com a mesma continuidade com que devora as noites do homem occupado e os dias do ocioso, os milhões do opulento e as migalhas do operario, tripudia uniformemente sobre as sociedades nas quadras de fecundidade e de penuria, de abastança e de fome, de alegria e de luto. E' a lepra do vivo e o verme do cadaver.

(RUI BARBOSA)

Discurso

436. Minhas senhoras. Meus senhores.

As doces palavras de carinho, as generosas palavras de louvor, as palavras animadoras e confortantes de estima, confiança e incentivo, com que, pela boca do¹ vosso orador, me² acabais de acolher, não sei como³ vos exprima quanto⁴ me comovem, não encontro outras, na minha pobreza, nenhuma vejo, ou imagino, com que vos⁵ agradeça.

E' a segunda vez que o Centro de Ciencias, Letras e Artes me⁶ recebe debaixo do seu teto gasalhos. Nunca esquecerei os obsequios da primeira. Mas desta, convocou todas as graças da hospitalidade, todos os encantos do seu culto :⁷ a distinção, a eloquencia, a poesia, a música, a gentileza das senhoras, teceu de tudo isto um véu dourado e cambiante, como que se compõe do incenso, da harmonia, dos sussurros das preces nos recintos sagrados, e, assim, num templo votado pela arte à intelligencia e à esperanza, nos⁸ granjeou o meio de não vermos, de esquecermos, na suavidade destes momentos, na pureza desta atmosfera, as amarguras, as desgraças, as misérias que nos cercam, os dias envergonhados e lutosos, que a nossa patria vai atravessando, humilhada e exhausta.

Bem haja a influencia deste gozo saudavel e impoluto. Mas o melhor que dele se colhe, é a energia penetrante,⁹ com que ele nos eleva para o ideal ; é a subtileza irresistivel, com que nos dá a sentir a beleza, a verdade e o bem ; é a vantagem de nos¹⁰ abrir um canto da vida, onde se não corrompa, onde se não persiga, onde se não oprima ; é a fortuna de nos¹¹ compor de melodias e flores um ninho, em cujo agasalho, ao menos para o espirito, a idéia, as aspirações d'alma, os impulsos virtuosos do coração, se¹² salva a liberdade.

Sem esta, senhores, não há ciencias, letras, nem artes. Fora da liberdade, não sonhe ninguem a verdadeira prosperidade, material ou intelectual. Vós os que buscais na terra, amanhada com devoção, os tesouros, que vos oculta o seu seio inexaurivel, não acrediteis que o trabalho possa medrar onde uns homens são servos de outros, onde a raça perde a sua virilidade no cativo, onde o torrão que se ara com amor se¹³ encrava nos desertos estereis da escravidão. Vós os que vos tendes entregado às artes, às letras, às ciencias, não esqueçais que de todas elas a mãe é a liberdade, e que sem esta o desenvolvimento daquelas é uma quimera fatal.

Do mundo antigo só não pereceram, para o cabedal estavel do gênero humano, o cristianismo e a civilização grega, de que a romana é um longo reflexo. Mas o primeiro nos trouxe a liberdade no verbo divino da redenção pela justiça, pela tolerancia, pela igualdade, e a segunda floresceu com a liberdade

na eloquencia, na filosofia, nas obras primas de grande inspiração, nas supremas expressões humanas do belo.

Dezenas de séculos não lograram destruir a ânfora sagrada,¹⁴ que o genio livre da Grecia, inclinou à beira do Mar Jonio ; e é ainda ali que o pensamento busca hoje as suas origens, que os grandes renovadores da nossa cultura vão achar as fontes eternas, os modelos inimitaveis da transparencia luminosa, da sinceridade e da natureza. Artistas, cientistas, homens de letras, não troquemos esses mananciais da intelligencia,¹⁵ que a liberdade brotou¹⁶ das suas entranhas invioladas, pelas doçuras da servidão nos reinos dos Francias, onde o solo da patria não se¹⁷ liberta do patriarcado militar e da constancia do sitio intestino senão pelo assedio estrangeiro e pela occupação inimiga.

Senhores : Muitas e muitas vezes me atraiu aquí, nas tardes de estio, à vossa praça de Carlos Gomes o espetáculo da volta das andorinhas. Louvada seja a vossa edilidade, por haver respeitado essa maravilha, e não ter desfeito a antiga pousada a esses¹⁸ alados mensageiros do espaço. Os estranhos, os peregrinos da curiosidade e do gosto virão com frequencia contemplar embevecidos, como eu, o incomparavel quadro vespertino. O pincel dos amigos da natureza trabalhará por debuxá-lo nas telas com as mais suaves tintas da sua palheta. Algum poeta o dedilhará na lira, em versos que perdurem como os de Anacreonte.

Eu não canto, nem pinto ; mas revejo e recordo.

¹⁹Pelo límpido azul já sem sol, antes que se lhe²⁰ esvaia de todo o ouro dos seus átomos de luz, mas quando o crepúsculo entra a desmaiar do seu brilho a safira celestre, um ponto retinto, perdido nos longes mais remotos, se acentua em negro na cúpola do firmamento, lá, bem no alto, bem de cima, como se a ponta de uma seta, desfechada perpendicularmente de alem, varasse ali a redondeza anilada.

Era um, e, logo, após, são muitos, já vêm surdindo inumeraveis, já parecem infinitos ; já se²¹ cruzam e recruzam ; já se encontram e circulam ; já se condensam, e escurecem. Eram um grupo ; e já formam um bando, já vêm crescendo em longas revoadas ; já se refervem em enxames e enxames, já se estendem numa vasta nuvem agitada. Toldaram o céu,

encheram o ar, vêm-nos ondeando sobre as cabeças. Agora, afinal, com os movimentos de uma grande vaga sombria, ponteadada de branco, a librar-se²² entre a terra e a imensidade, baixa a massa inquieta, rumorejando, oscilando, flutuando, rasga-se na coroa das palmeiras, açoita os fios telegráficos, resvala pelos tetos do casario, e, ao cabo, arfando e remoinhando, turbilhoando e restrugindo, com o estrépito de uma cascata argentina, de uma cachoeira de cristais que se despedaçam, chilreada imensa de vozes e grasnidos às dezenas e dezenas de milhares, pende, mergulha e desaparece, numa imensa curva borboalhante, por sob o largo telheiro abandonado que essa aerea multidão erradia elegeu entre vós para abrigo do seu descanso nas cálidas noites de verão.

 Quando os meus olhos seguiam a evolução desse fenômeno encantado, como a conciencia segue os seus pensamentos, o coração as suas saudades, a fantasia as imagens de seu sonho, figurava eu que, um dia, três séculos atrás, um aborígene dessas regiões, sozinho nessas alturas despovoadas, estaria vendo também, com admiração e pasmo, assomar nestas paragens, cobertas agora pelos vossos cafezais e pela opulencia das vossas cidades, o primeiro emissario de um desconhecido mundo, cuja audacia transpusera o mar tenebroso, como a destes emigrantes do espaço vinga²³ os céus incomensuráveis.

Após esse, no seu encalço, vieram acudindo outros, outros e outros, famílias, troços, ranchos, aldeamentos, povoados, vilas, exércitos, colonias, toda uma raça de heroicos aventureiros, que galgava as serras, semeava²⁴ os campos, domava os caudais,²⁵ transpunha as catadupas, revolvía as minas, afrontava os desertos, rompia as selvas, abismando em assombro os primeiros habitantes destes ermos, e alastrando essas misteriosas terras com uma inesperada enchente humana.

Diante dela, o autóctone, atônito e vencido, alongou-se pelos recessos, cada vez mais distantes, da solidão inexplorada, e sumiu-se nas últimas fronteiras do continente invadido, à medida que, no territorio abandonado pelos soberanos de outrora, se²⁶ agigantava esse poder novo e irresistível : a civilização brasileira, e, sobressaindo nesta, a cizilização paulista em cujo horizonte cintila a estrela de Campinas.

Mas, senhores, sentido ! Na sorte dessas raças, inertes e descuidadas, que nossos maiores varreram das costas e sertões alumiados pelo Cruzeiro do Sul, devemos ter o aviso do que bem poderia vir a ser a nossa, um dia, não mui longe, se, com o esquecimento, em que nos afundamos, das nossas tradições, das nossas leis, dos nossos foros de povo civilizado, continuando a nos submergir nesta moleza, nesta indiferença, neste materialismo dos selvagens e dos brutos, deixando-nos²⁷ sossobrar nesta decadência de tudo, que data de tão pouco, mas parece de centenas de anos, nos mostrarmos indignos de ocupar, na superfície do globo, a cobiçada porção, com que a Providencia nos dotou.

Na consciencia paulista vejo eu a principal muralha contra esse diluvio nacional. Às energias morais que a²⁸ constituem, aos seus ²⁹ escritores, aos seus homens de letras, aos seus sabios, aos seus artistas, aos órgãos do seu trabalho, da sua educação, da intelectualidade, toca a missão de reanimar essa consciencia poderosa, de a ter³⁰ ereta, de a fortalecer, de levá-la³¹ a resistir e defender-se, para o decisivo papel, que, dentro em breves anos, aguarda, creio eu, a São Paulo nos destinos do Brasil.

Eis, senhores ! Com as letras, as ciencias e as artes, mas pelo bem, pela honra, pela patria e para a patria, acima de tudo.

(IDEM)

O carater de Francia

437. ... Carlyle, que não costuma dissimular aleijões nos seus heróis, para lhes ser lisonjeiro, assegura que ele passava em toda a parte¹ como homem veraz, pontual, de um rigor metódico de ferro, ferreo sobretudo na retidão. Ordinariamente o método não é das qualidades mais conspicuas nos senhores de homens. Aos mandões vulgares a disciplina da ordem se afigura constrangimento, diminuição de poder. O hábito de dispor da pessoa alheia inclina à relaxação para com a propria. Que necessidade há de obedecer ao² tempo, se o do opressor

é multiplicado pelo dos escravos que o servem, e cada vida humana, que se estende em alcatifa aos seus pés, constitue uma adição gratuita à sua? O comum dos autócratas não sabe o preço aos³ anos e ao⁴ dinheiro. O instinto da economia aplicada a esses dois gêneros de capital não resiste às⁵ más influencias da irresponsabilidade, senão nos raros cuja ambição é disciplinada por um grande pensamento. Para esses, os da ordem dos Bonapartes,⁶ a tirania representa um problema algébrico, tudo obedece matematicamente a⁷ uma sistematização, e os momentos mais passageiros são tão importantes como as menores frações da unidade no cálculo das variações de um astro.

Mas a inteireza de ânimo! a pontualidade nos compromissos! a veracidade nas palavras e nos atos! Definitivamente vai-nos saindo um déspota inverossimil este Francia. O caso dá para revogar Machiavel, e destronizar o *Príncipe*. Pois a deslealdade não será o ar mesmo, que a opressão respira, o oxigênio que lhe gira nas veias, o seu hálito, a atmosfera que ela derrama em torno de si? Não é a dissimulação que encrusta nas constituições os seus roedores? Não é a perfidia que empolha as ditaduras no período gestativo, que depois lhes⁸ orienta os vôos, e⁹ tem a seu cargo assentar-lhes os ninhos nos desvãos, onde se¹⁰ acoitam as ciladas? Poder-se-á¹¹ realmente oprimir, sem iludir, sem mentir, sem trair? «*Essere grande simulatore e dissimulatore*» (*) já não será a grande qualidade nos regedores fortes de homens?

E, contudo, esse ditador, agreste como as selvas que o rodeavam, nasceu das entranhas de uma república, durante, por assim dizer, a lua de mel do Paraguai com a liberdade. As provincias platinas tinham-n'o precedido quase todas nos esponsais revolucionarios. O paraguaio, porem, hesitava, e, ainda em 1819, fechava as portas às armas libertadoras do general Belgrano. Meses, um ano, mais tarde, é que o acometeu a vertigem reinante. A Espanha teve que despejar¹² a casa. Surdiu um congresso, narra o nosso Carlyle, os secretarios leram papéis, «compilados principalmente da *Historia Antiga* de Rolin; e eis-nos, afinal, em república». Está nomeado um

(*) MACHIAVEL: *Il Principe*, XVIII.

governo : preside d. Fulgencio Iedros, um dos mais ricos e melhores cavalheiros da provincia ; dois vogais ; secretario o dr. Francia. «E o congresso paraguaio, tendo acabado a constituição, volve aos seus lares, desejando-lhe boa fortuna».

O que esperava o novo código político, no meio de um povo ignaro, mendaz, ávido, supersticioso e vão, facil era de predizer. O governo adoeceu, em pouco tempo, de peculatos e malversações. Com elas vieram as intrigas e cabalas, o descontentamento, a murmuração, desmanchos, confusões, entradas e saídas, até que o paço do poder executivo, «mais sórdido ainda que no tempo dos jesuitas, se¹³ converteu em inutilidade pestilenta, de insondaveis torpezas». O dr. Francia percebeu, por fim, que «não podia ser consoante com tais vogais» ; e, um bom dia, arremessou de si a papelada, levantou-se, e disse para os colegas, contraindo o sobrecenho : «Adeus, senhores. Deus vos guarde por muitos anos».

Foi recolher-se entre as matas, na sua chácara de Itapéia. Entretanto a imbecilidade e rapacidade, sob as suas varias formas, prosseguiram o seu curso nas repartições públicas de Assunção, livres da presença veladora do doutor. A supuração era inevitavel. A necrose invadira profundamente os ossos da república. Os sofrimentos eram excessivos para a propria insensibilidade guaraní. O Paraguai começou a execrar o reinado da liberdade. Então, a rogos, promessas e protestos dos companheiros, Francia volta. Mas, desanimado outra vez vai refugiar-se de novo entre as suas árvores. As finanças caem em insolvencia. Já não pagam as tropas. De Buenos Aires chegam rumores de nova guerra. Sucedem-se revoluções. Patriotas hoje, traidores amanhã, os generais fuzilam-se sucessivamente uns aos outros, nas praças públicas. Artigas acerca-se da fronteira. Como nuvens de lobos, as hordas indias espreitam a presa indefensa,¹⁴ prestes a cairem¹⁵ sobre ela aponta de lança nas correrias selvagens das suas cavalgadas.

Como explicar, entretanto, essa subversão orgânica, esse ruir de desgraças, esse desencadeamento de pragas ?

Porque afinal, senhores, a república lá estava. Tanto assim que ali não havia reis, ou representante de reis. As instituições não se denominavam «de sua Majestade». O primeiro magistrado nacional era um presidente. Não se usava,

confessemos, o¹⁶ talismã de «Ordem e Progresso», porque Comte *nondum natus erat*. Mas, por obra e graça dos princípios sacrossantos de 1789, imperava reconhecidamente, ali também, a trindade onípara «Liberdade-Igualdade-Fraternidade», ainda que a última sofresse da falta de «saude», pela ausencia do adendo, com que, em países mais ditosos, se reforçou a magia do *shibboleth*. Não se conheciam súditos, não se admitiam condecorações, não se toleravam titulares. O sr. João Filipe não teria tido ali ocasião de prestar à democracia o serviço de obrigar o venerando barão de Cabo Frio a rebuscar na pia batismal o olvidado nome cristão. Todos os paraguaios eram *cidadãos*, desde d. Fulgencio até ao¹⁷ último varredor da casa do governo, desde o mais desprezível sarrafaçal até¹⁸ José Rodrigues. E' o que eu posso provar documentalmente com o frontispicio do «Discurso fúnebre, proferido nas exequias do falecido Exmo. Ditador Perpetuo da República do Paraguai, o *cidadão* Dr. José Gaspar Rodrigues Francia, pelo *cidadão* Rev. Padre Manuel Antonio Peres, da igreja da Encarnação, aos 20 de outubro de 1840».

E uma república tão absolutamente completa, uma república hermeticamente caçafetada por todas as frinchas da casa contra o ingresso do virus retrógrado, uma república armada na gargantilha com todos os amuletos da revolução francesa, uma república cidadã desde o padre até ao¹⁹ carasco, via a lepra cobrir-lhe os membros, zombando dos *signos-salomões* constitucionais, e os tetos do antigo solar de Loiola transformado em tabernáculo de Rousseau, gretarem, desabando, por quantas²⁰ juntas havia !

Mas o destino quer-me parecer que não foi tão ingrato para com o mísero Paraguai, como se²¹ poderia cuidar. Basta dizer que, se bem enxerga a videncia retrospectiva de Carlyle, «todos os olhos ali começaram a se²² volver para o único homem de talento que eles tinham, para o único homem de veracidade que lhes restava». De sorte que, por não possuírem senão um homem de talento, deu-lhes Deus o talento, único entre todos, verdadeiro dote genial, de reconhecerem o único homem de talento, a fenix do país. O mundo é feito de compensações. Se os talentos exuberassem por lá como a sauva nos formigueiros, sendo as aguias muito mais comuns na terra

do que os perús, naturalmente estes, pela preeminencia da raridade, seriam aclamados para governar. Porque, afinal, bons leitores, as proprias democracias são aristocráticas : tendem todas ao governo, não das minorias pelas maiorias, mas *das maiorias pelas minorias*. Feliz do povo, onde a intelligencia habita nestas, e a mediocridade naquelas. Porque os homens são de seu natural propensos a desprezar²³ a trivialidade, e avaliar²⁴ os bens deste mundo pela sua rareza. Num torrão onde o genio é barato, e a estupidez vasqueira, as missangas hão de ser preferidas aos diamantes, como entre os aborígenes da Costa de²⁵ Guiné.

Reune-se, em 1813, o segundo congresso. A supuração, rebentando, elimina os dois vogais, e Francia vê-se eleito *consul*,²⁶ juntamente com d. Iedros. O duunvirato ainda era um paliativo. No ano seguinte a representação nacional, mais bem iluminada²⁷, tendo ouvido o Espirito Santo, que pairava sobre as baionetas da tropa, nomeou sozinho o dr. Francia *ditador* trienal. Era o medicamento heróico, mas ainda com os seus resquícios de medo nessa inutil limitação de temporariedade. O escolhido do terceiro congresso recolheu aos quartéis o *paladium* constitucional, e nunca mais se pensou em congressos, durante o seu reinado republicano, que abrangeu um quarto de século. Até os que o accusam por essa omissão, porem, depõem que o congresso de 1814 era uma assembléia sem parêlha em todo o mundo : não distinguia a mão direita da esquerda, embebedava-se nas tavernas como os mais relapsos devotos de Baco, e não tinha outra idéia mais que a de cavalgar de regresso aos seus campos e caçadas. Onde iria Francia renovar o suprimto de legisladores? Bem facil lhe fora haver-se com esses. A arte de domesticá-los²⁸ é sabida. Mas não seria representar uma comedia a que a sua sinceridade se opunha?

Outra peculiaridade desta *avis rara*. Rengger e Longchamp são testemunhas do processo contra Francia, e, todavia, confessam que a sua administração moralizou o emprego dos dinheiros públicos. Ninguém o ouviu anunciar ²⁹ que ia fazer sentinela ao tesouro. E, contudo, encontrando o tesouro forçado, exausto, guardou-o seriamente, reabasteceu-o, reabilitou-o. «As finanças foram rigorosamente economizadas

e os funcionarios, no Paraguai, compreenderam que não havia remedio, senão trabalhar deveras, cada qual na sua tarefa, em vez de simplesmente fingi-lo». E' inaudita essa laia de déspota, em tais paragens ! Não se lhe opunham obstáculos de ministros, congressos, ou orçamentos ; e, com a fazenda paraguaia escancarada ao seu arbitrio, não sentiu a fascinação irresistivel da orgia :³⁰ não criou sinecuras, não malbaratou propinas,³¹ não comprou entusiasmos, não duplicou soldos, não cunhou moeda falsa, não venalizou a nação. Déspota de curta vista, ignoravas que o único predicado essencial ao funcionario, depois da subserviencia ao patrão, é a incapacidade profissional ; que a incompetencia é a mais preciosa das qualidades da administração, porque é a socia natural da baixeza, do fanatismo e da brutalidade ; que os melhores servidores do estado são os sinecuristas, porque o ocio, que os ceva, e a consciencia da injustiça, que os sustenta, facilmente os³² reduzem a instrumentos irresponsaveis da tirania, que os patrocina. Ingenuo arremedo de tirano, encontrei a incuria, o desmazelo, a hipocrisia inviscerados na administração e, em vez de sinecuras nesse solo estrumado, promulgas a consciencia, o trabalho, a assiduidade ! Poupas, arrecadas, entesouras, como se pudesse carecer de dinheiro quem o produz. Não sabes que a moeda é mera criação do carimbo official, no disco metálico, precioso ou nulo, no retalho de papel, legítimo, ou falso, e que o sumo privilegio, a prerrogativa sobre todas majestática do poder está em gerar milhões, em entornar milhões sem cerimonia, sem leis, sem contabilidade, como as molestias ocultas segregam a virulencia por baixo das roupas, calada e furtivamente.

O que aumenta ainda o meu espanto, é que, sendo apenas uma beca, este homem capitaneou soldados com o pulso de um rijo cabo de guerra, e para adquirir tamanho ascendente sobre eles, o seu meio não foi a avidez, mas a disciplina. Não encanou o tesouro para a algibeira dos batalhões ; não adiantou soldos ; não os dobrou, ou triplicou ; não choveu³³ gratificações e graças sobre a massa armada ; não desviou os militares da fileira para os mais apeteciveis cargos civis :³⁴ pôs-lhes as armas nas mãos, exercitou-os, aguerreou-os, preparou-os para combaterem o estrangeiro e o selvagem, o crime e a invasão.

Não quis acompadrear-se com os quartéis :³⁵ dominou-os. Imaginou que se³⁶ aviltaria, se³⁷ se acamaradasse pela corrupção com os que deviam obedecer-lhe³⁸ pelo respeito. Supôs que o soldado era mais ductil aos impulsos do dever e da honra do que³⁹ aos do vício e da cubiça. Quis manter na altura dos sentimentos desinteressados os defensores profissionais do território e da autoridade. Acreditou que o suborno envilece tanto a mão que o paga, como a que o recebe. Teve mais medo à⁴⁰ lama que⁴¹ às balas. Que insensato espécimen de anomalias morais este produto paraguaio ! Sob uma ditadura militar vasada em finos moldes apostou que esse marechal de toga não teria as honras de major.

(IDEM)

O jagunço e o gaúcho

438. O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrario. Falta-lhe a plástica impecavel, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

E' desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflecte no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicencia que lhe dá um carater de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra ; a cavallo, se sofreia¹ o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetoria retilinea e firme. Avança celeremente, num bambolear caraterístico de que parecem ser² traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo – cai é o termo – de cócaras, atravessando largo

tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.

E' o homem permanentemente fatigado.

Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo :³ na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadencia langorosa das modinhas, na tendencia constante à imobilidade e à quietude.

Entretanto, toda esta apparencia de cansaço ilude.

Nada é mais surpreendedor do que vê-la⁴ desaparecer de improviso. Naquella organização combalida operam-se,⁵ em segundos, transmutações completas. Basta o apparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe⁶ o desencadear das energias adormidas. O homem transfigura-se. Impertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto ; e a cabeça firma-se-lhe,⁷ alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte : e corrigem-se-lhe,⁸ prestes, numa descarga nervosa e instantanea, todos os⁹ efeitos do relaxamento habitual dos órgãos ; e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titão acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinarias.¹⁰

Este contraste impõe-se ao mais leve exame. Revela-se a todo momento,¹¹ em todos os¹² pormenores da vida sertaneja — caracterizado sempre pela intercendencia impressionadora entre extremos impulsos e apatias longas.

E' impossivel idear-se¹³ cavaleiro mais chucro e deslegante : sem posição, pernas coladas ao bojo da montaria, tronco pendido para a frente e oscilando¹⁴ à feição da andadura dos pequenos cavalos do sertão, desferrados e maltratados, resistentes e rápidos como poucos. Nesta attitude indolente, acompanhando morosamente,¹⁵ a passo, pelas chapadas, o passo tardo das boiadas,¹⁶ o vaqueiro preguiçoso quase transforma o *campião* que cavalga na rede amolecedora em que atravessa dois terços da existencia.

Mas se uma rê *alevantada* envereda, esquiva, adiante, pela caatinga¹⁷ *garranchenta*, ou se uma ponta de gado, ao longe, se trasmalha,¹⁸ ei-lo em momentos transformado, cravando os

acicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria e partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos dédalos inextricaveis das juremas.

Vimo-lo neste *steeple-chase*¹⁹ bárbaro.

Não há contê-lo,²⁰ então, no ímpeto. Que se lhe antolhem quebradas, acervos de pedras, coivaras, moutas de espinhos ou barrancas de ribeirões, nada lhe²¹ impede encalçar o *garrote* desgarrado, porque *por onde passa o boi passa o vaqueiro com o seu cavalo...*

Colado ao dorso deste, confundindo-se²² com ele, graças à pressão dos jarretes firmes, realiza a criação bizarra²³ de um centauro bronco :²⁴ emergindo inopinadamente nas clareiras ;²⁵ mergulhando nas macegas altas ; saltando valos e ipueiras ; vingando cômoros alçados ; rompendo, célere, pelos espinheirais mordentes ; precipitando-se,²⁶ a toda brida,²⁷ no largo dos tabuleiros...

A sua compleição robusta ostenta-se, nesse momento, em toda a²⁸ plenitude. Como que²⁹ é o cavaleiro robusto que empresta vigor ao cavalo pequenino e fragil, sustendo-o nas redeas improvisadas de caruá, suspendendo-o³⁰ nas esporas, arrojando-o,³¹ na carreira – estribando curto, pernas encolhidas, joelhos fincados para a frente, torso colado no arção, – *escanchado no rastro* do novilho esquivo : aquí curvando-se³² agilíssimo, sob um ramalho, que lhe roça quase pela sela ; alem desmontando, de repente, como um acróbata,³³ agarrado às crinas do animal, para fugir ao embate de um tronco percebido no último momento e galgando logo depois, num pulo, o selim ; – e galopando sempre, através de todos os obstáculos, sopesando à dextra sem a perder nunca, sem a deixar no inextricavel dos cipoais, a longa aguilhada de ponta de ferro encastoadado em couro, que por si só constituiria, noutras mãos, serios obstáculos à travessia...

Mas terminada a refrega, restituida ao rebanho a rês dominada, ei-lo,³⁴ de novo, caído sobre o lombilho retovado, outra vez desgracioso e inerte, oscilando³⁵ à feição da andadura lenta, com a apparencia triste de um inválido esmorecido.

O *gaucho*³⁶ do sul, ao encontrá-lo nesse instante, sobreolhá-lo-ia comiserado.

O vaqueiro do norte é a sua antítese. Na postura, no gesto, na palavra, na índole e nos hábitos não há equipará-los. O primeiro, filho dos plainos sem fins, afeito às correrias faceis nos pampas e adaptado a uma natureza carinhosa que o encanta, tem, certo,³⁷ feição mais cavalheirosa e atraente. A luta pela vida não lhe assume o carater selvagem da dos sertões do norte. Não conhece os horrores da seca e os combates cruentos com a terra árida e excicada. Não o entristecem as cenas periódicas da devastação e da miseria, o quadro assombrador da absoluta pobreza do solo calcionado, exaurido pela adustão dos sóis bravios do Equador. Não tem, no meio das horas tranquilas da felicidade, a preocupação do futuro,³⁸ que é sempre uma ameaça, tornando aquela instavel e fugitiva. Desperta para a vida amando a natureza deslumbrante que o³⁹ aviventa; e passa pela vida, aventureiro, jovial, diserto, valente e fanfarrão, despreocupado, tendo⁴⁰ o trabalho como uma diversão que lhe permite as *disparadas*, domando distancias, nas pastagens planas, tendo aos ombros, palpitando aos ventos, o pala inseparavel, como uma flamula festivamente desdobrada.

As suas vestes são um traje⁴¹ de festa, ante a vestimenta rústica do vaqueiro. As amplas *bombachas*,⁴² adrede talhadas para a movimentação facil sobre os *baguais*, no galope fechado ou no corcovear raivoso, não se estragam em espinhos dilaceradores de caatingas. O seu poncho vistoso jamais fica perdido, embaraçado nos esgalhos das árvores garranchentas. E, rompendo pelas coxilhas, arrebatadamente na marcha do redomão desensofrido, calçando as largas botas russilhonas, em que retinem as rosetas das esporas de prata; lenço de seda, encarnado, ao pescoço; coberto pelo sombreiro de enormes abas flexiveis, e tendo⁴³ à cinta, rebrilhando, presas pela *guaiaca*, a pistola e a faca⁴⁴ — é um vitorioso jovial e forte. O cavalo, socio inseparavel desta existencia algo⁴⁵ romanesca, é quase objeto de luxo. Demonstra-o o arreamento complicado e espetaculoso. O gaúcho andrajoso sobre um *pingo* bem aperado, está decente, esta corretíssimo. Pode atravessar sem vexames os vilarejos em festa.

O vaqueiro, porem, criou-se⁴⁶ em condições opostas, em uma intermitencia, raro⁴⁷ perturbada, de horas felizes e horas

cruéis de abastança e misérias — tendo sobre a cabeça, como ameaça perene, o sol, arrastando de envolta no volver das estações, períodos sucessivos de devastações e desgraças.

Atravessou a mocidade numa intercadencia de catástrofes. Fez-se homem, quase sem ter sido criança. Salteou-o, logo, intercalando-lhe agruras nas horas festivas da infância, o espantinho das secas no sertão. Cedo encarou a existencia pela sua face tormentosa. E' um condenado à vida. Compreendeu-se envolvido em combate sem treguas, exigindo-lhe⁴⁸ imperiosamente a convergencia de todas as energias.

Fez-se forte, esperto, resignado e prático.

Aprestou-se, cedo, para a luta.

O seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no *gibão* de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as *perneiras*, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo⁴⁹ até as virilhas, articuladas em *joelheiras* de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas *luvas* e *guarda-pés* de pele de veado — é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo.

Esta armadura, porem, de um vermelho pardo, como se fosse de bronze flexivel, não tem cintilações, não rebrilha ferida pelo sol. E' fosca⁵⁰ e poenta. Envolve ao ⁵¹ combatente de uma batalha sem vitorias...

A sela de montaria feita por ele mesmo, imita o lombilho rio-grandense, mas é mais curta e cavada, sem os apetrechos luxuosos daquele. São acessorios uma manta de pele de bode, um couro resistente, cobrindo⁵² as ancas do animal, *peitorais* que lhes resguardam o peito, e as *joelheiras* apresilhadas às juntas.

Este equipamento do homem e do cavalo talha-se à feição do meio. Vestidos doutro modo não romperiam, incólumes, as caatingas e os pedregais cortantes.

Nada mais monótono e feio, entretanto, do que esta vestimenta original de uma só cor — o pardo avermelhado do couro curtido — sem uma variante, sem uma lista sequer diversamente colorida. Apenas, de longe em longe, nas raras *encamisadas*, em que aos descantes da viola o matuto deslembra as horas

fatigadas, surge uma novidade – um colete vistoso de pele de gato do mato ou de sussuarana, com o pelo mosqueado virado para fora, ou uma bromelia rubra e álcacre fincada no chapéu de couro.

Isto, porém, é incidente passageiro e raro.

Extintas as horas de folguedo, o sertanejo perde o desgarre folgazão – largamente expandido nos *sapateados*, em que o estalo seco das alpercatas⁵³ sobre o chão se parte nos tinidos das esporas e soalhas dos pandeiros, acompanhando⁵⁴ a cadência das violas vibrando⁵⁵ nos *rasgados* – e cai na postura habitual, tosco, deselegante e anguloso, num estranho manifestar de desnervamento e cansaço extraordinários.

Ora, nada mais explicável do que este permanente contraste, entre extremas manifestações de força e agilidade e longos intervalos de apatia.

Perfeita tradução moral dos agentes físicos da sua terra, o sertanejo do norte teve uma ardua aprendizagem de reveses. Afez-se, cedo, a encontrá-los,⁵⁶ de chofre, e a reagir, de pronto.

Atravessa a vida entre ciladas, surpresas repentinas de uma natureza incompreensível, e não perde um minuto de treguas. E' o batalhador perenemente combalido e exausto, perenemente audacioso e forte; preparando-se sempre para um recontro que não vence e em que se não deixa vencer;⁵⁷ passando da máxima quietude à máxima agitação; da rede preguiçosa e cômoda para o lombilho duro, que o arrebatava, como um raio, pelos *arrastadores* estreitos, em busca das malhas. Reflete nestas aparencias que se contrabatem, a própria natureza que o rodeia – passiva ante o jogado dos elementos e passando,⁵⁸ sem transição sensível, de uma estação a outra, da maior exuberância à penúria dos desertos incendiados, sob o reverberar dos estios abrasantes.

E' inconstante como ela. E' natural que o seja. Viver é adaptar-se.⁵⁹ Ela talhou-o a sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto...

O gaúcho, o *pealador* valente, é, certo,⁶⁰ inimitável numa carga guerreira; precipitando-se ao ressoar estrídulo dos clarins vibrantes, pelos pampas, com o conto da lança enristada, firme no estribo; atufando-se loucamente nos *entreveros*; desaparecendo com um grito triunfal, na voragem do combate,

onde espadanam cintilações de espadas, transmudando o cavalo em projétil⁶¹ e varando quadrados e levando de rojo o adversario no rompão das ferraduras, ou tombando, prestes, na luta em que entra com despreocupaçāo soberana pela vida.

O jagunço é menos teatralmente heróico ;⁶² é mais tenaz ; é mais resistente ; é mais perigoso ; é mais forte ; é mais duro.

Raro⁶³ assume essa feição romanesca e gloriosa. Procura o adversario com o propósito firme de o destruir, seja como for.

Está afeiçoado aos prelios obscuros e longos, sem expansões entusiásticas. A sua vida é uma conquista arduamente feita, em faina diuturna. Guarda-a como capital precioso. Não desperdiça a mais ligeira contração muscular, a mais leve vibração nervosa sem a certeza do resultado. Calcula friamente o pugilato. Ao *riscar da faca* não dá um golpe em falso. Ao apontar a lazarina longa ou o trabuco pesado, *dorme na pontaria*...

¶⁶⁴ Se, ineficaz o arremesso fulminante, o contrario enterreirado não baqueia, o gaúcho vencido, ou pulseado, é frágilimo nas aperturas de uma situação inferior ou indecisa.

O jagunço, não. Recua. Mas no recuar é mais temeroso ainda. E' um negacear demoníaco. O adversario tem, daquela hora em diante, visando-o pelo cano da espingarda, um odio inextinguível, occulto no sombreado das tocaias...

(EUCLIDES DA CUNHA)

O estourar da boiada

439. Segue a boiada vagarosamente, à cadencia daquele canto triste e preguiçoso. Escanchado, desgraciosamente, na sela, o vaqueiro, que a revê unida e acrescida de novas crias, ruma os lucros provaveis : o que toca ao patrão, e o que lhe toca a ele,¹ pelo trato feito. Vai dalí mesmo contando as peças destinadas à feira ; considera, aquí, um velho boi que ele conhece há dez anos e² nunca levou à feira, mercê³ de uma amizade antiga ; alem, um mumbica claudicante, em cujo flanco se⁴ enterra estrepe agudo, que é preciso arrancar ; mais

longe, mascarado, cabeça alta e desafiadora, seguindo apenas guiado pela compressão dos outros, o garrote bravo, que subjugou, pegando-o⁵, *de saia*, e derrubando-o⁶, na caatinga; acolá, soberbo, caminhando folgado, porque os demais o⁷ respeitam, abrindo-lhe⁸ em roda um claro, largo pescoço, envergadura de búfalo, o touro vigoroso, inveja de toda a⁹ redondeza, cujas armas rígidas e curtas relembram, estaladas, rombas e cheias de terra, guampas formidáveis, em luta com os rivais possantes, nos logradouros; além, para toda a banda,¹⁰ outras peças, conhecidas todas, revivendo-lhe¹¹ todas, uma a uma, um incidente, um pormenor qualquer da sua¹² existência primitiva e simples.

E prosseguem, em ordem, lentos, ao toar merencório da cantiga, que parece acalentá-los,¹³ embalando-os¹⁴ com o *refrão* monótono :

E cou mansaõ...

E cou... ê caõ!...

ecoando saudoso nos descampados mudos...

De súbito, porem, ondula um frêmito sulcando,¹⁵ num estremecção repentino, aqueles centenaes de dorsos luzidios. Há uma parada instantanea. Entrebatem-se, enredam-se, trançam-se e alteiam-se¹⁶ fisingando vivamente o espaço, e inclinam-se, embaralham-se milhares de chifres. Vibra uma trepidação no solo; e a boiada *estoura*... (*)

A boiada arranca.

Nada explica, às vezes, o acontecimento, aliás, vulgar, que é o desespero dos campeiros.

Origina-o o incidente mais trivial – o súbito vôo rasteiro de uma araquã ou a corrida de um mocó esquivo. Uma rês se espanta e o contagio, uma descarga nervosa subitanea, transfunde o espanto sobre o rebanho inteiro. E' um solavanco único, assombroso, atirando,¹⁷ de pancada por diante, revoltos, misturando-se¹⁸ embolados, em vertiginosos disparos, aqueles maciços corpos tão normalmente tardos e morosos.

E lá se vão :¹⁹ não há mais contê-los²⁰ ou alcançá-los. Acamam-se as caatingas, árvores dobradas, partidas, estalando

(*) *Estourar*, *arrancar* ou *arribar* a boiada, são sinónimos do mesmo facto que nos sertões do norte reproduzem, talvez mais intensas, as *disparadas* dos pampas.

em lascas e gravetos ; desbordam de repente as baixadas num marulho de chifres ; estrepitam, britando e esfarelando as pedras, torrentes de cascos pelos tombadores ; rola surdamente pelos tabuleiros ruido soturno e longo de trovão longinquo...

Destroem-se em minutos, feitos montes de leivas, antigas roças penosamente cultivadas ; extinguem-se em lameiros revolvidos, as ipueiras rasas ; abatem-se, apisoados, os pousos ou esvaziam-se, deixando os habitantes espavoridos, fugindo²¹ para os lados, evitando o rumo retilineo em que se²² despenha a «arribada», — milhares de corpos que são um corpo único, monstruoso, informe, indescritivel, de animal fantástico, precipitada na carreira doida. E sobre este tumulto, arrodando-o²³ ou arremessando-se impetuoso na esteira dos destroços, que deixa após si aquela avalanche²⁴ viva, largando numa disparada estupenda sobre barrancas, e²⁵ valos, e cerros, e galhadas — enristado o ferrão, redeas soltas, soltos os estribos, estirado sobre o lombilho, preso às crinas do cavalo — o vaqueiro !

Já se lhe têm associado, em caminho, os companheiros, que escutaram, de longe, o estouro da boiada. Renova-se a lida : novos esforços, novos arremessos, novas façanhas, novos riscos e novos perigos, a despender, a atravessar e a vencer, até que o boiadão, não já pelo trabalho dos que o encalçam e rebatem pelos flancos, senão pelo cansaço, a pouco e pouco afrouxe e estaque, inteiramente abombado.

Reaviam-no à vereda da fazenda ; e ressoam, de novo, pelos ermos, entristecedoramente, as notas melancólicas do aboiado.

(IDEM)

Emprego do tempo

440. A antiguidade pagã, engenhosa em formular as idéias por alegorias, esqueceu um dos caracteres particulares desta misteriosa potencia chamada «Tempo». O tempo tem asas, tem uma foice ativa sempre ; mas também tem uma venda. E' uma cega força que se aplica indistintamente ao mal e ao

bem desenvolvendo e engrandecendo tudo o que¹ se lhe dá. O tempo não destrói² somente os imperios, eleva-os tambem ; não dobra somente o roble sob a machada do lenheiro ou sob o peso dos furacões, faz germinar a glande, faz alçar-se ao céu a árvore saída da terra, faz que³ ela enflor e desabrolhe em frutos. Confiai-lhe os embriões do mal : ele os fecundará para desgraça e morte ; confiai-lhe os embriões do bem : dar-vos-á comodidades e riquezas.

Assim, pois, o tempo, embaraço de ociosos, cúmplice de maus, inimigo de viciosos, é o benfeitor e amigo do operario.

Ricos e poderosos da terra, os numerosos dias, que desbaratais em ansias de vãos projetos, são para vós dias perdidos ; e, na incerteza do vosso trilhó, não sabeis se⁴ empregais ou dissipais o tempo presente, única porção de vida que temos. Só o artista, constante no seu fim, uniforme nos seus meios, conhece o preço do tempo. Cada dia, cada hora do obreiro tem seu destino fixo, e seu valor numérico. Os minutos e os segundos têm um determinado valor para o homem cujo dia tem um preço conhecido : quem deixa sem emprego alguma parte deste precioso tempo aliena voluntariamente uma parte de sua riqueza ; e o homem opulento, que lançasse o cabedal pelas janelas, não seria mais doido que o operario que perde o seu⁵ tempo.

A arte de bem empregar os seus rendimentos é uma daquelas que mais importam⁶ à felicidade do homem : mas a arte de bem empregar seu tempo, essa deve ser julgada superior ; porque os rendimentos dissipados podem ressarcir-se⁷ com o tempo, mas o tempo perdido é irrecuperavel.

Muitos artistas, porem, têm suas intermitencias de atividade e preguiça ; arrebatados pelo exemplo, ou por alguma paixão funesta, a sua vida é uma continuada alternativa de trabalho e ociosidade. Porque se enfraquece o interesse que inspira a desgraça, quando se vê na miseria um artista outrora agíl ? E' que em nós influe a suposição de que ele não soube aproveitar as suas horas de trabalho, ou fez mau uso das horas de ocio. Este juizo pode ser severo, mas é justo. A industria, no século em que vivemos, chama a si todos os braços e espiritos, recompensa todos os esforços. Já não é o trabalho que falta aos homens habeis, são homens habeis que⁸ faltam ao trabalho.

Um proverbio mui conceituoso diz que *é mais caro nutrir um vicio que⁹ dois filhos*. O vicio absorve, consome, devora tempo, dinheiro, saude e felicidade ; o artista que se lhe entrega, dá-se sem defesa aos ataques da doença e aos reveses da fortuna, entretanto que¹⁰ o operario laborioso, semelhante à previdente formiga, tem o cuidado de armazenar em estação amena o cibo com que resiste aos¹¹ rigores do inverno. A ambição do repouso requer tanta atividade como a das conquistas ; só o bruto deve viver *ao Deus dará*, e a providencia foi dada ao homem como defesa contra os caprichos do acaso.

No precedente capítulo falei nos abismos a que a ociosidade arrasta os seus validos ;¹² e, considerando a perda de tempo como um *déficit* material, esse *déficit* é tanto maior, tanto mais real, quanto a hora perdida abre muitas vezes um vacuo, donde se¹³ origina outro. O trabalho paga-se,¹⁴ o prazer compra-se : há, pois, duplo lucro em saber empregar o tempo, porque o homem é rico duplicadamente pelo ganho e pela economia.

E' justo, porem, que, após seis dias de assidua atividade, o sétimo seja dado à folga. O domingo é de instituição divina, e o tempo, que se dá à felicidade, às afeições doces, a um exercicio salutar, não é perdido. Mas convem que a moderação presida aos¹⁵ folguedos do obreiro, senão, algumas horas de desordem bastarão para devorar o produto duma semana. Semelhantes fraquezas tiram-lhe o mais precioso bem : a sua propria estima ; perturbam-lhe a consciencia, e esfriam-lhe o ardor. Envergonhado de ter tão mal gasto o fruto do seu trabalho, receia o operario de¹⁶ adquirir meios para succumbir de novo. Mal empregado tempo o que deixa remorsos !

(CAMILO CASTELO BRANCO)

Resumo das riquezas do pobre

441. Dizer que a virtude é a felicidade é resumir em poucas palavras o assunto desta obra ; esta verdade, porem, carecia¹ algum desenvolvimento para se não afigurar paradoxal.

Disse eu que o sistema de vida do operario lhe dá contentamento da alma e vigor do corpo : acrescentei que o trabalho, a economia, a temperança, fontes de satisfação interior, cooperam para a sua felicidade. Provei que as afeições domésticas, a beneficencia, a religião, únicas alegrias, únicas delicias análogas à dignidade da nossa alma, eram mais pródigas de seus favores para os pobres que para os ricos. Enfim, quis fazer-lhes² compreender que a pequenez de seu estado e moderação de seus desejos os salvarão dessas imperiosas paixões que atormentam os grandes, facilitando-lhes vida de paz e de inocencia.

Não pretendo asseverar que só o pobre, exclusivamente privilegiado, possa gozar perfeita felicidade sobre a terra : de mais se sabe que uma situação abrigada do infortunio é incompativel com a humanidade. Mas, admitido o impossivel duma felicidade absoluta, a existencia mais isenta de males é certamente aquela em que mais raras são as decepções e os grandes reveses da fortuna, aquela em que as virtudes são mais facéis. E' debaixo deste ponto de vista que eu considero os pobres mais favoravelmente colocados para atingirem a felicidade.

Depois de ter querido apossar³ o pobre nas riquezas morais que a providencia lhe reservou, falta-me descobrir-lhe as misérias que empeçonham a possessão dos bens da terra. A distancia, que o separa do rico, não o deixa ver⁴ bem esta brilhante apparencia que lhe esconde, tristíssimas realidades ; e, como é da natureza humana supor a felicidade onde a vista a não enxerga, o pobre inveja ao rico esses bens que a Providencia lhe dispensa, muitas vezes na sua cólera. «Essas pessoas – diz ele – parecem felizes !» mas há grande diferença entre *ser* e *parecer*. Humilhamentos penosos, costumes incômodos, horas vãs, empregos difíceis, trabalhos infrutíferos, continuas decepções : eis aquí a alta sociedade.

Se o pobre vir⁵ as fraquezas de espírito, as úlceras do coração, tão frequentes nas jerarquias elevadas ; se sondar o nada da ambição, a demencia da vaidade, as baixezas da intriga ; se, finalmente, medir a queda dos grandes, à fé⁶ que ele agradecerá ao céu a sua pequenez.

(IDEM)

Do espírito

442. Há uma qualidade de espírito que nos faz descobrir a verdade, a razão, as relações das cousas morais, suas leis, consequências e limites. Este espírito, que dirige nossas ações que rege nossos discursos, que nos impede de cometer faltas, ou cair em posições viciosas, é o espírito de procedimento ; a ele, diz Bossuet, está submetido o governo dos imperios, porque é a mais alta faculdade do homem. Util aos pagueiros como aos reis, tanto pode ser do pobre como do rico, do artista como do magnate, e quem quer que o possui goza um dom celeste tão raro quão precioso.

Não é, pois, esse espírito que eu vou por no número das misérias humanas. Há dois gêneros de espírito que parecem particularmente pertencer às classes opulentas, e que eu não hesito em classificar no número das enfermidades morais que empobrecem o rico : um é o espírito de detração ; outro é o espírito de controversia.

A saciedade não é somente a doença dos sentidos, é também doença do espírito. O homem, que viveu nas esferas elevadas, em que os esforços do gosto e da elegancia se¹ esgotam para o encanto da opulencia ociosa, contrai, muitas vezes, o costume de detrair, que o segue no commercio social, embarçando-o de encontrar cousa que lhe agrade,² tornando-o até intolerante com os prazeres alheios. Convertido em desdem, o seu espírito não compreende o essencial das idéias em que gira o viver da sociedade ; peremptorio e absoluto em seus julgamentos, mancha e esteriliza tudo o que se lhe avizinha : é a dúvida aplicada às cousas humanas. Os homens, que tal espírito têm, assemelham³ esses indivíduos cujo subtilíssimo olfato acha sempre impurezas no ar, alcançando, às vezes, um ar de crédito e autoridade que não se fundam senão em um erro. Atribue-se o paladar difficil desses a uma superioridade de luzes, ou a organização mais melindrosa ; sendo certo, porem, que mais deve procurar-se⁴ a causa dessas perpetuas críticas na imperfeição que na perfeição da sua intelligencia ; o espírito de detração não é um requinte, é um debilitamento

de gosto, uma das misérias da alta sociedade, e o homem, que tal é, deve evitar-se⁶ como um inimigo de todos os nossos prazeres. Se ele nos acompanha a uma sala, ao teatro, aos museus, aos concertos, faz-nos a cada instante experimentar o desapontamento da esperança enganada. Exagerando com facecias o ridículo de certos prazeres em que nós entraríamos sem a presença do crítico, priva-nos de gozar cousas⁶ que nos aprazeriam⁷. Se a nossa admiração desperta ao aspecto de uma bela pintura, a presença desse homem coagir-nos-á, e fará que encontremos defeitos no que devera entusiasmar-nos⁸.

O espírito de controversia, ou antes o espírito de saciedade não é menos comum nas altas classes, nem é menos funesto à felicidade do homem ; filho da vaidade, faz mais mal do que deseja fazer ; brilhar é o objeto único de seus esforços, frívolo, superficial, mas cheio de fogo, vivacidade, e elegancia, vislumbra em vez de alumiar, seduz em vez de convencer, arrasta em vez de persuadir. Vive de pensamentos novos e idéias extraordinarias, porque, é inimigo da razão : o sofisma é o seu passatempo, a antítese o seu embelecimento, e a quimera a sua absoluta soberana. Amigo de-inovações, ama a temeridade, o arrojo, a extravagancia ; repele com desdem a justeza do raciocínio, que ele chama eloquencia do lugar comum. Sem temor, sem respeito, sem peias, diverte-se continuamente entre o caricato e o serio, sempre prestes a refugiar-se no primeiro, quando é mal recebido pelo outro.

Este espírito, porem, ainda invejado e festejado, atrai a estima daqueles que o usam?⁹ Decerto não. Diga-se uma e muitas vezes que a religião e a verdade são para a humanidade interesses preciosos demais, para que se possa, sem tal ou qual perversidade, brincar com as mais santas cousas : e demais, nós vemos quase sempre os gracejadores por officio serem mal-quistos ; porque lhes não basta guerrear o raciocínio ; querem brilhar ainda à custa do coração. Sacrificam a um remoque o amor, a amizade, e o seu proprio interesse. Satirizam, chasqueiam,¹⁰ dardejam golpes que deixam às vezes eternas cicatrizes. Pelo que, o prazer que eles dão na sociedade, é ao mesmo tempo uma coação : não se pode diante deles estar com franqueza e confiança. A sua conversação, por fina demais, chega a fatigar : são tudo cambiantes,¹¹ equívocos,

alusões. Ouvem-se, sorri-se a gente,¹² mas atormenta o medo de sermos vítimas também.

Em verdade, funesto dom é este espírito que nos faz ermar no seio da sociedade, que nos priva da confiança, da amizade, da perfeita estima dos homens, e nos cria¹³ mil secretos inimigos. Há, porem, outras mais graves consequências da mesma causa. E' também na alta sociedade que se vêem espíritos corrompidos e corruptores defenderem¹⁴ a causa do mal, vestir o vicio dos ornatos mais sedutores, e atacar, brincando, os mais sagrados objetos.

Sabido é que não há erro, principio absurdo e detestavel que o espírito do homem não tome a peito sustentar. Transviado dos caminhos trilhados, a precisão de maravilhas faz que¹⁵ ele abandone a causa da razão e do juizo; e muitos gracejadores abjuraram talvez o culto da verdade, porque acharam aí tudo velho, e queriam que ela se defendesse¹⁶ com argumentos deslumbrantes e originais.

Quão deploravel e culposo é o emprego desta intelligencia que foi dada ao homem para aproximá-lo da Divindade! Graças ao céu o povo não tem estas faltas. Mingua-lhe,¹⁷ o espírito necessario para zombar da razão, para achar argumentos em pró das suas fraquezas, e para legitimar os seus vicios. Sobeja-lhe, porem, espírito para ser amado, e ser feliz. As cabeças vazias de idéias complexas são as melhor dispostas¹⁸ para receberem idéias sãs.

Justo é dizer-se, todavia, que há na alta sociedade, homens cujo espírito não está em divorcio com a razão. Neles o siso e o tino previnem¹⁹ os desvios da fantasia. Sabem reprimir a sua natural vivacidade, quando se trata de ²⁰ assuntos serios, e a sátira só a ²¹ empregam em interesse da verdade.

Mas que raros são esses espíritos firmes e retos! Que numerosos são os espíritos corrompidos e corruptores que, alem de inhabeis²² para sentir²³ a felicidade, empeçonham a felicidade dos outros!

(IDEM)

Egoismo

443. O egoismo é um isolamento do coração, um amor sem movimentos e sem asas, que se concentra e¹ materializa na nossa existencia individual; é um interesse dos sentidos que subjagam o espírito, a razão, e todas as nossas faculdades, um interesse que espia e calcula e não consente à alma relações com os objetos exteriores senão para o fim de atrair a si todos os júbilos.

O egoismo é o abuso e a exageração desse conselho da sabedoria que quer que o homem baste a si mesmo, e não põe a ventura dele nos bens que o destino pode tirar-lhe.²

Convem saber que a filosofia antiga tinha, a este respeito, idéias tão austeras que ferem, ao mesmo tempo, a humanidade e a moral. Esse Xenofonte, que, tendo noticia da morte dum filho, esperança e amor da sua velhice, não perdeu um momento de sossego espiritual; esse Stilpon, que, no saque³ duma cidade, vendo morrer sua mulher e filho, respondeu a Demetrius, espantado da sua serenidade, que «graças aos céus, nada perdera do seu»; todos esses filósofos que obtiveram elogios da Grecia, por terem visto, a olhos enxutos, a morte de seus amigos e parentes, parecem-nos muito afastados da humanidade para serem inscritos na sabedoria. Alteando-se acima da natureza, tocaram a insensibilidade. Não podemos admirar uma virtude tão vizinha do egoismo.

A religião cristã compreendeu certamente melhor o coração do homem, opondo a caridade a esta estoica indiferença.

O egoismo é um vicio particular das classes opulentas; é um hábito contraído na sensualidade, na abundancia, no meio das adulações de que os grandes são objeto.

Todas essas honrarias, todas essas deferencias que o interesse e o servilismo multiplicam em redor do rico, exageram-lhe a sua⁴ importancia individual, fazem-no capacitar-se⁵ de que é uma natureza mais excelente que o comum dos homens. Acariciando-se, esmerando-se em desvelos com a sua preciosa natureza, o rico ergue um altar em seu coração e sacrifica-lhe tudo.

Uma outra causa contribue a fazer nascer⁶ o egoismo nos homens que por si mesmos se enriqueceram. E' certo que as riquezas se acumulam ordinariamente pela applicação do principio do interesse a todas as ações da nossa existencia. Se este principio se deixa avizinhar das paixões, das idéias generosas, das afeições do coração, multiplicam-se as causas das despesas e paralisam as causas que produzem os haveres. Logo que o espirito vai nesta direção, difficilmente a deixa. O germe das virtudes fecundas foi muito tempo comprimido para se desenvolver com força; e o homem attribue a si então todas as vantagens que se⁷ havia prometido.

Nos pobres, o sentimento de idénticas necessidades produz o hábito do socorro mutuo. E' preciso ter meios, ou ao menos possuir tal ou qual independencia, para alguém ousar desentlaçar-se⁸ dos vínculos que prendem os homens entre si. O pobre, escasso de meios para comprar prazeres com ouro, paga-os com o coração: não tendo uma boa mesa para regalar indiferentes, dá-se⁹ amigos; ... obrigado a trabalhar para sua mulher e filhos, está constantemente occupado com eles.

O egoista, abstraído em frios cálculos e falsas previsões, reputando pesadas cadeias os mais doces laços, detesta e foge¹⁰ o casamento; o seu espirito só em ambições se occupa; o coração contem-no a ele¹¹ só. Ama-se, possui-se, isso lhe basta; e se vai à sociedade, é que ele sabe que os liames, que aí formam, não poderão jamais tolher-lhe¹² a liberdade.

Mas não se infringem impunemente as eternas leis da natureza. Se o homem consegue bastar-se¹³ na juventude, lá vêm a velhice, em que o seu egoismo chorará os sacrificios que se¹⁴ fez. E' lá que, alquebrado pela idade e doenças, o celibatario terá precisão duma companheira, duma amiga, que desejará em vão. Suportam-se os defeitos, escusam-se as queixas, consolam-se as dores daquele com quem se atravessaram todas as fases da vida; daquele que se vê ainda através de¹⁵ doces recordações; mas evita-se¹⁶ o velho moroso e melancólico que não fez nada em bem dos outros. Desvelos mercenarios, humilhante dependencia, e algumas vezes loucuras tardias são os únicos recursos que o egoismo deixa à velhice.

Os miseraveis cálculos que obrigam o egoista a privar-se duma companheira fazem que¹⁷ ele não ouse ter um amigo.

Receia debilitar suas esperanças ou suas riquezas, repartindo-as ;¹⁸ teme os reveses, e o contagio da desgraça. Prosperidades, honras, opulencia, ele crê possuir-vos ; mas não vos goza, pois não tem com quem vos goze ; ninguém se associa a seus contentamentos, desejos e regalias. Que insípido prazer deve ser o que não se expande ! — E quem sozinho suporta a prosperidade, em quem se encostará, quando vier o infortunio ? Quem o consolará, e quinhoará de suas angustias ? Que lágrimas correrão com as suas ? Que mão lhe apertará a dele ? Não tem amigo ; ao coração cerrado não lhe chega lenitivo... a desgraça há de esmagá-lo com todo o seu rigor !

Se o egoista, cuja fria prudencia sabe reprimir as paixões, ao menos se dedicasse aos seus semelhantes, beneficiando-os ; se ele procurasse nas delicias da beneficencia um alimento a essa simpatia que a natureza pôs no coração de todos os homens para aproximá-los !... Mas a sensibilidade do egoista é tão delicada que repugna à¹⁹ vista dos infelizes ; as lágrimas, queixas e desgraças causam-lhe penosas sensações ; só ao seu interesse se move, só ele lhe impõe algumas virtudes. O egoista será complacente, afavel, se o seu interesse o exige ; será amavel, algumas vezes generoso, se o seu interesse o aconselha ; mas são efêmeras essas virtudes ; domina-as, abastarda-as e abafa-as continuamente o vicio, que é o principio delas.

Quão melhor entende seus verdadeiros interesses o homem bom e generoso ! Pai, esposo, amigo, multiplica, por assim dizer, a sua existencia, pois espera e goza nos entes que o cercam. Não teme o aspecto da desgraça, que ele pode consolar ; a compaixão que transfunde nossa alma nos infelizes, dá-lhe penas, mas prazeres tambem. Fazendo alguém feliz, a si se felicita. Ama, é amado, enfim O egoista, esse, identificado consigo, faz de seu coração um deserto.

Comparem-no,²⁰ com a existencia vazia e descorada do egoista celibatario, esse vigoroso e impressivo quadro que outrora traçou um magistrado virtuoso, discursando acerca da moral :

«Na alta sociedade ignoram-se²¹ os verdadeiros prazeres, os prazeres dos costumes ; não se faz idéia aí da revolução deliciosa que se passa no coração do homem honesto, sempre que entra em sua casa, e diz : E' noite, e eu trabalhei o dia

todo para meus filhos, para meus deveres. E' chegado o momento de eu ser remunerado das minhas fadigas. Vou ver minha mulher, meus filhos, minha familia. A estes nomes caros e sagrados o meu coração estremece : meus pés conduzem-me onde já tenho a alma; vou-mé unir a mim proprio. Todos me amam e esperam : tenho a certeza de que meus filhos já vinte vezes interromperam os seus inocentes brinquedos para espreitarem a minha ida ; quando me virem, soltam ao mesmo tempo um grito de alegria. Olhares e carinhos será tudo meu ; eu hei de abraçá-los todos juntos, e cada um por sua vez. Sentados à mesa, pedir-me-ão contas do que fiz, e o meu coração abre-se-lhes. Que hei-de eu ocultar-lhes ? Contar-lhes-ei minhas alegrias e tristezas, receios e esperanças... Que falta à minha felicidade, se me é lícito acabar, nos braços do amor, um dia consagrado à virtude ? »

Não são do mesmo modo egoistas todos os homens. Alguns apreciam perfeitamente as vantagens e doçuras da união conjugal ; mas fiéis ao seu carater, levam até ao casamento o egoismo das suas sensações pessoais. Desgraçadas aquelas que a tais homens se ligam ! Nesta pretendida comunidade de bens e males, todos os sacrificios e privações serão delas e para elas.

(IDEM)

Pelo zurro o burro ⁽¹⁾

444. Era uma vez : diz mestre Lafontaine,
Que lh'o dissera Fedro seu amigo,
Que lh'o dissera um grego corcovado...
Pois tudo neste mundo vai por ditos,
Tudo se¹ diz porque outros o disseram...
E talvez que não fosse Lafontaine,
Mas foi outro que tal, que vale o mesmo.
Um dia... mas o fio à² minha historia

(1) A Academia de Ciencias de Lisboa propôs-se a fazer um dicionario da lingua portuguesa. Saiu o primeiro e único volume, letra A, cujo último vocábulo é o verbo *azurrar*. Garrett era estudante nesse tempo e escreveu esta sátira.

Não o torno a quebrar por cousa alguma ;
Poema que tem muitos episodios
Nunca pode ser bom nem bons ser eles :
Diz padre Horacio ou outro tal como ele
Destes que intentam acanhar o genio
Com leis servis por eles arrançadas
Que,³ segundo a moderna guapa escola,
As⁴ não pode sofrer de tais birbantes.
Um dia pois o pai de homens e numes,
Como eu ia contando aos meus leitores...
— Se é que a sorte, que os⁵ nega a bons poetas,
M'os deparar⁶ a mim⁷, chulo trovista —
A rogos, — mas de quem já me⁸ não lembra⁹ —
Asno felpudo de orelhões caídos
Quis transformar em férvido ginete ;
E ao bom Mercurio, seu fiel ministro,
Manda que o longo pelo lhe¹⁰ tosqueie
E um bom naco cerceie¹¹ das orelhas.

Era grande o burrico, nedio e gordo,
E por milagre do supremo Jove,
Que sempre faz, como este, bons milagres,
Ei-lo¹² desempenado e mui lampeiro,
Qual andaluz corcel ou egua arabia,
A par doutros corcéis se vai trotando.
O povo cavalar na forma nova
Não reconhece a burrical maranha.
Como eles folgazão, retouça e pula,
Ladeia,¹³ faz corcovos, trava o passo,
Enfim parece — tanto podem numes
E tal é o poder de um bom milagre ! —
Cavalo mestre e feito em picaria.
Qual rústico peão de bronca aldeia
De tamanco nos pés, no sacco a broa,
Que vem para embarcar lá da provincia,
E para um tio, que é senhor de engenho,
Ricaço em pretos, em arroz, melaço,¹⁴
Engoiado aprendiz vai ser caixeiro :
Morre-lhe o tio, eis o rapaz num sino,

Vende pretos e pretas e melaço,
E vem, Cresso¹⁵ de cocos e patacas,
Meter toda¹⁶ Lisboa num chinelo ;
Já por boas, luzentes amarelas
Serodio compra fidalguesco foro...
Dantes – que hoje a visita da saude,
Em cheirando a caturra, a bordo o prende
E é já barão quando põe pé em terra...
Ei-lo que alteia¹⁷ os ombros encolhidos,
Entufa em vento as bochechudas belfas,
Empina a pansa, engrossa a voz pausada,
E no tropel dos nobres envolvido,
Se o¹⁸ não conheces, crera-lo¹⁹ provindo
Dos que nos velhos pergaminhos vivem.
Tal já desorelhado e ufano o burro
Entre altivos ginetes campeava.²⁰
Mas, ó fado infeliz, mesquinha sorte !
Quando entre os novos ledos companheiros
Se²¹ vai trotando com pimpão meneio,
Ei-lo depara com²² vilã jumenta
De hirsuta felpa e de costado esguio,
Que os fios corta dalma a quem a²³ via,
Como bem diz latino-luso vate
De mui gaiata e festival memoria.
Súbito esquece o recém-nobre estado, –

E em notas de invejar²⁴ por um Lablache
Salmeia²⁵ airoso compassado orneio.
Deixa os amigos e a zurrar se fica !
Ora pois, como fez o senhor Jove,
Fez certo gran'senhor de letras gordas
E protetor das magras.²⁶ – Foi milagre
Que por intercessão foi operado
De uma a que chamam deusa²⁷ da Sandice,
De outra Impostora e de outra Pedantice.

Começa o caso co'outro parecido.

Havia em certa terra muito longe,
Lá na ponta dos pés deste hemisferio,

Que dizem²⁸ fora outrora povoada
Por certo beberrão feitor de Baco,
Havia uma familia de animálculos,
Zoófitos, e quase microscópicos,
Aos quais Lineu, que achou nomes a tudo,
Nunca deu nome, nem especie ou gênero,
Nem eu lh'o²⁹ sei tambem, só sei que arrotam
Textos, medalhas, químicas rançosas,
Que trazem n'algibeira um compassinho,
Muito acanhado, curto e pequenino,
Talhado ao modo dos miolos deles
Com que querem medir todo este mundo.
Destes pois – e aquí vai o gran'milagre –
Burros na forma, na ciencia burros,
Mas burros mais que tudo na cachola,
Quis o tal gran'senhor, citado acima
Fazer – ó musa o que ?³⁰ – Dize, não temas,
Não fujas, dize e vai-te. – «Uma academia»,³¹
Disse a musa e safou-se às gargalhadas.
Mas que academia ! – Oh ! venham as brilhantes
De Londres, de París, de Petersburgo
Beber aquí ciencia não sabida
De assopradas pomposas ninharias.
Que produções, que produções ! Oh ! quanto,
Quanto seria mais se um deus maligno,
Inimigo dos guapos acadêmicos,
Das três que Deus nos deu potencias³² dalma
Lhes não sacasse duas à sorrelfa,
Deixando só memorias e memorias...³³
Quanto seria mais, quanto fulgira
Em gordos, grossos, grandes calhamaços
A portuguesa, majestosa lingua,
Se os novos sabios, no começo à³⁴ empresa,
A antigas manhas não perdendo o afinco,
Não encontrassem por desgraça nossa
C'um pérfido *azurrar* – zurrar maldito !
Ficaram no azurrar sempre zurrando.

(GARRETT)

Educação

445. Eu quisera que como base de toda a moral se estabelecesse e¹ firmasse no coração do educando uma única virtude primordial em que todas as outras se contivessem e da qual ele formasse uma noção perfeita e clara. Esta virtude não pode ser senão a *Justiça*. Justiça é tudo, justiça é² as virtudes todas, justiça é religião, justiça é caridade, justiça é sociabilidade, é respeito às³ leis, é lealdade, é honra, — é tudo enfim. Acaso parecerá absurdo esta proposição assim enunciada e seca. Meditemo-la, desenvolvamo-la e apliquemo-la ; talvez o não pareça então.

Para que se educa⁴ um ente racional? Em relação à natureza, para *filho, esposo e pai* ; — em relação à sociedade civil e ao Estado, para *cidadão, súbdito ou soberano* ; — em relação a Deus, para *religioso*, determinadamente nós para *cristão*.

Ora da justiça, não no restrito sentido em que vulgarmente se toma,⁵ porem na ampla acepção filosófica, — da justiça, digo, derivam todos os deveres que para qualquer destes estados se requerem, todos os direitos que essas obrigações acompanham porque delas resultam.

Firmemente creio que, assim reduzida a educação moral ao único princípio da justiça, o educador achará mais facilidade, e menos tropeços em a dirigir sem desvio, e o educando em a receber.

Não suponham todavia que nestas ou em qualquer outra parte da educação eu pretenda que se adote o método sintético, i. é. o de estabelecer categórica e dogmaticamente um princípio (que por tal modo nunca pode ser bem entendido) para sujeitar a ele todas as especies, e ir derivando todas as consequências que nele se contem ou se pretende que contenham. Condilac chama à⁶ síntese «método de trevas» ; e, se alguma vez o epíteto severo de Condilac perfeitamente quadra a este método é quando o aplicam⁷ à educação.

O bom mentor afastará para longe de seu pupilo semelhante sistema. Tudo quanto dogmaticamente lhe⁸ ensinar pela sín-

tese, por mais pura e incontestável verdade que seja – ainda da mais simples intuição – corre grande risco de se perder. A análise é o método da natureza ; há-de vir com a força da razão e da experiência ; embora lh'o não ensinem, a natureza lh'o ensinará : – e quando o pupilo, seguindo *por si* o método inverso do de seu mestre, proceder de *singulares* para *universais*, a mínima discrepância entre suas observações, e as consequências e princípios que lhe ensinaram, o fará desconfiado ; a dúvida entrará em seu espírito, logo após o cepticismo e após ele a incredulidade perfeita.

Assim se têm perdido muitas educações intellectuais e quase todas as morais.

Nem é este o inconveniente único, mas que^o seja o principal, do método sintético em materia de educação : não faltará ocasião de voltarmos ao assunto no decurso destas cartas, e a tempo e propósito ponderaremos os outros.

Tanto na educação moral como na intellectual, a análise é o método que o educador e os mestres devem seguir. Nem tudo é ensinavel por síntese, tudo por análise. Em religião, das obras da criação se deve ir subindo¹⁰ até o¹¹ Criador, dos benefícios da redenção ao Redentor. E só quando assim gradualmente preparado o espírito e o coração, é que¹² os dogmas podem achar verdadeiro crédito e sólida base no ânimo do jovem.

Assim nos deveres para com os homens, para com a sociedade, para com o Estado.

Quando se desenvolverem estes principios no circunstan-
ciado e se é licita a expressão forasteira – no *detalhado*¹³ das
aplicações deles á educação moral e intellectual, veremos que
não há ciência moral em que não tenha cabimento, esta
metaphisica ou arte, a que não seja applicavel o luminoso m
de análise. É, é, aquele em que o educando é o artífice
nas suas próprias idéas e principios, em que, dirigido
por um guia não forçado, no caminho da
verdade, o mesmo acha por si as verdades
e o seu proprio saber, obra sua, e
tal forma que nada o abalará
na verdade

Falemos agora da educação intelectual,¹⁷ que é a coroa de todas as outras. Esta coroa deve ser de frutos e de flores ; de frutos para as necessidades e utilidades da vida, de flores para encanto e ornato dela.

Em qualquer grau da sociedade que nos ponha a sorte, todos carecemos¹⁸ de educação intelectual, mas nem todos *igualmente*. Na educação do corpo não há quase modificação alguma senão a que a diversidade do sexo pode requerer — essa mesma variedade é só quanto aos meios ; na do coração também algumas pequenas modificações pede o sexo, que o estado de família e a supremacia da virilidade exigem ; mas na educação intelectual muitas mais e muito mais variadas são as dificuldades que o sexo, a posição social, a índole, as propensões do educando estabelecem. A humilde cabana do pastor não se deve fechar mais às benções da educação intellectual do que o palacio dos reis : mas dos simples rudimentos das artes, que os obscuros misteres da vida precisam,¹⁹ a órbita dela se vai estendendo em âmbito, e alargando como as linhas da parábola até o²⁰ infinito. Este *infinito* porem não é o matemático, é o infinito social, é o trono : *infinito*, porque todas as virtudes, todas as luzes, todos os ornatos e perfeições são poucos para o ente destinado ao tão difficil, tão arduo, tão sublime encargo de presidir aos²¹ destinos das nações, de moderar a grande máquina social, em cujas mãos está a felicidade de milhares de milhões de individuos.

De toda a educação do espirito a gramática é a base. A gramática é a ciencia das palavras, i. é. dos sinais de nossas idéias : e entre estas e aqueles, — pela construção física do homem, por suas relações com os outros e com o resto do mundo visivel, por sua educação, por sua natureza, — é tão íntima conexão, tão estreita e quase indivisivel, que jamais conhecer bem as palavras, sem conhecer as coisas, e não conhecer bem as palavras, sem formar juizos distintos o e ligações, não tiver noção de ligar e usar não for igual-

gramática está conexa (e tal-
da inerente)²⁴ a ideologias
de que são sinais as palavras

Não se concebe ; na organização que ao Criador, aprouve²⁵ dar à especie humana, não se concebe como sem palavras se pudessem formar muitas das idéias, combinar outras muitas e formar juizos. Não há um só fato que prove que os sentidos, a experiencia de um homem que nascesse e vivesse isolado, bastassem para isso. A mutua comunicação das sensações que os homens receberam e experiencias que fizeram na sociedade – seu estado natural – é que os fez discorrer,²⁶ pensar e ser lógicos. Sem palavras, sinais de suas idéias, e meio de permutação e comunhão delas, não se chegará nunca a este resultado.

A gramática, pois, que é a ciencia das palavras, – se a não compreende – está inseparavel da ciencia das idéias e do raciocinio.

Estou portanto persuadido que²⁷ os dois estudos de « formar e combinar idéias », e de « expressar estas formações », se não devem nem podem separar.²⁸ São operações promiscuas do espírito e dos órgãos do corpo, e que promiscuamente se devem analisar²⁹, estudar e dirigir.

Não falo agora nem do método pratico deste ensino, nem dos livros que se devem escolher, nem de nenhuma cousa circunstanciadamente. Estou dando o esboço, o plano geral do meu³⁰ edificio : depois examinaremos a construção e ornamentação de suas diferentes partes.

A aritmética é o rudimento immediato da educação elementar. A aritmética é mais vasta ciencia do que vulgarmente se cuida. Todas as matemáticas puras estão nela. A extensão com que esta importante parte dos conhecimentos humanos deve ser ensinada depende das circunstancias do educando. O que sobeja a um não bastará a outro, mas decerto a nenhum pode dispensar absolutamente de a aprender, nem sexo, nem posição social, nem aptidão.

Apesar de que, sem sair dos meios aritméticos, se pode ensinar a geometria, não aprovarei contudo que a nenhum educando se ensinasse³¹ senão pelo método ideológico e abstrato de Euclides. A geometria está para todos os conhecimentos fisicos como a lógica para todos os intellectuais e morais. E alem disso nenhum estudo exercita, forma, retifica a razão como este.

As linguas occupam um lugar eminente entre os elementos da educação nobre : (e aquí entendo por educação nobre, e entenderei onde quer que repetir a expressão, a de todo³² o educando não destinado a officios ou empregos mecânicos). Nem todos os individuos da sociedade precisam delas ; mas de certa altura para cima quase todos, — e porque não direi, sem exceção, todos ?

O grego e latim são necessarios elementos desta educação nobre. Deixar³³ falar modernos e modernices, petimetres neologistas de toda a especie : o homem que se destina, ou que o destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode sem vergonha ignorar as belas letras e os clássicos. Saiba ele mais matemática do que Laplace, mais química do que Lavoisier, mais botânica do que Jussieu, mais zoologia, do que Lineu e Buffon, mais economia política do que Smith e Say, mais filosofia e legislação do que Montesquieu e Bentham ; se ele não for o que os ingleses chamam *a good scholar*, triste figura há de fazer falando, ou seja na barra,³⁴ na tribuna, no púlpito — tristíssima escrevendo, seja qual for a materia, porque não há assunto em que as graças do estilo e a correção da frase e beleza de dicção não sejam necessarias e indispensaveis. Ponham-me Demóstenes, Cícero — e Canning tambem, — com seus grandes talentos fortes de químicas e economias políticas, e com todos os códigos de suas respectivas nações na cabeça, mas desprovidas de suas imensas riquezas literarias, do irresistivel feitiço da sua linguagem clássica — ponham-m'os no Areópago de Atenas, no senado de Roma, e na câmara de Londres, e veremos se são os mesmos homens, os mesmos estadistas, os mesmos oradores onipotentes, diante de quem tremem os Filipes, os Catilinas, e as Santas Alianças. Escreva alguém com dobrada erudição³⁵ e engenho o *Espírito das leis*, mas sem os encantos do estilo clássico de Montesquieu, e veja quantos lh'o lêem. Traduzam em lingua de tarellos as obras de Plutarco, de Cícero, de Buffon, de Laplace, e veremos quantos leitores têm.

Ora é tão impossivel escrever bem em português, em castelhano, em inglês, em qualquer das linguas do ocidente da Europa sem saber grego, e principalmente latim, como era impossivel aos escritores de Roma fazê-lo bem na sua sem

conhecerem a de Atenas, ou ainda hoje ao poeta ou orador de Ispaan ou de Stamboul o escrever bom turco ou bom persiano sem saber o árabe antigo, a lingua do *Koran* e de Hafiz, agora tão morta para eles como o grego e latim para nós, como o sânscrito para indios e mogóis.

Das linguas vivas é igualmente preciso o estudo ; – por necessidade para as transações da vida que no estado de relações em que se acha o mundo é quase indispensavel à máxima parte das classes da sociedade ; – por utilidade, para o conhecimento de muitos e excelentes autores que nelas escreveram ; – para ornamento, porque não só é sinal de boa educação, mas familiariza com as literaturas, costumes e maneiras dos povos, aos³⁶ quais a civilização todos os dias estreita e fraterniza a mais e mais.

Ninguém ignora que para nós, habitantes do sul, o francês, o inglês e o alemão são as linguas mais necessarias. Castelhanos, portugueses e italianos com pouco trabalho se entendem e³⁷ lêem.

Porem o estudo do proprio idioma é mais necessario que o de nenhum dos outros. Somos desgraçados nisto os portugueses, homens para quem não são misterios os de Píndaro e Persio, muitos a quem não metem medo as mais abstrusas dificuldades da lingua santa, orientalistas, helenistas consumados não sabem, nunca estudaram sua propria, sua tão rica e tão formosa linguagem. Mas para estudar a lingua materna e aperfeiçoar nas estranhas não há senão um meio, que é o estudo das literaturas respectivas. Quem saberá português sem meditar e profundar nos tesouros de Camões, de Vieira, de Sousa, de Lucena ? – Quem pretenderá conhecer o idioma francês sem haver estudado Boileau, Racine, Fénelon, Lafontaine, Massillon ? – Que inglês saberá o que não souber Addison, Shakespeare, Pope, Blaire ? – Que catelhano se pode saber sem Cervantes, Garcilaso, e Solis ? – Que alemão sem Schiller, Klopstock e Goethe ? – Que italiano sem Dante e Ariosto, sem Machiavel e Alfieri ? – A que ciencia de latim e grego poderão enfim pretender os que não tiverem versado com mão *noturna* e *diurna*, os exemplares de Livio e Xenofonte, de Cícero e Demóstenes, de Terencio e Eurípides, de Vergilio³⁸ e Homero, de Píndaro e Horacio ?

(GARRETT)

A vida do prior

446. As pequenas composições, que hoje principiamos a publicar, são de um homem, que nunca do mundo quis mais do que a tranquila obscuridade, que faz de ordinario o suplicio de tantas vaidades. Ministro sincero de um Deus de paz, assentou-se nos pés da cruz e dali viu aproximar o inverno da velhice, com a mesma serenidade com que tinha visto passar as¹ ilusões da juventude, e com que havia atravessado os perigos da idade viril. Satisfeito com a sua pobreza, não invejava (se é que invejou alguma cousa !) senão a unção apostólica e a eloquencia persuasiva dos primeiros confessores da fé nas grandes épocas da regeneração moral do mundo. Chegado quase ao termo do seu² desterro, quando a hora da liberdade estava a soar, reclinou a cabeça para acordar sem dor na mansão do júbilo, patria suspirada de suas³ mais doces esperanças, única impaciencia de uma alma, que longe da morada celeste se entristecia cativa.

A virtude nele era risonha e desassombrada. Nascia de dentro, não aspirava⁴ a grangear aplausos, nem se desvanecia com os respeitos mundanos. Se alguma vez pecou, foi por excesso de bondade. Nunca ouviu queixas que a sua boca se não abrisse para as suavizar, nem viu lágrimas, que a sua mão as não enxugasse logo. Por isso em muitas ocasiões, ele, o ancião experimentado, revelava a simplicidade da pomba, enganada pelos artificios dos hipócritas. Por mais que o advertissem, a sua caridade não se cansava, e embora faltasse a si, nunca faltou aos pobres. Se o⁵ convenciam de erro, se lhe mostravam a ilusão, sorria-se, e respondia : «Louvado seja Deus ! Ainda bem que até me deu para esses !» Dito isto, cheirava com pausa a sua pitada de esturro, e ia catar, ou alporcar os craveiros, até o relógio do estômago, único relógio que havia em casa, o avisar de que eram horas da refeição. Vinha então recolhendo-se⁶ devagar, alargava o passeio pela cozinha, rondando o almoço ou o jantar, não sem se arriscar a alguma jaculatoria da tia Brízida, matrona sexagenaria, que tinha a seu cargo a economia doméstica e o baixo e misto imperio da despensa e da capoeira.

A última doença do padre Vigario, ocasionou-a⁷ o zelo pelo⁸ serviço d'Aquele, que nunca fez também esperar⁹ os desvalidos. Por baixo de imensa cerração, caindo a chuva em torrentes, e soprando o vento, frio e agudo, meteu-se à meia noite ao caminho da serra, para levar as consolações da Igreja a uma de suas ovelhas, que agonizava em desabrigada choupana. À volta, o corpo tremia sacudido por uma sezaõ de febre, e o rosto vinha mais pálido do que a face de um moribundo. Deitou-se para não se¹⁰ tornar a levantar.

Ferido no seu posto, como soldado intrépido, elevou o espírito, abençoou a enfermidade, e bem com Deus e com os homens, ao terceiro dia adormeceu para sempre. O Vigario levou todos os bens consigo. Para se sepultar¹¹ foi preciso que os vizinhos fizessem uma derrama. Mas em compensação nunca houve funeral tão rico de prantos e louvores. Despovoaram-se os lugares da freguesia e dos arredores para acompanhar, e quando o corpo saiu do presbiterio, o choro de toda a aldeia honrou aquelas cinzas tão amadas. Com razão ! Não era o velho pároco o pai, o amigo, o benfeitor de todos ? Em vida constituiu os pobres seus herdeiros,¹² por isso não deixava de seu mais do que a sobrepeliz e a batina remendada, em que o amortalharam, e o crucifixo de marfim, que unira ao coração na derradeira despedida.

O premio não foi só a coroa de gloria ! ... Por mais desvairada, ou corrompida, que uma geração corra ao precipício, os exemplos salutareos sempre se lhe¹³ gravam na lembrança, e a rudeza dos camponeses, apesar dos vícios esquecidos nos idilios, não é usualmente a que resiste mais à ¹⁴ proveitosa lição das boas obras. Pelo menos assim aconteceu na paróquia. A ama, à qual o Vigario legara somente a memoria de suas virtudes, encontrou logo a hospitalidade afetuosa, não de um, mas de muitos habitantes, que se lhe ofereceram para acolherem sua velhice. O cão do Pastor, companheiro constante de tantos dias de fadiga, também achou quem se condoesse, e o fosse levantar da sepultura sobre que gemia saudoso. As pobres alfaías da casa, o breviario usado, os poucos livros de estante, e um ou outro movel de seu uso quotidiano, disputados como reliquias, repartiram-se¹⁵ à sorte por evitar contendas, e hoje mesmo, depois de largos anos, o tempo, que tudo gasta, não

amorteceu ainda a recordação do sacerdote exemplar, cujos ossos repousam à sombra dos ciprestes plantados pelas suas mãos no cemiterio da aldeia.

Este foi o homem e o eclesiástico venerando.

Do poeta, que era, que sempre tinha sido, quase sem o cuidar, raras, raríssimas pessoas dariam noticia. Fugia da fama que dão as letras, com um cuidado igual pelo menos àquele, com que se furtava envergonhado ao pregão da sua caridade. Pejava-se tanto de si e por tal receava ser visto que se a direita se escondia da esquerda nas esmolas, a pena não se ocultava menos discreta¹⁶ quando escrevia. O padre prior tinha pouco vagar para livros volumosos. Nos curtos ocios que as obrigações lhe concediam, distraia-se deixando vaguear a fantasia pelas recordações do passado, enganando assim as tristezas do presente, ou ligando em algumas cenas soltas as reminiscencias, ainda vivas, dos dias da mocidade. E enquanto o vento lhe¹⁷ sacudia os caixilhos das janelas, a chuva, chapinhando, lhe fustigava os telhados, enchia ele uma ou duas páginas à luz do ponderoso candieiro de latão amarelo de três bicos, talvez o traste mais luxuoso¹⁸ de toda a sua mobilia. Assim nasceram em um recanto obscuro da aldeia êstes *Contos e Lendas*, escritos sem emendas e com admiravel rapidez, em letra grada, direita e garrafal, para regozijo dos compositores, que cegam a miudo¹⁹ os negalhos de missanga de certos autores, muito nossos conhecidos, aos²⁰ quais Deus não castigue em desagravo de suas vítimas.

Se o padre Vigario vivesse, ainda não soltava seguramente da gaveta os papéis a três voltas e meia de chave. Foram precisas repetidas instancias para m'os confiar. Poucos meses antes da sua morte, é que²¹ alcancei licença para fazer deles o uso que julgasse mais oportuno, com tanto que o nome do verdadeiro autor nunca figurasse, «porque, dizia ele, não são cousas estas para um sacerdote da minha idade matar o tempo, quando podia rezar, meditar as suas práticas do domingo, ou examinar a sua consciencia. Mas não sei como isto é: assim que me sento diante da mesa e pego da pena, não posso valer-lhe,²² e, apesar de todos os protestos, entram comigo as malditas historias, e não há resistir-lhe²³. Se fosse crendeiro, jurava que me faziam bruxarias».

A bruxaria era o que hoje se chama a vocação ! A sós comigo perdia de vista as realidades da vida, e, quase sem o saber, deixava-se arrebatado pelas visões do mundo fantástico, onde antes dele já se entranharam muitos outros que a admiração sauda como príncipes da intelligencia. Vingava-se porem deste mau sestro (era a sua frase), pondo de lado as escritas frívolas apenas as acabava e nunca mais falando delas. Rabiscava umas tantas folhas de papel (com este desprezo tratava a inspiração !) e sem as tornar a ler, juntava o novo caderno ao antigo maço. Uma fita de nastro vermelho atava tudo. Esquecia-se depois deste e dos outros até ao²⁴ inverno seguinte, em que voltava às suas histórias com extremo pavor da tia Brízida, confidente dos seus segredos, a qual representava nos serões literarios do presbiterio o papel, que a tradição attribue à famosa ama de Molière. Em lisa fé temia ela, de-veras, que o demonio perdesse um dia a paciencia a força de esbofetado,²⁵ e de escarnecido pelo Vigario naqueles papéis, e que se desforrasse torcendo o pescoço às galinhas²⁶ e frangos, ou chupando o sangue aos coelhos, transformado em raposa ou em ginete. Nunca acordava, que não esperasse encontrar a capoeira vazia ! Se é bom estar bem com Deus, dizia, não e mau estar em paz com o demonio. A casa do presbiterio não era grande nem espaçosa, mas sorria de longe à vista, caiada por fora e rodeada²⁷ de canteiros de flores. Vestia-se de um tal ar de festa, que namorava,²⁸ pela beleza rústica, e logo a distancia²⁹ prometia a hospitalidade que nos dias do Prior estava convidando de longe com os braços abertos a quantos³⁰ lhe³¹ batiam à porta. Situada na coroa de um outeirinho, alvejava por entre a folhagem prateada das faias, cujos troncos lisos e direitos o vento meneava³² graciosamente. O patio ajardinado, cercado de alegretes, era todo viço e frescura ; tres cepas enroscadas e colossais cobriam com a sombra de seus pâmpanos as parreiras, aonde³³ amadureciam na estação os mais formosos cachos de moscatel e de ferral-tâmara. Em volta da risonha morada, penduravam-se as vinhas pelas encostas das colinas até às margens de um ribeiro, toldado de salgueiros e chorões, que se torciam para beijarem³⁴ a agua. Por entre as vinhas aparecia em malhas o verde mais fechado dos nortes metido entre valados de piteiras, enquanto

ao lado sussurrava a levada correndo³⁵ pelas regueiras. Os pomares, copando-se,³⁶ encantavam de espaço em espaço os olhos, oferecendo-lhes bosques fechados, e embalsamando tudo em roda com sua fragrancia. Subindo pelos outeiros, que ondeavam³⁷ desde a planicie até às montanhas torreadas no extremo horizonte, os troncos nodosos e robustos das oliveiras trepavam de socalco em socalco até à cortina de pinheiros, cujas cabeças, de um verde triste, a viração balouçava lá em cima, meneando-as³⁸ entre murmurios ao cair da tarde.

A ribeira vinha de cima, e ora rebentando entalada, ora espaiando quase adormecida na areia alva e fina do leito, despenhava-se mais abaixo com estrépito, entrando no lugar opulenta com as aguas recebidas. Aqueles pâmpanos cingidos de arvoredos, aqueles vales viçosos de hortas e pomares ; os variados tons que zebravam as encostas dos montes e colinas, desde a esmeralda viva dos prados até ao louro cendrado das paveias ; os rosmaninhos e as boninas esmaltando as veigas ; o rio precipitando-se aquí, mais adiante correndo manso e límpido e depois espreguiçando-se³⁹ sobre as relvas ; de dia o sol inundando de luz dourada todo o quadro, de noite o clarão da lua tocando-o⁴⁰ de meiga melancolia, compunham um espetáculo de tanto enlevo que a vista fugia com a vontade e com o coração para aqueles casais debruçados das colinas, fazendo⁴¹ nascer desejos de pedir pousada em algum deles, para ver romper o luar por entre o arvoredado, e de ouvir brincar a aragem com os ramos aos primeiros raios brancos do alvor matutino.

Era sobretudo ao anoitecer que a aldeia se animava. As chaminés expeliam o fumo em penachos caprichosos ; os cepos estalavam no lume ; as crianças, como enxame buliçoso, brincavam, defronte das portas. As mães cozinham a ceia, enquanto os velhos e os mancebos, descansando do trabalho, aguardavam encostados,⁴² ou assentados, a hora próxima da refeição e do repouso.

Que saudade causa no tumulto das cidades a idéia do por do sol nas aldeias ! Nesta ocasião, em que a fadiga do corpo como que⁴³ faz mais docil o espírito, é que ⁴⁴ o padre Vigario desembocava de uma das azinhagas com o seu Horacio ou o seu Salustio debaixo do braço, e vinha conversar o seu pedaço

com os anciãos⁴⁵ da terra, para saber as novidades e espreitar as rixas e discordias, afim de as⁴⁶ compor. Correndo a mão pela cabeça das crianças, ralhando com umas, afagando outras, informava-se de tudo, sanava as malquerenças, e conseguia, pelo respeito de seus anos e qualidades, que os moradores da paróquia formassem uma só família. Mestre e passa-culpas eterno dos rapazes, estes, mal o viam, voavam em bandos a agarrar-se-lhe⁴⁷ à loba, às mãos, por entre vozes e saltos com uma algazarra que dava rebate a toda a aldeia. No verão, nos dias de maior calor, era sempre certo o prior, à tardinha, debaixo da parreira, que lhe⁴⁸ cobria a varanda, com o livro aberto e os óculos de prata, que lhe⁴⁹ escorregavam até a ponta⁵⁰ do nariz. Lia e passeava.⁵¹ De três ou de quatro em quatro voltas, parava, batia na caixa de tartaruga e sorvia, com delicias, uma pitada, deitando os olhos pelos canteiros a ver se alguma flor carecia de⁵² rega ou de amanho. Quando o sol declinava, punha na cabeça o venerando tricornio, pegava da⁵³ bengala de cana da India e castão de prata, saía a tomar um pouco de ar. Era a frase modesta, empregada por ele para designar as suas forçadas de legua, legua e meia e às vezes duas leguas por montes e quebradas.

Quando o⁵⁴ encontrei por acaso, e travei conhecimento com ele, poucos homens vigorosos, na flor da idade, poderiam acompanhá-lo⁵⁵ no seu passo largo e igual. Abordando-se⁵⁶ à bengala por costume e não por necessidade, despejava caminho como o andarilho mais valente. De estatura elevada, seca, mas encorpada, carregava sem esforço com o peso duma velhice verde e alegre. Nos olhos cinzentos e vivos brilhava um toque de finura risonha, e a boca não pequena, mas engraçada, animava o rosto e dava-lhe expressão agradável, avivada de constante jovialidade. A brandura do ânimo correspondia às promessas da fisionomia, e o trato íntimo denunciava as prendas daquele carater, honrado, severo só consigo, inflexível e incapaz de se torcer em pontos de consciência ou de melindre. Na convivência com o padre Vigário, aprendi mais do que me ensinariam muitos anos de leitura. Convalescente e magoado, deví-lhe a saúde do corpo, a saúde e o conforto da alma.

Este velho desterrado por gosto e eleição sua em um canto do mundo, numa aldeia ignorada, era mais sabio na sua humildade, do que muitos que se pavoneiam⁵⁷ de lidos e eruditos. Em dois preceitos únicos encerrava toda a sua filosofia : — paciencia e amor. Com a primeira suportava os trabalhos e os reveses sem desmentir a serenidade da alma ; graças ao segundo, o coração, purificado pelos anos, abria-se a todos os sentimentos nobres, e palpitava com orgulho memorando as glórias da patria. Fiado nos prenuncios do futuro, mitigava a dor das desgraças presentes, com as esperanças de melhor porvir, tão crente e entusiasta como se acabasse de entrar na época das ilusões. Entendia e applicava o Evangelho pelos afetos ardentes da sua alma abraçando como filhos e irmãos todos os aflitos e necessitados ; e pelo amor, finalmente, não perdoava⁵⁸ mas agradecia as ofensas, as injustiças, até as calunias, provações da virtude, não se lembrando⁵⁹ delas senão para pagar o mal com o bem.

Horacio, Salustio e Tácito eram os seus autores mimosos, a par de Camões, de Ferreira e de Sá de Miranda. Familiar com os escritores da antiguidade, e com os modernos de mais nome, seria preciso colhê-lo⁶⁰ despercebido,⁶¹ e espartar a veia natural e espirituosa da sua conversação, para se apreciar⁶² devidamente os tesouros encobertos daquela vasta erudição e os prodigios de uma memoria em verdade rara. As citações acudiam-lhe⁶³ espontaneas ; os ditos agudos e as anedotas encadeavam-se ;⁶⁴ as cenas e os quadros, pintados com viveza admiravel, sucediam-se e ligavam-se. Parecia que a sua voz ressuscitava de repente os homens e as cousas, que as cinzas dos grandes varões de Roma e da Grecia, dos heróis de todos os tempos e de todas as nações tornavam a juntar-se, a tomar corpo e a animar-se e que os víamos mover⁶⁵ e falar como se os estivéssemos contemplando nos dias do seu esplendor. As ruinas de Atenas, as do velho Lacio, os monumentos da meia idade, e os episodios de épocas mais próximas, evocadas pelo encantamento irresistivel daquela imaginação criadora, como que⁶⁶ volviam subitamente ao primeiro ser, aparecendo uns em toda a formosura da arte clássica, erguendo-se outros pela religiosa inspiração da arte cristã.

À noite era um prazer e um exemplo observá-lo⁶⁷ sentado⁶⁸ na imensa poltrona de couro, com a ama à direita e o cão sonolento à esquerda, a velha cabeceando⁶⁹ de roca à cinta e engrolando Padres nossos,⁷⁰ o animal piscando⁷¹ os olhos com uma orelha fita e outra derrubada. Dos dois companheiros do serão o mais atento e sisudo era de certo o cão ! Medindo sempre o dono com a vista, o mastim nunca perdia ocasião de lhe coçar⁷² o focinho pelo joelho, quando supunha o ensejo favorável. O bofete de pau santo e pés torneados, o candieiro de latão e a anarquia dos papéis completavam o pitoresco painel do lar doméstico. Passada uma hora, o único que não dormia era o Vigário ; a sua pena continuava a ranger sobre o papel, ao som dos roncoss assobiados da tia Brízida. Quando as pálpebras se lhe⁷³ faziam pesadas, o prior arrastava a cadeira, metia dois dedos na argola do candieiro, e recolhia-se ao quarto no meio das recomendações da ama sobre os perigos do fogo, sobre mil outros casos prováveis. Estas recomendações não se calavam, senão quando a respiração alta e compassada do ouvinte convenciavam a oradora do efeito soporífero da sua eloquência.

Em um destes serões, a⁷⁴ que assisti, caiu o diálogo sobre não sei qual de nossos reis, e o Vigário inocentemente deixou escapar o segredo das suas⁷⁵ vigílias. A curiosidade de comparar a escrita do solitário com o seu talento de narrar, obrigou-me a pedir-lhe, sem atender a desculpas, que me lesse alguns *Contos e Lendas*. Oxalá que o leitor seja do meu voto. Ainda me não arrependo do que disse deles ao autor, que tremia, como se minha opinião valesse alguma cousa. Não os reputei perfeitos,⁷⁶ longe disso, mas asseverei-lhe que seriam talvez folheados⁷⁷ sem fastio. Arriscaria um juízo temerario ? !... No seu acanhamento, o prior sempre resistiu a⁷⁸ apurar o manuscrito para a imprensa, e quando m'o entregou, pouco antes da sua morte, foi com a final e irrevogavel condição⁷⁹ de nunca descobrir o nome do autor, se me atrevesse a importunar os prelos (assim se expressou⁸⁰) com as puerilidades de um velho criança. Possam os *Contos e Lendas* do padre Vigário, cuja última vontade estou cumprindo, merecerem⁸¹ alguns momentos de atenção, não por si, mas pelas memorias que recordam. Correm já sujeitos às vicissitudes da publicidade

tantos filhos espúrios da mesma invenção, que mais este, entrando no mundo das letras, não usurpará, de certo, lugar que pertença de direito às obras primas dos poetas festejados. Em todo o caso, sem audácia não há fortuna. Lanço-o à corrente !... A sorte boa, ou má que faça o resto !

(REBELO DA SILVA)

A torre de Caim

(LENDA DO SECULO XI)

447. O monge começou assim a sua historia :

— No tempo em que os valís de Córdova tinham quase todo o reino sujeito, é que succedeu o que vou contar. Estava o conde D. Henrique a entrar por dias, e com ele vinham boas lanças para ajudarem a resgatar do poder dos infiéis as provincias de Portugal. A essa hora nos castelos da fronteira, não se descansava de dia, nem de noite ; ninguém despia as armas ; e quer luzisse a manhã, quer cerrasse a tarde, o clarão das almenaras, ou o rebate das trombetas não consentia nem leve repouso aos defensores da verdadeira lei. Nas ameias, ou no campo da peleja, não se sossegava um momento. Os melhores castelos ainda tinham a voz dos descridos ; muitas terras pagavam-lhes tributo ; e as belas tapadas do Minho e do Alentejo eram para eles correrem os veados, os ursos e os javalis. Do mármore de nossas pedreiras arrancavam as colunas e as ricas laçarias de seus paços. Tudo na abençoada primavera deste formoso jardim chamado Portugal era dos sarracenos e em tudo punham o seu deleite. Nas campinas floridas, em que a lua nasce suave como sorriso infantil, e o céu brilha radioso como olhar de virgem namorada, a tristeza até parecia desmaiar¹ o sol. Antes de o tragar o inferno, cujo² é, o árabe sensual passava pelo paraíso, que nos tinha roubado ! Por isso a saudade do que perdeu lhe punge tão viva hoje o coração !...

— E não havia cavaleiros, que lhes estalassem as lanças no peito, bradando : esta terra é nossa ! acudiu Martim Pais.

— Havia ! redarguiu³ o frade. Mas eram poucos. Naqueles dias de cativoiro, todos inclinavam a fronte, regando de lágrimas os sulcos da charrua, guiada por mãos de escravos. Deus exalte o braço vitorioso, que nos deu outra vez a terra de nossos pais, que fez nossos,⁴ a casa em que abrimos os olhos, o cemiterio, aonde⁵ dormem os que nos amaram, a árvore que nos cobriu com a sombra a infância e a velhice, e a fonte que ferve ao pé do rosal !... Naquele tempo, quando o mouro passava, beixavam todos a vista, porque ele era o senhor.

— Mas a terra havia de ser então quase um deserto, padre ?

— Não. As espigas douravam-se nas searas como agora ; os campos vestiam-se de relvas e de arvoredos ; as noras gemiam nas hortas ; e os gados pastavam nos montes. Mas a terra, tão alegre por fora, toda era magoa e desconsolo por dentro ; porque a terra, em que somos escravos, mesmo que seja a da patria, parece-nos mais só e vazia, do que um ermo. A casa alheia, a courela que é de outro, e o fogo aceso na lareira a medo, fazem-nos chorar, porque nada daquilo é nosso, e hoje, ou amanhã, podem dizer-nos : sai ! O reino vivia, como vive agora ; o que estava morto era o coração do homem. Resplandecia o mesmo sol, corriam as mesmas aguas, nasciam as mesmas flores ; porem as crianças não brincavam por baixo dos pâmpanos da vinha, como brincam estas ; e a donzela assustada, tremendo de se ver formosa, não se assentava tranquila, como aquela, debaixo da amendoeira em flor ouvindo descantar o rouxinol por cima da cabeça. O harem do sarraceno, aberto diante dela, como abismo, fazia-a empalidecer.⁶ De um momento para outro podia ser obrigada a escolher entre a deshonra e a morte.

— Que martirio não seria a vida assim ? !...

— Era ! Foi !... Mas viveu-se, e por quantos anos !... O dia declina. Faz-se tarde. Quereis que continue ?

— Oh, de certo. Falai !... Todos vos ouvimos.

— No tempo que disse, lavrava a discordia entre dois ricos homens nas terras de Alem-Douro, afirmavam uns que por amor dos lindos olhos de certa dama, juravam outros que por causa da aposta de um cavalo. De seus castelos os dois inimigos, postos defronte, corriam o campo talando vinhas,

pomares e searas, e mal um se descuidava, o outro, assaltando-o, vinha logo acordá-lo⁷ a ferro e fogo. Em suas mesnadas, ou companhas de homens d'armas, ardia a guerra em toda a furia. Nos casais assolados de ambos, o solarengo ou o pastor nunca sabia se ao anoitecer recolheria os frutos e os rebanhos a salvo, ou se despertaria ao clarão das labaredas, para enterrar algum dos seus assassinado.

Por fim o cavaleiro mais velho acometeu o paço acastelado do contrario, e tomou-o à traição, deixando a cabeça do senhor cravada nas ameias. Aconteceu isto véspera⁸ de São João, por alta noite, quando todos festejavam o bendito Santo com fogueiras, cantigas e folias. O cavaleiro tinha um filho e um irmão. O filho de idade tenra ; o irmão temido pela índole e pelo braço. Entraram e saíram os anos assim ; a criança fez-se homem e de parte a parte a aversão das duas famílias cada vez crescia mais. O rio, que as separava, tingia-se de sangue por muitas vezes, e os sinos não cessavam de dobrar na igreja pelos que morriam. O tempo, que tudo gasta de dia para dia, parecia avivar mais aquela rixa. A este tempo o herdeiro do cavaleiro assassinado era já um mancebo louvado pela destreza nas armas e pela presença gentil a cavalo e nos saraus. Chamava-se D. Moço Ansures, e vendo-o passar,⁹ esbelto e afogueado da carreira, com o falcão no punho, as donzelas sorriam-se e coravam, e os homens saudavam-no admirando a fiel imagem do homem morto na véspera de São João.

D. Moço ainda não dissera a mulher nenhuma : amo-te ! Um dia, por desgraça, viu a neta do senhor do solar inimigo, e logo o coração, esquecido da vingança, guardou para sempre a doce imagem. O sangue do pai derramado à falsa fé, as malquerenças de tantos anos, as promessas da meninice e da juventude, tudo daí em diante se apagou da sua alma para não ver outro sol, outra luz, senão a dos belos olhos, que o tinham feito seu cativo. Segredos de Deus ! Do maior ódio rebentou o mais constante amor !. . . Correram meses, e o afeto escondido saltou aos olhos de todos. Os parentes lançaram em rosto ao mancebo a sua fraqueza, mas a paixão pode mais que as memorias do túmulo, que deixava sem vingança. Por último, cansados das guerras dilatadas, os rancores cederam,

e o casamento ajustou-se. Uma rosa veio unir as duas casas inimigas. O sorriso de uma dama veio aplacar no sepulcro os que não podiam dormir o sono eterno, e os que haviam jurado não perdoar. Aprazou-se para véspera de São João o ditoso enlace. Seria propósito, ou acaso? Nesse dia contavam-se justamente quatorze anos que o pai de D. Moço Ansures fora assassinado.

O homem põe e Deus dispõe !

O cavaleiro morto tinha, como disse, um irmão, que lhe¹⁰ queria mais do que à propria vida. Haviam nascido ambos véspera de São Pedro, e escusado fora procurar mais do que uma vontade e um afeto nas duas almas. D. Inigo Lopes, era o nome do irmão mais novo, andava ausente. Acertou chegar de longe, quando estavam pregando as tabuas do caixão do infeliz. A dor fez de D. Inigo uma estatua, e sete dias com sete noites o viram todos jazer¹¹ deitado sobre a sepultura. Parece que a terra, comendo-lhe os ossos do irmão,¹² consumia ao mesmo tempo nele tudo que tinha¹³ de humano. Quando rompeu a alva do oitavo dia, e¹⁴ se levantou, trazia a cabeça e as barbas brancas como neve. Envelhecera alí um século em sete dias ! Nem uma lágrima nos olhos secos ! Nem um soluço do peito mudo. Deixou sobre a campa espada e arnez, e levou só consigo o punhal. Ao entrar ainda fizera o sinal da cruz, mas, saindo, Jesús, voltou as costas ao altar. Os anjos nos defendam !

O que fez sete dias com sete noites D. Inigo só e encerrado na capela ? Se alguém o soube, foi a cova fria. Contavam, depois, que um monge na última noite vira a pedra do túmulo erguida sem lhe¹⁵ tocarem, e um corpo crescer da sepultura e a mão do morto apertar a mão do vivo. Ilusões ! Quem vai nunca mais torna. O que não foi fábula, porque todos o presenciaram, foi ao oitavo dia rebentar com o primeiro raio de luz uma roseira do centro da cova, tão viçosa e robusta como se existisse há¹⁶ muitos anos. Que frescas rosas e que lindos botões nos ramos ! Mas se queriam apanhá-las por devoção, murchavam nos dedos ; se tentavam cortar uma pelo pé, o sangue corria da haste como se corresse de veia aberta. Em cada ramo abriam sete rosas brancas e sete rosas vermelhas. E' que outros tantos dias se contavam tambem desde que o

corpo do valente cavaleiro descera à sepultura trespassado de sete feridas.

Nunca mais se soube ou se falou de D. Inigo. Dizia-se que sete anos com mais cinco vagueara como peregrino, pelos desertos que Deus pisou,¹⁷ comento das¹⁸ hervas do monte, bebendo da agua das nascentes, dormindo às inclemencias do tempo. Que vida penitente a daquele Santo ! Vozes do mundo ! O Senhor, que lê nos corações, há muito que tinha desviado os olhos dele. Com ser¹⁹ cristão, nunca mais ajoelhara²⁰ à cruz ou se encomendara à Virgem. Quase ao cabo de longo desterro anoiteceu-lhe no deserto da Tentação ao atravessar pela terceira vez a Palestina. Valha-nos Maria Santíssima !... De repente as areias inflamaram-se em um mar de fogo ; o céu cobriu-se de trevas ; e nas pontas recortadas das altas rochas dansaram, cruzando-se, milhares de luzeiros. Ouviu-se então na vasta solidão do ermo um brado imenso. D. Inigo respondeu, e o pacto que ali se firmou, foi tão negro, que a lua tornou-se cor de sangue e sumiu-se, que as estrelas esconderam trêmulas²¹ a sua luz. O cristão acabava de vender ali a alma ao inferno pela vingança. Desde aquela hora seguiu-o sempre por toda a parte,²² como a sombra segue o corpo, a imagem do irmão assassinado. Ajoelhara ao poder de Satanaz, ele que não se prostrara diante da cruz, e rasgando as veias afirmara o juramento. Quando se ergueu, soou o cantar do galo por três vezes no espaço, repetidos pelos ecos,²³ e risadas tremendas, levantando-se das aguas imoveis do Mar Morto, aplaudiram a vitoria do espírito do mal. O réprobo escarneceu do passado. Uma blasfemia atroz saltou-lhe²⁴ da boca. Mas ele, que se ria²⁵ de Deus e do inferno, estremeceu sentindo fugir-lhe²⁶ a terra debaixo dos pés, como horrorizada do peso do seu crime. Aos primeiros passos o clarão dos relâmpagos cegou-lhe²⁷ a vista. O temporal rebentava ao mesmo tempo no mar aonde²⁸ as ondas se²⁹ empolavam como serras, no céu aonde os trovões estalavam uns após outros ; na terra, que se abria em voragens, e no deserto, aonde o furação, bramindo, cavava abismos, e alteava montanhas, revolvendo em vórtice as areias. Cedros antigos, como os do Líbano, desabavam de pancada. As feras, tímidas que nem³⁰ cordeiros, acoutavam-se submissas nos povoados. Os homens elevavam suas orações

a Deus, pedindo-lhe piedade. Quando tudo se³¹ fazia humilde e pequeno para a súplica, porque riria só o orgulho do culpado? Dalí em diante não passou uma hora sem ele se despenhar mais e mais fundo no precipício. Raiava a manhã um dia e curvado sobre a corrente do Jordão, debruçava o cântaro³² e enchia-o. As ramas das árvores enfezadas torciam-se em toldo raro sobre a ribeira. A duas passadas de distancia caíra um velho desfalecido de sede e de fadiga. Bastava uma gota daquela agua para lhe restituir a vida. D. Inigo negou-lh'a entornando-lhe de propósito o cântaro diante dos olhos para lhe³³ exacerbar o tormento, diante dos olhos que estavam tragando de longe a agua, que o maldito derramava zombando da sua agonia, e dizendo-lhe por mofa : « chama pelo teu Deus e pede-lhe uma nascente ao pé de ti ! » O Senhor não acudiu com prodígios ao³⁴ seu servo. Quis que expirasse vencedor do inferno. Mas desde aquele crime, a sede intensa, ateadas nas entranhas do réprobo, nunca mais se³⁵ aplacou. Os rios e as fontes convertiam a fresquidão em fogo para o abrasar. A gota de agua negada no deserto pesara na balança do Senhor largos séculos de culpas.

Cumpridos doze anos, D. Inigo voltou, sem saber como, à terra em que nascera. Disseram que um cavalo da cor da noite, com os olhos todo chamus, o trouxera em breves instantes da Judéia a Portugal. A cauda varria o pó, a respiração era toda fogo, e as crinas ondeavam³⁶ ao vento. Diante dele as mais altas montanhas encolhiam-se ou tornavam-se outeiros ; o mar e os abismos solidificados aplanavam-se ; e no perpassar do galope infernal, os carvalhos inclinados tremiam e beijavam o chão, flexíveis como juncos. Cavalo e cavaleiro não corriam, voavam ! Debaixo da ferradura mágica as aguas tomavam a dureza do diamante ; a terra oscilava, e mil faíscas, saltando da cratera dos vulcões, vinham coroar o rei do fogo. Ao romper da aurora, o corcel retraiu-se,³⁷ e estacou. Apontava o dia no topo de uma cruz de pedra. Não passou dalí. A medida que ia aclarando a manhã, adelgaçavam-se-lhe as formas e ao primeiro raio de sol dissolveu-se desfeito em fumo.

Quando acabou de desaparecer, tangia um sino. D. Inigo olhou e conheceu o sitio. Estava junto da igreja, aonde fora sepultado seu irmão. Ao primeiro passo que deu, descerrou-se

o portal por si mesmo ; ao segundo iluminou-se a capela repentinamente ; ao terceiro as rosas vermelhas caíram secas e as brancas floriram juntas. Um cântico suave dentro levantava o *Ave maris stella*. Estava aplacada a vingança do morto. A fé, porem, debalde chamava ali por Inigo ; ele não a³⁸ ouvia. A voz do céu em vão lhe oferecia o perdão ; ele, surdo, não escutava a palavra de misericórdia ! Orava naquele momento a Deus, muito longe um santo ermita pelo maior pecador. Arrebatado em espírito, viu um homem cuspi³⁹ por odio na cruz à porta de uma igreja. O anjo Custodio, ajoelhado no cruzeiro, banhava de lágrimas as vestes luminosas ; mas o desacato gelou-lhe o pranto, e cobrindo o rosto com as asas, subiu na aragem até se perder nos raios dourados do sol nascente.

«A tua clemencia, Senhor,⁴⁰ é infinita ! exclamou o justo. Haverá perdão para o que renega o teu santo nome ?»

Neste ponto a visão sumiu-se ; as portas da ermida fecharam-se com estrondo ; e uma voz, semelhante à da tempestade, bramindo nas selvas, repetiu ao longe : *memento homo, quia pulvis es !*

Naquele tempo, em terras de Alem-Douro, que rico homem era mais poderoso e rico do que D. Ordonho, conde ? Estendendo a vista dos eirados do castelo por vales, montes e campos sabia que tudo era seu. A um aceno trinta cavaleiros metiam o pé no estribo, e centos de homens d'armas e peões seguiam o seu pendão. Descendia da grande raça dos primeiros lidadores das Asturias, raça de bronze nos odios, e de ferro nas vinganças. A idade gasta os mais fortes, e a⁴⁰çor velho não se remonta às aguias. Quando na carreira o vento lhe secudia as madeixas brancas, D. Ordonho sentia que os anos não haviam passado em vão. Só a neta, a formosa Auzenda, único amor da sua vida, podia distraí-lo⁴¹ das horas de tristezas. Mais do que filha, porque duas vezes era o sangue da sua alma, um sorriso dela quebrava-lhe a vontade, e uma lágrima só daqueles olhos lindos, transformava em cordeiro o leão embravecido.

Os atalaias vigiam dos altos miradouros da torre da menagem. Os homens d'armas cruzam-se nos eirados. Espreitam se rompe ao longe uma lustrosa cavalgada, que se espera.

O sol já se escondeu detrás do último outeiro ; desmaiaram os derradeiros clarões no topo da cruz de pedra ; levantou-se por fim a lua sobre as campinas, e nenhum cavaleiro, ou sombra dele, se avista em larga distancia ao redor.

No castelo era véspera de noivado. Auzenda, a bela Auzenda, ia casar-se⁴² com Moço Ansures. Estava por horas a festejada véspera de São João, e por horas também estavam a cumprir-se quatorze anos desde que os monges negros rezaram o officio de finados em volta da tumba do cavaleiro assassinado.

Porque se via Auzenda tão pensativa olhando do seu balcão para a coroa do outeiro, que fica defronte ? Córdova e Granada, os dois Edens da formosura, entre mil não se ufanavam de possuir pérolas de igual valia. Aquela beleza era sem par. Sorria-lhe o céu nos labios ; ondeavam os cabelos em tranças douro soltas à brisa ; e os olhos azues, aonde⁴³ amor suspira, oh ! quem poderá vencê-los⁴⁴ depois de vencido por eles ! Delgado cinto aperta-lhe as roupas no corpo esbelto. O véu de tisso bordado ora folga livre com o vento, ora desce em pregas graciosas sobre o seio palpitante. Ao raiar da alva tinha saído. Os pés, como os da corsa gentil, que a acompanha, fogem tão leves que mal trilham os musgos das fragas na serra íngreme. As rosas acendem o rubor na face assetinada desmaiando⁴⁵ os lírios. Boninas e cecens tecem a coroa silvestre pousada na frente. Ajoelhou à cruz solitaria, e a oração matinal subiu casta e pura do coração ao trono do Senhor, no meio das fragancias da aurora. O vestido branco desenha confusamente as formas, e visto de longe flutua nos vapores da madrugada. Dir-se-ia visão celeste que raios da primeira luz vão desvanecer. Ela a chegar⁴⁶, e um cavaleiro a correr do lado oposto. O açor do Douro remata-lhe o capelo de aço. E' D. Moço Ansures. Ajoelha a seu lado e juntos oferecem a Deus as primicias do amor.

— Voltais logo ? perguntou a donzela corando.

— Ao cerrar da tarde ! responde metendo-a na alma com o apaixonado olhar.

— Tão tarde ! ?

— Quereis que fique ? Mas o voto que fiz ! ?

— Não ! Mas !...

— Ao cerrar da tarde, vivo ou morto, estarei aquí !

Separaram-se. Ele despediu o cavalo pelas gargantas da montanha, ela seguiu-o com a vista saudosa até desaparecer por trás do último outeiro.

Porque chora a bela Auzenda ? O que⁴⁷ lhe diz o coração ? E' por isso que⁴⁸ a donzela cismava sozinha ao cair do dia no seu balcão ? Seriam receios de noiva a combatê-la,⁴⁹ ou saudades de namorada ? Baixou a tarde, e fechou-se a noite, e quando as estrelas começavam a tremer na abóbada do céu, recolheu-se suspirando. Quase ao mesmo tempo soava a sineta da atalaia. Donas, cavaleiros e pagens principiavam a entrar no castelo, atraídos pelos festejos. As armas reluzentes, as plumas de cores diversas, os tabardos de matizes variegados deslumbravam, vistos à luz dos fachos. O som das trompas, os latidos dos lebréus, os relinchos dos cavalos e as vozes dos peões animavam de mil ruidos alegres o quadro do noivado. O conde Ordonho sobressaía no meio de todos pela estatura. Era como o carvalho antigo abrigando⁵⁰ os arbustos debaixo da sombra. O seu brado vencia o estrépito.

— Pagens ! Escudeiros ! Fazei honra ! exclamava cortejando os recém-chegados com a boca cheia de riso.

Falta, porem, um homem na festa e com ele tudo falta. A última hora do dia, segundo sua promessa, deveria tê-lo trazido⁵¹ aos pés de Auzenda e com a noite cerrada não chegava !... Do lado das montanhas não havia rebate de mouros. As almenaras apagadas não davam sinal de inimigos. Que motivo demorava pois o mancebo, quando o amor estava-o chamando⁵² tão meigo e desejado ? Porque se ausentara naquele dia em que tantos extremos o convidavam a não se apartar dos belos olhos que o prendiam ? Um juramento sagrado ! Um voto ! Prometera a Deus, para expiar aos olhos de todos a união das duas casas, passar doze horas ajoelhado sobre o túmulo de seu pai. Por isso deixara Auzenda junto da cruz de pedra ao romper da aurora. Por isso as horas passavam e a saudade impaciente da noiva as contava tão vagarosas !

Na sala d'armas do castelo soam mil vozes de júbilo. Que luz faísca das malhas polidas e que reflexos, que cegam, saltam dos dourados capelos! Cavaleiros moços falam de amores, inclinados sobre os estrados das donas e donzelas. Violas e doçainas acompanham as coplas dos trovadores. Mais adiante, em turbilhões de cem cores, em colos ondeados e graciosos, giram e volteiam⁵³ as dansas, e o olhar furtivo de alguns pares promete, em breve, dias semelhantes a mais de um solar.

Na vasta quadra aparelhada para o festim, enquanto os convivas não entram, o vento geme por entre frisos e laçarias dos delgados colunelos. A lua, alta no céu, entorna pelos vidros corados das frestas golfadas de luz branca. De repente as trompas quebram o silencio. Avizinha-se e já se reflete nas paredes, o clarão de muitas tochas. Povoam-se a sala, inundada de luz subitamente. Os escanções enchem as taças e fazem-nas circular⁵⁴, em roda. Saudes, aclamações e vozes cruzam-se, trocam-se, voam em confusão jovial de um a outro extremo da casa. D. Ordonho parece remoçado. À sua direita senta-se Auzenda. Da esquerda um escanho vazio aguarda D. Moço Ansures. De frente, em outro escanho também vazio, estaria o pai do noivo, se pudesse deixar a sepultura. Cobre-o um véu de luto.

A meio do banquete as dansas tornam a entrançar os pares como grinaldas vivas dos festejos. Pelas portas abertas do alcaçar enxameiam⁵⁵ incessantemente donas, cavaleiros e monges, convidados pela hospitalidade quase regia do rico-homem. As taças cheias de licor espumoso correm de mão para mão. D. Ordonho, de pé, alça a sua, e com a fronte erguida brada :

— À paz dos cristãos! À ruína e confusão dos infiéis! —
Uma longa aclamação responde à sua voz!

— Assim findem todas as discordias entre irmãos :

Ainda não tinha pousado o vaso na mesa quando, voltando a vista, soltou um grito. Os convivas olharam também e ficaram imoveis com as taças suspensas.

No lugar vazio, destinado a honrar a memoria do pai de Ansures, appareceu de repente um homem sentado. Vestia armas pretas com a viseira calada e na cota o açor bordado.

Descalçando o guante direito, e empunhando a primeira taça cheia, ergueu-a lentamente.

— Bem falado, conde Ordonho ! (exclamou). À paz da noite de São João ! . . .

Não bebeu, derramou o vaso, e o vinho, maculando a toalha, tornou-se vermelho e vivo como sangue. No sitio em que pousou a taça uma malha de ferro em brasa queimou a alvura do linho. Alçou então a viseira. Os olhos, as feições e os modos eram exatamente os do cavaleiro assassinado havia⁵⁶ quatorze anos ; porem os cabelos e as barbas brancas lembravam que por cima do seu corpo passara o frio da sepultura.

Alguns dos que o viram desejaram fugir, mas, petrificados por um poder occulto, não puderam mover-se.⁵⁷ O horror gelava a todos.

Aquí Fr. Munio fez uma pequena pausa. Depois prosseguiu.

Dava meia noite. A sineta da ermida repicou três dobres compassados. Ao primeiro as dansas estacaram. Homens e damas, suspensos e petrificados, ficaram imoveis como estatuas. Ao segundo os sons emudeceram nas cordas das violas e alaudes. A última nota tremeu solitaria e reboou pelos vãos profundos das salas. Era surdo o sopro das trompas, e o canto dos jograis transformou-se repentinamente em *dies irae* que retumbou. Os cabelos eriçaram-se de horror. Ao terceiro dobre o castelo tremeu e vacilou nos alicerces, como se um terremoto o abalasse. Os eirados jogaram, as torres inclinaram pendidas. E o cavaleiro negro ? Ainda o sino dobrava já tinha desaparecido. Que susto ! Que pavor ! Que imensos clamores ! Muitos intentaram fugir. Debalde ! As portas, sem ninguem lhes⁵⁸ tocar, fecharam-se adiante deles. O portal maciço gemeu nos quicios e cerrou-se por si mesmo. Mãos invisiveis alaram as dobradiças.

Ai noite de São João, noite aziaga ! Valiam reinos os olhos que por amor de ti choraram ; a alcachofra benta ardendo⁵⁹ não brotou⁶⁰ a flor de esperança ; o palmito simbólico, em vez de rosas e de frutos, só ramas de ciprestes esfolhou sobre o leito do noivado. Nos paços do conde ninguem se entendia. Estava sobre eles o poder do inferno. O suor frio borbulhava nas faces dos cavaleiros, e o tremor dos mais

ousados fazia tinir a espada contra a espora. De repente raiou uma pluma de fogo na escuridão. Cresceu, alastrou-se e em breve as nuvens de fumo enrolaram-se com as labaredas enroscadas nos grossos madeiros dos tetos. Jesús! Acudí! O castelo está a arder! Tudo isto se viu e se obrou em um abrir e fechar de olhos. E as portas cerradas, e os eirados tão altos, e o fosso tão fundo! Neste momento rompeu a lua outra vez no toldo sombrio, que a velava, e o seu clarão pálido lançou como um sudario sobre o rochedo talhado a pique, que se aprumava a curta distancia sobranceiro ao castelo. As aguas, rebentando alí à sombra de antigos choupos, ferviam de encontro às fragas,⁶¹ e despenhadas espumaram batendo em cachões no leito da ribeira, que lá em baixo bramia arremesada por entre a bronca penedia.

Aonde está D. Ordonho? Junto de Auzenda desmaiada! Com ela nos braços por entre as chamas, que lhe crestavam o rosto, não correu, voou baixando de andar em andar até ao terreiro. Aí, olhando, viu tudo cerrado, as labaredas serpeando⁶² cada vez mais vivas e o castelo pedra por pedra quasi a desconjuntar-se.⁶³ Os cavaleiros escondiam as lágrimas envergonhados.

— Erusigis! Escudeiro!... A minha acha adamascada! clamou o senhor de St.^a Olaia. Este pulso pode com ela. Nem diamantes a embotaram. Aquí todos! gritou depois em grande brado.

Palpitou a esperança esmorecida nos peitos mais desalentados. Ergueram-se as achas... Golpes de cem machados, vigor furioso de cem robustos braços, ferem a um tempo com ansia mortal a porta maciça⁶⁴ e chapeada. O roble gemeu, o ferro chispou fogo, os gonzos tremem... Mas nas tabuas nem sinais dos finos gumes. Os machados, estalando, lascam até aos⁶⁵ cabos. Por cima do ruido das pancadas e do larido das vozes rompem risadas altas. D. Ordonho volveu os olhos. Na coroa do rochedo campeia⁶⁶ o cavaleiro negro. As aguas espumavam por baixo dos pés do corcel⁶⁷; a mão direita brandia um facho; a esquerda sopeava com as redeas o cavalo preto, quase no ar sobre o abismo.

— Conde Ordonho! Esta fogueira faltava à tua festa de São João. Acendí-a eu. Pago as arras da formosa noiva.

— Maldito ! . . .

— Esquecias já D. Pedro Ansures, morto por ti há quatorze anos ? ! Chegou o dia e a hora das últimas contas. O sangue dos teus vingará o sangue dos meus. Cumpriu-se o voto de Inigo Lopes.

Ditas estas palavras, como se o inferno as soprasse, as chamas em vagas furiosas investiram o⁶⁸ castelo por todas as partes. D. Ordonho ajoelhou⁶⁹. No ombro tinha reclinado outra vez o lindo corpo de Auzenda sem sentidos. As faces desbotadas da donzela tocavam o rosto queimado do velho ; as tranças de ouro misturavam-se com as madeixas brancas ; os olhos lânguidos, em que expirava a doce luz da vida, cercavam-se mortais.

— Castigai-me, Senhor ! bradava o conde, chorando como criança. O sangue verteu-o esta mão culpada . . . Feri⁷⁰ a cabeça do pecador saciado de anos e de amarguras ! Mas esta inocente ! O que⁷¹ fez para cabar assim ? . . . Poupai-a em vossa justiça !

Dizendo isto apertava a neta contra o coração. O que não daria naquele instante o senhor de tantos vassallos e castelos por alguns palmos de terra livre, por uma respiração pura da brisa noturna, que nos serros vizinhos refrigerava as misérias do escravo ?

O conde ergueu-se de novo. As almas viris podem vergar um momento, mas não quebram . . . As maiores dores calaram-se diante da sua dor ; o pranto enxugou-se em todos os olhos ; e os mais intrépidos estremeceram, vendo passar muda e terrível aquela vingança ! Ei-lo vai, o velho fronteiro ! Nem capelo de aço lhe cobre a fronte nua, nem arnez lhe veste o peito descoberto. Leva porem a morte escrita no rosto. O sombrio clarão do desespero reluz nas órbitas ensanguentadas. A voz emudeceu nos lábios, brancos e descorados. Deixai-o ir !⁷² E' o castigo de Deus que se adianta ! Inclinaí-vos ! E' o santo amor de pai que o inspira !

A aguiá real não caiu logo. Varado o peito, sobe e perde-se nas alturas para depois baixar inerte. Vai morrer longe da terra sobre as nuvens. Que fogo ameaçador na vista imóvel ! Que fria raiva no vôo lento ! Guarde-se o falcão. Primeiro perderá a vida que o rei dos ares. Assim era D. Ordonho ! . . .

A lua escondeu-se. A tormenta rugia ao longe. O vento lastimava-se soturno. A distancia,⁷³ nos outeiros e plainos, reflectia-se o clarão avermelhado do incendio. O fumo em rolos salpicados das faiscas estendia-se como toldo imenso. As aguas e o furacão confundiam os bramidos. Os relâmpagos lambiam a crista dos montes. O trovão estourava em estampidos medonhos.

A asa negra da tempestade varria a face da terra... Que vulto é aquele, que as labaredas rodeiam⁷⁴ emoldurando-o encostado ao arco do eirado da torre Albarrã? Fogem-lhe aluidas debaixo dos pés as lageas abrasadas e não recua. Sobre a cabeça cruzam-se mil centelhas e não as sente. Ao lado estalam e desabam os madeiros com fragor, racham-se e abatem as paredes, e não as vê! O temporal, fustigando os cedros, estronca-os; o raio, fuzilando, lasca os penhascos da montanha; as torrentes, crescendo túmidas, inundam as margens como rios caudalosos. Que escudo cobre, pois, aquele homem que todos os perigos e horrores da vida conjurados não o⁷⁵ abalam? A desesperação! Que lhe importam ao desgraçado⁷⁶ as ameaças do céu, ou as ruínas da terra? Esconde no seio a pior das mortes. Morrera em vida. O castelo de seus avós será o sepulcro do último descendente de uma grande raça.

Soltou por último do peito um rugido imenso. A cor lívida da ira dava-lhe à face o aspecto de um cadaver. Encurva o arco, retesa a corda e a vista mede o espaço. Ai do que aparar o tiro: A seta só espera um aceno para voar sibilando ao seu alvo...

Três vezes estalou o trovão, e três vezes um lençol de fogo jorrou dos céus abertos. Soa distintamente o galope de um cavalo. As ferraduras, raspando as fragas, fazem saltar⁷⁷ as faiscas umas atrás das outras. Armas brancas, capelo sem viseira, no peito o açaor do Douro. Será D. Moço Ansures? À claridade dos relâmpagos, à luz do facho sacudido pelo cavaleiro negro, viram todos o corcel do mancebo enovelado sobre a aresta do precipício, quase a escorregar pelas rochas apumadas. Cavalo e cavaleiro arquejam suspensos de um fio sobre o abismo. O que Inigo lhe disse, o que ele respondeu, ninguém ouviu. O vento bramia forte. Pouco depois descortinava-se D. Moço, enristando⁷⁸ a lança meio corpo debruçado para o precipício, e o renegado arremessando⁷⁹ o facho

às águas para se rodear de trevas. O braço do Maldito alçou de súbito a espada e o golpe descia já... quando uma seta passa assobiando. O mancebo viu então o seu inimigo rolar aos pés do ginete e logo após um corpo, dobrado nos ares, resvalar, batendo nas pontas das rochas, até se atufar dilacerado e disforme nos cachões da nascente, que espirram a grande altura espuma e sangue.

Do castelo, no eirado fronteiro, uma voz cheia e vibrante levanta brados de triunfo, e por momentos avulta a estatura gigante do conde Ordonho, cozida nas chamas, imóvel e majestosa, com os cabelos soltos ao temporal. Depois abateu-se a torre com grande estrépito, as quadrelas aluíram-se, as traves acesas remoinharam e caíram, e entre os destroços, como em leito tranquilo, o velho guerreiro adormeceu do sono eterno. Honra ao que morre amortalhado em suas armas e envolto no seu pendão ! Ao cabo de sessenta anos de pelejas o fronteiro sepultou consigo a orgulhosa raça de riba d'Ave, e do seu castelo só ficaram de pé aquela torre negra, que além vemos e a ermida aonde jazem os ossos de Pedro Ansures.

— E D. Moço ? perguntou Martim Pais.

— E Auzenda ? acudiu D. Nuno.

— D. Moço, cumprindo já de noite o seu voto, teve um pressentimento, e, cravando espora no cavalo, despediu a carreira veloz por cabeços, fragas e alcantís. Já perto do castelo deu-lhe no rosto o clarão do incêndio e viu-o arder.⁸⁰ Apertando o corcel correu como louco, e só parou quando o facho do cavaleiro negro lhe cegou os olhos. O que sucedeu então já vos contei. Apenas Inigo expirou, desfez-se o encantamento. D. Moço buscou Auzenda. Encontrou-a, mas sem vida ! Levaram-na os monges à capela, puseram-lhe na cabeça uma coroa de cecens, e a terra comeu de quinze anos a formosura mais invejada das Espanhas.

D. Moço, desde esse dia, não viveu. A saudade matou-lhe a alegria, a esperança e a juventude. Nunca mais vestiu armas.⁸¹ O que iria pedir às batalhas ? A gloria ? Não tinha com quem a repartir. A morte ? Para que ? Não a sentia já no peito ? A liberdade da terra do seu berço ? Ai ! Nem essa idéia mesmo podia fundir já os gelos daquele coração !... Sombra do que fora, o que⁸² fazia o desgraçado neste desterro cruel, sem afetos,

sem amigos, sem consolações? Como o carvalho que o raio feriu na força do crescimento debruça os ramos mirrados e se torce e definha até cair, a dor e a memória, verdugos implacáveis das existências desgraçadas, minavam-lhe a vida, secando-lh'a na raiz.

Sobre⁸³ a madrugada o sono pousava-lhe a medo nas pálpebras molhadas de lágrimas. Então a febre do delírio representava-lhe junto do leito a doce imagem, que trazia no coração. Era ela! Via-a, como nos dias ditosos. A mesma grinalda de flores do campo sustinha os cabelos louros que fugiam em ondas; as mesmas roupas alvas desenhavam as formas virginais; nos olhos sempre a luz suave do amor, que o fizera tão feliz; nos lábios aquele sorriso em botão, que se abria casto como a rosa. O mancebo queria estreitar a visão querida ao peito, e acordava, chorando, porque só abraçara o ar. Neste tormento agonizou por meses até que Deus, compadecido, lhe enviou a morte a um mosteiro humilde, aonde se recolhera.

Quando o amortalharam, os monges acharam-lhe unido ao peito, sobre o coração, um laço de cabelos; e no quarto de alva o frade, que ficara orando a velar na tumba, contou depois que vira aparecer uma dama, formosa como os anjos, e inclinar-se triste sobre o corpo. De dentro do ataúde saiu um braço, e ela com a sua mão na mão do morto, passar-lhe um anel no dedo e cingir-lhe a coroa de boninas que trazia, na fronte descorada. Um guerreiro d'armas negras, e de estatura descomunal, por três vezes lutou para romper o círculo luminoso, que a rodeava, e outras tantas, vencido por braço invisível, se prostrou com a face no pó do templo. Eram as nupcias dos mortos, o noivado de Auzenda e de Ansures? Era ainda a sombra de Inigo Lopes perseguindo⁸⁴ na donzela o sangue inimigo e a vingança contra o conde Ordonho? Altos misterios de Deus. Quem ousaria perscrutar os segredos da sua justiça, e os prodígios da sua clemencia infinita?

(REBELO DE SILVA)

Uma corrida de touros em Salvaterra

448. O Senhor D. José, primeiro do nome, era em Salvaterra um rei em férias. A verdade é que os maldizentes notavam, em segredo, que Sua Majestade em Lisboa estava sempre ao torno e o Marquês de Pombal no trono. O proloquio fundava-se na habilidade mecânica do monarca como torneiro, e no carater dominador do marquês como ministro.

Vicejavam os campos em plena primavera. A amendoeira cobria-se de flores, os bosques enfolhavam-se, as veigas vestiam-se e matizavam-se e a brisa doudejava indiscreta arregaçando o lenço à donzela que passava, ou roubando um beijo à rosa perfumada. Tudo eram¹ alegrias e cânticos... os rouxinóis nas moutas, o coração nos amores, e a natureza nos sorrisos ao sol esplêndido que a dourava.

Uma tourada real chamara a corte a Salvaterra. Os fidalgos respiravam nestas ocasiões menos oprimidos. Não os assombrava tão de perto a privança do ministro. Os touros eram bravos, os cavaleiros destros, o anfiteatro pomposo, e o cortejo das damas adorável. O prazer ria na boca de todos. Por cúmulo de venturas o marquês de Pombal ficara em Lisboa, retido pelo conflito com o embaixador de Espanha.

Contava-se em segredo nos recantos do palacio o diálogo travado entre o enviado castelhano e o secretario do estado português, louvando-o uns em alta voz, para os ecos daquelas paredes repetirem o elogio, crucificando-o outros sem piedade, para saciarem os odios. As devotas e os fidalgos puritanos eram pelo espanhol, e pedia a Deus que os rebates da guerra próxima despenhassem o plebeu nobilitado. Os magistrados e os homens de capa e volta defendiam o marquês e respondiam com meios sorrisos às fogosas jaculatorias dos zelosos do trono e do altar. O marquês de Pombal tinha-se negado com firmeza às concessões exigidas imperiosamente pelo governo castelhano.

— Muito bem, atalhou o embaixador, um exército de sessenta mil homens entrará em Portugal e fará...

— O que? perguntara o marquês sorrindo-se, com a tremenda luneta assestada e do tom mais indiferente.

— Fará entender a razão e a justiça de el-rei, meu amo, a Sua Majestade e a vossa excellencia ! redarguiu meia oitava acima o espanhol supondo o ministro fulminado.

Sebastião José de Carvalho franziu as sobrancelhas, carregou a viseira, e cravando a vista e a luneta no diplomata, retorquiu-lhe friamente :

— Sessenta mil homens muita gente é para casa tão pequena ; mas, querendo Deus, el-rei meu amo e meu senhor sempre há de achar aonde possa hospedá-la. Mais pequena² era Aljubarrota e lá couberam os que D. João de Castela trouxe. Vossa excellencia pode responder isto ao seu governo. E, levantando-se para despedir o embaixador, acrescentou :

— Bem sabe vossa excellencia que pode tanto cada um em sua casa, que, mesmo depois de morto, são precisos quatro homens para o tirarem !

O embaixador saiu jurando por *Dios y la Virgen Santissima* e o marquês preparou-se para a guerra. O caso é, como dizia o nosso Zeferino na *Sobrinha do Marquês*, que Sebastião José de Carvalho foi um grande ministro e que fez muito pela nação. Hoje há menos quem responda assim à letra às ameaças dos estrangeiros. Berra-se muito, dorme-se a sono solto ao som dos hinos patrióticos, e depois salva o castelo de madrugada e está salva a pátria.

O marquês de Pombal prezava as artes e protegia e animava as classes medias. Esse pouco que o reino progrediu deveu-se a ele. Se a industria nunca acabou de sair da infancia, a culpa quase toda foi dos maus governos que sucederam ao³ seu, e tambem do povo que não quis trabalhar de veras... Mas vamos aos touros reais. Desses é que o ministro não gostava nada. Queria-os ao arado e não à farpa, e parecia-lhe melhor,⁴ que os toureadores, sendo fidalgos, servissem o Estado com a pena ou com a espada, e, sendo mecânicos, que lavrassem, tecessem e ganhassem honradamente a vida, enriquecendo-se a si e a nação.

Mas el-rei D. José, cedendo em tudo ao marquês, quanto aos touros não admitia reflexões. Nisto era rei a valer e Bragança legítimo. Os fidalgos sabiam-no e por isso desfrutavam doces prazeres — a satisfação do gosto nacional, e a contradição

da vontade do ministro. Desatendê-la sem perigo e pela mão do soberano era para eles um deleite e um triunfo.

Nestas funções não vigorava a severidade das últimas pragmáticas. Outro motivo de júbilo. Quem queria podia arruinar-se em luxuosos vestidos, enfeites e toucados. As bordaduras e os recamos de ouro, os veludos e sedas de fora, talhados à francesa, resplandeciam constelados de pérolas e diamantes. Por cima dos mais ricos trajos e das mais vistosas cores desenrolavam-se os aneis ondeados das empoadas cabeleiras. As damas ostentavam as graças de seus donaires estufados, e emoldurando o belo oval dos rostos nos penteados caprichosos, sorriam-se para os gentis campeadores, e seus olhos cheios de luz e de promessas estimulavam até os tímidos.

Correram-se as cortinas da tribuna real. Romperam as músicas. Chegou⁵ el-rei, e logo depois entra pelos camarotes o vistoso cortejo, e vê-se ondear⁶ um oceano de cabeças e de plumas. Na praça ressoam brava alegria as trombetas, as charamelas e os timbales. Aparecem os cavaleiros, fidalgos distintos todos, com o conto das lanças nos estribos e os braços bordados no veludo das gualdrapas dos cavalos. As plumas dos chapéus debruçam-se em matizados cocares, e as espadas em bainhas lavradas pendem de soberbos talins. Os capinhas e forcados vestem com garbo à castelhana antiga. No semblante de todos brilha o ardor e o entusiasmo.

O conde dos Arcos, entre os cavaleiros, era quem dava mais na vista. O seu traje, cortado à⁷ moda da corte de Luiz XV, de veludo preto, fazia realçar a elegância do corpo. Na gola da capa e no corpete sobressaíam as finas rendas da gravata e dos punhos. Nos joelhos as ligas bordadas deixavam escapar com⁸ artificio os tufos de cambraietta alvíssima. O conde não excedia a estatura ordinaria ; mas, esbelto e proporcionado, todos os seus movimentos eram graciosos. As faces eram talvez pálidas demais, porem animadas de grande expressão, e o fulgor das pupilas negras fuzilava tão vivo e por vezes tão recobrado, que se tornava irresistivel. Filho do marquês de Marialva, e discípulo querido de seu pai, do melhor cavaleiro de Portugal, e talvez da Europa, a cavalo, a nobreza e a naturalidade do seu porte enlevavam os olhos. Ele e o

corcel, como que ajustados em uma só peça, realizavam a imagem do centauro antigo.

A bizzarria⁹ com que percorreu a praça, domando sem esforço o fogoso corcel, arrancou prolongados e repetidos aplausos. Na terceira volta, obrigando o cavalo quase a ajoelhar-se diante de um camarote, fez que¹⁰ uma dama escondesse turvada no lenço as rosas vivíssimas do rosto, que de certo descobririam o melindroso segredo de sua alma, se em momentos rápidos como o faiscar do relâmpago pudesse alguém adivinhar¹¹ o que só dois sabiam.

El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se, e disse voltando-se :

— Porque virá o conde quase de luto à festa ?

Principiou o combate.

Não é¹² propósito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos têm assistido a¹³ elas e sabem de memória o que o espetáculo oferece de notavel. Diremos só que a raça dos bois era apurada, e que os touros se¹⁴ corriam desembolados, à espanhola. Nada diminuia, portanto, as probabilidades do perigo e a poesia da luta.

Tinham-se¹⁵ picado alguns bois. Abriu-se de novo a porta do curro, e um touro preto investiu com¹⁶ a praça. Era um verdadeiro boi de circo. Armas compridas e reviradas nas pontas, pernas delgadas e nervosas, indicio de grande ligeireza, e movimentos rápidos e bruscos,¹⁷ sinal de força prodigiosa. Apenas tocara o centro da praça, estacou como deslumbrado, sacudiu a fronte e, escarvando a terra impaciente, soltou um mugido feroz no meio do silencio, que sucedera às palmas e gritos dos espectadores. Dentro em pouco os capinhas, saltando a pulos as trincheiras fugiam à velocidade espantosa do animal, e dois ou três cavalos expirantes denunciavam a sua furia.

Nenhum dos cavaleiros¹⁸ se atreveu a sair contra ele. Fez-se uma pausa. O touro pisava a arena ameaçador e parecia desafiar em vão um contendor. De repente viu-se¹⁹ o conde dos Arcos firme na sela provocar²⁰ o ímpeto da fera e a hastea flexivel do rojão ranger e estalar, embebendo o ferro no pescoço musculoso do boi. Um rugido tremendo, uma aclamação imensa no anfiteatro inteiro, e as vozes triunfantes das trom-

betas e charamelas encerraram esta sorte brilhante. Quando o nobre mancebo passou a galope por baixo do camarote, diante do qual pouco antes fizera ajoelhar o cavalo, a mão alva e breve de uma dama deixou cair um rosa, e o conde, curvando-se²¹ com donaire sobre os arções, apanhou a flor do chão sem afrouxar a carreira, levou-a aos lábios, e meteu-a no peito. Investindo depois com o touro, tornado imóvel com a raiva concentrada, rodeou-o estreitando em volta dele os círculos até chegar quase a por-lhe a mão na anca.

O mancebo desprezava o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos furtavam de longe, levou o arrojo a arripiar a testa do touro com a ponta da lança. Precipitou-se então o animal com furia cega e irresistível. O cavalo baqueou traspassado²² e o cavaleiro, ferido na perna, não pode²³ levantar-se. Voltando sobre ele o boi enraivecido arremessou-o aos ares, esperou-lhe a queda nas armas, e não se arredou senão quando, assestando-lhe²⁴ as patas sobre o peito, conheceu que o seu inimigo era um cadaver.

Este doloroso lance ocorreu com a velocidade do raio. Estava já consumada a tragedia e não havia expirado ainda o eco dos últimos aplausos.

De repente um silencio, em que se²⁵ conglobavam milhares de agonias, emudeceu o círculo. Rei, vassalos e damas, meio corpo fora dos camarotes, fitavam ²⁶ a praça sem respirar e erguiam logo depois a vista ao céu como para seguir a alma, que para lá voava envolta em sangue.

Quando o mancebo, dobado no ar, exalava a vida antes de tocar ao chão, um gemido agudo, composto de soluços e choro, caiu sobre o cadaver como uma lágrima de fogo. Uma dama desmaiada nos braços de outras senhoras soltara aquele grito estridente, derradeiro ai do coração ao rebentar no peito.

El-rei D. José, com as mãos no rosto, parecia petrificado.

A corte desta vez acompanhava-o sinceramente na sua dor.

Mas o drama ainda não tinha concluido. Quem sabe?! O terror e a piedade iam cortar de novas magoas o peito de todos.

O Marquês de Marialva assistira a²⁷ tudo do seu lugar. Revendo-se na gentileza do filho, seus olhos seguiam-lhe²⁸ os movimentos brilhando radiosos a cada sorte⁵ feliz. Logo que

entrou o touro preto, carregou-se de uma nuvem o semblante do ancião. Quando conde dos Arcos saiu a farpeá-lo, as feições do pai contrairam-se e a sua vista não se²⁹ despregou mais da arriscada luta.

De repente o velho soltou um grito sufocado e cobriu os olhos, apertando depois as mãos na cabeça. Os seus receios haviam-se realizado. Cavalo e cavaleiro rolavam na arena, e a esperança pendia de um fio tenue ! Cortou-lho rapidamente a morte, e o marquês, perdido o filho, luz da sua alma e ufania de suas cãs, não proferiu uma palavra, não derramou uma lágrima ; mas os joelhos fugiam-lhe³⁰ trêmulos, e a elevada estatura inclinou-se vergando ao peso da magoa excruciante.

Volveu, porem, em si decorridos momentos. A lívida palidez do rosto tingiu-se de vermelhidão febril subitamente. Os cabelos desgrehados e hirtos revolveram-se-lhe na fronte inundada de suor frio como as sedas da juba de um leão irritado. Nos olhos amortecidos faiscou instantaneo, mas terrivel, o sombrio clarão de uma cólera, em que todas as ansias insofridas da vingança se³¹ acumulavam.

Em um ímpeto a presença reassumiu as proporções majestosas e eretas, como se lhe corresse nas veias o sangue do mancebo que perdera. Levando por ato instintivo a mão ao lado, para arrancar da espada, meneou tristemente a cabeça.

A sua boa espada, cingira-a³² ele proprio ao filho neste dia que se convertera para sua casa em dia de eterno luto !

Sem querer ouvir nada, desceu os degraus do anfiteatro, seguro e resoluto como se as neves de setenta anos não lhe branqueassem a cabeça.

— Sua mejestade ordena ao marquês de Marialva que aguarde as suas ordens ! disse um camarista detendo-o pelo braço.

O velho fidalgo estremeceu como se acordasse sobressaltado e cravou no interlocutor os olhos desvairados, em que reluzia o fulgor concentrado dum pensamento imutavel. Desviando depois a mão, que o suspendia, baixou mais dois degraus.

— Sua majestade entende que este dia foi já bastante desgraçado e não quer perder nele dois vassalos. . . O marquês desobedece às³³ ordens de el-rei ! . . .

— El-rei manda nos vivos e eu vou morrer ! atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida. Aquele é o corpo de meu filho — e apontava para o cadáver. Está ali ! Sua majestade pode tudo, menos desarmar o braço do pai, menos deshonrar os cabelos brancos do criado³⁴ que o serve há tantos anos. Deixe-me passar, e diga isto.

D. José vira o marquês levantar-se e percebera a sua resolução. Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca desmentidas. Sabia que da sua boca não ouvira senão a verdade, e a idéia de o perder assim era-lhe insuportável. Apenas lhe constou que ele não acedia à sua vontade, fez-se branco, cerrou os dentes convulso, e, debruçado para fora da tribuna, aguardou em ansioso silencio o desfecho da catástrofe.

A esse tempo já o marquês pisava a praça, firme e intrépido como os antigos romanos diante da morte.

Dentro do peito o seu coração chorava, mas os olhos áridos queimavam as lágrimas quando subiam a rebentar por eles. Primeiro do que tudo queria a vingança.

Por impulso instantaneo, todo o ajuntamento se pôs de pé. Os semblantes consternados e os olhos arrasados de agua exprimiam aquela dolorosa contensão de espirito, em que um sentido parece concentrar todos.

Deixai-o³⁵ ir ao³⁶ velho fidalgo ! A magoa, que o traspassa, não tem igual. O fogo, que lhe presta vida e forças, é a desesperação. Deixai-o ir, e de joelhos ! Saudai a majestade do infortunio !

O pai angustiado ajoelhou junto do corpo do filho e pousou-lhe³⁷ depois um ósculo na fronte. Desabrochou-lhe depois o talim e cingiu-o, levantou-lhe do chão a espada e correu-lhe a vista pelo fio e pela ponta de dois gumes. Passou depois a capa no braço e cobriu-se. Decorridos instantes estava no meio da praça e devorava o touro com a vista chamejante, provocando-o para o combate.

Cortado de comoções tão cruéis, não lhe tremia o braço e os pés arraigavam-se na arena como se um poder oculto e superior lh'os tivesse ligado repentinamente à terra.

Fez-se no circo um silencio gélido, tremendo e tão profundo, que³⁸ poderiam ouvir-se³⁹ até as pulsações do coração

do marquês, se naquela alma de bronze o coração valesse mais do⁴⁰ que a vontade.

O touro arremete contra ele... Uma e muitas vezes o investe⁴¹ cego e irado, mas a destreza do marquês esquiva sempre a pancada.

Os ilhais da fera arfam de fadiga, a espuma franja-lhe a boca, as pernas vergam e resvalam, e os olhos amortecem de cansaço. O ancião zomba da sua furia. Calculando as distancias, frustra-lhe todos os golpes sem recuar um passo.

O combate demora-se.

A vida dos espectadores resume-se nos olhos. Nenhum ousa desviar a vista de cima da praça. A imensidade da catástrofe imobiliza todos. De súbito solta el-rei um grito e recolhe-se para dentro da tribuna. O velho aparava a peito descoberto a marrada do touro e quase todos ajoelharam para rezarem por alma do último marquês de Marialva.

A aflitiva pausa apenas durou momentos. Por entre as nevoas, de que a pupila trêmula se embaciava, viu-se o homem crescer⁴² para a fera, a espada fuzilar nos ares e logo após sumir-se até aos copos entre a nuca do animal.

Um bramido, que atroou o circo, e o baque do corpo agigantado na arena, encerraram o extremo ato do funesto drama.

Clamores uníssonos saudaram a vitoria. O marquês que tinha dobrado o joelho com a força do golpe, levantava-se mais branco do que um cadaver. Sem fazer caso dos que o rodeavam, tornou a abraçar-se com o corpo do filho, banhando-o de lágrimas e cobrindo-o de beijos.

O touro ergueu-se, e, cambaleando com a sezão da morte, veio apalpar o sitio aonde queria expirar. Ajuntou ali os membros e deixou-se cair sem vida ao lado do cavalo do conde dos Arcos.

Nesse momento os espectadores olhando para a tribuna real estremeceram. El-rei, de pé e muito pálido, tinha junto de si o marquês de Pombal, coberto de pó e com sinais de ter viajado depressa.

Sebastião José de Carvalho voltava de propósito as costas à praça falando com o monarca. Punia assim a barbaridade do circo.

— Temos guerra com a Espanha, senhor. E' inevitavel. Vossa majestade não pode consentir que os touros lhe matem o tempo e os vassalos. Se continuassemos neste caminho... cedo iria Portugal à vela.

— Foi a última corrida, marquês. A morte do conde dos Arcos acabou os touros reais enquanto eu reinar.

— Assim eu espero da sabedoria de vossa majestade. Não há tanta gente nos seus reinos, que possa dar-se⁴³ um homem por um touro. El-rei consente que vá em seu nome consolar o marquês de Marialva?

— Vá! E' pai. Sabe o que⁴⁴ há de dizer-lhe...

— O mesmo que ele me diria a mim, se Henrique estivesse como está o conde.

El-rei saiu da tribuna, e o marquês de Pombal, entrando na praça em toda a majestade de sua elevada estatura, levantou nos braços o velho fidalgo, dizendo-lhe com voz meiga e triste :

— Senhor marquês ! os portugueses como vossa excelencia são para darem exemplos de grandeza d'alma e não para os receberem. Tinha um filho e Deus levou-lho. Altos juizos seus ! A Espanha declara-nos a guerra, e el-rei, meu amo e meu senhor, precisa do conselho e da espada de vossa excelencia.

E travando-lhe da mão, levou-o quase nos braços até o meterem na carruagem.

D. José I cumpriu a palavra dada ao seu ministro. No seu reinado nunca mais se⁴⁵ picaram touros reais em Salvaterra

(IDEM)

Da instituição das caixas econômicas

I

449. A origem das caixas econômicas, embora imfeitamente organizadas, como todas as instituições nos seus começos, remonta apenas aos fins do século passado, e a Alemanha e a Suíça foram os primeiros países que as viram nascer.¹ Hamburgo possuía uma em 1797, e a de Berna,² instituída

só para os criados de servir, appareceu em 1789. Seguiram-se poucos anos depois a do ducado de Oldemburgo e a de Genebra. Todas as demais, nestes e noutros países, foram fundadas posteriormente, e pertencem ao presente século. Em Inglaterra,³ dizem alguns, que a idéia das caixas econômicas ocorrera primeiramente ao célebre Wilberford; mas os vestígios delas que aí se apontam anteriores a 1810 são de natureza duvidosa ou apenas tentativas obscuras. Data daquela época o *banco de poupanças (saving's bank)* de Ruthwel, fundado por Duncan, e que⁴ foi o primeiro que se constituiu naquele país com estatutos públicos e regulares. Os seus prósperos resultados foram poderoso incentivo para a difusão das caixas econômicas. Dentro de sete anos contavam-se no Reino-unido perto de oitenta estabelecimentos análogos, e em 1833 quase quinhentos onde 47.000 indivíduos, pouco mais ou menos, tinham depositado a enorme soma de quase 16 milhões de libras esterlinas, ou acima de 150 milhões de cruzados, subindo nos quatro anos imediatos o número dos depositarios a 635.000 e o valor dos depósitos a 20 milhões de libras ou mais de 200 milhões de cruzados. Ao passo que estes benéficos institutos cresciam e se multiplicavam na Grã-Bretanha, generalizavam-se e prosperavam também no meio das nações continentais. Em 1838 o número das caixas econômicas subia na Alemanha a 257 e na Suíça a 100. A França, onde só foram introduzidas em 1818, conta atualmente (1844) perto de 300, e na Italia quase não há cidade que não possua estabelecimentos desta especie. À porfia,⁵ os governos e os povos têm concorrido para arraigar uma instituição, cuja idéia fundamental é, talvez mais que nenhuma, civilizadora e moral. Como todas as cousas verdadeiramente grandes e uteis, as caixas econômicas não têm encontrado uma única parcialidade política, uma única escola que ouse condená-las,⁷ uma só crença religiosa que as repudie. As monarquias absolutas, os governos parlamentares, as repúblicas aceitam-nas, promovem-nas. Ao passo que o ministro protestante as aconselha como poderoso instrumento de morigeração e de ventura para o povo, o papa santifica esta formosa instituição, abençoando-a e propagando-a nos estados da igreja. Progresso verdadeiro, nascido no meio da terrível luta de idéias, de paixões e de interesses em que há meio século se debate a

Europa, as caixas econômicas não têm custado à humanidade nem lágrimas, nem sangue. Evidentemente uteis por sua natureza ; provadas tais pelos principios em que se⁸ estribam e pelos seus esplêndidos resultados ; simples no seu mecanismo, por toda a parte,⁹ aqueles a quem os seus benefícios são especialmente destinados, os homens do povo, têm-nas compreendido e abraçado. Simplicidade, clareza, utilidade reconhecida são as principais condições de todo e qualquer pensamento social que tenda a popularizar-se. As caixas econômicas ostentam no mais subido grau estes caracteres de todas as instituições que devem vir a encarnar-se¹⁰ na sociedade e a viver a larga e robusta vida das nações, a vida dos muitos séculos.

Este consenso unânime, não de países ignorantes, mas dos que estão na dianteira da civilização, e aí, não de uma classe de individuos, mas de homens de todas as jerarquias ; tal consenso, dizemos, é o julgamento mais completo, o testemunho mais irrefragavel da utilidade nunca desmentida das caixas econômicas. Onde quer que elas apareçam, a moralidade das classes inferiores e pobres melhorou em breve, e a miseria, perspectiva permanente que o jornaleiro e o assalariado têm diante dos olhos para o último quartel da existencia, deixou de ser para eles uma fatalidade inelutavel. A sobriedade, a poupança, as virtudes, em suma, do homem do povo deixaram de ser vã precaução contra o seu negro porvir de mendicante velhice.

A familia, sobretudo, essa imagem da sociedade e sua origem, que para o obreiro, às vezes escassamente retribuido, é, não raro, flagelo e maldição, pode deixar de ser desgraça, ao menos para aquele a quem ou viva crença religiosa, ou a natural bondade da índole induzem a preferir à satisfação de vícios ignobeis o proprio bem estar¹¹ futuro e o bem estar de seus filhos.

Que é, pois, a caixa econômica,¹² essa árvore que produz tais frutos de benção ? E' cousa mais conhecida e trivial. E' o mealheiro ; é esse velho alvitre de poupados que desde pequeninos todos nós temos visto usar aos¹³ pouco opulentos, e que nossos pais e avós¹⁴ já conheceram ; é a astucia do pobre para fugir a superfluidades tentadoras (é longa a lista das superfluidades do pobre : encerra quase todo o necessario do

rico) e à custa delas achar em si proprio socorro nos dias de inatividade forçada, da carestia ou da enfermidade. E' o mealheiro, mas o mealheiro tornado¹⁵ produtivo, fecundado pela intelligencia e pelo principio de associação : é uma grandiosa, e por isso singela, invenção do senso comum, que durante muitas eras ficou, por assim dizer, no estado de sementinha perdida, até que a luz do progresso e da civilização a fez re-bentar,¹⁶ crescer, bracedar, florir e gerar frutos preciosos, que dela colhem em abundancia as sociedades modernas.

A este batismo de regeneração, que,¹⁷ bem como ao do evangelho, são principalmente chamados pequenos humildes, só tarde nós concorreremos. Não que ignorássemos a sua existencia, mas por essa especie de destino mau que nos arrasta após novidades de pouca monta ou contrarias à razão, ao passo que desprezamos o que nas instituições estranhas há conforme com os nossos costumes ou acomodado às nossas precisões reais. Debalde um dos primeiros economistas portugueses propôs há anos na câmara dos deputados a criação das caixas econômicas, oferecendo a lei que as devia regular,¹⁸ e mostrando as suas vantagens num largo relatorio, onde à vasta ciencia se ajunta a eloquencia que vem da convicção profunda. Entre-tidos com teorias, ou com interesses de partidos ou de pessoas, os homens políticos lançaram no esquecimento as boas e sinceras diligencias do deputado que desempenhava uma das mais graves obrigações do seu mandato. Até hoje nada fizeram a semelhante respeito aqueles a quem mais que a ninguem isso incumbia ; e se a existencia da primeira caixa econômica portuguesa se realizou, deve-se o fato a uma associação particular.

E' sabido que, por via de regra, as caixas econômicas são uma especie de depósito, onde qualquer individuo pode ir ajuntando lentamente em quantias pequenas ou grandes as sobras da sua receita, salvas as despesas necessarias á vida ; — que,¹⁹ em vez de ficarem inertes as somas ali depositadas começam logo a produzir juro, o qual, passado um ano, se converte em capital e se acumula ao capital primitivo para com ele produzir novos juros ; — que esta acumulação, bem como a formação do capital primitivo, é perfeitamente indeterminada e sem acepção e nem exceção de tempos e de quantias, uma vez que não sejam estas inferiores ao diminuto

mínimo de cem réis : — que o depositante pode quando lhe aprouver levantar o juro ou o principal no todo ou em parte, ou transmiti-lo por testamento ou por sucessão a seus herdeiros ou legatarios ; — que, finalmente, o homem laborioso e poupado tem ali as suas economias seguras pelas garantias positivas que lhe presta uma associação poderosa e respeitavel, em vez de as conservar improdutivas e arriscadas no mealheiro doméstico, ao qual, supondo-lhe a índole providente e poupada que tantas vezes falta ao operario e, em geral, a todos os que vivem de pequenos lucros eventuais teria necessariamente de recorrer.

Com razão se tem apontado, diz De Gerando, a utilidade moral que esta instituição produz, favorecendo as inclinações para o arranjo e economia. Ela é propicia às virtudes que se ligam com essas inclinações, ou que daí nascem. Excita ao trabalho ; habitua o homem laborioso a cogitar ; ajuda a desenvolver os afetos domésticos ; concorre para multiplicar tanto os estabelecimentos industriais como as familias, proporcionando meios de formar e conservar o cabedal necessario para abrir uma officina ou ajuntar um dote para casamento ; ensina ao pouco abastado como em si proprio pode achar recursos e como se pode remir na miseria, na doença e na velhice. As caixas econômicas, ao passo que diminuem o número dos indigentes, concorrem tambem para nobilitar o carater do homem pobre e para lhe dar aquela honrada altivez que nasce da maior independencia. Aos que vivem na estreiteza faz-lhes saber²⁰ quanto é grato o sentimento da propriedade, estabelecendo-lhes uma que é real e que, a pesar de módica, frutifica e se perpetua. Alem disso, são proveitosas em subido grau à sociedade, porque são conjuntamente sintoma e instrumento da quietação pública.

Veio o successo²¹ justificar as previsões do ilustre moralista. Tem-se observado em França e Inglaterra, que não há individuo que tenha feito depósitos nas caixas econômicas que fosse acusado nunca perante os tribunais, ao passo que as listas de criminosos feitas em diversas épocas provam que as três quartas partes dos individuos sentenciados eram pessoas inclinadas ao jogo, às loterias²² ou a bebidas²³ espirituosas.

Os fatos citados pelo virtuoso De Gerando são, de feito, as consequencias forçosas da idéia fundamental das caixas

econômicas. Das classes populares saem,²⁴ não só absolutamente, mas tambem relativamente, a maior parte dos criminosos. Tem-se attribuido isto à falta de educação nessas classes : sob certo aspecto e até certo ponto a causa é verdadeira ; não é, porem, a única, nem a principal. Se indagamos quais foram os primeiros passos dos mais célebres malvados, achamos que partiram dos simples roubos até chegarem à máxima ferocidade no crime. Poucos entre os assassinos famosos escreveram logo com sangue as páginas malditas da historia da sua existencia. Na estatística da criminalidade popular predomina o roubo : é cousa trivialmente sabida, como o é que a miseria das classes laboriosas produz principalmente esse fato. Mas o que a sociedade parece ignorar ou esquecer é que ela é a culpada de que a pobreza do humilde se converta facilmente em miseria ; miseria extrema, desesperadora, terrivel ; miseria que impele quase forçadamente pela estrada da immoralidade o homem do povo, para quem os legisladores há muito inventaram as masmorras, os destertos, os suplicios, em vez de alevantarem barreiras morais que lhe obstem a²⁵ precipitar-se no abismo.

Para o individuo sem propriedade, para o obreiro, o artífice, o criado de servir ; para aquele, enfim, que só tem por capital os proprios braços, e cuja renda é apenas um salario contingente ; a imprevidencia e o hábito de procurar cada dia os meios de viver esse dia nascem naturalmente da sua situação precaria. Nada espera no futuro, e por isso nada teme dele : probabilidades, contingencias, não as²⁶ calcula nem previne.²⁷ Assim vemo-lo aceitar²⁸ com facilidade os encargos de pai de familia. Satisfaz o²⁹ apetite momentaneo ; que importa o futuro àquele para quem isso não existe ?

Depois vêm os filhos, vem a doença, vem a falta de trabalho : as afeições domésticas enraizaram-se no coração do desgraçado. A natureza, a religião, os costumes, tudo lhe³⁰ diz que esses entes que gerou, que essa mulher a quem se prendeu devem achar nele o seu abrigo, a sua providencia. Ao passo que a má organização da sociedade o inhabilita absolutamente para em certos casos poder suprir os seus, a mesma sociedade lhe diz, e diz bem, que nunca os ³¹ deve abandonar. Desta ordem de cousas, falsa, violenta, contraditoria, resulta que as mais leves tendencias para o crime se excitam e³² di-

latam até chegarem a produzir tristes frutos, cujo desenvolvimento a sociedade crê impedir com algemas, cárceres, grilhetas, desterros e patíbulo, enquanto ela própria, com o seu desprezo pelas³³ classes pobres, com a falta absoluta de instituições verdadeiramente moralizadoras e benéficas, alimenta a árvore mortífera que produz as ações criminosas.

II

As caixas econômicas são o primeiro e agigantado passo para a solução do problema que as leis ainda não tentaram resolver : as caixas econômicas são o contraste, a negação do patíbulo. Matam a perversão popular nas suas causas, em vez de a punir nos seus efeitos. Criam³⁴ o futuro para milhares de individuos que nunca imaginaram tê-lo,³⁵ criando-lhes³⁶ o gozo da propriedade, e nesta um recurso para a hora da aflição e escasseza, tão próxima, entre as almas vulgares, da hora do crime. O fato de não aparecer o nome de um único depositante das caixas econômicas nas listas dos sentenciados em França e em Inglaterra é a consequência natural dos princípios em que esta instituição se³⁷ estriba.

A sua influencia moral vai ainda longe. Os vícios são, depois da miséria, a origem de frequentes atentados. O jogo e a embriaguez estão por toda a parte³⁸ mais ou menos nos hábitos do povo ; a embriaguez, sobretudo, é para o maior número de jornaleiros como refrigerio, como prazer lícito nos dias de repouso. Quem, todavia, ignora que estes dois vícios são quase sempre a causa de rixas entre os operarios, de desordens domésticas, e de se agravar cada vez mais a miséria das classes laboriosas? As caixas econômicas guerreiam, ³⁹ geralmente com vantagem, a propensão para as bebidas fermentadas e para o jogo. Inimigas da penalidade feroz e sanguinaria que ainda governa a Europa, não o⁴⁰ são menos da taberna, que muitas vezes é a porta fatal por onde o homem do trabalho enceta o caminho que tantas vezes o conduz às galés, ao desterro, e, até, à morte.

Mas, dir-se-á, como podem as caixas econômicas desarraigar⁴¹ os vícios inveterados do povo? Como correrá este a

depositar nos escritorios das caixas a exigua quantia que ia aplicar à embriaguez e ao jogo? A esta pergunta responde a experiencia dos paises onde esta especie de depósitos estão instituidos e vulgarizados há certo número de anos. A principio a concorrência era diminuta e lenta; mas cresceu gradualmente, e vai tomando hoje um incremento que passa alem de todas as previsões dos amigos da humanidade.

Entre nós mesmos há um triste exemplo de como⁴² o povo, quando descortina ainda a mais duvidosa perspectiva de melhorar a sua condição, dá de barato o satisfazer os outros appetites para correr após essa incerta esperança. São as loterias o exemplo: é exemplo essa deploravel invenção de especular com a cubiça e com o desejo ardente que as classes menos abastadas têm de conquistarem, seja como for, fortuna independente.

E' de ver a ansia, diríamos quase o delirio, com que o vulgo concorre a lançar no sorvedouro das loterias quantos reais lhe⁴³ sobram do que lhe⁴⁴ cumpre gastar nas mais estritas precisões da vida. Muitos há que até cortam pelo necessario a si e à familia para o irem dar a devorar⁴⁵ à loteria, a essa fatal banca de jogo em que se joga à luz do dia, no meio da praça pública, embora haja certeza de *que a grandíssima maioria dos que apontam não*⁴⁶ *de forçosamente perder*; circums-tancia que caracteriza esta instituição pública de modo, que,⁴⁷ se fosse uma especulação particular, os tribunais puniriam severamente o especulador.⁴⁸ Mas o fato demonstra que, apenas clareia algum tanto o negro horizonte do porvir; apenas lá⁴⁹ reluz uma esperança tenue, improvavel até, a de um premio avultado, o povo corre para essa esperança: porque antevê as dolorosas consequencias da sua precaria situação e busca esquivar-se⁵⁰ a elas.

E' para tornar proficua e moral esta previsão que⁵¹ se instituiram⁵² as caixas econômicas. Fazendo convergir para si as sobras escassas dos poucos abastados, as quais aliás se⁵³ desbaratariam provavelmente em vergonhosos deleites, ou no que vale quase o mesmo, na loteria, elas não apresentam esses engodos fermentidos, essas promessas mentirosas com que se desperta⁵⁴ a cubiça popular; não prometem mil por dez com a condição de, em cem casos, perderem-se⁵⁵ noventa e nove

vezes os dez e não se obterem os mil. Não ! As caixas económicas oferecem unicamente um juro módico, mas constante, e além disso a certeza de reaver o depositante o seu capital, aumentado com o juro, no momento em que dele careça : oferecem uma cousa simples, clara, possível ; não prometem milagre, nem sequer maravilhas ; porque o maravilhoso muitas vezes, e o milagroso sempre, nas cousas humanas, são a característica do charlatanismo.

Como os descobridores de tesouros encontrados, como os viciosos de loterias, como os alquimistas, os que desenvolveram e applicaram o pensamento desta instituição calcularam também com a insaciabilidade da cobiça humana ; com a cobiça que pode estar dormente ou subjugada por outros afetos, mas que existe em todos os corações. O primeiro sentimento que deve levar o obreiro, o familiar, o caixeiro, o artífice a ir entregar na caixa económica alguns tostões que forrou do produto do seu trabalho será a idéia de que virão de futuro às ocasiões da enfermidade, da falta de occupação ou de outro qualquer contratempo, e a reflexão de que, reservando os sobejos de hoje para as faltas de amanhã é, sem questão, mais judicioso acumulá-los⁵⁶ no mealheiro seguro e público, onde não corre uma hora, um minuto, em que a soma poupada não produza seu lucro, e em que este lucro não se esteja transformando em capital produtivo, do que metê-los⁵⁷ no mealheiro particular, que pode ser roubado, e onde, no momento da precisão, nem mais um ceutil se achará daquilo que aí se meteu. E' este o sentimento que, no povo, suscita desde logo a caixa económica, e conforme a experiencia de todos os paises, basta ele para angariar extraordinario número de depositantes. Há, porem, um perigo : quando alguns destes tiver accumulado certa quantia que repute sufficiente para occorrer a qualquer apuro inesperado, os costumes viciosos e desordenados que o temor do futuro e a esperanza de remedio domaram, hão de provavelmente melhorar-se nessa luta entre o bem e o mal, e o homem de trabalho voltará aos hábitos de desleixo e dissipação que lhe absorviam as suas⁵⁸ sobras, e que lhas tornarão a absorver de novo, e quem sabe se, até, as proprias economias que fizera. Obviamente o perigo é real e grandíssimo ; há, todavia, no coração humano também a avareza ; há essa

paixão, que, ao contrario das outras, aumenta com a posse, radica-se com a idade, arde violenta ainda na penumbra fria do sepulcro. Na instituição das caixas econômicas, contou-se com ela. Invenção que toca as raias do sublime é aproveitar uma paixão má e ignobil para fazer o bem ; tornar instrumento da moral e da civilização a mais indomavel, a péssima entre as nossas propensões. Perigosa, destrutiva, anti-social no rico, ela será util ao pobre, que, sem deshonra, a pode alimentar onde quer que existirem as caixas econômicas. E é o que deve succeder e succede. O criado, o jornaleiro, o artífice que insensivelmente se achou transformado em pequeno capitalista e que vê, com o decurso do tempo, engrossar⁵⁹ os tostões em cruzados, os cruzados em moedas, começa a⁶⁰ amar o seu peculio e a fazer sacrificios para o aumentar : esta idéia entranha-se no seu espírito, e não tarda a vir o exame severo das superfluidades e corte em todas elas. E fazem-no desafogadamente, porque sabem que no dia ou no instante que⁶¹ o excesso da poupança os conduza a algum apuro, é-lhes lícito ir levantar no todo ou em parte o juro ou o capital que possuem : e se tal aperto não se der, têm a certeza de que, quanto mais depressa ajuntarem um peculio de certo vulto, mais depressa realizarão o sonho constante da maioria dos indivíduos collocados na precaria situação dos assalariados, a existencia independente. Um abrirá a loja de retalho, outro a officina de pequena industria : este irá plantar a vinha no outeiro escavado ; aquele arrotear o chão baldio na planície. Cada qual seguirá a senda que a sua inclinação lhe indicar, mas todos pensarão só numa cousa, a independencia ; a independencia que nasce da propriedade, e que é o mais fertil elemento da moral, da paz e da prosperidade pública.

As considerações que temos feito são gerais ; applicam-se a todos os paises, porque assentam sobre a índole dos afetos humanos, e sobre circumstancias mais ou menos comuns nas sociedades modernas. Se, porem, há nação cujo estado social, cujas tendencias entre as classes inferiores assegurem às caixas econômicas, mais que nenhuma outra, uma ação poderosa em melhorar a condição dessas mesmas classes, essa nação é a nossa.

Em Inglaterra e em França as caixas econômicas, apesar das suas grandíssimas e inegaveis vantagens, têm apresentado

alguns inconvenientes : tal é o de servirem para especulações de gente rica, que na falta de aplicações para os seus cabedais, ali os vão depositar com os juros compostos que deles devem auferir, sem correr riscos e sem se onerarem com as despesas de administração. Procurou-se em muitas partes remover este inconveniente, estabelecendo⁶² máximos para as entradas e para o total dos depósitos de cada individuo ; mas esta providencia nem é geral, nem impede que a frequencia das entradas supra a modicidade delas, e que repartindo uma quantia avultada por diversos membros da propria familia, e fazendo todos estes ao mesmo tempo pequenos depósitos em diversas caixas, o abastado venha a abusar de uma instituição cujo fim não é, de certo, locupletá-lo.⁶³

Entre nós não existe e difficilmente existirá semelhante perigo. Portugal é um dos países da Europa, onde, graças à nossa antiga organização social e à natureza e condições das nossas industrias, as fortunas são por via de regra medíocres, a propriedade territorial mui dividida nas provincias mais populosas, e por consequencia os capitais raros e os grandes capitais raríssimos. Falecem eles às applicações, não as applicações a elles. Se a essa limitada força de capitais que possuimos faltasse o minotauro que os devora quase todos, a agiotagem, quase sempre infecunda, com o governo e com os particulares, ainda restavam as necessidades das industrias,⁶⁴ fabril e agrícola, às quais por muitos anos não bastarão os que existem, sem que receiemos⁶⁵ sirvam para perverter uma instituição quase exclusivamente destinada às classes laboriosas e menos abastadas.

Tem-se ponderado que a ação benéfica das caixas economicas é impotente contra a miseria no máximo número de obreiros, isto é, contra a miseria de quase todos os que pertencem à industria fabril. Nos países onde as grandes fábricas são a principal forma, o mais comum sistema da industria, essa observação é infelizmente verdadeira.

O aperfeiçoamento das máquinas, a concorrência dos productos nos mercados, a desproporção entre o fabrico e o consumo, têm feito descer os salarios a ponto que toda e qualquer economia é impossivel para o operario, que ganha exatamente só o preciso para não morrer de fome. Depois, nos grandes

focos de industria fabril, principalmente na Grã Bretanha, a depravação dos costumes é tão profunda, que, ainda quando a economia não fora materialmente impossível, sê-lo-ia moralmente. Aí, portanto, as caixas econômicas, são, sem dúvida, insuficientes para libertar⁶⁶ o povo da miseria e da corrupção.

(A. HERCULANO)

Excelencias da vida rústica

450. A arte variadíssima de obrigar a terra a produzir tudo, não é uma arte rude, pois todas as ciencias a cortejam, e a servem ; não obscura, pois é a mais antiga e universal ; não vil nem desprezível, pois só depende de Deus, enquanto os homens todos dependem dela.

As cidades, que afetam¹ desprezar os campos, deles nasceram ; por eles vivem e medram, que² só lá têm as suas raizes. — Transformam-se elas, envelhecem, amesquinham-se, doidejam, morrem e esquecem :³ enquanto eles, os campos, permanecem, riem, amam, dão, e prometem de continuo ; coexistiram desde o principio, coexistirão até ao fim, com a raça humana.

A charrua e o enxadão topam em toda a parte com⁴ as ruinas de templos e palacios. Essas maravilhas efêmeras da arte pompearam um momento sobre o solo desvestido, e logo a natureza as⁵ afogou ; as⁶ recobriu outra vez com o seu solo, a sua vegetação, com os seus frutos, com as suas fragrancias, com a sua paz, com as suas harmonias, primitivas e inefaveis.

Ouvís nas cidades grandes aquele sussurro profundo de mil vozes, como o bramir do oceano ? E' o estrépito da industria, tráfego do comercio, a ebriedade das mesas, o vozear dos espetáculos.

Que fado produziu e conserva tudo isso ? a agricultura.

Vede os exércitos, esse espantoso número de consumidores improdutivos, esses celibatarios ministros da religião da morte. Quem os⁷ gerou ? Quem os⁸ renova ? Quem os⁹ alimenta ? O chão pacífico da lavoura.

O seu pão, a sua carne, o seu vinho, os seus legumes, os seus vestidos, os seus cavalos, os seus carros, as suas bandeiras, os seus mil tambores... tudo por lá se criou.¹⁰ Tudo aquilo, que voa como remoinho devastador, que não deixa senão cinzas, sangue, e lágrimas após si, tudo aquilo nasceu e folgou pelas aldeias e casas; relinchou pelas planícies hervasas; mugiu nas lezíras encalmadas; trepou e baliu pelo cerros; ciciou loirejando pelos chãos, como espiga de alambre; vicejou em florestas; amadureceu reluzindo por entre as parras move-diças dos oiteiros.

Que povoação, não criada por Deus, anima, cruza, devassa todos esses mares? Esses portentos da ciência e ousadia do homem, que afrontam com vitoria ventos e ondas, já pelas montanhas vegetaram, floriram, hospedaram ninhinhos e músicas.

As suas asas cândidas que os levam de extrema a extrema do globo, as tranças ondeantes das suas enxarcias, foram linhares florescentes onde as virações dos vales se embalavam. A epiderme grossa e negra que lhes reveste o corpo, e lho¹¹ torna como o dos monstros marinhos, inviolável à agua, estilou-se do pinheiro queimado em suco denegrido; gotejou de outros troncos em resinas balsâmicas; criou-se¹² nos ossos do animal que arrasta o carro e o arado, expremeu-se¹³ em oiro líquido do fruto luzidio da oliveira.

Os braços que os domam e os meneiam¹⁴, como o cavaleiro dirige seu corcel¹⁵ a todas as partes, robusteceu-os,¹⁶ quase todos, o sol dos campos.

Que levam elas, essas cidades sem alicerce, por quem as mais remotas se comunicam, e todos os filhos de Adão não fazem mais que uma família? Que levam, que assim vão assoberbadas? Levam os frutos da cultura do setentrião, aos longinquos moradores do sul; as produções regaladas do meio dia, às praias severas do norte; os perfumes e sabores do oriente até às últimas orlas das Espanhas, a alegria das mesas ocidentais dos banquetes opíparos dos chineses. — E é o trabalho de um camponês humilde, de sua mulher e de seus filhos, o que, sem saírem do torrão que os brotou¹⁷ por entre as plantas e os gados, povoou todos esses mares sem limites de céleiros, despensas e adegas flutuantes, e abasteceu, sem

o saberem, ao seu desconhecido irmão, em países de que nunca ouviram o nome, recebendo de lá em troca o que nunca sonharam que a terra procriasse !



Difícilmente, por mais que refujamos para longe dos campos e para o centro do luxo, difficilamente encontraremos com¹⁸ objeto que no todo ou em grande parte não devesse o seu ser à industria agrícola.

A corporificação mesma deste pensamento, isto, que estamos escrevendo agora, isto, que vós amanhã estareis lendo, este nosso aprazível praticar entre desconhecidos, este daguerreotipar para os vindouros um reflexo passageiro do espírito, a quem o devemos, senão a esta arte inexaurível ? O papel, a pena, a banca, o prelo, as balas, a tinta de impressão, o alimento que mantem os braços de que tudo isto se ajuda,¹⁹ quem, senão a agricultura, o deu ? quem, senão ela ou um milagre de muitos milagres, o pudera dar ?²⁰

A agricultura, a velha e robusta mãe dos povos, auxiliada dos seus dois incansaveis primogênitos, industria e commercio, é a benfeitora por excellencia ; a compensadora única das diferenças das regiões ; a expressão máxima da divina munificencia e o mais claro documento da nossa social destinação.

Qualquer ciencia, qualquer arte suprimida deixaria uma falta, mais ou menos para sentir²¹ ; mas a falta da agricultura desataria de repente a sociedade, e dentro em pouco extinguiria²² o proprio homem.



Longe de nós o insensato pensamento de negarmos às cidades a sua importancia ! Abaixo das choças aldeanas,²³ nada mais nobre que as cidades ; nada que as leis mais devessem favorecer, depois dos campos. Os metais preciosos, de que uma invenção profunda, e quase inspirada, compôs, por que assim o digamos, o sangue, que devia circular por todo o corpo social, necessitavam, como o sangue no corpo de cada individuo, o depósito amplo e enérgico para onde confluíssem de toda a parte²⁴, e que outra vez para toda a parte os derramasse.

A cidade foi o coração do país agrícola, e centro unitivo de sua vida. — As cidades as industrias, secundaria e terciaria²⁵; o manufaturar as materias; o permutar as manufaturas. — Aos campos a primaria industria, o ministrar a onímoda materia para essas duas outras.

Artes e commercio encantadores são, que modificam, metamorfoseiam,²⁶ e transferem tudo sem cessar: mas só a agricultura cria²⁷, só ella, filha primogênita da Divindade, é, sobre a terra, divindade. Só um povo que lhe quer²⁸, e a quer²⁹, e a serve com desenganada preferencia, só esse é rico; rico sem fausto, mas rico sem receio de empobrecer.

As minas cansam e exhaurem-se; as conquistas levantam-se e fogem; as fábricas podem cair, ao erguerem-se novas fábricas noutras partes; a grande louca do mundo moderno, a moda, as derriba a cada passo, roçando-as, ao passar, com o seu vestido novo, ou com os seus novos enfeites; o mesmo commercio, no seu carro triumphal de ouro, corre estrepitoso por cima de alturas resvaladias, por entre despenhos e rivais inimigos, que ao primeiro descuido o precipitarão. — Só a terra entretanto se não esgota; só nella se podem empregar beneficios, sem colher ingratidões, só ella pode dizer como o seu Criador: «Pedí e recebereis»; só ella pode suprir tudo, sem poder outra alguma cousa supri-la.

Quando ella treme, sacode de sobre si, em nuvens de pó, castelos maciços, paços alterosos, armazens e feitorias de portas chapeadas, como um leão com um frêmito musculoso das jubas afugenta os insetos, que vieram pousar sobre elle enquanto dormia; mas a Quélus e Versailles do lavrador, a sua choçazinha de palha, essa vacilla um momento como as árvores circunstantes; assustou-se como um passarinho entre as ramadas; mas fica em pé, e rasserena-se, vendo tudo em derredor tão arraigado, tão viçoso, tão quieto como d'antes.



Foi a consciencia destas verdades obvias e que só o excessivo crescimento do luxo era eficaz para escurecer, foi, dizemos, a consciencia destas verdades, a que³⁰ fez com que³¹ em todos os tempos se protegesse e honrasse³² a agricultura,

e em alguns países por modo tal, que aos almiscarados passeadores das capitais pareceria hoje fabuloso, ou ridículo quando menos. Os dois mais antigos livros que o mundo velho nos deixou, a Bíblia, epopéia de Deus, e Homero, bíblia dos poetas, a cada página nos maravilham com o que antes nos deveria servir para sisuda meditação, e algum exemplo : com a singela pintura do enlace da autoridade com o trabalho rural.

Reis e príncipes homéricos, raios de valor nos combates, nos dias de paz cultivam, e pastoreiam³³ ; e mais de um herói desses, ao expirar, dá³⁴ a última saudade ao pensamento dos bosques da sua infância.

Os patriarcas da antiga lei, os juizes, e os reis do povo hebreu (semelhantes naquilo aos maiores de algumas tribus arabias e os regedores de alguns povos simplices da América e da África, ainda hoje) distribuiam a justiça já à sombra de um carvalho, já sentados, como em trono, na meda do seu trigo à borda da eira ; ou reclinados entre os seus rebanhos, ensinavam com apólogos e parábolas campestres, as virtudes naturais, a concordia, a retidão, a beneficencia.

Os romanos das eras recomendaveis, os romanos da República, essa gente exemplar, já expurgada da barbaria da sua origem, e ainda não pervertida pelas riquezas e luxo, equidistante de Rômulo e de Nero, revolviam com a charrua o chão da patria, que alargavam com a espada. — Da rabica se iam arrancar³⁵ os generais para as vitorias ; do Capitolio redescendiam, com alvoroço, para se irem concluir a geirazinha largada em meio. Então as matronas eram Cornélias : e as donzelas Virgíneas. Então era soberbo epitafio : « Neste sepulcro não formoso jaz uma formosa mulher. Governou sua casa : fiou-lhe ».

Então, eram guiões e estandartes magníficos umas paveias de feno no alto de uma lança. Então, enfim, podia dizer o poeta, com verdade, não só que as salvas eram dignas de cônsules, se não que eram dignos os aldeãos³⁶ dos feixes e da púrpura. Retraíamo-nos lançando contudo um olhar saudoso para aquelas idades ridentíssimas, em que os nomes e feitos memorandos se não escreviam³⁷ nos anais, mas se embalsamavam de poesia para mitos.

(CASTILHO)

Carta a um escultor

452. Quem não soubesse da nossa boa e antiga amizade, havia de ter custo em explicar o nascimento desta obra prima, sem que vós repartís comigo da¹ vossa imortalidade. Eu mesmo se não medisse pelo afeto que vos consagro o que vós me liberalizais, ficaria confuso com tamanha honra. A maior que as belas artes podem fazer a um vivo, é de certo esta. A estatua é a embalsamação antes da morte : a estatua é apoteose² ; a estatua é a gloria solidificada. O benemérito a quem ela se erige³ está-se já vendo⁴ lá no fundo da posteridade como num espelho.

Honras assim, meu amigo, devem-se conferir⁵, mas a custo e quase avaramente ; nem se neguem⁶ aos que lhes têm jus, nem se prostituam aos que a Providencia não privilegiou ao nascer.

Já que andais com a mão na massa de eternizar (e que bem fadada mão !) haveis de me consentir que, usando dos⁷ amplos direitos da amizade velha, eu esboce ao vosso juizo algumas ponderações, que, em todo⁸, ou em parte, porventura aproveitareis. Perdidas absolutamente para um tal espírito nunca elas hão de ser, pois m'as sugere o sentimento do verdadeiro e do bom, que, não menos que o do belo, deve presidir às⁹ empresas do artista em nossa idade ; idade seria, utilitaria, progressiva.

Estudando-vos na minha estatua, folgo de¹⁰ descobrir que neste particular pensais vós como eu ; pois destes na comemoração das minhas obras o lugar primeiro à carta de alforria que Deus me permitiu trazer à puericia (*). E que valem realmente em comparação deste¹¹ código de amor, depositario misterioso de tanta civilização ; que valem, que pesam, que avultam, uns cantos passageiros, feitos pela ociosidade para a ociosidade, dependentes do capricho da moda e que as¹² transformações da lingua e do gosto poderão dentro em pouco deixar sepultados, como tantos outros, de todos os séculos,

(*) Castilho refere-se ao seu método de ensinar a ler.

nas necrópoles¹³ das livrarias? Amores, mitologias, e mesmo¹⁴ historias, que são, se se comparam¹⁵ com a arte de semear no semi-baldio do presente as searas opimas do futuro? A redenção que eu evangelizei à escola, e cujo triunfo já no meio do martirio se começa a entrever,¹⁶ esta sim que¹⁷ é obra de obras, e não de palavras; de beneficencia afetiva, não de ternuras vagas; não de talento, nem de brilhar, nem de ambição egoística¹⁸, mas chã; obscura; calcada e fecundíssima como a propria terra; obra de crer e de querer; obra fundida de fé, esperança e caridade; obra que a Providencia há de forçosamente amparar contra perseguições e invejas, como a¹⁹ cousa sua; pois é ao mesmo tempo alegre como a infancia que já a ama; carinhosa, como os corações maternos que algum dia a adorarão; sisuda, forte, e empreendedora, como o espírito viril da nova era.

Propondo este ensino humano, fruto só de boas diligencias, não merecia estatuas nem admirações; benevolencias, sim; tantas, pelo menos, quantos têm sido os odios a estorvar-me de toda a parte neste arroteamente que é para todos, e que para todos há de ser por derradeiro.

Quem fala dos seus amores, espraia-se e parece às vezes jatancioso; é o que me succedeu agora: falei da civilização pela instrução popular, que é o meu dogma, a minha religião, a minha poesia concentrada; fui difuso e imodesto; volto ao que dizia. Ao pordes o meu *Método* acima dos meus outros pobres escritos, mostrastes vós que a filosofia do verdadeiro, do bom, do util, vos não inspirava menos que o senso profundo, inato e íntimo, do belo. Eis aquí, pois, meu caro amigo, a ponderação que eu, utilitario contumaz, me²⁰ permito dirigir-vos, e que, se esta carta for parar à imprensa, desejaria ver ajudada pelos bons engenhos que professam educar a opinião.

Dizei-me: quando, no fundo da vossa oficina de escultura, levantai as mãos de um esboço que sob elas se vos²¹ está vivificando, para meditar um segredo da arte, ou esperar um novo raio de inspiração; quando, depois de pairardes com a vista em derredor por sobre modelos gloriosos de outros grandes mestres, recebeis na voz, na lingua mesma do vosso colaborador romano, umas virações longinquoas da poética Italia, dessa grande mãe de heróis para as façanhas, e de artistas para os

heróis ; quando, sem transição, ou pela mais natural de todas as transições, reverteis em espírito dos céus da Ausonia, tégidos, corados, impregnados da poesia grega, para estes, não menos poéticos, e não menos inspirativos céus de Portugal, país que, semelhante a Saturno, cria²² filhos deuses e os devora ; quando então comparais mentalmente o pouquíssimo que somos com o incomensuravel que pudéramos ser, que havemos de ser, logo que a alvorada da instrução acordar o povo, que homens mais humanos o dirijam, e leis mais sabias nos eduquem para ousar, para amar, para servir ; se então a vista, desabranchando-se das estatuas que vos rodeiam²³, vos sai meditativa a espairecer-se pela fronteira e contigua alameda do passeio público, prosaico vestibulo do vosso olímpico Panteon ; dizei-me, meu amigo, não sentís que nesse e nos outros campos de reunião de uma capital como Lisboa, falta alguma cousa essencial que seria facilímo doar-se-lhes ? Oh ! certamente ! Ali, abundam as árvores e as sombras ; as aguas e os cisnes ; as flores e as mulheres ; os passarinhos e as crianças ; ali se entrelaça²⁴ a convivencia ; se deslembra cuidados ; se distraem penas ; se assoalham modas ; se pleiteiam luxos ; se bebe²⁵ em ares balsâmicos saude e satisfação²⁶ ; tudo isso é muito, e bem haja o primeiro que se lembrou de incluir nos recintos das cidades populosas estes oasis da natureza campestre esmerada pela arte ; é muito, sim, mas não basta. Nestes passeios está o *hoje* em toda a sua pompa ; mas onde estão neles o *ontem* e o *amanhã*,²⁷ que tambem lá cabiam, e com os quais o hoje, aumentaria os seus prazeres ? onde estão as estatuas, pelo menos os bustos, ou sequer²⁸ os nomes, dos que a morte apartou da nossa vista, mas não da nossa memoria, que eles penhoraram por seus feitos, por suas virtudes, por seus escritos ? em parte nenhuma. Aquí o mármore transformou-se em cisnes, em ninfas, em deuses de rios ; alem, em heróis romanos ; nunca num português benemérito ; e não é isto esquecer a um tempo,²⁹ futuro, passado, e presente ?

A effigie de um conterraneo preclaro prende-nos pelo respeito³⁰ às gerações anteriores ; engrandece-nos o espírito, juntando à nossa hora atual uma existencia que não tínhamos ; acende-nos emulações muitas vezes fecundas ; far-nos-á³¹ porventura corar da nossa inutilidade ; cerrar-nos-á³² acaso os

labios em meio de uma frase nescia ou maligna ; dessas que tão a miúdo³³ nascem no meio dos ajuntamentos, que só capricham de levianos³⁴ ; dará tema a conversações instrutivas, lições que em almas tenras de filhos se gravem indeleveis ; quantos heróis não terão nascido de estatuas !

Depois, quando estrangeiros, passeando³⁵ por entre nós, nos desdenham pequenos, já pode ser que andariam menos sobranceiros, se vissem em multiplicados monumentos a demonstração de que somos grandes.

Era isto, meu caro amigo, o que eu há anos ponderava à nossa gente. Ninguém ouviu ; se ouviram, não entenderam, não acreditaram ; se acreditaram, não lhes importou.

Aproveitei o lanço de publicar o livro intitulado *Camões*, para auspiciar com esse nome tão nacional, não só este alvitre mas outros igualmente exequíveis, faceis, prestantíssimos : a fundação de um Campo Elisio, cemiterio privilegiado para os mortos famigerados³⁶, e inaugurado com o túmulo do cantor das *memorias gloriosas* ; a assinalação oficial dos lugares e edificios memoraveis pelo nascimento, vida, feitos, ou morte de portugueses célebres ; e... que sei eu ? quantas cousas ótimas se não pediam ali, que já hoje poderiam ter dado tanto fruto ! e nem sequer da imprensa me saiu um eco !

Ambicionei entrar vereador³⁷ na gerência municipal, só para ver se dava impulso a estas fundaçõezinhas máximas, propus-me candidato, não me escutaram.³⁸

Por três vezes me tenho dirigido aos paços do concelho, como procurador dos nossos defuntos e ausentes, ausentes da memoria e gratidão de seus pródigos herdeiros, e nem uma só resposta, nem sequer um *não*, para meu descanso e final desengano, alcancei nunca. Quem nos explicará, e quem absolverá estas indiferenças, estas desmemoriações, chegadas quase a descortesias ? Dizem que rescendem a poesia as minhas propostas : e que pedir poesia a vereações, o mesmo é que esperar ananases de aboborais ; não o creio. Se o corpo municipal não teve ainda vagar para se embeber destas idéias, e desferir um pequeno vôo para cima do exclusivamente fisico, material, e immediato, quem nos diz que não chegará amanhã a sua hora, e se não for este, quem sabe se não será o primeiro que após este se elege³⁹ ? Terra de poesia foi sempre a de Portugal !

e não creio que, só pelo fato de haver um homem aquí sido eleito para fazer assear⁴⁰ e alumiar ruas, apagar incendios, matar cães, e alindar passeios, fique *in perpetuum* condenado a não sentir nem perceber o belo noutra esfera de idéias menos prosaica e vulgar. Medo tenho de que fosse o ter sido eu o alvitrador, o que, logo à nascença, augurou em mal estes negocios, tão singelos de si, como simpáticos e patrióticos. — «Tudo que abençoação cai» — dizia Chateaubriand; cuido que a mesma sina tive eu no berço.

Vede vós, meu amigo, se podeis quebrar estes ininteligíveis encantamentos. Parece-me que sem muito custo o lograreis. Esculpí,⁴¹ para tentativa, o busto de algum exímio português (antes finado do que vivo, que ⁴² será diminuir-lhe impedimentos) o de Filinto, por exemplo, o de Bocage, o de Garrett, ou de Silvestre Pinheiro, ou de Ferreira Borges, ou de S. Luiz, de Fernandes Tomaz, Visconde de Santarem, Correia da Serra; e pedi⁴³ à Câmara Municipal outorga para os collocardes em qualquer dos três passeios públicos da corte, não à⁴⁴ custa do seu cofre, mas a ⁴⁵ expensas nossas, e dos mais amigos da gloria portuguesa que ambicionarem haver parte nesta oblação. Obtida a anuência⁴⁶, impossível de recusar⁴⁷, e aberto o primeiro exemplo, imitá-lo-ão, além de vós mesmo, outros artistas, tomados de generosa emulação: veremos à porfia os cinzéis de Assis Rodrigues, de Vitor Bastos, de Cagiani, e de outros que após esses acorrerão com alacridade ao estadio da honra, aumentar⁴⁸ de ano para ano a população imortal dos nossos jardins. Onde até aquí só se viu com pomposo alardo uma exposição de arbustos floridos, resplandecerá permanente a de homens nados e criados neste ubérrimo torrão, para bem o servirem em vida, e ficarem-no exortando e enobrecendo depois da morte. Que razão se levantaria contra isto? nenhuma; em favor mil, não sendo a mínima o incremento que assim recebiam os estudos artísticos, e o gosto público, até agora em infancia e ao desamparo.

Para tudo aquí serem facilidades,⁴⁹ imaginai com que alvoroço a família de cada personagem⁵⁰ memoravel se ⁵¹ faria uma festa de ir colocar, a ⁵² expensas suas exclusivas, o homem ou a mulher do seu nome e do seu sangue, naquelas sombras honoríficas, naquele Elisio sem Lete, naquele Panteon vasto,

ridente, descoberto ao sol, inundado de fragrancias, cheio dos hinos das árvores, das aves,⁵³ e das aguas.

Cometei, cometei a empresa, meu amigo ! meu artista, meu português ! e boas fadas que⁵⁴ vo-la bafejem !

Bem pode ser que mais intelectualizada a nação, e mais apurada no sentir dentro em alguns anos, chegue a por entre as suas leis mais queridas a destas póstumas recompensas, que estimulam e fertilizam o porvir. Esperemos que algum dia, quando menos egoistas,⁵⁵ ou mais discreta e mais nobremente egoistas, uma pragmática amoravel, que não se envergonhe de ser poética, repute negocio do estado o decretamento de tais ovações, e que talvez até aos representantes do povo se confira⁵⁶ o direito e o dever de votarem eles, em nome da patria, as estatuas públicas remuneratorias. Assim o praticou, mais de uma vez, em Roma o seu senado.

Ousemos acreditar, meu bom amigo ; é já um bom principio para conseguir. O passeio público, diante da vossa officina, vos recorde cada madrugada o nosso empenho.

Mãos à obra ! depare-vos⁵⁷ Deus para o vosso primeiro busto, com que já conto, melhor assunto por parte do talento, do que desta vez o tivestes. Por parte do coração e bons desejos, basta e sobra que vo-lo ofereça igual ; superior, ainda ele o não criou.

Concluo suplicando-vos⁵⁸ repartais os meus agradecimentos com os vossos colaboradores nesta magnífica *surpresa* com que me viestes confundir. Coelho, gravando a estatua com a mestria que todos lhe⁵⁹ admiram ; Leite, ilustrando-a com aquele primor de estilo brotado do coração, que lhe afiança um dos primeiros lugares entre os escritores portuguezes ; a redação do *Arquivo Pitoresco* consociando-os a ambos⁶⁰ nas suas páginas deram-me antecipado tamanho premio, que o não chegaria eu a justificar com um século de tão perseverantes e patrióticos trabalhos, como os que me têm consumido estes últimos oito anos.

A eles e a vós⁶¹ abraça do coração ó vosso admirador e amigo obrigadíssimo.

Lisboa, 12 de julho de 1857.

(IDEM)

O ensino de latim

453. O que só tenho ouvido alegar¹ por parte dos nossos anti-latinos,² é que esse estudo come anos da vida e ³ vale pouco ; vale pouco, dizem eles, porque já em latim se não fala⁴ nem disputa ; vale pouco porque o conteúdo⁵ da prosa e verso dos romanos autores é *fossil* ; vale pouco porque tudo isso se pode ler⁶ em traduções ; e menos ainda vale, porque nos idiomas modernos e no patrio, tanta cousa excelente em materia e forma nos chama de todas as partes pela⁷ atenção, que seria simpleza trocar este ouro por aqueles avelorios. Nenhum desses dizeres deixa de ter sua verdade, mas a consequencia que deles tiram é que⁸ não é lógica.

O estudo do latim não é mero luxo ; dele se formou, por ele cresceu e se poliu⁹ o português : por ele se pode ainda enriquecer, e curar-se, em parte, dos ruins humores que o vão contaminando cada vez mais. A tediosa prolixidade do estudo do latim¹⁰ não é culpa dele, senão só dos métodos ; com método e mestre bom se pode aprender¹¹ em um ano ; Lemare o demonstrou em França pela prática ; (é argumento *a fortiori*, porque do latim ao francês vai tresdobrado caminho que¹² do latim ao português) e a demonstrá-lo pela prática me ofereci eu já também ; ora esse ano, e o dobro que fosse, não daria de si unicamente o que alguns superficiais imaginam.

O hábito de analisar uma lingua tão perfeita, cria¹³ no espirito uma propensão lógica, uma necessidade de exação¹⁴ cujas vantagens são incontestáveis para quem há de escrever ; habilita para a afinação da prosa, e para os efeitos artísticos do estilo ; dois predicaos essenciaes para¹⁵ a duração e immortalidade das obras ; e nos familiariza com o pensar de grandes homens, que não escreviam de empreitada, por aposta, ou para negocio como hoje, pois quem no original não leu os bons autores, por mais e mais insignes traduções que deles devorasse, não os leu nem os conhece.

Revolvamos com mão diurna e noturna os livros modernos das ciencias, das artes, e de todo o gênero,¹⁶ que a nossa terra

ou quaisquer outras tenham produzido, produzam, ou houverem de produzir merecedores de atenção ; de uns nos virá doutrina ; d'outros elegancia ; d'alguns também elegancia e doutrina ; com eles todos nos poderemos fazer fortes na materia da nossa occupação ou gosto particular. Mas, se ambicionardes deixar à posteridade cousa que lhe mereça aplausos de clássica, se quereis sacar maravilhas desta mal avaliada harpa, *chamada lingua portuguesa*, que meia duzia de velhacos afrancesados nos trazem tão destemperada, se quereis que o nosso povo readquira, e melhorando, o que maus administradores lhe têm perdido por incuria, e se lhe restaure um pouco de brio fecundo, e amor de patria ao verem por documentos irrefragaveis¹⁷ que o francês não é, como ele blazona, nem mais claro, nem tão claro, e que, pelo contrario, o português é, no seu colocar e frasear, dez vezes, cem vezes, mais lógico, mais retórico, mais poético, e mais músico, que o francês ; se nos importa em suma (e deve-nos¹⁸ importar) o sermos portugueses, tornemos nos ao latim.

O português está no latim e o latim no português.

E não o creiam¹⁹ só porque o dizemos nós, os que somos²⁰ portugueses e de portugueses nos prezamos ; consultem o erudito e judicioso castelhano Feijó, no tomo 1.^o do *Teatro Crítico*, discurso XV, onde honradamente diz : «Que a lingua portuguesa ou galega se deve considerar dialeto separado da latina, não subdialeto, ou corrutela da castelhana, quanto a mim se prova, com evidencia, do maior parentesco que ela tem com a latina do que a nossa (a castelhana). Para quem conhece estas linguas, não pode haver dúvida, em que, geralmente falando,²¹ as vozes latinas degeneraram menos na portuguesa ».

E de que assim devia ser, acha ele²² na historia mui cabal explicação.

A tendencia que ao presente se nota na direção dos estudos públicos, vai mais para favorecer a escola primaria, que as do latim ; é também essa a minha. O indispensavel deve ser anteposto ao que, rigorosamente falando,²³ o não é. Se cada escola de latim custa tanto como duas ou três escolas elementares, votamos que a suprimam²⁴ para as criarem.²⁵ Quem pretender versar-se²⁶ no idioma do antigo imperio romano, que

pague à sua custa a satisfação desse louvável apetite. À custa do pão intelectual do povo não pode ser.

Acresce porem que a maioria dos que em latim se dão por aprovados aí a cada canto, apenas o varejou pelas pontas das ramas ; não se chegou²⁷ a saborear nele²⁸ ; e tão pouco o absorveu, digeriu e assimilou, que andados poucos anos se lhe tornou de lingua estranha, estranhíssima, e totalmente ininteligível.

O faciendum para gente sisuda, seria pois olhar-se²⁹ uma vez com seriedade para a maneira como³⁰ em geral se fazem ou se fingem³¹ fazer, este e outros ensinos.

Será ou não verdade, que o do latim, substituído aos métodos³² velhos outro mais filosófico, se pode perfazer num ou dois anos, quando muito, no lugar³³ de quatro ou seis? Verdade e reverdade.³⁴ Logo, é romper empachos futeis, e meter desenganadamente mãos à obra ; é fundir num sistema judicioso, claro e harmônico, o que de melhor propuseram³⁵ no assunto Lemare, Jacotot e Robertson ; tratar até ao ponto possível a lingua morta como lingua viva ; dar menos a decorar por atacado, confusa, seca,³⁶ e indigestamente ; e dar infinitamente mais, e tudo, a analisar e a compreender. Tudo o que se compreendeu,³⁷ decorou-se e ficou ; não fazer³⁸ da estrada charneca da gramática estrada, pois o não pode ser, para a tradução ; mas começar francamente pela tradução, e vir trazendo para ela, e por ela, os principios e as regras gramaticais. A cada um destes principios, e a cada uma destas regras, juntar³⁹ logo, e bem palpavel, a sua razão íntima de ser ; e ainda depois destas facilitações, empregar,⁴⁰ sem desdems ridículos e nescios, a suma facilitação ; a mnemônica, as fórmulas métricas e rimadas.

Quem bem sabe quão pouco dista do latim o português ; quem bem chegou pela reflexão a liquidar que o português é na sua quase totalidade o proprio latim disfarçado, e como as conversões de um para outro idioma ocorrem pela maior parte dum modo regular e uniforme, já não pode rejeitar como utopia o que propomos.

Quem isto aquí expõe não está contando um sonho de teorista ocioso, um alvitre que no êxito poderia ser confirmado

ou destruído ; recomenda o que a sua própria experiência lhe averiguou como indisputavelmente verdadeiro⁴¹ e pres-tadio.

(IDEM)

Respiços

454. Em certa guerra, entre Inglaterra e França, desafiou um fidalgo francês a¹ um capitão de mar genovês, porque este lhe trazia no escudo usurpada as suas² armas, que eram uma cabeça de boi, animal que antigamente tomaram por insignia os reis de Egito, conforme traz Diodoro Sículo, e com ela pinta Sílio Itálico ao capitão Grospho.

E de³ semelhante empresa usou João Jordão Ursino, mar-quês de Mortara. Vieram, pois, a campo os desafiados ; e o genovês, premeditando fazer ao seu êmulo alguma burla, lhe perguntou por que o chamava⁴ a desafio. Porque tu (respondeu o francês, mui colérico) trazes no escudo as minhas armas, que o⁵ foram já de meus antepassados. Replicou o genovês : Que⁶ armas são as tuas ? São (disse ele),⁷ como aquí vês, uma cabeça de boi. Tornou então o genovês : não nos importa, logo, brigar, porque as minhas não são senão uma cabeça de vaca. Aquí saltou o riso, não só nos mirões que tinham concorrido, senão⁸ também nos mesmos contendores, e deu-se⁹ a alterca-ção por bem decidida.¹⁰

(BERNARDES)

455. Do Cardeal Roberto Belarmino.

Alguns que não entenderam bem uma verdadeira e segura proposição deste gravíssimo doutor na teologia polêmica de-nunciaram dela¹ ao papa. Outro cardeal, seu particular amigo, lhe aconselhou² tornasse pelo seu crédito. Rejeitou o conselho, dizendo : *Não convem desacreditar a outros por me acreditar a mim ; a verdade sairá acima, e vencerá per³ si mesma.*

... Que a verdade enfim aparece e prevalece, é também verdade, que apareceu com os tempos e experiencias. Por isto a pintaram alguns escondida detrás de umas cortinas, as quais abria um velho, que é o tempo ; e dizia a letra :

Obtectam tenebris Tempus me ducet ad auras,
como se nós disséramos :

Para meu rosto se ver
O tempo é meu sumilher.

... Também pode ser simbolizada no espinheiro, ou sarça, de Moisés, ardendo e não se consumindo,⁴ porque, como disse Vatablo : *Oppugnabitur veritas, non expugnabitur.*

... Ponho aquí umas trovas em louvor da verdade. Perdoe-se⁵ o que a musa não tem de florígera, pelo que tem de frutuosa.

Qual é aquela formosura
que vestir-se não procura,
por maior honéstidade?
A Verdade.

Que cousa há no mundo tal
tão sincera, clara e igual
que a Deus e aos homens agrade?
A Verdade.

Que aprende o sabio? Que encobre
o peito traidor? E ao nobre
que o rende tão por vontade?
A Verdade.

Quem fez amavel e grato
inda aos bárbaros o trato
da humana socièdade?
A Verdade.

Que receia o delinquente,
se o seu crime não é patente
à luz da publicidade?
A Verdade.

Quem da oprimida inocencia
com dolo ou com violencia,
haverá que se apiade?⁶

A Verdade.

Qual é o garrote duro
do hipócrita, do perjuro,
da traição, da impiedade?

A Verdade.

Combatidos da tormenta,
que âncora forte sustenta
os corações em igualdade?

A Verdade.

E que alma tem a historia
que a faz, nas asas da gloria,
de idade passar⁷ em idade?

A Verdade.

E de que ouro se lavra
tão fino a real palavra
que prova na adversidade?

A Verdade.

(IDEM)

Os dois polos de vida

456. *Da Madre Catarina de JESÚS, Religiosa Carmelita Descalça.*

Estando próxima à morte esta serva de Deus mostrava em seu veneravel rosto sinais de grande alegria. Disse-lhe outra religiosa com mais singeleza que¹ discrição :² Madre, como tem servido muito a N. Senhor, está confiada e não teme a morte? Respondeu : *Tanto confio nisso como um salteador nas suas*

obras para salvar-se ; confio em que vejo o filho de Deus no traje de pecador pregado em uma cruz, e a mim³ no hábito de sua Mãe, e em sua casa, porque é honra dos príncipes amparar os criados de seus pais.

Nestes dois polos se revolve e⁴ estriba a esfera da vida cristã e a felicidade de uma boa morte : desconfiança de si e confiança em Cristo. S. Bernardo : *Yn virtute tua nihil ponas, in viribus tuis non confidas, sed confidentia tua semper sit in Christo.* Se houvesse alguém de fazer jornada por caminho perigoso e cheio de lodos, de fragas⁵ e barrancos, que bordão escolheria ? Um de cana fragil, ou outro de madeira rija e firme ? Pois claro está que Cristo é báculo firme e nós cana quebradiça ; e o morrer que é, senão caminhar ? Davi em um dos Salmos Graduais, diz que se salvou o povo como quem passa uma torrente : *Torrentem pertransiuit anima nostra.* Quem passa uma torrente impetuosa, não há de olhar para baixo, senão para o Céu, porque, olhando para baixo, a cabeça padece vertigem, com o movimento e redemoinhos da agua furiosa. Ao passarmos a torrente da morte, de que é força⁶ bebamos todos os viadores da vida humana neste mundo, devemos apartar os olhos de nós mesmo e levantá-los a Cristo.

Indiscretamente obrava logo aquela Religiosa em lembrar à madre Catarina naquela hora os muitos serviços que tinha feito a Deus, porque isto era fazer-lhe inclinar⁷ os olhos para o baixo, ao passar pela torrente, de que podia ocasionar-se⁸ alguma vertigem de presunção, com que se⁹ perdesse : porque a natureza humana, infecta¹⁰ com a originaria lepra do amor proprio, é sumamente amiga de fiar-se de si mesma e agradar-se das suas cousas. E' uma tal torrente aquela e tão arriscada às vertigens da desesperação ou da presunção que o pecador há de procurar confiar em Cristo, como se fora santo ; e o santo há de procurar desconfiar de si, como se fora pecador. O p. fr. Antonio Cirméu, que da Religião dos padres teatinos passou a dos capuchinhos, foi varão de vida muito exemplar e penitente. O comer era só cinco onças de figos secos ou de favas ; se faltavam, comutava em um bocado de pão ; de vinho¹¹ nunca usava. Não foi está refeição sempre quotidiana, porque nos últimos anos (que pediam mais alivio, e não mais carga) só três dias comia na semana. Só três horas lhe levava o sono ;

as mais, o¹² da alma, que é a contemplação. Cada noite tomava disciplina de 6666 açoutes (porque tantos dizem alguns autores que foram os de Cristo, Senhor nosso) ; durava esta tremenda disciplina cinco horas. E, sobre todos estes exercicios de oração e mortificação e outros que não referimos, sentia esse servo de Deus de si mui baixamente. Um seu amigo, por nome fr. Tadeu, lhe perguntou :¹³ Quantos anos havia que continuava este teor de vida ? Respondeu que quinze ; e acrescentou logo : Por que me perguntais isso ? Cuidais que é muito ? E' certo que todas as nossas obras boas, tanto e nada mais valem quanto estão fundadas em graça e caridade ; é também certo que ninguem sabe se está em graça de Deus e se o ama ; logo, a maior obra que qualquer homem faça pode não agradar a Deus.¹⁴

Atéquí bem fundada parece que ia esta virtude, porem ainda devia ter fezes e infecção da confiança propria, de que foi necessario purgar-se¹⁵ com grandíssimo trabalho. Prossegue, pois, a historia e diz que, depois de ter este religioso feito muitos milagres, curando cegos com o sinal da cruz e expelindo demonios, adoeceu mortalmente e, chegando a passagem da torrente, teve um terrivel pavor. E, perguntado que receava,¹⁶ respondeu : Não é novo em mim este medo aos juizos de Deus, que são terriveis e ainda não sei se minhas obras lhe¹⁷ agradarão. Morreu enfim santamente e com todos os sacramentos. E, depois ele mesmo aparecendo,¹⁸ revelou que fora atormentado no fogo do purgatorio, e que se vira em gravíssimo perigo de salvação, e que só a confiança na Paixão do Senhor o fizera recobrar-se¹⁹ e achar vau no pegó da desesperação.

Por isso é conveniente aos moribundos mostrar-lhes²⁰ e meter-lhes²¹ nas mãos algum devoto crucifixo, para que se ponham²² os olhos onde se devem por²³ as esperanças. No real mosteiro de S. Dionisio em París, fundação antiquíssima del-rei de França Dagoberto (que é de Monges de S. Bento), se guarda²⁴ com grande veneração um estandarte, ou pendão, feito de ouro e púrpura, que se chama o *Auriflamen*.²⁵ Todos têm grande fé com ele ;²⁶ nem sai senão em urgentes necessidades públicas, sempre com bom efeito. Entrega-se²⁷ a alguma personagem²⁸ ilustre com solenes ceremonias,²⁹ a qual promete de o tornar trazer à casa fielmente. Que é a imagem de um Cristo

crucificado, senão um místico *Auriflame*, em que o ouro da divindade se tece com a púrpura de sua humanidade? Sendo, pois, a hora da morte o conflito de maior risco e a necessidade mais urgente para uma alma, razão é que saia este sagrado estandarte, para lhe anunciar e conceder próspero sucesso. Porque, na verdade, tudo quanto ali os olhos encontram está convidando a amor, oferecendo perdão e publicando misericórdia. Por isso disse um discreto :

A vós correndo vou, braços sagrados,
Nessa Cruz sacrossanta descobertos :
Que, para receber-me, estais abertos,
E, por³⁰ não castigar-me,³¹ estais cravados.

A vós, olhos divinos, eclipsados,
De tanto sangue e lágrimas cobertos,
Que, para perdoar-me, estais despertos
E, por³² não devassar-me,³³ estais fechados.

A vós, pregados pés, por³⁴ não fugir-me ;³⁵
A vós, cabeça baixa por³⁶ chamar-me ;
A vós, sangue vertido, para ungir-me ;

A vós, lado patente, quero unir-me ;
A vós, cravos preciosos, quero atar-me :
Para ficar unido, atado e firme (*).

(IDEM)

457. A¹ Cristo, Senhor nosso, dormindo² na naveta, acordaram seus discípulos assustados, dizendo : Mestre, não vos toca, que nos imos³ a pique ? *Magister, non ad te pertinet quia perimus?* Achou o Senhor que sim lhe⁴ tocava ; e logo se levantou e mandou serenar⁵ as ondas e cessar a tempestade. Veio outra vez certo homem pedir-lhe⁶ dissesse a um seu irmão que fizesse com ele partilhas da herança paterna. Achou o Senhor que este officio lhe não tocava e respondeu : Homem, quem me constituiu juiz ou repartidor entre vós outros ? *Homo,*

(*) Do Doutor Manuel da Nóbrega.

quis me constituit judicem, aut divisorem super vos? Eram as ações desse Senhor modelo das nossas, porque, enfim, veio ao mundo não só como Redentor mas como Mestre; por isso nem nestas ocasiões nem em outras muitas rejeitou o título de Mestre, rejeitando aqui o de juiz distribuidor de fazendas. Quem não atenderá logo à excelente máxima de «Toca-me»,⁷ ou «Não me⁸ toca», se o mesmo Cristo atende? Tocava-lhe⁹ que não percessem seus discípulos destinados para ministros do seu Evangelho; por isso deferiu logo aquela súplica. Não lhe tocava¹⁰ que percesse a fazenda daqueles litigantes; por isso, não deferiu estoutra. Que foi isto senão ensinar-me que, se o negocio me toca, acorde e acuda ao remedio; se me não toca, me exclua dele e deixe ficar como adormecido?

(IDEM)

458. «Vós convosco vos dais por afrontado, porque vos são ditas as verdades. Pelo contrario, o glorioso apóstolo S. Paulo manda, dizendo: Aos que delinquem¹ argue² publicamente para que os mais tenham temor. A qual devo eu dar ouvidos? A vós, que dizeis: Deixai-me destruir a religião de Deus e trazer a³ seus servos para o Anti-cristo; deixai-me estabelecer a todos neste meu sacrilegio; ou ao bemaventurado apóstolo, que me manda te argua⁴ diante de todos, se pecares?» Atéquí este zeloso prelado. Omito outras autoridades, por⁵ não ser prolixo.

(IDEM)

459. Quando Deus chamou a Samuel, que estava dormindo, bem pudera logo dizer-lhe quem o chamava¹ e para que; e, contudo, o deixou três vezes ir buscar² ao³ sacerdote Heli, para que este o ensinasse⁴ que devia fazer no caso⁵. No «Prado Espiritual» se conta⁶ que um santo sacerdote, celebrando, proferiu alguns dogmas heréticos, se bem⁷ procedia em boa fé, porque estava enganado pelos hereges. O diácono, que lhe assistia,⁸ o avisou logo de que⁹ não era aquela doutrina católica; mas ele, como via anjos assistir¹⁰ ao¹¹ sacrificio, não fez caso do aviso, e foi continuando o que lia. Tornado a avisar¹² do erro, perguntou aos anjos, e responderam que ouvisse ao¹³ diácono. Replicou, admirado: E, pois vós, ministros do

Altíssimo, como consentieis atégora que eu errasse? Responderam : *Porque quer Deus que os homens aprendam dos homens.* Excelente doutrina para desterrar o vicio dos que tudo querem levar pela luz infusa, e nada pela adquirida, e¹⁴ de tal modo se dão por entrados com Deus que se desirmanam de seus próximos.

(IDEM)

Cartas

Ao secretario do estado

460. Obedeço a¹ V. S.^a e ponho em papel o que de palavra lhe respondi acerca da guerra que convem fazer a Castela, e dos cabos a que se deve fiar. Aceite V. S.^a estas mal concertadas razões como de quem as não professa, e sirva-lhes de desculpa ditá-las² o zelo da³ patria, e escrevê-las o respeito que a V. S.^a devo.

Quanto ao modo da guerra, discorrendo pelas razões comuns, como quem não tem noticia das particulares, parece mais conveniente tratar de dispor o reino a uma guerra defensiva, do que⁴ entrar com exército em Castela, e fazer guerra ofensiva ; porque primeiro se deve atender a segurar a conservação do proprio, e depois, se for conveniente, se poderá conquistar o alheio.

Em quanto o reino não está fortificado de maneira que possa resistir a⁵ qualquer invasão do inimigo, toda a outra empresa é arriscada, por não dizer temeraria, e nas materias em que não vai menos que⁶ a monarquia, sempre se deve seguir a parte mais segura. Na guerra ofensiva tantas vezes pode o inimigo ser vencido e desbaratado, quantos forem os lugares que se puserem em defesa. Na ofensiva pode-se perder tudo em um dia ; na defensiva, ainda que se perca, será pouco em muitas anos, porque nenhuma cidade tem Portugal,⁷ que se estiver fortificada e prevenida, não custe ao inimigo um exército e uma campanha, ficando impossibilitado para fazer outra em muitos dias.

Em qualquer reino é verdadeira esta razão de estado, e muito mais nos reinos menores a respeito dos maiores e mais poderosos ; porque na vantagem da fortificação se supre a desigualdade do poder, e é tão facil defenderem-se⁸ os menos dos mais dentro em ⁹ sua casa, quão arriscado e possivel serem os mais vencidos dos¹⁰ menos, quando os¹¹ buscam na alheia. Só em caso que as nossas forças fossem tão superiores às de Castela¹² que a pudessem acabar de destruir de uma vez, seria conveniente começar pela guerra ofensiva ; mas nem isto se houvera de intentar nunca quando tivesse qualquer contingencia, quanto mais nas impossibilidades que são presentes e manifestas.

Os holandeses, cujo governo nesta era os tem feito dignos de imitação, quando se rebelaram contra Espanha, primeiro trataram de se reduzir a suas praças e fortificar-se nelas ; e soffrendo por alguns anos a guerra defensiva, vieram a quebrantar as forças de toda Espanha, de maneira que não só podem hoje resistir em campanha a¹³ seus exércitos, senão¹⁴ conquistar suas provincias, senhorear¹⁵ seus mares, e aspirar¹⁶ ao dominio do mundo. Se começaram¹⁷ pelo fim antes de o conseguirem, estiveram¹⁸ perdidos ; e, se a experiencia tem mostrado que foi conveniente aos holandeses fortificarem-se¹⁹ em suas praças, e usarem da guerra defensiva, estando tão distantes de Espanha, quanto mais convirá o mesmo conselho a um reino, que rodeado por todas as partes de Castela, a maior parte que o divide é o Minho e o Guadiana.

Finalmente, reduzindo muitas razões a uma. Na resolução de entrar em Castela, os gastos são grandes e certos ; porque para se formar um exército de que se espere reputação e efeito, quando menos, há de ser maior que²⁰ o do ano passado, para o qual não bastaram as consignações de toda a substancia do reino ; e sustentando-se este exército o tempo que for necessario para o sitio de Badajoz e sua expugnação, ou de outra praça forte, é força²¹ que com o tempo cresça o empenho, e alfim se há de gastar na conquista de uma cidade do inimigo o cabedal, gente e dinheiro, com que se podem fortificar²² e defender muitas nossas.

E' tambem o successo duvidoso, porque de mais das incertezas que traz toda a guerra, esta é dentro em ²³ Castela,

onde se há de presumir que fará o inimigo o último esforço de sua potencia para socorrer qualquer praça consideravel que lhe sitiarmos, e praça socorrida nunca foi tomada ; e posto que no presente estado de Castela se não considere tão grosso socorro²⁴, que baste a romper o nosso sitio, nem por isso deixa de haver outros meios menos custosos de a divertir,²⁵ ou metendo-nos a guerra dentro em casa²⁶ por outra parte, que²⁷ não será dificultoso em um reino por mar e por terra tão aberto, ou impedir-nos²⁸ os comboios e bastimentos do exército, que sendo superiores, como são, na cavalaria, o podem fazer facilmente, não falando²⁹ na esterilidade do país, falta de agua, armas, doenças, fugidas de soldados, desuniões, inteligencias e outros accidentes, por que³⁰ as praças se perdem ;³¹ cada um dos quais deve ser de muito peso para quem reduz todo ou quase todo seu³² poder ao corpo de um exército.

E quando felizmente se consigam nossos intentos, e rendamos uma ou mais praças fortes do inimigo, ainda em tal caso se considera maior dano nosso que utilidade ; porque o poder quanto mais distinto, tanto é menos, e quanto mais nos dilatamos mais nos enfraquecemos, empenhando-nos as praças rendidas a maiores e mais custosos presidios, que nem por isso, como alguns mal imaginam, podem ficar as nossas desguarnecidas ; porque os presidios de Badajoz não seguram a Elvas de uma empresa. Praça fortificada sem guarnição é cousa inaudita. Nem menos fica a conquista de Portugal mais dificultosa por esta via ; porque, quando Castela tivesse para nos render vinte cidades, tambem o faria a vinte duas, que os reinos não os³³ faz inexpugnaveis o número, senão³⁴ a fortaleza dos lugares.

(VIEIRA)

Ao marquês de Niza

461. Exmo. Sr.

Terça feira à noite, 17 do corrente, chegamos a esta corte da Haia, havendo partido de Calais na quinta feira passada, embarcados em uma nau de combo, que nos levou a Flessinga em três dias, no último dos quais corremos grande tormenta ;

mas com ser¹ a viagem tanto mais larga do que² costuma, a tivemos por muito feliz,³ por chegarmos a salvamento, quando não aconteceu assim a outros ; porque a mesma nau mercantil que comboiamos, não se sabe ainda que derrota haja levado, e quando chegamos a Flessinga, acabavam os pescadores de tirar das redes muitos corpos mortos de naufragantes,⁴ e André Henriques, que chegou no mesmo tempo de Lisboa, me disse que encontrara muitos pedaços de navios dos que o mar sosso-brara.⁵ Os perigos são próprios do tempo, e o escapar deles é fortuna dos que navegam em serviço de S. M., e não o⁶ attribuo a milagre de Santo Antonio, porque partimos à quinta, e chegamos à terça, salvo se V. Ex.^a quer que as quartas feiras tenham véspera e oitava.

Enfim, sr., chegamos a esta casa, onde achei duas cartas de que V. Ex.^a fez mercê, que me⁷ acrescentaram muito a alegria de haver chegado, e com o mesmo contentamento receberei todas as que me⁸ trouxerem boas novas de V. Ex.^a, com que peço a V. Ex.^a me não falte, afirmando a V. Ex.^a, que lh'o merece o meu coração, e as minhas saudades, que ainda que a companhia do sr. embaixador Francisco de Sousa baste para fazer esquecer as molestias do caminho, as lembranças do sr. marquês de Niza em nenhuma distancia se⁹ esquecem, e com nenhum outro lugar nem¹⁰ companhia se consolam.

A resolução que V. Ex.^a tomou de avisar o Brasil,¹¹ é tão importante e acertada como todas as de V. Ex.^a. E se os mercadores se acomodassem a que fosse em direitura à Torre de Garcia d'Avila, ao Morro, ao Camamu, ou a outro posto dos vizinhos à¹² Baía, fariam ainda maior serviço a S. M., porque o Cabo de S. . . dista 120 leguas, e os correios gastam no caminho quando menos vinte dias, à causa¹³ dos rios e matos que passam. Mas Deus vai detendo estes senhores de maneira, fechando-os, senão com cadeados de neve, com tais tempestades e ventos contrarios, que¹⁴ haverá muito tempo para o aviso chegar primeiro que eles.

Tambem entendo que a conveniencia de irem as fragatas de S. Maló é tão grande, que sem ordem de S. M. deve V. Ex.^a fazer que¹⁵ se apresentem logo logo, não só quatro, mas seis e oito, se houver quem as queira armar, e sobre isto mesmo

havia eu falado com Luiz Hiens, um mercador francês de S. Maló que esteve muitos anos em Pernambuco, e¹⁶ há de ir logo buscar a V. Ex.^a, para este mesmo negocio. Achei-o em Meldeburg para passar a sua terra ; é pessoa de poucas palavras, mas de grande cabedal e crédito, e muito amigo dos portugueses, e lhe dei uma carta para V. Ex.^a. E importaria muito que a maior parte destes navios fossem¹⁷ antes à Baía que¹⁸ a outros portos, para alí ajudarem a nossa armada, porque o poder que vai de Holanda, entendo que será superior posto que ouço¹⁹ diferentes opiniões ; mas na minha é de tanta importancia acharem-se²⁰ com a nossa armada mais alguns navios de força, que, para os convidar a ir à Baía, se lhe podia conceder que pagassem menos a quarta parte dos direitos, no que a fazenda de S. M. não perde nada, pois assegura tanto.

Na memoria que V. Ex.^a me mandou das fragatas, desejara²¹ se declarasse a idade delas, e o calibre da artilharia ;²² e se não forem velhas, e a artilharia boa, me parece que se davam a bom preço. E ou esses ou outros, importa que V. Ex.^a mande comprar navios, porque os que se fabricam em Portugal estão quase parados, e daqueles quatro, e de outro que começa o conde de Odemira na Ribeira, se entende que não poderão ir ao mar o ano²³ que vem mais que²⁴ dois, e ainda desses se duvida. André Henriques vem a comprar navios por ordem de S. M., e traz créditos de cem mil cruzados, e suposto que deste homem, que é muito inteligente, fia el-rei a compra, quando a V. Ex.^a lhe pareça, podia ele tambem comprar aquí outros quatro, para que V. Ex.^a tem ordem, e eu os poderia tambem ir ver, mandando V. Ex.^a autoridade só para se celebrarem os preços, e o dinheiro o mandará V. Ex.^a entregar aos donos dos navios.

Estimo que o Briana ande fino, e que a liberdade de S. A. não tenha mais estorvos que o juramento, para o qual não nos faltarão doutores na Sorbona, se bem²⁵ Mr. de la Tulherie disse ontem ao sr. embaixador, que os castelhanos absolutamente a negavam, e que assim o tivera por carta última do duque de Longa Vila. Sustente Deus a Nápoles, e traga tão boas novas da armada de França, que vá por diante a prática da liga, que folgo muito de ver admitida.

No particular da despedida de V. Ex.^a, e de outro negocio que eu havia de tratar com o sr. embaixador, não falo, porque na segunda carta remete V. Ex.^a estas resoluções para segundos avisos, pelos quais ficamos esperando. O sr. embaixador aprova mais a proposta futura que a²⁶ passada, a qual diz que sente muito, e mais não²⁷ cheguei eu a lhe descobrir todas as circunstancias, porque calei cá as que V. Ex.^a lá calou ; mas depois de lhe discorrer um pouco sobre os motivos, respondeu com encolher os ombros.

Os negocios daqui estão da parte dos estados em silencio, posto que da nossa faz²⁸ o sr. embaixador todas as instancias, e não falta quem de uma e outra parte lhe²⁹ aconselhe que peça licença para se ir entendendo que com este torcedor se romperá este obstinado silencio, e que respondendo, será a resposta sem dúvida a favor da paz, que Holanda e todos desejam, e só Zelanda encontra.³⁰ E que quando os estados venham à catcha, e queiram deixar ir o sr. embaixador, acudirá o de França a o³¹ impedir. Isto disse Brasset, e Mazarino o aconselha, e Luiz Pereira o aprova. E eu me conformarei mais com o parecer de V. Ex.^a, que³² com nenhum outro. O meu, ainda que se me não pediu,³³ foi que em caso que se falasse em despedida, fosse somente insinuando-se por termos que mostrassem a ferida ; mas não empenhassem a palavra, com que ficasse sempre livre a Francisco de Sousa ir ou ficar, como melhor lhe estivesse. O sr. embaixador fica resolutos³⁴ a ir apertando pela resposta, e chegar aos últimos termos, quando os outros não bastem. E entretanto³⁵ despacha um barco a Lisboa a avisar a S. M. por cujas respostas eu tambem faço conta de esperar, quando o estado dos negocios não peça mais apressada resolução, a qual V. Ex.^a me mandará conforme vir³⁶ que eles se vão pondo.

Recebi carta de Lisboa, de 29 de outubro, do padre procurador do Brasil, em que me diz chegara caravela da Baía, com aviso de que a nova armada era lá chegada, e³⁷ com ela se partira logo Sigismundo para o Recife, deixando só três navios em Taparica, e a força guarnecida : não se sabe o intento dessa jornada ; pode ser que vá acudir a³⁸ Pernambuco, entendendo que irá lá armada, ou que não queira ele ser o que³⁹ perca Taparica, ou finalmente que iria consultar o con-

selho supremo, que reside no Recife, a cuja disposição remetem tudo os estados.

Acabo com esta de representar a V. Ex.^a, o que é impossível dizer-se em poucas palavras, que é o miserabilíssimo estado a que a pobreza de D. Luiz de Portugal tem reduzido sua casa. Demandam-no pelas dívidas, não já os acredores maiores, mas o do pão, os da cerveja, e doutras miudezas deste gênero, e é tal o aperto que lhe fazem e a impossibilidade sua, que está arriscado a o⁴⁰ executarem, e ainda a padecer maiores indecências,⁴¹ porque a justiça destes países é inexorável a qualquer respeito, e o⁴² do mesmo príncipe de Orange lhe⁴³ não valeu para os estados lhe concederem um seguro que pediu e⁴⁴ lhe foi negado. Sua mulher me mandou chamar ontem por D. Alexandre, e a achei lastimosíssima : ela escreve a V. Ex.^a pedindo que V. Ex.^a, em nome de S. M., queira acudir a⁴⁵ este desamparo, mandando ordem com que se lhe acabe de pagar o resto daquela antiga mercê de S. M., que cuida são dois mil cruzados : o que eu posso afirmar a V. Ex.^a é que a necessidade presente destes senhores é tão extrema, que a mercê vem a ser esmola, e a piedade justiça. Entendendo que tudo o que V. Ex.^a fizer pela remediar⁴⁶ será muito bem recebido de S. M., que Deus guarde, de cuja real clemencia conheço que se lhe fora presente tão grande desamparo, lhe⁴⁷ mandara acudir com maiores socorros. O sr. embaixador lhe⁴⁸ mandou hoje uma esmola de sua casa, e não sei eu nenhuma que seja mais bem empregada⁴⁹.

O padre Pentilier beija a mão de V. Ex.^a muitas vezes, sentido de V. Ex.^a lhe não mandar aquelas novas de Lisboa : não escreve, porque pregou ontem, e prega dia⁵⁰ de Natal e a primeira e segunda oitava, e todas as mais vezes que o quiserem ouvir,⁵¹ e creia-me V. Ex.^a que é grande pregador.

V. Ex.^a tenha muito boas festas, e Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos como desejo, e o nosso reino há mister. Haia, 23 de dezembro de 647. — Criado de V. Ex.^a.

(IDEM)

Ao marquês de Niza

462. Exmo. Sr.

Chegou o alívio desta semana com a carta de V. Ex.^a ainda que foram breves as respirações para tão compridas saudades, que, se bem¹ a distancia as não cansa, experimento eu quanto acrescenta : não há senão apelar para as monções de março, em que, segundo aquí vejo, cuido que poderei ir esperar por V. Ex.^a,² pois sei que V. Ex.^a não há de esperar por ninguém ; e não cuide V. Ex.^a que este oferecimento, ainda que tem³ tanto de comodidade, não leva também seu pouco de fineza, porque me⁴ acho em tão subido grau de fortuna,⁵ que sou requerido de⁶ excelentíssimos plenipotenciários de Munster, e ontem recebi carta do sr. Francisco do Amaral Leitão, em que me pede⁷ o avise de quando⁸ é a minha partida, para que façamos viagem juntos. Já V. Ex.^a terá noticia de como⁹ se tratou¹⁰ entre os dois a petição do que fica, que se capitulassem pazes juradas, em que o que vai não quis vir, porque se¹¹ julga de superior partido. Deus encaminhe a um e a outro.

À nova da perdição dos seis navios se acrescenta¹² agora a de haver dado peste de bexigas na armada : o certo é que o vento não os¹³ favorece, e as aguas desta nossa vizinhança estão já tão geladas, que ontem e ante-ontem fomos ver correr sobre elas a burguesia : e neste mesmo tempo entendo que estará a nossa armada dando bons princípios de ano à Baía com a sua vista, e queira Deus que seja também com vitoria dos¹⁴ navios de Sigismundo, que, se são em número os que diz o aviso das ilhas, sem dúvida haveria encontro no mar.

Dos negocios d'aquí não há que¹⁵ dizer de novo : têm-nos prometido conferencia, esperávamos que fosse hoje, mas não veio recado. Se é certo o capítulo secreto de que V. Ex.^a avisa, devem isto de ser¹⁶ traças de entreter, e não verdadeiro desejo de concertar. E ainda que o tenham, se Deus não impede de todo a partida da sua armada, entendo que até não saberem o successo¹⁷ dela, não hão de ajustar cousa que obrigue ; e de no Brasil vencerem ou ficarem vencidos, depende o ficarmos aquí ou em paz ou em guerra para sempre.

Persuada-me¹⁸ V. Ex.^a outra cousa, que das mentiras de franceses muitos dias há que estou persuadido ; e quem fala muito, não pode ser verdadeiro em tudo. O capítulo da carta do padre assistente está amplificado a la moda,¹⁹ e da prática da rainha tambem eu não tive noticia.

Muito sinto que até V. Ex.^a não tenha cartas de S. M., e quando isto nos poderá servir de consolação aos demais, a mim²⁰ me desconsola infinito,²¹ e desculpará esta falta com a ausencia de Almeirim, se não fora geral de todos os tempos.

Faça-me V. Ex.^a mercê de me mandar dizer se falou em mim ao padre Nuno, e se dá alguma razão de novo para que se²² não faça²³ a paz : ainda mal, porque temo que lhe²⁴ há Deus de cumprir seus desejos.

Ao padre Pentilier dei os recados de V. Ex.^a ; ele me deixa, e se vai²⁵ a Portugal sobre²⁶ negocios do serviço de S. M., de que é o principal o que V. Ex.^a sabe, sobre²⁷ que espero resposta de Lisboa.

Que V. Ex.^a a não acabe de ter nessa corte é muito para sentir, depois de tão merecida. João de Guimarães se não carteia²⁸ com esta embaixada há muitos correios, e assim não se sabe cá nada do seu tratado, e para ser à satisfação de S. M. basta que V. Ex.^a o²⁹ aprove.

Se V. Ex.^a tem algumas novas certas de Munster, socorra-nos V. Ex.^a, porque os nossos doutores escrevem encontrados.³⁰ Mr. de la Tulherie nos diz que as cousas da paz estão muito embaraçadas, posto que nega³¹ a breve partida do duque de Longa Vila para França, em que os nossos concordam. Deus guarde a V. Ex.^a, e dê a V. Ex.^a e a toda a casa muitos bons principios de ano de 648, e faça tão feliz como os Bandarristas querem e crêem. Haia, 30 de dezembro de 647.

(IDEM)

Ao marquês de Niza

463. Já não fazia conta de poder escrever neste correio a V. Ex.^a pela muita occupação destes dias em escrever a Portugal, que foi necessario fazê-lo¹ com maior largueza, dando-lhe

conta desta armada, e discorrendo com as noticias do Brasil, sobre o modo da guerra que lá se deve fazer, que, se não for muito particular, pode correr risco a nossa armada, e após ela tudo : se puder mandarei a V. Ex.^a a copia de um papel, para que com a aprovação de V. Ex.^a tenha esperanças de que em Portugal se aceite,² e no Brasil se execute.³ Leva-o o padre Pentilier, que, sobre hoje nos aguar a solenidade dos reis com os sentimentos de sua despedida, agora se fica para outra ocasião, porque como o bom vento aquí é tão raro, os pilotos não esperam por ninguém. Varias perdas se referem de navios e gente do inimigo, particularmente morta de bexigas, que depois que o revdo. padre Francisco as⁴ lisonjeou tanto em el-rei de França, puseram-se⁵ da parte d'el-rei de Portugal. Houve conferencia, em que antes alcançamos que⁶ perdemos esperanças. Veio Zelanda, que nunca tinha vindo, e agora é o tempo de a comprarmos, se ela se quizer vender, com que a principal difficuldade ficará vencida.

Mr. de la Tulherie me chama demasiado confiado, porque me vê rijo em condescender com petições demasiadas destes srs.; bem que sabe V. Ex.^a que ninguém mais que⁷ eu deseja a paz, mas há de ser como convem. Sinto que não haja partido a fragata de Ruão, porque de cá não foi nem pode ir aviso atégora,⁸ nem poderá ir senão com o mesmo vento que levar a armada, e importava muito que chegara⁹ quando menos um mês antes. Também me pesa que o negocio das de S. Maló não tivesse efeito atégora. Espero que S. M. o¹⁰ aprove, e entendo que com aviso seu, e sem ele, lhe fará V. Ex.^a mui particular serviço nesta negociação.

Tomei tão pouco papel, porque cuidei que me não desse lugar a tantas regras o sr. embaixador, com quem imos¹¹ esta tarde a cear¹² com mr. de la Tulherie, que nos convidou.

Deus nos tenha as cabeças de sua mão, e a V. Ex.^a dê muitos bons reis, e, se for bom, um basta. Pelos meus peço me tenha V. Ex.^a em sua graça.¹³ Haia, 6 de janeiro de 648. — Criado de V. Ex.^a

(IDEM)

Ao marquês de Niza

464. ... Os políticos do mundo duvidam do successo da guerra em que França hoje fica, porque a vêem empenhada em Castela, em Flandres, em Italia, em Alemanha ;¹ e se os braços tão dilatados e poderosos de França não podem arcar seguramente com tantas empresas juntas, como bastará a debilidade em que hoje se acham os nossos para acudir a Portugal, ao Brasil, à India, à África,² e em cada uma destas partes tão distantes, não a um, senão a muitos lugares onde temos guerra, e sobretudo obrigarmo-nos a socorros de cada ano para Italia,³ onde a menos prática que os nossos pilotos têm daqueles mares, acrescenta o empenho como perigo de que tão ameaçados estiveram os nossos três navios este inverno.

Mas que melhor argumento desta impossibilidade que⁴ o mesmo do cardeal Mazarino, quando em suposição da paz nos não queria prometer mais que⁵ quatro mil homens de socorro, dizendo que não se atrevia a obrigar a mais, porque podia acontecer que não fosse possível cumprí-lo ?⁶ Pois se França havendo de ficar em paz, tinha por impossível⁷ um tão pequeno socorro, e queria que lhe achássemos razão,⁸ porque não valera com ela agora a nossa ; e porque lhe não faremos crer⁹ que é impossível socorrê-la,¹⁰ quando estamos em toda a parte cercados de tantas guerras ? Prouvera a Deus que foram¹¹ estas razões só aparentes como as suas, e não tão certas e verdadeiras ! E senão julgemos o futuro pelo passado, e tornemos quatro anos atrás.

No primeiro e segundo ano depois da aclamação de S. M., recolheu o reino os frutos de suas conquistas pacificamente, pagaram-se os tributos com maior vontade e pontualidade, cresceram à fazenda real os donativos, os bens dos confiscados, o cunho da moeda, e outros argumentos consideraveis, que hoje não pode haver ; e com todo este dinheiro o mais a que arribamos (ainda com empenhar as rendas que não estavam caídas) foi um pequeno exército em Alentejo, e uma não grande armada para a costa, que apenas pudemos sustentar assim no mar como na terra os últimos dois ou três meses de verão, não sendo o cabedal¹² bastante para mais compridas campanhas,

nem o havendo pronto para serem mais antecipados. Pois se na maior paz e no maior aumento da fazenda pudemos tão pouco, hoje que nós temos de mais, e Castela de menos, um inimigo tão poderoso como Holanda, e quando os frutos das conquistas se hão de supor ou perdidos ou impedidos, e¹³ os direitos e tributos do reino por todas as razões hão de ser muito menores ; como será possível assistir às¹⁴ necessidades do reino, às das conquistas, e ainda aos socorros de França ?

Verdadeiramente, eu não vejo d'onde isso possa vir, salvo por milagre. E é muito de notar¹⁵ e reparar neste ponto, que uma vez que faltemos a França com o prometido, bastará para que ela justifique o rompimento da liga, e para tomar pretexto de nos não guardar o capitulado, sem fazer caso de nossa necessidade, por extrema que¹⁶ seja, como se viu na do ano passado, em que disse Lanier,¹⁷ que tinha ordem de tornar para França, se lhe negavam os três navios : resolução verdadeiramente cruel, e que¹⁸ é bem¹⁹ nos não saia da memoria. Finalmente, sobre ser impossível este socorro, nos impossibilitaremos com ele, quando o prometamos, a reduzir os holandeses a algum acomodamento de paz. Porque se o verem-nos²⁰ somente embarçados com Castela, os fez não duvidar²¹ de se fazerem senhores de nossas conquistas ;²² quanto mais certas esperanças conceberão de conseguir esta empresa, se virem²³ uma parte do pouco poder marítimo que temos cativa, e obrigada aos socorros de França ?

Estas e outras impossibilidades se podem e devem considerar neste ponto ; ao qual (quando as não houvera) me parece que não ajuda o exemplo dos poderes que trouxeram os plenipotenciarios de Munster e Osnabrug ; porque, como diz a carta de V. Ex.^a, aquella soma de dinheiro se havia de dar a quem nos introduzisse na paz, e isto ficar em duas guerras, e uma delas forçada, pois por beneficio da liga nos privamos, como na outra dizia, de poder concertar-nos²⁴ com Castela, que é materia digna de consideração. E quebrarem os holandeses hoje a liga a França (a quem podem temer mais, que²⁵ França a nós) tambem nos deve trazer ao pensamento, que em qualquer negociação pode haver seguridades e dúvidas, se bem²⁶ a de França para que diga tudo, sempre a tenho por menos duvidosa,²⁷ por ter na nossa conservação o seu interesse. Os

que S. M. lhe mandava oferecer de trezentos mil cruzados em dinheiro, e dez ou doze navios, para que quisesse continuar a guerra, bem se vê²⁸ que era em caso que França o fizesse por amor de nós, e não hoje, que, ou por força ou por vontade, está desesperada da paz, e nunca se pode interpretar²⁹ que queira S. M. pagar com o seu dinheiro o que outrem por propria utilidade ou necessidade está obrigado a fazer. E este oferecimento parece que era só por uma vez, e não para todos os anos, e se não se entende assim, prometíamos o que não podíamos, nem podemos guardar ; principalmente que quando essas ordens se passaram,³⁰ não tinham os holandeses ainda rompido conosco, que³¹ é circunstancia que essencialmente varia o caso, e impossibilita a promessa.

Não pertendo³² com isto persuadir que nos não seja conveniente a liga de França, mas só (como dizia) que não é rationavel nem possivel, que nós por ela lhe demos socorros, antes entendo que se os não prometermos, nem³³ solicitarmos muito, a liga se nos concederá mais facilmente, com melhores partidos. Para o que supponho (como é certo) que França está excluida da paz, e que, ou por força ou por vontade, há de continuar a guerra, à qual se resolveu só por seus interesses e nada pelos nossos, como tantas vezes e tão declaradamente nos desenganaram seus ministros.

Supponho mais (como é ainda mais evidente) que de todos os aliados de França, nenhum lhe importa mais que³⁴ Portugal, por seu maior poder, por fazer a guerra a Castela dentro nas³⁵ entranhas, pela diversão³⁶ de Holanda nas conquistas, e principalmente, porque, se Portugal fizesse paz com Castela (que³⁷ é o mais facil meio de a fazer tambem Holanda) no mesmo dia ficava França arruinada ; porque contra Castela, Portugal, Holanda e o Imperio unidos, não há em toda a Europa resistencia no mar nem na terra, e tudo isto conhecem muito bem os franceses. Donde se segue que este temor há de obrigar mais a³⁸ França a fazer a liga, que nenhum outro interesse de socorros que lhe possamos prometer ; porque o socorro qualquer que seja, em respeito de França, nunca pode ser mui consideravel ; mas o temor de nos podermos concertar com Castela é de tanta consideração, que não importa menos que a firmeza ou ruina de França.

E como esta dependencia é tão grande e tão conhecida, se nos apressarmos a pedir a liga, e³⁹ mostrarmos grande desejo dela, conceder-no-la-ão os franceses com partidos sempre a seu favor ; mas se dissimularmos um pouco, e dermos tempo a que França discorra sobre o nosso silencio, não há dúvida que nos há de rogar com a liga, e que a há de fazer como nós quisermos.

Este discurso é evidente em toda a parte, e nestas onde eu agora ando muito mais que em París, porque lá não vemos mais que⁴⁰ as grandezas de França, e aquí vêem-se⁴¹ as suas dependencias, os seus receios, as suas contemporizações e as suas rogativas. E finalmente, boa experiencia tem V. Ex.^a de quanto mais obra com esta gente o medo que⁴² a obrigação. Solicitou V. Ex.^a muito acertadamente o primeiro socorro de França e o segundo, afim que estas demonstrações obrigassem aos franceses, e lhes dessem novo motivo para nos concederem o que queríamos ; e o que alcançamos com isto foram⁴³ desganhos em lugar de agradecimentos. E bastou só que depois se lhes desse a entender que alguma diferente resolução era possível, para mudarem logo de estilo em todas as partes, e para prometerem os novos socorros que tão obstinadamente negavam.

Assim que, sr., continuando a forma em que V. Ex.^a com tanto acerto tem respondido, me parece que, quando os ministros de França tornarem a falar nos socorros, se lhes deve responder, que Portugal assistirá àquela⁴⁴ coroa até ao⁴⁵ tempo da paz ou tregua com número de oito navios, a qual condição não começará a ter seu efeito senão depois de feita a paz entre Portugal e Holanda, pois se entende que firmada a⁴⁶ de Castela, se concluirá também esta. Porem em caso que esta paz não se efetue, ou pelo tempo que durar a guerra, Portugal de nenhum modo pode assistir a⁴⁷ França com socorro algum de dinheiro, nem navios, mais que com as diversões de Castela e Holanda, cuja importancia é tão grande, que não deixará França de nos ceder a liga, e procurar ter-nos seguros com ela. E quando contudo os ministros franceses insistam com se lhes mostrar a impossibilidade tão notoria em que estamos, e com lhes dizermos que não nos queremos obrigar ao que depois não podemos cumprir, parece que é toda a satisfação

que lhes devemos dar ; e se os deixarmos que cuidem⁴⁸ nela eles tomarão melhor conselho.

Até domingo se espera que se firme a paz, e excluida França uma vez dela, será cousa mui necessaria à utilidade e autoridade, que esses *monsieurs* sejam tambem requerentes, e que conheçam a diferença dos tempos, como já V. Ex.^a vai experimentando nas audiencias e recados do cardeal. Deixe-se V. Ex.^a tratar alguns dias com mimo, ainda que a nau da Rochela espere mais um pouco por melhores ventos, que eu confio em Deus que os que correm nos hão de ser tão favoraveis nessa terra como nesses mares. V. Ex.^a está hoje com o mesmo jogo com que entrou em França o monteiro-mor, e por ventura avantajado, e já me tem contentíssimo a esperança com que fico de que agora nos há V. Ex.^a de ganhar o que então perdemos.

Ao sr. embaixador li a de V. Ex.^a ; ele responde. E ainda que conheço⁴⁹ que o parecer de S. Ex.^a é sempre o melhor, e com que V. Ex.^a se deve conformar, não me permitiu o meu zelo, nem a confiança que V. Ex.^a faz de mim, deixar de escrever estas mal entendidas razões assim como me vieram à pena, se bem não tenho aquí outro cuidado. V. Ex.^a quando as ler me perdoará a prolixidade, que o ânimo bem sabe V. Ex.^a que é de obedecer e servir V. Ex.^a, e desejar as maiores conveniencias do serviço de S. M., cujos acertos no juizo e disposição de V. Ex.^a, estão sempre mui seguros, e nesta materia, como de tanta importancia, se livrarão melhor que nunca.

Esquecia-me o de Milão, cujo sitio V. Ex.^a⁵⁰ resistiu, como tão valente soldado dessa milicia, e se acaso isto não é tentação do duque de Módena, segundo os muitos embarços que tem hoje a guerra de França, bem se pode suspeitar sem temeridade,⁵¹ que seria inventado o pensamento, mais para assaltar as nossas bolsas, que para sitiar aquela praça. Mas em caso que o sitio se intente,⁵² eu creio da vigilancia daqueles anjos da guarda, que a primeira cousa que hão de fazer é tirar dali ao⁵³ senhor infante. Suposto dizer o Dillione que não queriam praças, nem paes, senão dinheiros e navios, explicado temos o enigma do correio passado, e que entrarão esses em pensamento de nos venderem a liga por algumas terras e praças das nossas conquistas, entre as quais devia de ser o Rio de Janeiro

a mais requestada : ora espero em Deus que nem eles nem outrem há⁵⁴ de possuir nada delas.

Sobre os navios que V. Ex.^a me encomenda, já tenho avisado que não há dinheiro, e que se V. Ex.^a o não mandar, não se fará⁵⁵ compra ; porque a prisão de Duarte da Silva nos retirou, não só o seu dinheiro, mas o crédito de todo. Contudo se V. Ex.^a mandar dinheiro para um navio, eu farei com que⁵⁶ se comprem dois, pagando-se aqui a metade, e fiando-se a outra para o reino, enquanto de lá vêm mais saneados efeitos.

Não estranhe⁵⁷ V. Ex.^a a pouca cifra desta e da passada, porque o ser tão larga, e alguma dor de olhos, com que fico, me impossibilitou⁵⁸ a ⁵⁹ continuá-la. E também me segurou o sr. embaixador que não há perigo. Guarde Deus a V. Ex.^a muitos anos como desejo. Haia, 27 de janeiro de 648.

Dos dois papéis do revdo. padre fr. Francisco pude⁶⁰ até agora ler só o dos versos, que eram merecedores de se imprimirem em bronze, como as imagens que descrevem. Não vi, nem creio que é possível cousa melhor, e bem sabe V. Ex.^a que não sei lisonjear.

O padre João Pentilier anda tão valido da rainha de Boemia e mais príncipes desta corte, que já se não lembra de ninguém ; manda seus recados a V. Ex.^a que⁶¹ em tanta soberania não é pequeno favor. — Criado de V. Ex.^a.

(IDEM)

Ao marquês de Niza

465. ... As novas de Nápoles são muito boas ; desgraça foi que os nossos navios não tivessem parte no bom successo. Do cadafalso de Lisboa não temos mais noticia que¹ a geral, nem sabemos de outra prisão que² a de Duarte da Silva. Ontem escreveu Lopo Ramires ao sr. embaixador,³ que a⁴ causa disto se não achava em Amsterdam quem quisesse passar um vintem para Lisboa. E em Hamburgo estando embarcadas muitas munições que iam para S. M., por conta de Duarte da Silva, tanto que se soube⁵ da sua prisão, as desembarcaram⁶ logo, estando algumas já no fim da Ribeira, com que fica menos de estranhar⁷ o que fez Bento Osorio. Duas coisas me⁸ admiram a mim mais que⁹ todas ; a primeira que se fizesse¹⁰ em Portugal

o que se fez :¹¹ a segunda que depois de feito não se pusesse¹² remedios aos assentos e mais negocios de el-rei, para que não faltassem ; mas pode ser que um e outro efeito nasça¹³ da mesma causa.

Folguei de ver as cartas que desta terra se mandaram¹⁴ a Roma : sobre a pessoa a que foram mandadas, tenho que dizer¹⁵ a V. Ex.^a uma cousa bem rara que cá soube. A Vila Real escrevo como passou¹⁶ a historia, em que lhe escreveram que houvera adaga.¹⁷ Não sei com que tenção levantariam isto. O certo é que os mais destes são grandes inimigos de Portugal, e bem o mostra o autor das duas cartas, posto que em muitas cousas diz¹⁸ verdade. De sairem no cadafalso os três judeus do Recife se queixaram muito os estados nesta última conferencia, em que declaravam que eles tinham aqueles homens por seus vassallos, e que o castigá-lo era contra o capítulo da tregua. E neste mesmo tempo chegou uma carta de S. M., em que diz que aqueles homens são da jurisdição eclesiástica, em que ele não tem poder, e que se lhe não torne a falar naquella materia. Bendito seja Deus, que só para estas valentias temos resolução. Dessa corte esperamos a de que principalmente dependem nossos negocios, a que não ajudará pouco estar esta paz já firmada. Deus nos traga boas novas, e guarde a V. Ex.^a muitos anos para que por meio de V. Ex.^a as tenhamos. Haia, 3 de fevereiro de 649.

Na passada falei dos versos ; nesta só digo que a prosa é ainda melhor, não porque o possa ser, mas porque a li depois ; o que importa é que el-rei premeie¹⁹ ao padre fr. Francisco como merece ; que ele honre o reino como pode. — Criado de V. Ex.^a

(IDEM)

Coletanea

466. Deus para julgar não há mister¹ tempo ; porque todas as nossas obras, palavras, e pensamentos, desde sua eternidade lhe são e foram sempre presentes. Pois que² tempo é este que Deus toma quando há de julgar os homens, e como

o toma? O tempo que Deus toma, é o que muitos haviam mister na morte para ajustar suas contas. E o modo com que Deus toma este tempo, é não lho³ dando,⁴ ou privando-os dele, por seus justos juízos, quando lhes vem tomar conta na hora em que menos o cuidam. *Qua hora non putatis.*

(IDEM)

467. O exército de Xerxes, que foi o maior que¹ viu o mundo, constava de cinco mil naus, e cinco milhões de combatentes; e porque de uma e outra parte fez continente o Helesponto, e cavou e fez navegavel o monte Ato, disse dele Marco Tulio, que caminhava os mares a pé, e navegava os montes.² Mas todo aquele imenso e formidavel aparato, que visto fez tremer o mar e a terra, tão brevemente passou e desapareceu sendo desbaratado e vencido, que só ficou dele este dito. O mesmo Temístocles, que com muito desigual poder o desfez e³ pôs em fugida, tambem passou, como na Grecia e fora dela passaram todos os famosos capitães e suas vitorias. Passou Pirro, passou Mitrídates, passou Filipe de Macedonia: passaram⁴ Heitor e Aquiles, passaram Anibal e Cipião, passaram Pompeo e Julio Cesar, passou o grande Alexandre, nome singular e sem parelha, e até Hércules, ou fosse um, ou muitos, todos passaram, porque tudo passa.

Costumam as letras seguir-se às armas, porque tudo leva após si o maior poder; e assim floresceram variamente, e em diversas partes no tempo destes imperios, todas as ciencias e artes. Floresceu a filosofia, floresceu a matemática, floresceu a teologia, floresceu a astrologia, floresceu a medicina, floresceu a música, floresceu a oratoria, floresceu a poética, floresceu a historia, floresceu a arquitetura, floresceu a pintura, floresceu a estatuaría; mas assim como as flores se murcham e se secam, assim passaram todos os autores mais celebrados das mesmas ciencias e artes. Na estatuaría passou⁵ Fidias e Lisipo; na pintura passou Timantes e Apeles; na arquitetura passou Meliágenes e Demócrates; na música passou Orfeu e Anfion; na historia Tucídides e Livio; na eloquencia Demóstenes e Tulio; na poética, Homero e Virgilio; na astrologia, Anazágoras e Ptolomeu; na medicina, Esculapio e Hipócrates; na matemática, Euclides e Arquimedes; na Filosofia, Platão

e Aristóteles ; na teologia, Mercurio Trismegisto e Apolonio Tianeu⁶ ; e por junto em todas as ciencias passaram no mesmo tempo os sete sabios da Grecia, porque, ou junto ou dividido, tudo passa. Só a ética e a moral, como tão necessarias à vida e à virtude, parece que não haviam de passar ; mas os platônicos, os peripatéticos, os epicureos, os cínicos, os pitagóricos, os estoicos, os acadêmicos, eles, e suas escolas e seitas, todos passaram.

(IDEM)

468. Esta casa de que vos jactais ser senhor, porque é vossa ? Porque a herdei de meu pai ; e vosso pai de quem a houve ? De meu avô ; e de quem a houve vosso avô ? De meu bisavô ; e vosso bisavô de quem ? De meu trisavô. Já não tendes palavras com que prosseguir¹ de quem mais foi e a quem mais passou essa casa, que chamais vossa. Pois assim como ela passou, e vossos antepassados passaram por ela, assim ela e vós também haveis² de passar. Por este modo sem firmeza, nem estabilidade alguma, estão sempre passando neste mundo as casas, as quintas, as herdades, os morgados : uns, porque os faz passar³ a morte, outros, porque os manda passar⁴ a justiça, outros, porque os convida a passar a riqueza dos que os compram, outros, porque os obriga a necessidade dos que os vendem, outros, porque a força e poder os rouba e senhoreia⁵ por violencia : em suma, que não há pedra, nem talha, nem planta, nem raiz, nem palmo de terra na terra, que não esteja sempre passando, porque tudo passa.

(IDEM)

469. Todos vamos embarcados na mesma nau,¹ que é a vida, e todos navegamos com o mesmo vento,² que é o tempo ; e assim como na nau uns governam o leme, outros marceiam³ as velas ; uns vigiam, outros dormem ; uns passeiam,⁴ outros estão assentados ; uns cantam, outros jogam, outros comem, outros nenhuma cousa fazem, e todos igualmente caminham ao mesmo porto ;⁵ assim nós, ainda que o não pareça, insensivelmente vamos passando sempre, e avizinhandose cada um ao seu fim ; porque tu, conclue Ambrosio, dormes, e o teu tempo anda : *Tu dormis, et tempus tuum ambulat.*

(IDEM)

470. Ninguém foi mais qualificado na lei da natureza quê Jô, e ninguém mais qualificado na lei da graça que² São Paulo : que³ dizia de si um e outro⁴? Jô dizia, que nada tinha feito contra Deus : *Quia nihil impium fecerim*. São Paulo dizia, que nada havia na sua consciencia de que ela o accusasse : *Nihil mihi conscius sum*. E este nada de Jô, e este nada de São Paulo escaparam porventura da conta e do juizo? Eles mesmo confessam, que de nenhum modo. Jô dizia,⁵ que Deus o tinha posto a questão de tormento, como réu, para averiguar se o que ele tinha por nada⁶, verdadeiramente era nada. E São Paulo dizia, que ele se não dava por justificado⁷ do que na sua consciencia reputava por nada,⁸ porque desse nada não havia ele de ser o juiz, senão Deus.

(IDEM)

471. Se é tão dificultoso dar boa conta da alma propria,¹ que é uma, quão difficil e quão impossivel será dá-la² boa de tantas mil? Como é certo,³ que não temos fé, nem sabemos a que nos obriga! Vedes quantas almas há nesta cidade, quantas almas há nesta provincia, quantas almas há em todo o reino? Pois sabeí, se o ignorais, ou⁴ não advertís, que de todas essas almas hão de dar conta a Deus os que governam a cidade, a provincia e o reino. Porque assim como sobre todos e cada um têm poder e mando, assim em todos e cada um são obrigados a lhes fazer guardar⁵ as leis, não só humanas, senão também as divinas. Não é isto encarecimento meu, senão doutrina sólida e de fé, pronunciada por boca de São Paulo.

(IDEM)

472. Entrado o povo felizmente na terra da Promissão, succedeu àquella grande república o segundo estado e governo chamado dos Juizes, os que se não elegiam¹ anualmente senão quando alguma grave necessidade o requeria. Tal era a que padecia o mesmo povo, occupadas todas as suas terras, ou, mais verdadeiramente, inundadas pela multidão imensa dos madianitas, amalecitas e outras nações orientais, que com os seus camelos e outras grandes manadas de todo o gênero de gados, à maneira de enxames de gafanhotos, talavam e abra-

savam os campos, comendo e assolando quanto neles nascia. Fugitivos no mesmo tempo e escondidos os miseráveis israelitas, mais como feras, que² como homens, nas grutas e concavidades dos montes e espessura dos bosques, neste aperto appareceu um anjo a Gedeão, ao³ qual chamou *Virorum fortissime*, o mais valente⁴ dos homens, porque verdadeiramente o era na robustez do corpo, e no valor do ânimo. E sobre este título lhe⁵ encarregou que tomasse as armas e o governo do povo, e o livrasse do jugo daqueles bárbaros, e de tão insuportável miseria. Não duvidava Gedeão ter a sua parte como soldado na empresa, posto que tão difficullosa, mas como o anjo lhe⁶ falou no governo, de que nunca tivera pretensão,⁷ nem pensamento, a primeira proposta com que se escusou foi a humildade da sua casa, dizendo que era a ínfima da tribu⁸ de Manassés, e ele o mínimo dela. Se o anjo não tivera dito a Gedeão que era o mais valente de todos os homens, só pela valentia desta escusa o antepusera eu à terceira parte dos anjos. Persistiu⁹ o valentíssimo herói nesta honrada resistencia com tal desconfiança de si mesmo, que foram necessários milagres sobre milagres para o¹⁰ persuadir a que aceitasse o cargo. Aceitou enfim; e a quem o tinha resistido¹¹ com tal generosidade de ânimo, argumento era e prognóstico certo, que nenhum poder haveria no mundo que bastasse a lhe resistir¹². Assim foi, porque só com trezentos combatentes desbaratou e pôs em fugida toda aquella imensa multidão que a Escritura compara às¹³ areias do mar, sendo muito poucos os que escaparam com a vida. Desembaraçada a campanha, saíram os fugitivos israelitas das grutas e covas ressuscitados, habitaram outra vez as suas casas, provoaram as cidades arruinadas, e restituíram a dissipada república, a qual agradecida a seu prodigioso libertador, o quis levantar do governo privado à monarquia, oferecendo-lhe por aclamação o título de rei: mas ele com a mesma moderação e modestia com que tinha recusado o bastão, recusou também a coroa; e não a¹⁴ querendo aceitar nem para si nem para seu filho, não só coroou com esta todas as suas façanhas, mas mostrou e ensinou ao mundo quanto mais aptos e capazes são dos grandes lugares os que pretendidos os recusam, que os que ambiciosos os pretendem.

Passado o povo hebreu do governo político e militar dos Juizes ao dos Reis, o primeiro eleito à soberania da dignidade real foi Saul. Já vimos como se escusou, já vimos como fugiu, já vimos como se escondeu ; vejamos agora se estes temores e desconfianças de si e do seu talento eram bem fundadas.¹⁵ As duas primeiras cousas que viu e ouviu Saul feito rei, foram as lágrimas do povo,¹⁶ e as murmurações e desprezos dos que reprovavam a sua eleição. E como se portaria nestes dois casos o filho de Cis, homem tão pequeno como o seu nome, que poucos dias antes andava buscando as jumentas do pai? Se fora filho de Filipe de Macedonia, e de tão real talento como Alexandre Magno, não se pudera portar melhor, nem obrar mais como rei. Quanto às murmurações e desprezos de sua pessoa, diz o texto sagrado : *Ipse vero dissimulabat se audire* : que ouvia e dissimulava : já sabia reinar, porque sabia dissimular¹⁷. Quanto às lágrimas do povo, perguntou qual era a causa por que¹⁸ chorava ; *Quid habet populus quód plorat?* Se não fora bom rei, não fizera caso das lágrimas do povo. Perguntou a causa, porque as quis remediar,¹⁹ e remediou-as, porque não lhes dilatou o remedio. Foi resolução por todas as suas circunstancias notavel. A causa das lágrimas do povo era por ter chegado nova que os amonitas com poderoso exército tinham sitiado a cidade de Jabés Galaad, e que oferecendo-se os cercados a se render a partido, Naas, que era o rei e general do exército, respondera que o partido havia de ser tirando-lhes,²⁰ a todos os olhos direitos, e que sendo tão cruel e injusta esta condição, também a tinham já aceito se em espaço de sete dias não fossem socorridos. Isto ouviu Saul, diz o texto, indo²¹ recolhendo do campo para casa os seus bois, que eram dois : e no mesmo ponto em que teve noticia do aperto em que estava aquela cidade, que não era muito distante, o que fez foi partir os mesmos bois em muitos pedaços, e mandá-los por todas as tribus de Israel, dizendo o pregão : Assim se há-de fazer aos bois de quem logo não seguir a Saul : *Quicumque non exierit et secutus fuerit Saul sic fiet bobus ejus*. O' que pregão tão bem entendido, que não só entrasse pelos ouvidos, senão também pelos olhos ! Rei que para a guerra primeiro mata os seus bois, melhor matará os alheios, se o não seguirem. Foi obedecido o bando²² de

maneira que marchando Saul toda a noite, no quarto da alva se achou com trezentos e trinta mil homens armados. Deram de repente nos inimigos, e estes foram tão rotos e desbaratados, que não houve dois que ficassem juntos : *Ut non relinquerentur in eis duo pariter*. Haverá agora quem lhe²³ pareça e diga mal da eleição de Saul ? Foi tal o respeito e amor que conciliou o novo rei com esta vitoria, que logo se levantou voz em todo o exército : Apareçam os que reprovavam a eleição de Saul, e morram todos. Acudiu ele, porem, não consentindo²⁴ a execução daquele castigo, posto que merecido ; e mostrando-se no mesmo dia verdadeiro rei, tanto nas vidas que tirou vitorioso a²⁵ seus inimigos, como nas que perdoou ofendido a seus vassallos. Tudo isso se escondia naquele homem que se²⁶ escondeu !

Ao²⁷ governo dos Reis succedeu em parte, e em parte se ajuntou, o dos Profetas, como intérpretes da vontade divina e tambem os que se escusavam e repugnavam o officio, foram os mais repúblicos. Basta por todos o exemplo de Jeremias. Disse-lhe Deus, que desde o ventre da sua mãe o tinha escolhido para profeta ; e ele que quando recebeu esta primeira revelação contava somente quatorze²⁸ anos, respondeu : *d, d, d, Domine Deus, ecce nescio loqui, quia puer ego sum : d, d, d*. Senhor, que²⁹ sou uma criança, incapaz de tão alto, tão difficuloso e tão pesado officio ! Tomou-lhe o peso, comenta Cornelio, e reconhecendo-se incapaz de tamanha carga, aqueles três *ddd*, foram três ais, com que começou a gemer debaixo d'ela. E um homem que não em três palavras senão em letras reconhece em si três defeitos, da idade, do saber,³⁰ e da lingua, e em três letras dá a Deus três escusas para não aceitar o officio ; obrigado a o³¹ aceitar por obediencia e por força, que³² faria ? O que ninguem cuidou dele, nem ele de si. Não teve Deus profeta, nem mais zeloso da sua nação, nem mais amante da sua patria, nem mais cuidadoso e vigilante da sua república, fazendo-se em pedaços pela assistir³³ em todos os seus trabalhos, já na propria terra, já nos desterrros ; defendendo-a sempre dos mesmos, que enganados com falsas esperanças, ajudavam a sua ruina ; aconselhando-os que³⁴ se acomodassem com a presente fortuna, para não virem a padecer outra peor ; chorando mais que todos as suas desgraças, e ensinando-lhes os

meios de as³⁵ converter em bonança ; fiel na vida, constante na morte, e ainda depois de morto imortal protetor dos que Deus lhe tinha encomendado. Na vida ensinando-lhes a verdade contra os falsos profetas, na morte deixando-os martirizar³⁶ em defesa dela, e depois de morto, aparecendo a Judas Macabeu, e dando-lhe a espada com que havia de restaurar, renovar e estabelecer no culto do verdadeiro Deus, e observancia das leis patrias, a mesma república. Agora tirarei eu da boca do mesmo Jeremias os seus três *ddd*, e lamentarei com tanta razão como ele,³⁷ que porque há tantos ambiciosos, e há tantos pretendentes, e há tantos que alcançam os officios de que são indignos, e porque não há quem conheça os beneméritos, nem há quem busque os escondidos, nem há quem os desenterre dos seus retiros, por isso ou está sepultada a república, ou caminha a passos largos para a sepultura, sem modo nem esperança de ressuscitar dela.

(IDEM)

473. Estava Davi sempre olhando para seus pecados, e vendo-os e vendo-se neles : *Quasi peccatorum imagines contemplando*, comenta São João Crisóstomo.

Vamos com Davi considerando pecados, e mudando epítetos. Punha os olhos Davi em um quadro, via a historia de Bersabéia,¹ e dizia consigo : E' possível que me tenha o mundo por profeta,² e que não antevisse eu, que de uma vista se havia de seguir um pensamento, de um pensamento um desejo e de um desejo uma execução tão indigna de minha pessoa, e de meu estado ! Não me chamem³ mais profeta, chamem-me cego. E' possível que⁴ sou eu tido no mundo pelo valente da fama, e que bastou uma mulher para me vencer, e para que eu deixasse a guerra, e não saísse à campanha naquele tempo em que costumavam andar os reis armados diante de seus exércitos : *Eo tempore, quo solent reges ad bella procedere!* Não me chame ninguém valente, chamem-me fraco.⁵

(IDEM)

474. Que¹ é isto, Senhor ? Que² é da fé de vossas³ palavras ? Que⁴ é da verdade de vossos⁵ Profetas ? Não estava determinado no tribunal de vossa⁶ divina justiça,⁷ que Nínive

fosse subvertida por seus⁸ enormes pecados? Não estava assinado o termo preciso de quarenta dias para a execução? Não estava notificada por vosso⁹ mandado esta sentença? Não sou eu que a publiquei?¹⁰ Pois como agora falta tudo isto? Como passam os quarenta dias? Como fica a minha¹¹ profecia sem cumprimento? Como fica Nínive em pé, e a vossa¹² palavra por terra? Se o¹³ dissesstes, foi porque o¹⁴ tinheis decretado, e se o¹⁵ tinheis decretado, porque não se¹⁶ executou?¹⁷ Porque o rei e povo de Nínive foram tão discretos,¹⁸ que sendo-lhes notificada a sentença do juízo de Deus apelaram para o tribunal da penitencia. E é tão superior a jurisdição do tribunal da penitencia¹⁹ que o que no juízo de Deus se sentençaia,²⁰ no juízo da penitencia se revoga²¹. Disse superior, porque se estes dois juízos foram²² iguais, assim como no juízo da penitencia se absolve²³ o que no juízo de Deus se condena, assim no juízo de Deus se pudera condenar²⁴ o que no juízo da penitencia se²⁵ absolvesse : mas é tão superior o juízo da penitencia sobre o mesmo juízo de Deus (por excesso de misericórdia sua) que o que no juízo de Deus se²⁶ condena, no juízo da penitencia pode-se absolver²⁷ ; mas o que no juízo da penitencia se²⁸ absolve, no juízo de Deus não se pode condenar.²⁹ Bendito seja ele : *Qui dedit potestatem talem hominibus.*

(IDEM)

475. *Postquam consummati sunt dies octo.* Obedeceu Cristo à Lei¹ da Circuncisão ao dia oitavo, não porque dantes não desejasse dar o sangue por nós ; mas por que? Porque o verdadeiro obediente não só se há de conformar com a obra, senão, também, como o tempo. Há de fazer o que se manda², e quando se manda. Fazê-lo antes, não é diligencia : fazê-lo depois, é tardança. Pois quando há de ser este quando? Quando a letra já está começada, e ainda não está acabada. Naquele ponto preciso, consiste a pontualidade da obediencia. Gentio era Sêneca, mas grande filósofo ; e escrevendo de Roma a Lucilio, seu discípulo, que estava em Sicília, diz assim : *Spero sic te vivere, ut ubicumque sis, sciam quid agas* : espero, Lucilio, que tragas a tua vida tão consentada com o tempo, que em qualquer parte onde estejas, saiba eu o que fazes

naquela hora. E quando isto se esperava de um estoico, que se deve esperar³ de um religioso? Que faz agora o irmão da Companhia! São as cinco para as seis da manhã, está em oração. E' dia santo, são das oito para as dez, em que se ocupa agora? Está estudando. Deram⁴ três quartos para as onze, e neste quarto qual é o seu exercicio? Está fazendo exame. De sorte que há de bastar saber-se a hora para que se saiba em qualquer parte o que fazemos.

(IDEM)

476. Uma das cousas mais notaveis que Deus revelou e prometeu antigamente, foi que ainda havia de criar¹ um novo céu, e uma nova terra. Assim o disse por boca do profeta Isaías : *Ecce ego creo coelos novos, et terram novam.* E' certo que o céu e a terra foram criados² no principio do mundo : *In principio creavit Deus coelum, et terram* : e tambem é certo entre todos os Teólogos e Filósofos, que depois daquela primeira criação,³ Deus não criou, nem cria⁴ substancia alguma material e corporea ; porque somente cria⁵ de novo as almas, que são espirituais : logo que terra nova, e que céus novos são estes, que Deus tanto tempo antes prometeu que havia de criar⁶? Outros o entendem d'outra maneira, não sei se muito conforme à letra. Eu, seguindo o que ela simplesmente soa e significa, digo que esta nova terra e estes novos céus, são a terra e os céus do Mundo Novo descoberto pelos portugueses. Não é verdade, que quando os nossos argonautas começaram e prosseguiram as suas primeiras navegações, iam juntamente descobrindo novas terras, novos mares, novos climas, novos céus, novas estrelas? Pois essa é a terra nova e esses são os céus novos que Deus tinha prometido, que havia de criar⁷ não porque não estivessem criados⁸ desde o principio do mundo, mas porque era este o Mundo Novo tão occulto e ignorado dentro do mesmo mundo, que quando de repente se descobriu e appareceu, foi como se então começara a ser, e Deus o criara⁹ de novo. E porque o fim deste descobrimento¹⁰ ou desta nova criação¹¹ era a Igreja tambem nova, que Deus pretendia fundar no mesmo Mundo Novo, acrescentou logo (pelo mesmo Profeta e pelos mesmos termos) que tambem havia de criar¹² uma nova Jerusalem, isto é, uma nova

Igreja, na qual muito se agradasse : *Quia ecce creio Jerusalem exultationem et populum ejus gaudium.*

(IDEM)

477. Fala São Pedro do dia do Juizo, e diz assim na segunda Epístola : *Adveniet dies Domini ut fur* : e virá o dia do Senhor súbita e repentinamente. Súbita e repentinamente ? Como pode isto ser ? Reparai no que dizeis, príncipe dos Apóstolos. Não diz Cristo no seu Evangelho : *Erunt signa in sole, et luna, et stellis* : que precederão¹ ao dia de Juizo tantos sinais, temerosos, tantos avisos manifestos ? Pois como é possível que sobre tantos avisos haja de vir de repente ? Sabeis como ? Diz Santo Agostinho : porque ainda que² há de haver muitos avisos, haverá muito poucos que lhes dêem crédito. Verão os homens ensanguentados³ o sol e a lua ; verão turbar-se⁴ os elementos, tremer a terra, bramir o mar, cairem⁵ as estrelas, e todas as criaturas desordenadas ameaçarem a derradeira ruína : e no meio destes temores haverá corações tão desenfadados, que afirmarão que não são aqueles sinais os do dia de Juizo : e computando idades com idades e profecias, com profecias, persuadirão credulamente ao mundo,⁶ que ainda se não acaba. Desta maneira viverão muitos naqueles últimos dias mui contentes e descuidados, senão quando soar a trombeta do Juizo e serão levados os miseráveis de repente ao tribunal de Cristo, de repente sobre tantos avisos. Tal aconteceu sempre no Brasil. Nenhuma nova houve nunca tão certa, que não tivéssemos uma esperança para que apelar⁷ ; nenhum aviso houve nunca tão qualificado que não tivéssemos um discurso com que o desfazer⁸. Que está acabada a Companhia da Holanda :⁹ que França,¹⁰ não os pode hoje assistir :¹¹ que Dinamarca tem guerras apregoadas : que baixa com grande exército o imperador : que os tem mui pertados o Cardeal Infante : que desbaratou a armada, que mandaram às Índias ; que não há um holandês em Amsterdam, que queira vir ao Brasil : finalmente, que estão perdidos, que estão acabados que estão consumidos. E quando nós não precatamos, ouvimos soar¹² as trombetas holandesas por esses outeiros ; acham-nos descuidados e desapercibidos,¹³ tomam-nos as nossas¹⁴ terras, e deixam-nos os nossos discursos. E' isto assim, senhores ?

Ainda mal. Sendo pois este o natural descuido nosso, sendo este o clima, ou os pecados do Brasil, que se emendassem tanto suas influencias nesta ocasião, e se persuadissem aqueles moradores a crer os avisos, e prevenir a defesa ! Este é sem dúvida o fino da mercê de Deus : este é o milagre por que¹⁵ devemos dar graças, como cousa rara, como cousa superior à mesma natureza.

(IDEM)

478. Ora pelejai, pelejai, pouco mas valorosos portuguezes, pelejai, e vencei animosamente, que ainda Deus é por nós. Não peçais socorro de armas à¹ Baía, não peçais ao Rio de Janeiro, que um e outro há de² chegar tarde : pedi o socorro ao céu, pedi as armas a Deus, que é, sua Divina Providencia tão cuidadosamente prevenida para convosco, que nos mesmos armazens do Recife vos está fazendo provisão de armas ; e nos mesmos navios holandeses vô-las manda juntamente com eles, para que cheguem a tempo à milagrosa defesa.

(IDEM)

479. ... Quem trocou as mães à fortuna ? Quem fez esta tão grande mudança ? Nós ontem tremendo¹ dos holandeses, eles hoje a tremer² de nós ; nós ontem a recear³ que nos fizessem guerra, eles hoje a pedir-nos pazes : os nossos engenhos ontem queimados e os seus em pó : os seus hoje em pó e em cinza, e os nossos reedificados e moendo⁴ todos ! D'onde tanta felicidade ? D'onde tão notavel mudança ?

(IDEM)

480. Esta nossa chamada vida, não é mais que um círculo que fazemos de pó a pó : do pó que fomos ao pó que havemos de ser. Uns fazem o círculo maior, outros menor, outros mais pequeno,¹ outros mínimo : *de utero translatus ad tumulum* : mas ou o caminho seja largo, ou breve, ou brevíssimo ; como é círculo de pó a pó, sempre e em qualquer tempo da vida somos pó.

(IDEM)

481. ...A Divina Justiça não pôs em balança com a alma outro peso, nem aceitou por ela outro preço, que¹ o do mesmo Deus ; porque de peso a peso, só Deus se pode contrapesar com² a alma ; e de preço a preço, só Deus se pode avaliar com ela : *Ut Deum valere videatur.*

(IDEM)

482. As almas do Purgatorio, ainda que padeçam, têm o Céu seguro ; as que vivem e morrem na gentilidade, não só têm o Céu duvidoso, mas o Inferno, e a condenação certa, sem haver quem lhes¹ acuda.

(IDEM)

483. Quem há que não ame muito o seu braço e a sua mão ? Mas se nela lhe saltarem herpes, permite que lha cortem,¹ por conservar a vida. O mercador, ou passageiro, que vem da Índia, ou do Japão, muito estima as drogas, que tanto lhe custaram lá ; mas se a vida periga, vai tudo ao mar, para que ela² se salve. O mesmo digo no nosso caso. Se para segurar a consciencia, e para salvar a alma, for necessario perder tudo, e ficar como um Jó, perca-se tudo.

(IDEM)

484. Deus para vos sustentar e para vos fazer ricos, não depende de que tenhais um tapuia mais, ou menos. Não vos pode Deus dar maior novidade com dez enxadas, que¹ todas as vossas diligencias com trinta ? Não é melhor ter dois escravos, que vos vivam vinte anos, que² ter quatro, que vos morram ao segundq ? Não rendem mais dez caixas de açúcar que cheguem a salvamento a Lisboa, que³ quarenta levadas a Argel, ou Zelandia ? Pois se Deus é o Senhor das novidades da terra ; se Deus é o Senhor dos fôlegos dos escravos, se Deus é o Senhor dos ventos, dos mares, dos corsarios e das navegações ; se todo o bem ou mal está fechado na mão de Deus ; se Deus tem tantos modos, e tão faceis de vos enriquecer, ou de vos destruir :⁴ que loucura, e que cegueira é cuidar que podeis ter bem algum, nem vós, nem⁵ vossos filhos, que seja contra o serviço de Deus ? Faça-se o serviço de Deus, acuda-se⁶ à alma e à consciencia, e logo os interesses temporais estarão seguros.

(IDEM)

485. Pôs Deus Adão no Paraíso com obrigação de¹ que o cultivasse e guardasse : e esta segunda parte quando menos parece que não tinha lugar naquele estado. Outro homem de quem Adão houvesse de guardar o Paraíso não o havia no mundo. Para os animais também não era necessaria a guarda, porque todos por instinto natural e sujeição inviolavel o² obedeciam : logo de quem havia de guardar Adão o Paraíso ? De quem o não guardou. Havia-o de guardar de si mesmo : e porque Adão o não guardou de Adão, sendo os bens que possuía todos os do mundo, ele mesmo, e só ele se despojou de todos, sem haver outro que lhe³ impedisse o lográ-los.⁴

(IDEM)

486. Sansão era de religião e profissão nazareno, cujo instituto principalmente consistia em¹ conservar e nunca cortar os cabelos. Assim o declarou ele a Dalila quando lhe² descobriu o segredo. E como naquela cerimonia³ e protestaço exterior consistia a observancia do seu instituto, em quanto conservou os cabelos, assistiu-o⁴ Deus ; tanto que se sujeitou a que lhos cortassem,⁵ apartou-se dele. De sorte que a fortaleza dos braços de Sansão e as naravilhas que com ela obrava, não era⁶ virtude natural que os seus cabelos tivessem, mas concurso e influxo particular de Deus, com que pela observancia da sua profissão sobrenaturalmente o assistia.⁷

(IDEM)

487. Viu Moisés no monte Horeb arder a sarça que se não queimava, e disse : *Vadam, et videbo visionem hanc magnam*, quero-me chegar mais perto, e ir ver esta grande visão. Venham agora também com ele os escribas e fariseus, pois também dizem que querem ver : *Volumus signum videre*. Chama-se aquela visão grande, por quatro grandes circumstancias. Grande pela pessoa, grande pelo fim, grande pelo milagre, e grande pela significação. Grande pela pessoa, porque não era menos que Deus : *Ego sum Deus Abraham, Deus Isaac, et Deus Jacob*. Grande pelo fim, porque tinha naquela forma livrar o seu povo : *Vidi afflictionem populi mei : descendi ut liberem eum*. Grande pelo milagre, porque a sarça ardendo¹ não se queimava : *Quód rubus arderet, et non combureretur*. E grande, finalmente,

pela significação, porque significa o altíssimo misterio de Cristo crucificado. O monte era o Calvario : a árvore a cruz : os espinhos os de que estava coroadado, e também os cravos : o fim libertar o gênero humano : o fogo e as labaredas, o odio, a perseguição, as injurias, as blasfemias : e o milagre, arder entre elas sem se queimar, nem queimar : o queimar-se² é sentir-se, o queimar é vingar-se.³ Que estrondo é, como notou Daví, o de um espinheiro ardendo?⁴ Parece uma carga de mosquetaria rebentando⁵ cada espinho, e estalando⁶ com furia. E de entre os espinhos daquela sarça ardente,⁷ que se ouvia ?⁸ *Pater, dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt* : escusar a culpa, e negociar⁹ o perdão para os que assim o maltratavam. Já agora, ó escribas e fariseus, se não fosseis totalmente cegos, podíeis estar satisfeitos. Esta é a grande visão que¹⁰ viu e entendeu Moisés : vós também a vistes, mas não a quisestes entender. Este é o sinal que Cristo vos prometeu quando vos negou o que pedíeis. *Et signum non dabitur ei, nisi signum Jonae prophetae*. Uma sarça ardendo¹¹ sem se queimar é o jeroglífico mais claro, e prova mais evidente de uma paciencia não humana só, mas juntamente divina, qual foi a de Cristo. Acabai de ouvir e crer o que disse a Moisés, e vos diz a vós o Oráculo da mesma sarça : *Ego sum Deus patris tui* : Eu sou o Deus de vossos pais : *Deus Abraham, Deus Isaac, et Deus Jacob* : O Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó, e se vos prezais de ser descendentes¹² de Abraão, Isaac e Jacó, acabai de reconhecer o Deus que também se quis fazer descendente deles.

(IDEM)

488. Moisés (aquele grão ministro de Deus e da sua República) metendo-lhe o mesmo Deus na mão a vara, e mandando-o que fosse¹ libertar o povo, respondeu : *Quis ego sum, ut vadam ad Pharaonem* ? E quem sou eu, Senhor, ou que capacidade há em mim para essa comissão ? *Mitte quem missurus es*. Mandai a quem vos² possa servir como convem. O' ministro verdadeiramente de Deus ! Antes de aceitar o cargo representou a insuficiencia : e para que se visse que esta representação era consciencia, e não cortesia, repugnou³ uma

e outra vez, e não aceitou senão depois que Deus lhe deu a⁴ Arão por adjunto.⁵

(IDEM)

489. Estamos em sermão de pretendentes ; e segundo a experiencia e queixa comum, ou seja com razão ou sem ela, acho eu que os pretendentes das cortes em seus requerimentos são como os nossos argonautas, e primeiros descobridores da India ; senão que navegam ao revés, e fazem a viagem às avessas. Os nossos descobridores primeiro passaram o cabo de Não, e depois o cabo da Boa Esperança ; os pretendentes pelo contrario. Começam pelo cabo da Boa Esperança, e acabam pelo cabo de Não. Assim succedeu hoje aos filhos do Zebedeu, que tambem eram navegantes. Começaram pelo cabo da Boa Esperança, e com tão boa monção que o passaram em uma sangradura, porque o vento era galerno e o mar bonança. Fundavam a esperança na graça de Cristo, na eleição que deles tinha feito, e na prontidão com que tinham deixado, não só a barca e as redes, como Pedro e André, senão tambem o proprio pai ; fundavam a esperança no valimento de João, conhecidamente o mais aceite¹ a Cristo, descobertamente o amado entre todos os discípulos ; fundavam a esperança na propinquidade do sangue, por serem primos do mesmo Senhor, não reparando que os príncipes não têm parentes, e muito menos ao perto ; fundavam, finalmente, a esperança na intercessão de sua mãe, que por mulher² era digna de todo o respeito, e por viuva,³ de toda a piedade. Mas ainda que passaram⁴ tão felizmente o cabo da Boa Esperança, e se⁵ prometiam pronto e inteiro despacho, alfim acabaram como os demais pelo cabo de Não : *Non est meum dare vobis.*

Terrivel palavra é um *Non*. Não tem direito nem avesso : por qualquer lado que⁶ o tomeis sempre soa e diz o mesmo. Lede-o do principio para o fim, ou do fim para o principio, sempre é *non*. Quando a vara de Moisés se converteu naquella serpente tão feroz, que fugia dela porque⁷ o não mordesse,⁸ disse-lhe Deus que a tomasse ao revés, e logo perdeu a figura, a ferocidade e a peçonha. O *non* não é assim : por qualquer parte que⁹ o tomeis sempre é serpente, sempre morde, sempre fere, sempre leva o veneno consigo. Mata a esperança, que é

o único remedio que deixou a natureza a todos os males. Não há corretivo que o modere, nem arte que o abrande, nem lisonja que o adoce. Por mais que¹⁰ confeiteis um *não*, sempre amarga ; por mais que enfeiteis¹¹ sempre é feio ; por mais que o doureis sempre é de ferro. Em nenhuma solfa o podeis por que¹² não seja mal soante, áspero e duro.

(IDEM)

490. Deus quando cria¹ officios de novo, primeiro cria² os officiais que os officios : e assim já nascem providos sem terem instantes de vagos. No principio do mundo criou³ três presidencias, duas no céu, e uma na terra ; mas primeiro criou os presidentes que as presidencias. A primeira presidencia do céu foi a do sol, para que presidisse ao⁴ dia, e a segunda a da lua, para que presidisse à⁵ noite ; mas antes que criasse⁶ estas presidencias, já tinha criado⁷ um e outro presidente. A presidencia da terra foi a do homem sobre todos os animais do mar, do ar, e da mesma terra, mas tambem estava já criado⁸ o presidente, antes que se criasse⁹ a presidencia. O mesmo estilo observou Deus em todos os officios que criou¹⁰ de novo. Houve de criar¹¹ de novo o reino de Israel, e primeiro criou¹² o rei e mandou ungir a Saul por Samuel, do que¹³ criasse e lhe desse o reino. Houve de criar¹⁴ de novo o officio de restaurador do mundo, e primeiro e cem anos primeiro¹⁵ nomeou a Noé e lhe¹⁶ mandou fabricar a arca, do que lhe desse e exercitasse o officio. Não posso deixar de me lembrar neste passo de quantas vezes se têm visto as naus da India de vergas de alto, sem se saber, nem estar nomeado quem¹⁷ as há de governar. Nós começamos as nossas naus pela quilha, Deus começou a sua pelo piloto. Assim o fez tambem Cristo. Muito antes de morrer nomeou a São Pedro, e depois de ressuscitar lhe entregou a barca. Imitem esta política do céu os príncipes da terra : nos officios que se criarem,¹⁸ façam primeiro os officiais que os officios : e nos ordinarios e de sucessão tenham-lhe prevenidos os sucessores, para que, vagando, não estejam vagos. E desta sorte ativa e passivamente cessará em grande parte o desagrado do *não*.

(IDEM)

491. Nasceu sizania, diz Cristo, entre a seara de um pai de familias, o que vendo os criados, vieram logo mui zelosos encarecendo aquella perda da fazenda do seu amo, e oferecendo-se a ir mondar a seara e arrancar a sizania : *Vis, imus, et colligimus ea?* Quereis, Senhor, que a vamos colher? Colher, disseram, e não arrancar, porque estes zelos e oferecimentos sempre se encaminham à colheita.¹ Respondeu o pai de familias, sem lhes agradecer o cuidado. E que respondeu? *Ait illis: Non.* Disse-lhes : não. Assim se há de responder² com um não muito seco e muito resolutivo a semelhantes propostas. O pai de familias entendia melhor da lavoura que os criados : os criados representavam a utilidade, e o amo conhecia os inconvenientes ; eles diziam que queriam mondar a seara, e ele conhecia que haviam de arrancar o trigo : *Ne colligentes sizania, eradicetis simul et triticum.* Nem se há de fazer³ o que quereis, nem haveis de fazer vós : fazer-se-á⁴ a seu tempo, e fá-lo-ão os segadores, que é seu officio e o entendem : *In tempore messis dicam messoribus.*

(IDEM)

492. Negou Cristo aos dois irmãos os lugares que pediam, e o meio como¹ lhes adoçou a eles o não, e com que o fez decoroso e decentíssimo para si, foi com alegar os decretos e disposições de seu Pai : *Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est a Patre meo.* Não é meu,² diz o Senhor, conceder-vos o que pedís, porque esses lugares já meu Pai os decretou para outros ; e assim como dele herdei o poder, assim dele hei de seguir e confirmar os decretos. Isto é o que devem imitar os príncipes herdeiros, e tanto mais gloriosamente, quanto filhos de pais mais gloriosos.

(IDEM)

493. *Erat Jesus egiciens daemonium, et illud erat mutum.* Vigiai, e estai alerta, diz o apóstolo São Pedro, porque o demonio, vosso inimigo, como leão bramindo,¹ cerca e anda buscando a quem tragar : *Sobrii estote, et vigilati, quia adversarius vester diabolus tanquam leo rugiens circuit, quoderens quem devoret.* Necessaria e temerosa advertencia é esta ; mas muito mais necessaria e muito mais temerosa a de que hoje nos avisa

o Evangelho. Porque? Porque o demonio de que nos manda acautelar São Pedro, é demonio com bramidos : *Tanquam leo rugiens* ; e o demonio de que fala o Evangelho, é demonio mudo : *Erat Jesus egiciens daemonium et illud erat mutum*. Se o demonio vem bramindo, os mesmos bramidos dão rebate do perigo, e ninguém haverá tão descuidado, ainda que esteja dormindo, que não esperte assombrado, e se acautele ; porém se o demonio vem mudo, debaixo do mesmo silencio, em que se esconde o perigo, descansa² e adormece o cuidado.

(IDEM)

494. Dizei-me, se um homem por suas proprias mãos se ldera uma estocada penetrante, e sobre esta outras e outras, não o terieis por² doido? E se ele respondesse que fazia tudo aquilo porque tinha uma redoma de oleo de ouro muito provado, com que facilmente se curaria, não o terieis por mais doido ainda? Pois isto é o que fazem os que fiados na facilidade da confissão continuam a pecar.

(IDEM)

495. E' pecado geral do Brasil deitar a moer¹ ao dia santo. Deus deu à terra um dia na semana para descansar ; vós não quiseistes que descansasse e louvasse a Deus um dia ; pois descansará agora toda a semana, e todo o mês, e todo o ano, e tantos anos. Senhores, porque cuidais que vos² morrem as peças? Porque cuidais que vos³ fogem e desaparecem? Porque cuidais que se arruinam e⁴ desfabricam, e estão feitos taperas tantos engenhos? Eu vô-lo direi : por descuido, e pouco zelo desta Capitania. Não mandais o vosso escravo ao domingo à Igreja? Pois que⁶ faz Deus? Já que vós não obedeceis ao⁶ meu preceito, e não quereis que o vosso escravo venha um dia na semana à Igreja, eu vô-lo matarei, e virá estar toda a semana no adro. Sabeis que⁷ fazem ali os vossos escravos? Estão para ouvirem as missas, que vós não lhe fizestes ouvir.⁸ Por cobiça de lavar e grangear mais, mandastes trabalhar o vosso escravo ao dia santo ; que⁹ faz Deus? Deixa-o fugir¹⁰ para o mato e que nunca mais apareça ; e agora anda folgando sete dias da semana, porque vós não quiseistes que descansasse um só. Por fazer as seis tarefas redondas man-

dastes deitar a moer¹¹ ao domingo à tarde ; e Deus que faz ? Dispõe que tenhais tais perdas no mar e na terra, que não possais sustentar a fabricação, e que não moais nem uma só tarefa. Sabeis que¹² faz agora a tapera do engenho ? Está guardando os dias santos, que seu dono lhe não deixou guardar¹³.

(IDEM)

496. Vote cada um no que professa, e logo nos conselhos haverá conselho. Nos casos da religião vote Samuel e Heli:¹ nos negocios da guerra vote Joab e Abner:² nas importancias do Estado vote Chuzai e Achitofel:³ e nas occurencias da navegação e do mar (ainda que não tenham nome tão pomposos) vote Pedro e André.⁴

(IDEM)

497. Até Cristo teve a sua conveniencia em não haver papel e tinta na sua execução, porque ao menos não pagou custas. E' possível que não há de haver¹ justiça, nem inocencia, nem premio, que escape do castigo do papel ? Ghamei-lhe² castigo, por lhe não chamar³ roubo. Mas que papel há que não seja ladrão marcado ? Tirou-me o escrúpulo de o cuidar assim, uma só historia de papel ou de papéis que se acha no Evangelho. Conta São Lucas que certo senhor rico tendo entregue a sua fazenda a um mordomo, por alguns rumores que lhe chegaram, de que não era limpo de mãos, lhe tirou de repente o officio. Ouvindo o criado que lhe tiravam o officio, toma depressa os papéis, vai-se⁴ ter com os que deviam ao amo : e que fez com eles ? Ao que devia cem cântaros de azeite, fazia-lhe escrever⁵ oitenta : *Scribe octoginta*. Ao que devia cem fangas de pão, dizia-lhe que escrevesse cincoenta : *Scribe quinquaginta*. Pois esta é a fê dos papéis tão acreditada ? Para isto servem os papéis ? Para isto servem : para de cem cântaros, fazer oitenta cântaros : para de cem fangas, fazer cincoenta fangas. Vede se merecia o criado as marcas do papel ? Mas se não houvera⁶ papéis, não tiveram⁷ tais occasiões os criados. Terrível flagelo do mundo foi sempre o papel ; mas hoje mais cruel que nunca.

(IDEM)

498. Disse o profeta o que referem os Setenta Intérpretes : *Aduc tres dies Ninive subvertitur.* Daquí a três dias se há de subverter Nínive ; porque estes só faltavam para cumprimento do prazo que Deus lhe tinha dado. Vendo pois os rebeldes que já não restava mais que três dias, ainda que até ali tinham estado tão obstinados e insensíveis o mesmo aperto do tempo os fez entrar¹ em si. Consideraram que a ameaça do profeta era muito conforme a² suas culpas, creram que as vozes daquele homem eram verdadeiramente de Deus ; e reconhecendo de perto o mesmo perigo, em que não reparavam quando se lhe³ representava mais longe, resolveram-se de todo o coração⁴ a se converter.

Cobrem as cabeças de cinza, vestem-se de cilício, publicam jejum universal, em que ninguém comesse bocado, prostram-se por terra, batem os peitos, choram e clamam ao Céu : e desde o rei até o⁵ menor da cidade, desde os homens até os⁶ animais do campo, fizeram aquela tão celebrada e tão notável penitencia, com que mereceram que Deus levantasse o castigo,⁷ e lhes perdoasse.⁸

(IDEM)

499. Que amamos, cristãos, se não amamos a Jesús? Que objeto mais digno de ser amado? Que objeto que compita¹ com ele, não digo na igualdade, senão na semelhança? Toda a² outra grandeza não é vileza? E todo o outro nome de bem, não é mentira? Indignamo-nos dos³ que trocaram a⁴ Cristo por um malfeitor, e do que o vendeu por tão vil preço ; e será bem que nós o troquemos e vendamos ainda mais vil e afrontosamente?

(IDEM)

500. O amor dos homens, ou mingua,¹ ou cresce, ou para : o de Cristo nem pode minguar, nem crescer, nem parar, porque é, foi e será sempre amor perfeito, e por isso sempre o mesmo, e sem alteração nem mudança. Ama Cristo em quanto homem, como ama em quanto Deus.

(IDEM)

dastes deitar a moer¹¹ ao domingo à tarde ; e Deus que faz ? Dispõe que tenhais tais perdas no mar e na terra, que não possais sustentar a fabricação, e que não moais nem uma só tarefa. Sabeis que¹² faz agora a tapera do engenho ? Está guardando os dias santos, que seu dono lhe não deixou guardar¹³.

(IDEM)

496. Vote cada um no que professa, e logo nos conselhos haverá conselho. Nos casos da religião vote Samuel e Heli:¹ nos negocios da guerra vote Joab e Abner:² nas importancias do Estado vote Chuzai e Achitofel:³ e nas occurencias da navegação e do mar (ainda que não tenham nome tão pomposos) vote Pedro e André.⁴

(IDEM)

497. Até Cristo teve a sua conveniencia em não haver papel e tinta na sua execução, porque ao menos não pagou custas. E' possível que não há de haver¹ justiça, nem inocencia, nem premio, que escape do castigo do papel ? Chamei-lhe² castigo, por lhe não chamar³ roubo. Mas que papel há que não seja ladrão marcado ? Tirou-me o escrúpulo de o cuidar assim, uma só historia de papel ou de papéis que se acha no Evangelho. Conta São Lucas que certo senhor rico tendo entregue a sua fazenda a um mordomo, por alguns rumores que lhe chegaram, de que não era limpo de mãos, lhe tirou de repente o officio. Ouvindo o criado que lhe tiravam o officio, toma depressa os papéis, vai-se⁴ ter com os que deviam ao amo : e que fez com eles ? Ao que devia cem cântaros de azeite, fazia-lhe escrever⁵ oitenta : *Scribe octoginta*. Ao que devia cem fangas de pão, dizia-lhe que escrevesse cincoenta : *Scribe quinquaginta*. Pois esta é a fé dos papéis tão acreditada ? Para isto servem os papéis ? Para isto servem : para de cem cântaros, fazer oitenta cântaros : para de cem fangas, fazer cincoenta fangas. Vede se merecia o criado as marcas do papel ? Mas se não houvera⁶ papéis, não tiveram⁷ tais occasiões os criados. Terrivel flagelo do mundo foi sempre o papel ; mas hoje mais cruel que nunca.

(IDEM)

498. Disse o profeta o que referem os Setenta Intérpretes : *Aduc tres dies Ninive subvertitur*. Daquí a três dias se há de subverter Nínive ; porque estes só faltavam para cumprimento do prazo que Deus lhe tinha dado. Vendo pois os rebeldes que já não restava mais que três dias, ainda que até ali tinham estado tão obstinados e insensíveis o mesmo aperto do tempo os fez entrar¹ em si. Consideraram que a ameaça do profeta era muito conforme a² suas culpas, creram que as vozes daquele homem eram verdadeiramente de Deus ; e reconhecendo de perto o mesmo perigo, em que não reparavam quando se lhe³ representava mais longe, resolveram-se de todo o coração⁴ a se converter.

Cobrem as cabeças de cinza, vestem-se de cilício, publicam jejum universal, em que ninguém comesse bocado, prostram-se por terra, batem os peitos, choram e clamam ao Céu : e desde o rei até o⁵ menor da cidade, desde os homens até os⁶ animais do campo, fizeram aquela tão celebrada e tão notável penitencia, com que mereceram que Deus levantasse o castigo,⁷ e lhes perdoasse.⁸

(IDEM)

499. Que amamos, cristãos, se não amamos a Jesús ? Que objeto mais digno de ser amado ? Que objeto que compita¹ com ele, não digo na igualdade, senão na semelhança ? Toda a² outra grandeza não é vileza ? E todo o outro nome de bem, não é mentira ? Indignamo-nos dos³ que trocaram a⁴ Cristo por um malfeitor, e do que o vendeu por tão vil preço ; e será bem que nós o troquemos e vendamos ainda mais vil e afrontosamente ?

(IDEM)

500. O amor dos homens, ou mingua,¹ ou cresce, ou para : o de Cristo nem pode minguar, nem crescer, nem parar, porque é, foi e será sempre amor perfeito, e por isso sempre o mesmo, e sem alteração nem mudança. Ama Cristo em quanto homem, como ama em quanto Deus.

(IDEM)

considerações que V. Exa. faz sobre Tãnger são de conhecida e praticavel conveniencia ; só na dos soldados se me representa difficuldade, porque aqueles cavaleiros de África quase todos são nascidos e casados ali, e obrigá-los a que fiquem¹ sujeitos a rei estranho, é cousa em que entendo não virão nunca : persuadí-los tambem a que deixem² a patria, casa, mulher e filhos (isto a um povo inteiro e de soldados, que depende de tantas vontades e tão livres), é negocio não facil de compor e levar ao cabo, e que, quando se houvesse de empreender, convem que seja em grande destreza e secreto, porque a vizinhança de Castela e o exemplo de Ceuta os não convidem a se entregarem primeiro ao castelhano do que nós os entreguemos ao francês. Lambra-me que, falando-se outra vez em semelhante caso, se apontou que aquella gente se passasse a povoar o Maranhão, e se eles quisessem vir nisso (ainda que fosse fazendo-lhes S. M. mercês) seria grande conveniencia.

(IDEM)

A el-rei

505. Senhor.

Obedecendo à ordem geral e última de V. M., dou conta a V. M. do estado em que ficam estas missões e dos progressos com que por meio delas se vai adiantando a fê e cristandade destas conquistas, em que tambem se verá quão universal é a providencia com que Deus assiste ao feliz reinado de V. M. em toda a monarquia, pois no mesmo tempo em que do reino se estão escrevendo vitorias milagrosas às conquistas, escrevemos das conquistas ao reino tambem vitorias que com igual e maior razão se podem chamar milagres.

Lá vence Deus com sangue, com lágrimas e com dor da cristandade ; cá vence sem sangue, sem ruinas, sem guerra e ainda sem despesas : em lugar da dor e lágrimas dos yencidos (que em parte tambem toca¹ aos vencedores), com alegria, com aplauso e com triunfo de todos e da mesma igreja, que, quanto se sente diminuir e atenuar no sangue que derrama em Europa, tanto vai engrossando e crescendo nos povos, nações e provincias que ganha e adquire na América.

Trabalharam este ano nas missões desta conquista vinte e quatro religiosos da companhia de Jesús, os² quinze deles sacerdotes, divididos em quatro colonias principais do Ceará, do Maranhão, do Pará e do rio das Amazonas. Nestas quatro colonias, que se estendem por mais de quatrocentas leguas de costa, tem a companhia dez residencias, que são como cabeças de diferentes cristandades a elas anexas, a que acodem os missionarios de cada uma em continua roda, segundo a necessidade e disposição que se lhes têm dado. O trabalho, sem encarecimento, é maior que as forças humanas, e, se não fora ajudado de particular assistencia divina, já a missão estivera sepultada com os que nela por esta mercê do céu conservam e continuam as vidas.

O fruto corresponde abundantemente ao trabalho, porque é grande o número de almas de inocentes e adultos, que de entre as mãos dos missionarios por meio do batismo estão quotidianamente voando ao céu ; sendo muito maior a quantidade dos que, recebidos os outros sacramentos, nos deixam também certas esperanças de que se salvam. Porque, ainda que há outras nações de melhor entendimento para perceberem os mysterios da fé e passar da necessidade dos preceitos à perfeição dos conselhos da lei de Cristo, não há porem nação alguma no mundo, que ainda naturalmente esteja mais disposta para a salvação e mais livre de todos os impedimentos dela, ou seja dos que traz consigo a natureza ou dos que acrescenta a malícia. Estes são os frutos ordinarios que se colhem e vão continuando nestas missões, em que há casos de circumstancias mui notaveis, cuja narração e historia se oferecerá a V. M., quando Deus e V. M. for servido de que tenhamos mãos para a seara e para a pena.

Vindo às cousas particulares, fizeram-se este ano três missões ou entradas pelos rios e terras dentro, e foram a ela três padres com seus companheiros, professos todos de quatro votos e os mais antigos e de maior autoridade de toda a missão, por serem estas as empresas de maior trabalho, difficuldade e importancia ; e todas por mercê de Deus succederam felizmente.³

O padre Francisco Gonçalves, provincial que acabou de ser⁴ da provincia do Brasil, foi em missão ao rio das Amazonas e rio Negro, que de ida e volta é viagem de mais de mil leguas,

toda por baixo da linha Equinocial no mais ardente da Zona Tórrida.

Partiu do Maranhão esta missão em quinze de agosto do ano passado de mil seiscentos e cincoenta e oito, e atravessando por todas as capitánias do estado foi levando em sua companhia canoas e procuradores de todas para o resgate dos escravos que se faz naqueles rios ; e foi esta a primeira vez que se fez por esta ordem, para que os interesses dele⁵ coubessem a todos e particularmente aos pobres, que sempre, como é costume, eram os menos lembrados.

Haverá quatorze meses que continua a missão pelo corpo e braços daqueles rios, donde se tem trazido mais de seiscentos escravos, todos examinados primeiro pelo mesmo missionario na forma da lei de V. M. E já o ano passado se fez outra missão deste gênero aos mesmos rios pelo⁶ padre Francisco Veloso, em que se resgataram e desceram outras tantas peças em grande beneficio e aumento do estado, posto que não é esta maior utilidade e fruto desta missão.

Excede esta missão do resgate a todas as outras em uma diferença de grande importancia, e é que nas outras missões vão-se somente salvar as almas dos índios, e nesta vão-se salvar as dos índios e dos portuguezes ; porque o maior laço da consciencia dos portuguezes neste estado, de que nem na morte se livravam, era o cativoiro dos índios, que sem exame nem forma alguma de justiça, debaixo do nome de resgate, iam comprar ou roubar por aqueles rios. E a este grande dano foi V. M. servido acudir por meio dos missionarios da companhia, ordenando V. M. que os resgates se fizessem somente quando fossem missões ao sertão e que só os missionarios pudessem examinar e aprovar os escravos em suas proprias terras, como hoje se faz ; e depois de examinados e julgados por legitimamente cativos, os recebem e pagam os compradores, conseguindo os povos por esta via o que se tinha por impossível neste estado, que era haver nele serviço e consciencia.

Assim que, Sr., por mercê de Deus e beneficio da lei de V. M. se têm impedido as grandes injustiças que na confusão e liberdade do antigo resgate se cometiam, que⁷ foi ruína espirital e temporal de toda esta conquista ; sendo certo que, se o fruto deste gênero de missões se computar e medir, não

só pelos⁸ bens que se conseguem senão pelos males que se impedem e se atalham, se deve estimar cada uma delas por uma das grandes empresas e obras de maior serviço de Deus, que tem toda a cristandade.

(IDEM)

Ao Marquês de Gouveia

506. Exmo. Sr.

Diz-me V. Exa. que cada dia se vai emendando¹ o tempo ; mas V. Exa. nem emenda, nem quer emendar, com que é necessaria toda a minha fé para não entrar em desconfiança, apelando só para aquella cega propriedade do amor que não tem olhos para ver erros ! Vê-los-ão os inimigos e não lhe perdoarão, se o desastrado papel antes da última mão chegar às suas. Bem procurei prevenir este inconveniente na recomendação do segredo ; mas é dificultoso por leis a quem as dá.

Já confessei o padre reitor que fora melhor terem ido os primeiros quadernos que aquele remendo, mas fiz eleição dele pela materia, posto que os pecados que se imputam à minha fé não cuido que são castelhanos. Enfim eu me pus nas mãos de V. Ex., como V. Exa. me ordenou a minha obediencia será o meu escudo e as ordens de V. Exa. a minha defesa. Mas o amor e odio ambos sentenciam sem vista, num porque a não tem e outro porque a não dá, e, quando me devera queixar do primeiro, beijo mil vezes a mão a V. Exa. pela mercê que me faz.

(IDEM)

A. D. Teodosio

507. Sr.

Não estou capaz de ditar duas regras ao duque meu sr., de quem me vejo favorecido com tão repetidas demonstrações : V. S. me há de fazer mercê de suprir os defeitos e afetos desta minha incapacidade, de modo que a S. Exa. seja presente quanto estou sempre a seus pés com toda a alma, e a estimação que ela faz de tanto favor.

A doença começou dia de ramos, e os remedios, por mal conhecida, começaram dia de pascoa ; e de então para cá nenhum dia houve sem novo martirio, e quase todos de sangue. Falta-me Sanfins, que está anojado por morte de sua mulher ; outros dois que aquí vêm asseguram que não é doença de perigo, posto que seja de molestia, e me prometem que antes do fim do mês poderei ir buscar a convalescença a Vila Franca, com que eu muito me alento, pela esperança de poder ver a V. S. daquela parte, como avisarei a seu tempo, se Deus me fizer tanta mercê.

Do novo governador da casa de S. A., tinha eu já noticia, e por boas vias, de que o dito Sr. não estava satisfeito do casamento nem ainda inclinado a tomar estado, e que era ponto este que dava muito cuidado e sobre que se fizera um largo conselho em quarta feira de trevas, em que, alem do valido e secretario de estado, entraram somente Atouguia, Arcos e São Lourenço com o embaixador Sande.

De tudo se infere que o marquês de Gouveia não está tão admitido como se cuidava ; antes se afirma que ficava acomodado à sua quinta para ir passar nela a primavera.

Até agora não há mais efeitos de Marte, que a empresa de Valença com mau principio de campanha para os castelhanos, de cujos aprestos por mar e por terra continuam as noticias ; se estas são verdadeiras, podê-lo-á ser o justo receio dos zelosos.

O discurso de Carracena tambem o pode ser, posto que o estilo seja tão alheio do com que costumam e devem falar aqueles homens.

Para tudo se me representava fazer a praça de armas em Lisboa, alojando¹ o exército de uma e outra parte do Tejo, com que se acudia a Setubal, Lisboa e mais vizinhos, podendo-se unir facilmente todo o poder e aplicar-se à parte onde a ocasião o pedisse. O certo é que o falar com V. S., ainda tão longe, alento, porque, nem tresvariando, me pareceu que pudesse falar tanto, etc. Desta enfermaria, 12 de abril de 1665.
— Criado de V. S.

(IDEM)

508. ... Por Portalegre chegou aviso de os castellos haverem intentado tomar Velença por empresa e que faziam grandes aprestos de mar e terra : se os do mar forem certos (e ainda não o sendo), occorreu-me entre os tresvarios da febre que a praça de armas este ano devia ser Lisboa, alojando-se¹ o exército de uma e outra banda do Tejo, com que² ficava defendida a mesma Lisboa, Setubal, Peniche, Cascais e todos os outros lugares de desembarcação, podendo-se unir facilmente todo o exército e aplicar-se à parte onde o pedir a necessidade, depois de conhecido o intuito do inimigo. Mas de Lisboa nos³ avisam que lá não há pensamento de inimigo nem de guerra.

Livre-nos Deus da dos médicos e sangradores e a V. Exa. guarde Deus muitos anos como desejo e havemos mister. Coimbra, 13 de abril de 1665. — Capelão e menor criado de V. Exa.

(IDEM)

A. D. Rodrigo de Menezes

[509. ... Faltou-me carta de V. S. às horas ordinarias do correio ; e, quando já me compunha com saber por outra via que não havia motivo de cuidado que pudesse ocasionar esta falta, se dobrou o sentimento dela com a noticia de que a carta se perdera. Assim o diz uma mulher que trouxe ontem à noite a esta casa a caixa de que V. S. me faz mercê, que reconheci pelo sinete dos lacres e muito mais pelo que trazia dentro, que tudo chegou a salvamento, excetas¹ as partes líquidas, que, sem quebrar o vidro, padeceram algum naufragio:² em tudo se vê e reconhece o amor de V. S. e quão grande e verdadeiro é o que assim supre as distancias e de tão longe applica os remedios. Eu os tenho suspendido até novo aviso de V. S., porque não sei o tempo nem a quantidade em que a triaga se deve tomar, que V. S. me fará mercê dizer, e juntamente quais são as aguas em que se há de fazer a infusão dos pós. A febre e os crescimentos continuam na mesma forma e amanhã me mandam para os ares de Vila França ; mas dá-me Deus o sentir que do Porto me há de vir ou tem já vindo o remedio e que a V. S., depois da sua Divina Providencia, hei de dever a saude.

(IDEM)

A D. Teodosio

510. Sr.

Porfia a minha doença com as minhas saudades, e, pois não posso vencer a primeira, rendo-me a que elas se vençam com o trabalho de V. S.

Estes dias não avisei, porque quase todos os deste sitio têm sido de medicamentos que levam as mais horas deles, com serem tão grandes. O dia de amanhã é livre desta pensão e também espero que o seja de visita do reitor da universidade, que vem aquí algumas vezes e veio ante-ontem. V. S. o disporá como for servido, com tanto que não seja sábado, porque é dia em que vem a comunidade à quinta.

As minhas saudades dizem que quanto mais cedo melhor, e, se vier diante dar recado quem acompanhar V. S., haverá cautela para se evitarem alguns olhos, quando não sejam todos.

Ao duque meu senhor beijo as mãos muitas vezes, a cujos pés e aos de V. S. estou sempre. *Veni, Domine, et noli tardare*, etc. Vila Franca, 7 de junho de 1665. — Criado de V. S.

(IDEM)

A D. Teodosio

511. Sr.

O gosto com que recebo e leio todas as cartas de que V. S. me faz mercê, se me assustou não pouco no fim desta por me dizer V. S. passa com pouca saude, e mais nestes dias em que a frescura das ribeiras do Mondego não são bastante reparo ao fervor dos caniculares. Guarde Deus a V. S. e me livre deste cuidado e sentimento, que é maior que o que me causam todos os meus males.

Com esta remeto os papéis do correio de Lisboa ou de Alentejo, em que V. S. lerá melhores novas da batalha do que são as que se não escrevem. A mim me parece que uns e outros mentem, porque todos falam pela boca do afeto. O certo é que a resistencia de Vila Viçosa foi bizarra e que a perda da artilharia e o número e qualidade dos prisioneiros são bastantes

testemunhas da vitoria, que toda foi de Deus, ou para fim da guerra ou para principio de outras felicidades.

Do Brasil me veio um famoso papel sobre os dois cometas, escrito pelo padre Estancel, mestre que foi da matemática em Santo Antão, que não remeto a V. S. por ser obscuríssimo, feito de propósito debaixo de metáforas e enigma de nomes gregos, os quais eu tenho bastantemente decifrado e reservo esta fábula que não tenho por fabulosa, para quando eu esteja em estado de poder passar duas horas entre as canas ou debaixo das oliveiras. Por maior digo que os cometas parecem que anunciam mudanças dos tempos e das cousas, e todas para bem e bem de todos.

V. S. se sirva de me restituir estes papéis, porque tenho prometido a comunicação deles a algum amigo, excetas as cartas do marquês de Marialva, que se mandam em toda confiança e segredo, e só de V. S. as fio, e folgarei que nenhuma outra pessoa saiba que eu as comunico, porque tudo se diz e em toda parte há espias. Tambem me conformo com V. S. no parecer de que não estamos em tempo, mas não põe Deus tempo em o mudar, etc. Vila Franca, 3 de julho de 1665. — Criado de V. S.

(IDEM)

A D. Teodosio

512. Exmo. Sr.

De todas as mentiras da corte nenhuma é mais para estimar que esta, que V. S. me diz correu lá, da enfermidade de V. S., posto que ainda assim me assusta. Enganem-se eles, já que não acabam de se enganar, e saibam que V. S. vive e há de viver muitos anos, muito a pesar dos maus, como a prazer de todos os bons. Eu me alegre, em nome de todos eles, de que V. S. esteja vivo e muito vivo,¹ porque não importa menos a viveza que a vida, e mais nos tempos em que imos entrando.

As novas da Beira que agora aquí chegaram refiro ao duque, meu senhor, e as que amanhã chegarem de Lisboa ficarão com tudo o mais para a conferencia. Esta estalagem ainda há de ter seus impedimentos para a semana que vem ;

mas tem-se apurado de maneira a impaciencia das minhas saudades, que as não posso dilatar mais, principalmente na contingencia de o duque poder fazer jornada.

Domingo pela manhã, quanto mais cedo melhor, estimarei que V. S. dê ordem que venha carruagem e que espere no olival e se me dê recado, porque toda esta cautela é necessaria para dissimulação com que importa fazer esta ausencia e desmentir tantos olhos e discursos, etc. Vila Franca, 9 de setembro de 1668. — Criado de V. S.

(IDEM)

A D. Rodrigo de Menezes

513. ... De Madrid se avisa que tem ordem o embaixador de Portugal de se retirar da curia, tanto que der a obediencia ; se assim for não é necessaria a recomendação. Alguns presumem que ficará aquí com os negocios o secretario Roxas ; outros que o secretario da embaixada ; outros que o agente que temos em Madrid : em qualquer destes casos, ou em qualquer outro, não tenho que lembrar a V. S. a importancia de que os ministros do meu principe me¹ não desassistam, quando os dos outros me convidam com as assistencias, e mais quando os termos do meu negocio, na forma em que o pretendo intentar (como já dei conta a V. S.), são tão justificados e sem ofensa de terceiro. Falo a V. S. com esta clareza e confiança, pois há tantos anos que a tenho qualificada com as experiencias e o título de mais fiel amigo, com que V. S. (sendo meu senhor e eu seu escravo) por me honrar se firma.

(IDEM)

Ao Marquês de Gouveia

514. Sr.

A de que V. Exa. me fez mercê, recebi em 10 de novembro com a relação e duas copias inclusas, que é o mesmo que mandar-me V. Exa. as profecias com o comento. Não sei o que dirão agora os que fundaram tão grande máquina sobre uma presunção falivel.

O que me fez rir e triunfar muito (como faço em todos os sucessos de V. Exa.) é a santa sinceridade com que V. Exa. confirmou o seu voto e impugnou os contrários só com referir a consulta, pareceres e resolução dessa corte.

Ela é¹ coisa admiravel que os conselheiros de Castela se conformem tanto com os nossos e que tenham tão pouca cristandade e política, que quiseram para o seu reino, e só para ele, o que nós lançamos do nosso.

Mas nem por isso entendo se darão por mais carregados nas suas consciencias no que tinham transplantado para Hollanda e Inglaterra, não sendo menos o que tem vindo para Italia, onde, quando se soube a resolução de Portugal, se disse : «E o peor é que se não hão de confessar os portugueses disto».

(IDEM)

A D. Rodrigo de Menezes

516. Não é, necessario que me retardem tanto as cartas de V. S. para que eu as espere com ansia e as receba com sumo gosto e ache nelas todo o alivio e consolação. O padre Pimenta me tinha alvoroçado com a esperança desta dois correios antes ; alfim chegou, por que¹ beijo mil vezes a mão a V. S.

A segurança que V. S. me dá de S. A., que Deus guarde, me ter em sua graça, estimo quanto ela² merece ; mas muito mais estimo ainda, se pode ser mais, as novas que V. S. me dá de suas ações e resoluções, e de Deus ter singularizado a nossa idade e a nossa nação com um tão excelente príncipe.

Mas é tal a ambição de meu amor, que ainda me não satisfaço : porque isto que V. S. e eu conhecemos quisera o conhecera³ o mundo e que não se ouvira outro nome nem andara outro príncipe na boca da fama senão o nosso. Tem os maiores e melhores vassalos do mundo (e bastava ter-se a si) ; não os tenha ociosos. Olhe para o mapa, tome os compassos a Portugal e meça os outros reinos da Europa, e não se estreite um tão grande coração e tão pouca terra. Para conquistar as do turco é necessario primeiro recuperar as suas.

A Holanda chegaram doze naus da India e se esperam sete. A Londres chegou nau de Bombaim, partida em fins de novem-

bro, e não era chegado a Goa o vice-rei nem navio algum da sua conserva ; lembro-me⁴ dos rios de Guama ; mas receio-lhe o inverno em Moçambique.

Vejo que V. S. me diz que não se regam estes pensamentos com as aguas do Tibre ; mas admire-se V. S. de que se não tenham murchado com as do Tejo. De lá saí e lá estou e sempre aos pés de S. A., ainda que tão pisado.

Muita honra me faz S. A. em me mandar estampar os meus sermões ; obedecerei a S. A. e imprimirei sermões quando devera escrever apologias.

Desejei fazer um sobre o caso de Odívelas e ponderar as causas desta permissão em tempo de um príncipe tão pio, tão zeloso, tão vitorioso e tão desembaraçado de guerras. A primeira é para que deste sacrilegio público se arguam os sacrilegios secretos. A segunda, para que S. A. se resolva a remediar eficazmente tantas ofensas e desacatos de Deus no reino de que o fez senhor.

Muito me edificam os lutos ; mas muito mais me edificara o remedio, e não sei se bastarão a aplacar a Deus as procissões, quando se falta⁵ às execuções. Alimpe S. A. o seu reino e o contágio da fé e da honra da nação e o escândalo do mundo, e ouça os meios e⁶ escolha o que for melhor para tudo. Se S. A. o fizer assim, será o seu reinado no céu e na terra o mais glorioso e vencerá a fama de todos os reis seus progenitores. Dera eu agora todo o sangue das veias por uma hora aos pés de S. A., sem outra testemunha do que dissesse⁷ mais do que⁸ V. S., entendendo que, se fosse ser martir ao Japão, não faria tão grande serviço a Deus nem tão grato sacrificio.

O padre Juzarte não chegou ainda a Italia.

V. S. me tenha na sua graça e na do sr. marquês, e Deus guarde a V. S. muitos anos com as verdadeiras felicidades que a V. S. desejo. Roma, 18 de julho de 1671. — Criado de V. S.

(IDEM)

Ao Marquês de Gouveia

517. Exmo. Sr.

Estas são as únicas regras que escrevo neste correio, por não faltar à única obrigação, ainda que tão maltratado, como

de ontem a esta parte me acho. Traga-me Deus melhores novas da saude de V. Exa.

Morreu ontem o cardeal Celsi, que foi um dos que estiveram próximos ao pontificado; e tambem correu a mesma nova do cardeal Pallavicino, que está em Bolonha, e só se verifica estar em perigo; com que haverá capelos bastantes para se satisfazer aos interesses mais poderosos, e o padre Everardo poderá exercitar o novo cargo de embaixador sem o reparo do hábito, que não só dizem está vencido, mas com grande aprovação e aplauso do cardeal Patrão.

(IDEM)

Ao Marquês de Gouveia

518. . . . O turco, segundo os últimos avisos, parece espera ver empenhadas as armas cristãs para declarar as suas, e no entanto as tem divididas em dois troços, ameaçando com um a Polonia e com o outro a Hungria.

De Alemanha se escreve que, vindo o imperador de Luxemburg, de visitar¹ a imperatriz Leonora, um húngaro no caminho lhe dera uma carta, em que o avisavam² que estivesse advertido, porque em espaço de seis semanas não estaria seguro em Viena.

Temos por governador de Candia um português baxá,³ chamado Franc Maemet, que faz grandes favores aos cristãos, e dizem os italianos que ainda haverá em Portugal com que prover outras praças.

O terremoto de Rimini e mais cidades da Romagna se comunicou por debaixo do mar com as ilhas do arquipélago, porque na mesma hora caíram muitos edificios até em Chipre e se subverteu com mais de setenta mil almas a celebrada ilha de Cós, patria de Hipócrates e Apeles.

Deus guarde a V. Exa. etc. Roma, 4 de julho de 1672. — Criado de V. Exa.

(IDEM)

Pontuação

519. E' a pontuação parte mui capital da ortografia, e corre ainda mais sem regra, que a propria escrita dos vocabulos. Quantos os escritores, tantos os sistemas de pontuação; não digo tudo: o mesmo escritor em dias diversos, e até no mesmo dia, na mesma hora, e na mesma página, e recopiando^l o mesmo período, pontuará diversamente. Daquí e de se não darem, nem poderem dar nas escolas boas regras, e boa prática de recitar, provem que a pontuação, para a quase totalidade dos ledores, é letra morta. Muito é logo para desejar, persuadir, e requerer, que outro tanto, como para a correção gráfica das palavras já pedí, se haja não menos de fazer em beneficio deste indispensavel complemento da escritura. Ousarei até acrescentar que esta segunda reformação, quando bem feita, promete e afiança vantagens de maior momento: *Rosa* ou *roza*, *homem* ou *omem*, *Nympha* ou *Ninfa*, não oferecem em realidade mais que uma questiúncula filológica; aí o som, e o valor real, como quer que se escreva, são sempre os mesmos. Não assim a pontuação: nesta, vai interessada a lógica, e a eloquencia ou poética; isto é, a razão e os afetos. Eis o por que me pareceu consagrar aquí algumas linhas a este assunto.

Atribue Cícero a origem da pontuação à necessidade de se tomar um fôlego; se dessa razão física procedeu, outra houve para se ela adotar e seguir, e foi a dialética; porque as pausas e compartimentos dos períodos, para alguma cousa mais alta e importante servem, que para nos deixarem respirar; circunscrevem os conceitos, determinam as suas relações, e consequentemente alumiam e dissolvem perplexidades a cada passo. Os mesmos vocabulos, e postos pela mesma ordem, em carecendo de pontuação, podem exprimir conceitos diversos, senão opostos, segundo o engenho, as opiniões, os interesses, ou a ignorancia do leitor ou dos ouvintes. Importava logo, que de todos esses sentidos possiveis, o autor, pela adição de certos sinais, designasse qual era o seu.

Das obras de Heráclito, dizia Aristóteles, que se não atrevia a pontuá-las, com medo de levantar testemunhos ao autor. Que seria, onde de Heráclito não fosse o escrito, nem o intérprete um Aristóteles?

De Cícero até nós, todos os gramáticos, em geral, têm considerado a pontuação como uma necessidade física dos pulmões, e uma necessidade intelectual; noutros termos: como uma comodidade, e uma clareza. Entretanto, a pontuação pode ter, tem já e deve ter ainda mais, terceira serventia: a saber: *expressir intenção artística*.

A linguagem falada foi um efeito necessario da faculdade discursiva, e da tendencia social, providencialmente posta na alma humana desde todo o principio.

Da linguagem falada nasceu a escritura; esse invento dos inventos, não menos admiravel que a propria linguagem; essa apoteose e eternização das idéias mais sutis e fugitivas; essa memoria do gênero humano, que nada esquece; essa, se bem se pondera, semi-prova da immortalidade do nosso espirito. Pelo fato de falar e escrever, o homem se achou investido na realza do Universo: o presente ficou sendo seu dominio pela associação; o passado e o futuro, pelas letras, que em si contêm a historia, as crenças, as legislações, e as ciencias todas. (*)

(CASTILHO)

520. ... Não é para aquí amplificar excelencias da lingua portuguesa; assaz e de sobra o tenho feito há ános, e o tinham feito antes de mim outros melhores do que eu. E' uma lingua bela; é uma lingua rica; é uma lingua para tudo; quem o desconhece? por tudo isto, e porque é nossa, e porque é, como todas, suscetivel de ainda maior lustre, devemos amá-la, servi-la, defendê-la de desacatos, restituí-la ao seu trono, alteando-lho, e redoirando-lho, e nele mantê-la senhoril, como as mais soberbas, em vez de se andar à esmola, pintalgada de farrapós estrangeiros, e caindo de debilidade. A imprensa livre, isto é, a imprensa depois da invasão dos bárbaros, se tem feito à sociedade alguns beneficios, para a nossa vernaculidade, não

(*) Os alunos são convidados a pontuar todo este trecho de conformidade com a pontuação dos nossos tempos.

se pode escurecer que tem sido, e está sendo, uma verdadeira máquina infernal!

A lingua de Camões, qual hoje a vês.
Com pouca corrupção crês que é francês.

(IDEM)

521. ... As escolas, com os livros desleixadamente escritos, com um quarto de português, um de francês, e dois de *algaravia*, corrompem e assolam todo o gosto do bom dizer; desde a nascença matam nas almas infantís esta parte grande da nacionalidade. Para os teatros há um tribunal: o Conservatorio; para as escolas outro: o Conselho Superior d'Instrução Pública. O Conservatorio, que não autoriza a representação de dramas, como quase sempre se nos dão, em que a frase só a entenderá toda, quem pelo francês a for mentalmente substituindo: o Conselho Superior, não permita no ensino obras de fancaria literaria, como por aí correm, não só desprimorosas, senão inçadas de atrozes solecismos. Veneno na fonte da instrução primaria, é crime para que não há nome. O galicismo bruto em boca plebéia faz dó; mas entre os labios de rosa de um inocentinho, espanta e horroriza quase como a obcenidade.

— «Quer estilo afonsinho nas comedias, cartilhas, e catecismos!!» — arrotará com sorriso glorioso algum tarelo. Não; desejo e peço que os escritores dramáticos sejam, ao menos, limpos; o contrario é insultar o povo, ainda que ele o não sinta; e os opúsculos para uso da infancia, desejo e peço que, alem de limpos, sejam ricos, não de vocábulos obsoletos e condenados, mas de termos proprios, variados com acerto, de frases clássicas intelligíveis, de mil chistes graciosos, que são nossos exclusivos, de inversões feitas com arte e gosto, sem as quais nem a frase pode ter *número*, nem o estilo ser artístico, etc., etc., etc..

522. ... Faz hoje vinte e quatro anos que a muito nobre lingua portuguesa perdeu um dos mais apostados mantenedores dos seus foros; e os bárbaros que a têm assolado, o mais austero castigador de seus flagícios. Expatriado, pobre, e deserto dos seus, lá acabou na capital da França, o nosso illustre Filinto Elisio.

Astuciosamente escapo às mãos dos oficiais da Inquisição de Lisboa, tomou o vôo para longe da terra do nascimento, para aqueles pântanos dos *batatífagos casmurros*, como ele chamava aos holandeses, e de lá para Paris, onde a morte afinal o veio colher.

Um honrado fidalgo, o marquês de Marialva, então embaixador de Portugal em França, lhe valeu generosamente na última enfermidade (hidropsia); lhe ordenou o funeral, e lho acompanhou com todos os portugueses, que se achavam naquela corte, até o cemiterio do padre *La-Chaise*, onde permanece. Então falou em lhe erigir uma lápide, mas passaram dias e esqueceu, e quase chegaria aquela sepultura a ficar perdida, se anos depois o sr. marquês de Palmela lhe não mandara por uma tabua para sinal, até que os seus naturais se resolvessem a trasladá-lo à patria, ou perpetuar ali a sua memoria.

Por parte da honra nacional já a *Revista* requereu o que nos cumpre fazer. Este requerimento está por despachar: não será porem esquecido, visto como o governo de S. M., por outras providencias, que lhe têm merecido as letras e glorias patrias, nos abona a oportuna satisfação de tamanha dívida.

Para renovar esta lembrança é que hoje memoramos o seu óbito: o influxo que ele teve na poesia, a linguagem portugueza pede mais pensada e estendida escriptura do que neste dia pudéramos consagrar-lhe.

(A. DA SILVA TULIO)

523. ... Propuséramos nós há anos na brilhante e numerosa Sociedade dos Amigos das Letras em Lisboa a fundação de um cemiterio privilegiado para os filhos beneméritos da patria.

Consta-nos que o sr. José Lourenço da Luz, consocio nosso então e hoje membro da Câmara Municipal desta cidade, diligencia com os seus colegas que esta idéia tão nobre, tão exequível e tão fecunda, se realize enfim, deputando-se para Campo Elisio uma porção do comum cemiterio dos Prazeres: campo que será inaugurado com o túmulo de Filinto Elisio, para cujo fabrico se acha aberta uma subscrição: a trasladação espera-se que será solenizada com a maior pompa.

(CASTILHO)

Estatua de Camões

524. Um funeral e um mausoléu, não podem (ou o coração me engana grandemente) consumir tudo quanto a liberalidade portuguesa tem de trazer ao grande homem. Avultadíssimos devem ser os remanescentes ; e tais, que sem medo afrontem a fundação de uma estatua, com que a patria firmará o último selo na nossa obra.

Se é lícito colher vaidade de bons desejos, releve-se-me dizê-lo, muito há que ela existiria, se eu tivesse achado, em quem podia, entendimento sequer para compreender tal petição. Mais de ano havia então que o desenho (hoje há mais de 14) fora feito a rogos meus pelo sr. Assis Rodrigues, e por mim apresentado à Câmara Municipal de Lisboa, como aquela que eu supunha dever principalmente empenhar-se na empresa. Corria o tempo ; não se dava solução ao negocio : appareci de novo ; lembrei ; insisti ; quase como se de interesse meu se tratara, e não do público ; tantas eram as delongas, ambages e más escusas. A final me chegaram a desenganar de que por ali se não faria cousa alguma ; sendo aliás certo e provado que em obras de nenhum proveito nem gosto, gastava o municipio muito mais do que para esta se havia de mister. Pedí a restituição do desenho, e piedade seria deixar por mais tempo o bom do Camões entre gente, quando menos, sua desconhecida.

Lembrou-me requerer ao governo que mandasse executar a estatua pela mão que a riscara na propria officina da Aula Nacional de Escultura ; mas... Era então ministro do reino Luiz Mousinho d'Albuquerque, e estava ainda mui recente o seu triumpho contra o Instituto ou Universidade de Lisboa, glorioso e digno tentame do sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, e que ainda algum dia tem de ser efetuado.

Por então me recolhi com a minha idéia, e fiquei aguardando por melhor ensejo. Hoje é talvez chegado.

(IDEM)

525. ... Por que razão, raça efêmera d'ingratos, continuaremos a deixar dormir os heróis no esquecimento dos sepulcros ? e a sua gloria, e os nossos prazeres, e as nossas lições magníficas, sobre tudo, nas trevas das pedreiras ?

Recordas-te do que dizia Cícero? *Honra, alimenta as artes: todos se incendem na cubiça da gloria.*

Pelo desprezo da gloria, acrescentava Tácito, se vai ao desprezo da virtude. Juizes mais competentes na materia, não os podia haver.

Demetrio Falareu, fundo político e filósofo, grande orador e poeta, sabia já o que nós vaidosos parecemos ignorar, quando para galardões e incentivos a toda variedade de préstimos, povoou Atenas com 360 estatuas de bronze de cidadãos beneméritos.

Os vivos, geram moribundos; as estatuas, procriam imortais.

(IDEM)

Ao Conde da Carreira

526. Noutro objeto conversamos nós, sobre o qual continuei a pensar até agora, e a cujo respeito peço licença a v. exc.^a para expor aquí um alvitre, que, se a v. exc.^a aprover, bem poderá vir a dar de si grandes vantagens.

Assentamos, e toda a gente de instrução e gosto concordaria conosco, cuido eu, em que haveria grande utilidade em se empreender a coleção dos clássicos romanos impressa com boas traduções em português. Concordamos em que, procurando-se bem, não faltariam escritores entre nós aptos para collaborarem em tão vasto como formoso monumento; mas entendemos ao mesmo tempo que o maior *busilis* da empresa seria a publicação desta, não obra, senão livraria. Nesse particular, só muito de leve acenado por mim, persuado-me de que v. exc.^a concorda também comigo.

A academia Real das Ciencias folgaria, sem dúvida, de ser a promotora e a empresaria da edição, se o pudesse; infelizmente não pode.

Livreiros impressores com posses e ânimo para grandes empresas não os há de haver tão cedo em Portugal.

Os literatos, esses então ainda que os submetessem à prensa hidráulica mais possante não estilavam de si o ouro necessario para tais gastos.

Quando eu era ainda mais utopista do que hoje sou, lembrava-me sempre das Cortes quando se tratava do nosso crédito literario; mas qual seria o parlamento que se atrevesse diante de uma imprensa que pela maior parte ignora o latim e o português a aprovar uma lei dando meios pecuniarios para a impressão de livros, e livros antigos? nenhum de certo.

Neste desamparo ocorre logo um expediente, que até devia ser o primeiro lembrado; é a boa vontade d'El-Rei.

O senhor D. Pedro V criou o Curso Superior de Letras e foi uma bela herança que nos deixou, se Deus a quizer abençoar; ainda não dá frutos, mas já se pode prever que os há de dar.

Esta fundação do senhor D. Pedro V merece¹ bem completada pelo senhor D. Luis, e tenho fê em que a pouco e pouco o há de ser.

Então, digo eu, porque se não havia de lembrar a Sua Majestade que a tradução dos clássicos romanos é um complemento quase indispensavel, e, falando com mais propriedade, indispensavel, para aquella parte do curso, que versa essencialmente sobre a literatura antiga? As razões deste meu dizer, aliás obvias, já eu as aponte e foi na carta em que me desculpava perante o chorado Príncipe de não aceitar a cadeira de *Literatura Moderna*, carta hoje publicada no jornal *Revista Contemporanea*; e ainda no prólogo aos *Faustos* tornei a martelar no ponto; que eu sou dos tais verdadeiros paulistas que obedecem à sentença de São Paulo pregando as verdades uteis oportuna e inoportunamente.

Outra consideração que por ventura não será perdida para El-Rei.

Quão proprio não viria na fausta conjuntura em que nos achamos, o determinar Sua Majestade a fundação de um monumento, como este, misto de glorias italianas e portuguezas! seriam as musas a completar e coroar a aliança internacional tão auspiciosamente encetada pelo amor.

Todos estes arcos que a tanto custo se andam levantando, são para serem demolidos logo que se lhes houver passado uma vez por baixo; hão de se apagar com as luminarias, e dissipar-se com o fumo das salvas e os ecos dos vivas; mas o padrão literario, há de ficar para todo sempre.

Não acha v. exc.^a plausível este alvitre? não o acha digno de ser por v. exc.^a mesmo suscitado a Sua Majestade? espero que sim; e se o for, confio em que Sua Majestade o abraçará gostoso; e não será este um dos menos belos frutos do seu consorcio, nem dos menores louvores do seu reinado.

(IDEM)

527. Meu respeitavel confrade e amigo:

Beijo as mãos a v. exc.^a pela boa sombra que v. exc.^a está prestando ao meu alvitre, em favor das letras romanas e portuguezas. O Camões tinha razão: só quem sabe da arte, é que a estima. Eu não podia ir bater a melhor porta.

Avalio bem a difficuldade pecuniaria da empresa. Mas se v. exc.^a me dá licença, haveria talvez um modo de a atenuar. Ei-lo aquí. O ministerio do reino dispõe legalmente de alguns contos de réis anuais para auxilio de publicações uteis; então se dalí se deduzisse uma boa porção para se irem imprimindo d'ano a ano os livros que se fossem apurando do nosso querido *Corpus Actorum Latinorum*, não teríamos o problema resolvido, sem onus algum para o bolsinho d'El-Rei, sem razão de queixa para pessoa alguma, a contento, e com muito aplauso, de todos? Eu acho que sim. Mas se El-Rei simpatiza com¹ a empresa, como espero, porque é boníssima, falando Sua Majestade com o ministro do reino, e significando-lhe a sua vontade, este, que é homem ilustrado e amigo das letras, poderia ainda sugerir mais alguma facilitação, ou algum recurso novo, para se levar a efeito a fundação deste monumento, o maior sem dúvida da litteratura portugueza.

Outra consideração para nos criar ânimo:

Por mais que forcejemos, é claro, e de primeira intuição, que as traduções, tais como se querem, e devem ser, têm de levar muito tempo a fazer, a corrigir, e apurar, e por conseguinte poucos volumes se poderão imprimir em cada ano, e nos primeiros um ou dois anos muito menos ainda; logo, os gastos de retribuição aos tradutores (retribuição que eu julgo indispensavel) e bem assim o custo do papel e da impressão, pouco podem avultar, especialmente dos primeiros tempos.

Haveria ainda outras lembranças para facilitar a cousa, tais como a insinuação pelo governo aos governadores civis, para

promoverem subscrição pelas Câmaras Municipais etc., etc. Estes poucos às vezes somam muito.

O que a mim me parece essencial, se a cousa tem de se fazer ou de se tentar, é que appareça a tempo de figurar como comemoração histórica, e que saia com todo o possível aspecto de obra regia, ou, por outra, aprovada e favorecida por El-Rei, e publicada sob os seus auspícios.

(IDEM)

528. *Joana Vas*, ou *Joana Vasia* : — natural de Coimbra, foi aia da rainha D. Catarina, amiga das Sigeas, e do gremio literario da nossa princesa. Chamavam-na a filósofa, pela singular agudeza com que disputava nas ciencias ; possuia as linguas doudas ; dos poetas, tinha larga lição e os imitava. Escreveu epístolas a Pedro III, em latim, em grego, e em hebraico, e varias poesias latinas. Dela falam, com louvor, Nicolau Antonio na sua *Biblioteca*, André de Rezende num poema endereçado à princesa e numa epístola *ad Joannam Vasiã*, e Aires Barbosa nos seus epigramas, etc.¹

(IDEM)

529. Digo a verdade : quando me ponho a considerar o que as mulheres são pela natureza, e o que deixam de ser pelas preocupações e tiranias da sociedade ; quando me lembro de tantas, que em todas os tempos e lugares se assinalaram por talentos, e ombrream com os grandes varões, tendo para isso que vencer mil difficuldades que para elles não existem ; quando encontro este meu conceito, não só inteiro, senão ainda avantejado em tão grave e sisudo autor como é o do *Teatro Crítico*, doi-me o coração de ver como tais almas se desaproveitam ; como se mete um sexo (metade da especie humana !) na roda dos enjeitados ! E' pecar contra justiça e natureza ; é defraudá-las de sua herança ; e a nós, de mais prazeres e mais delicias, que nos ellas puderam dar ; as ciencias e as artes, de novos lustres e as gerações ulteriores, a pobre infancia, das instituidoras naturais e mais proficuas.

(IDEM)

530. ...Deixemos pois ao tempo o cumprimento do seu officio, porque do homem só depende o semear e plantar ; mas o fazer medrar e copar depois as selvas, e povoá-las de harmonia e encantamentos, só pertence à Providencia, que vai pausadamente e a ponto metendo na obra mil outros agentes, de que por ventura nem sequer temos idéia. Insensivelmente subimos com o discurso até esta grande e desconsolosa altura, em que não temos que fazer, senão estender para baixo os olhos em derredor de nós, cruzar as mãos sobre o peito, e suspirar. Redescendamos e tomemos o pequeno assunto a que nos dirigíamos : pequeno comparado com estas altas ponderações mas, por de possivel, facil, e próxima realização, importantíssimo. E' um *Projeto de Lei* que enobrecerá ao deputado que o propuser, e à câmara que o adotar ; e ao governo que o der à execução, grangeará bençãos¹ copiosas.

(IDEM)

Carta a Delfim Maia

531. Ilmo. Snr.

A carta que V. S. teve a bondade de me escrever para Santarem só me chegou às mãos no proprio dia em que V. S. devia talvez esperar uma resposta minha, porque me foi remetida para Lisboa, onde me achava havia 15 dias, quando a receberam na minha habitual residencia. Estas circunstancias explicam o meu silencio e como se inutilizou o trabalho que V. S. teve em me escrever.

Entretanto, o resultado, em relação ao fim que V. S. se propunha, seria o mesmo se eu houvera recebido a tempo a carta de V. S. O meu propósito inabalavel de me conservar estranho às contendas políticas do nosso país não é um capricho mulheril : é efeito de convicções adquiridas, desenvolvidas, radicadas lentamente e, por isso, profundamente.

Que lhe hei de eu fazer ? Não temos as convicções que queremos, temos as que podemos. Na *Exposição* que acompanhava a carta de V. S., os §§ 4, 5, e 7 contêm grandes e

terriveis verdades. E' a primeira vez (se a memoria me não falha), que vejo passar homens diante deste novo soberano chamado o povo, e não reptís,¹ mais reptís do que os que passavam diante do antigo soberano chamado o rei absoluto. O que me parece é que essas verdades tremendas não são toda a verdade. Não conheço os signatarios. Não me lembram esses nomes do tempo em que vivi no Porto anos das minhas mais caras saudades. Devem ser homens moços. E' uma das vantagens da mocidade.

Nessa quadra da vida, o moribundo só desata os braços e deixa fugir a esperança quando no seu leito de agonia, a morte lhos faz pender para um e outro lado.

Há dez ou doze anos que eu, pouco mais ou menos, dizia o mesmo que se lê naqueles § § da *Exposição*.

Demonstrou-se então, com evidencia, que eu era um visionario. Hoje as minhas visões vão um pouco mais longe. Sinceramente peço a Deus que a demonstração de que sou hoje o que era então seja melhor confirmada pelos fatos.

Esta carta é uma carta particular. Devia-a à obsequiosidade com que V. S. me trata. A pública, que me pede e que não foi, nunca a escreveria. Para que? A verdade, que nada remedeia, deixá-la estar no seu poço.

Demais tenho eu cedido ao impulso de momento, às exuberancias do coração ou do espírito: demais tenho sacrificado a minha grande ambição do esquecimento a certa fraqueza de uma índole que alguém supõe forte e enérgica porque, neste país, a craveira por onde se medem os caracteres é excessivamente baixa.

Fora da política, disponha V. S. da sincera vontade de quem

De V. S., venerador,

(A. HERCULANO)

532. Ilmo. e Exmo. Snr.

Constando-me extra-oficialmente que na última sessão da Academia, a que não assistí, ela me fez a honra de me eleger seu Vice-Presidente, tinha resolvido comparecer na sessão de hoje para agradecer essa demonstração de confiança e benevolencia, e para lhe submeter uma observação e uma súplica.

Um embaraço inesperado obriga-me, porem, a fazer por escrito o que delineava fazer pessoalmente.

Ignoro o motivo por que as eleições dos cargos académicos se não verificaram na época legal ; é certo, todavia, que assim succedeu. Não creio que se devesse agora proceder a tal ato sem convocação especial e motivada. Era negocio assaz grave para se fazer uma advertencia que já se tem feito a propósito de negocio de menor monta. As eleições que se fizeram têm a meu ver, a validade legal ; mas talvez lhes falte a validade moral conveniente em tudo e principalmente em semelhante materia.

Esta era a observação ; a súplica é que a Academia me dispense da Vice-Presidencia. A minha classe inteira pode dar testemunho de que pesa sobre mim um cargo que me custa sacrificios. Seria injusto impor-me novos deveres, para cujo desempenho talvez todos os membros da Academia estejam mais habituados do que eu.

Peço a V. Excia. queira comunicar à Academia, na sessão de hoje, a materia desta carta.

5.ª feira, 8 de março.

De V. Excia., consocio e C.,

(IDEM)

533. Ilmo. e Exmo. Snr.

Não consentindo a distancia de minha residencia à sede da Academia Real das Ciencias que eu assista às suas sessões literarias, ao passo que as minhas muitas occupações obstem a que de outra qualquer maneira cumpra com¹ as obrigações académicas, sou, por força maior, um membro inutil da mesma Corporação.

Nestes termos, eu rogo a V. Excia. que, apresentando este officio na primeira sessão d'efetivos, peça, do modo mais positivo, e, se tanto for necessario, exija, que o meu nome seja riscado do catálogo dos socios da Academia Real das Ciencias de Lisboa.

Espero dever à urbanidade de V. Excia. a particular mercê de comunicar a resolução dessa assembléia, que por nenhum principio pode ser contraria às minhas instantes solicitações.

Deus guarde a V. Excia. Ajuda, 2 de janeiro de 1851.

Ilmo. e Exmo. Snr. Secretario da Academia Real das Ciencias de Lisboa.

(IDEM)

Carta ao “Jornal do Comercio”

534. Snr. redator. — Desde que a Academia mandou distribuir pela imprensa a conta dada por ela ao ministerio do reino sobre a cessação do trabalho dos *Monumentos Históricos*, e desde que a imprensa tomou a si a apreciação dos motivos que o faziam cessar, eu preví desde logo o resultado disso. As consequencias mortais que daí provinham para um ex-ministro da coroa, eram assaz graves para que ele não houvesse de deixar em silencio debater a questão. Tinha jornais e amigos de que podia valer-se; contei desde logo com os convicios, com as alusões, com as injurias grosseiras, com a reprodução de acusações puerís, plenamente refutadas; mais de uma vez contei com tudo o que o despeito pode aconselhar à malevolencia, e até que se me attribuissem, como se me acabam de attribuir, os juizos desfavoraveis da mesma imprensa, embora não precisasse disso, porque tudo é menos eloquente do que os fatos que revela a publicação da Academia. Estava tranquillo. São as borrascas da vida com que devem contar aqueles que, em certas épocas das sociedades, não sabem, para viver em paz, fazer calar a voz da sua consciencia. Compreendo essas cóleras implacaveis, essas afrontas, esses escritos desvairados em que transluz o rancor cego. Estimo-os até, porque provam que em certos corações gratos e quase mortos pode vibrar ainda a fibra do pudor. Deus me livre de irritar-me com isso. E quem sabe até se eles têm razão em parte? Se a minha vida passada está cheia de manchas que eu não tenha percebido? Quem sabe se o meu nome não é um dos que envergonha moralmente esta terra? E' possivel. Mas não sou eu, nem os que me detestam, que havemos de julgá-lo. E' a opinião do país, que me conhece a mim e que os conhece a eles.

A imprensa livre é a mais bela das instituições ; é-o até muitas vezes quando a transformam as paixões ; porque dos seus desvarios, das lutas que suscita resulta não raro brilhar a luz da verdade. Nunca o experimentei como agora.

Sabia que a indignação que em mim produzira o modo como fora tratada uma corporação respeitavel, cuja honra era do meu dever sustentar, se attribuia em voz baixa ao despeito de não ser nomeado guarda-mor da Torre do Tombo. Era uma acusação grave, que, murmurada pelas costas, eu não podia refutar. Há homens cujo furor extremo é necessario excitar para os fazer depor o manto e o punhal, e agredirem pela frente. A imprensa, sem o querer, sem o saber talvez fê-lo. Ainda bem. Era grave a acusação, porque durante os últimos cinco anos em que tantos caíram aos pés da devassidão política, em que ambições e às vezes cobiças bem pequenas, foram fatais a tantos, não era de espantar que eu, mais fraco talvez do que todos, sacrificasse tambem um dia a propria dignidade à ambição. Os que acreditaram essa insinuação piérfida, não me ofenderam. Partiam do conhecido para o incógnito, e raciocinavam bem. Havia, demais, na acusação certa plausibilidade. Parece que há quem pense que eu tinha uma certa competencia superior para aquele cargo, e que o voto nacional mo daria, se fosse consultado. A minha opinião é, todavia, outra. Se o voto nacional me entregasse as chaves do arquivo do reino, praticaria uma injustiça, contra a qual desconfio que seria eu o primeiro a protestar.

Há aí um homem, veneravel pelos seus anos, pelos seus conhecimentos especiais, pela benevolencia para com todos os que o consultam, que há mais de vinte anos dirige de fato o Arquivo Geral do Reino, e que, no meio dos sucessos de 1834, salvou, pelo seu zelo e à custa da propria saude, muitos desses cartorios que então caíam no dominio do estado, e de que se perderam quase todos os que não foram confiados à vigilancia deste empregado, tão digno como modesto. Esse homem era, havia doze ou quinze anos, o guarda-mor verdadeiro da Torre do Tombo, porque o nominal, o visconde de Santarem, desde a sua nomeação até a sua morte, jamais cruzou os umbrais daquela casa. O proprio governo tratava oficialmente esse empregado como guarda-mor interino. Se, vagando a efetivi-

dade, o ministro lha desse, não teria praticado senão o seu dever, recompensando o zelo modesto e a ciencia util, buscando, ao mesmo tempo, para aquella situação, o mais digno que não a solicitava.

Sei que estas considerações não eram das que ordinariamente influíam nos despachos da regeneração. Havia outras a que costumava atender e que ela sabe se eram peores ou melhores. Se a preferencia que se deu a outrem, esquecido o que só tinha por si Deus e a sua justiça, não viesse ferir a Academia, não importasse para ela um insulto official, contentar-me-ia com deplorar mais uma vergonha pública, e com afastar-me em silencio de frequentar essas salas, onde consumí os melhores dias da minha vida, e dos quais, confesso a fraqueza, me restam saudades, mas onde também tinha suspeitas, e hoje tenho provas de que a minha reputação de probidade podia perigar.

Eis a verdade singela. Peço que a creiam sob minha palavra? Não, por certo. Tem-se abusado tanto neste país de apelar para a propria honra ; os criminosos, os maus têm tomado tantas vezes o tom solene, a frase austera do homem confiado em si, que não creio seja decente a este empregá-los. O público já se ri desse tom e dessa frase que se tornaram uma cousa sem sentido. Quer provas, e tem razão. Provarei que não podia pretender o lugar de guarda-mor, e que¹ a regeneração ordena se me diga que eu ambicionava.

A regeneração, tempos antes, havia-me nomeado para um cargo público honorífico e gratuito, sem me consultar. Com razão ou sem ela, eu acreditava que poluía² tudo o que vinha do poder que nos regia : rejeitei com desprezo a mercê que se me fazia. Crê-me, não digo o país, digo o mais ardente dos meus inimigos, caído tão fundo que tempos depois, aceitasse desse mesmo poder, cujo favor rejeitara com desdem, um cargo honorífico e retribuido? Não peço a resposta à consciencia pública ; aceito a da primeira que quizer dá-la. Não exijo dela que compreenda a honestidade : basta-me que compreenda o orgulho do coração humano.

Mas há mais. Existe neste país um homem, que viveu durante dois anos na região irresponsavel do poder, hoje o primeiro depois do monarca. Trouxeram-no também para esta

questão ; recordaram certas calúnias absurdas de que por minha causa foi vítima. Era regular. Depois do filho, o pai. Devo a esse homem a situação que me permitiu não sei se honrar se envergonhar a literatura do meu país. Disse-o já em páginas que supponho menos fugitivas do que as dum jornal. Mas devo-lhe mais do que isso : devo-lhe uma amizade inalteravel de dezesseis anos, amizade que mais duma vez foi porventura até o sacrificio. Não sei se a democracia compreende esta afeição pura entre um príncipe e um homem do povo. Os príncipes compreendem-na. Sei que há mais dum que não se envergonham dela.

Em dezesseis anos nunca pedi a esse homem, a quem não receio chamar verdadeiro amigo, graças uteis ou honras para mim ou para os meus. Pode sucessivamente alcançá-las e fazê-las, na apparencia. Na realidade não podia. Tinha-me dado a sua palavra de cumprir uma promessa que solicitei dele, mercê dum gênero que excluia todos os outros, mas que para mim tinha maior valia.

Era o ministerio do Sr. conde Tomar, se bem recordo. Almeida Garrett deixara a inspecção dos teatros. Estava eu no paço em ocasião que o ministro entrava a propor-me à soberana para o substituir. Disse-mo : recusei : insistiu, a ponto de me obrigar a proferir algumas palavras cortesies, como cumpria que fossem perante o chefe do Estado, mas severas. O ministro mostrou-se pouco disposto a ceder duma resolução que não posso deixar de qualificar de nobre, porque se tratava de honrar um adversario que jamais curvou a cabeça diante dele, nem antes nem depois. Deixei-o partir. A el-rei D. Fernando que presenciara esta cena, pedi então o único favor que lhe tenho pedido ; o seu voto preponderante nos conselhos da coroa para aí ser rejeitada qualquer mercê, util ou honorífica, proposta em relação a mim ao chefe do Estado, de presente ou de futuro, pelos ministros d'então ou por outros quaisquer ministros. Prometeu-mo como rei e como cavalleiro. Não creio que tenha tido ocasiões sobejas de desempenhar a sua palavra ; mas estou certo que a todo tempo saberia cumprí-la.

O pretendente ao lugar de guarda-mor sabia que a pretensão iria encontrar junto ao trono uma promessa de honra

que a repelia. E' possível que fosse assaz baixo para aceitar as graças de um governo que desprezava. O que não é possível hoje neste gênero? Não é, porém, de crer que tentasse lutar com uma impossibilidade que ele proprio havia criado, porque seria acreditar o absurdo.

Eis o que importava dizer. Nas minhas circunstancias, o silencio em relação a este ponto era inadmissivel. No resto não vejo senão o furor que injuria. Nada tenho com isso.

Permita-se-me, todavia, que eu recorde em resumo o que se está passando de roda de nós; que, ator neste drama estranho, me coloque fora dele para o contemplar. Há aí o que quer que seja profundamente triste. E' ver o individuo que há quinze anos dedicou a existencia a revocar o que o passado do seu país tem verdadeiramente grande, a repetir as lições que a liberdade antiga dá à liberdade moderna, e a restaurar o sentimento de nacionalidade, que deve um dia salvar-nos, privado, por uma dessas vinganças sem nome, dos meios de prosseguir na laboriosa tarefa; ver esse homem que, curvado sob o trabalho, nunca pensou em recompensas, ou, se pensou, não as quis, nem as quer, não as solicita, nem as aceita; para quem nunca da boca dos poderes públicos houve sequer uma palavra de animação e que não a pede; ver esse individuo, a que se nega o direito do trabalho, senão o comprar pela humilhação e descrédito, insultado e caluniado, porque não bebeu em silencio o calix da perseguição e da injuria; porque lhe escapou um gemido ao assassina-rem-no na vida intelectual, e porque, sentinela avançada da dignidade de uma corporação illustre, cumpriu com o que devia a si e a ela! Homem de letras humildes, não tinha o direito de queixar-se porque os poderosos, os chefes de partido o haviam esmagado. Era o progresso e a civilização que passavam. Dura lição dada à mocidade para servir e sofrer, para se prostituir quando o poder lho ordenar.

Oh, não, mancebos que ainda vos não corrompestes! Lembrai-vos de que no céu há Deus e no mundo a posteridade.

Agora, Sr. redator, só me resta pedir que o documento junto, que dirigí à Academia, seja publicado. Depois dele, as injurias contra aquele corpo, obrigado pela minha declaração

na por termo às suas demonstrações de simpatia para comigo, devem cessar. Não ferem o alvo. Seria, de ora avante, o luxo da atrocidade.

Ajuda, 31 de dezembro de 1856.

(IDEM)

535. O estado de céu excede à vida do deserto, em lá se gozar a Deus¹ com maior claridade ; mas o deserto excede ao céu em cá se gozar a Deus¹ com o merecimento, que lá não tem lugar ; e por isso sem agravo, antes com lisonja do amor de Deus, se pode trocar o céu por um deserto.

(VIEIRA)

536. O cego, depois que Cristo o alumiou, ficou um lince na vista, e as toupeiras queriam guiar o lince. Que um cego queira guiar outro cego, e uma toupeira outra toupeira, cegueira é muito presumida : mas que as toupeiras quisessem guiar o lince, e os cegos dar lições de ver a quem tinha olhos e olhos milagrosos ?!

Viu-se jamais, presunção tão cega ? Só uma acho nas escrituras semelhante ; mas também em Jerusalem : que só em uma terra onde se crucifica a Cristo¹ se podem criar e sofrer tais monstros.

(IDEM)

que a república. E possível que fosse assim háto por
as progressos da república que se esperava. O que não é
isso e não é possível? Não é, porém, de crer que tenha
com uma impossibilidade que a república havia crido
seria possível a liberdade.

É isto que importa dizer. Nas minhas circum-
stancias e em relação ao estado da república. Não tenho em
mão algo senão o futuro que ignora. Não tenho em

Permitte-se-me, todavia, que eu recorde em resumo
o que está passando de nós de nós; que, ator neste drama
triste, me coloque: não há para o contemplar. Há o
que que seja profundamente triste. E ver o indivíduo
há quinze anos dedicado a estudar e revocar o que o país
de um país tem verdadeiramente grande, a repetir as li-
ções da liberdade antiga e a liberdade moderna, e a restor-
ar o sentimento de nacionalidade, que deve um dia salvar o
país, por uma dessas vinganças sem nome, das não
perseguição na liberdade tercia, ver esse homem que, com
sob o trabalho, nunca pensou em recompensas, ou, se pensou,
não as quis, nem as quer, não as solicita, nem as aceita; por
quem nunca de boca dos poderes públicos houve sequer a
palavra de homenagem e que não a pede; ver esse indivíduo
que se nega o direito do trabalho, sem o comprar por
humilhação e descrédito, insultado e caluniado, porque
bebeu em silêncio o caliz da perseguição e da injúria; por-
que escapou um gemido ao assassinarem-no na vida pública
e porque, sentinela avançada de dignidade de uma causa
ilustre, cumpriu com o que devia e não se deu ao luxo de
letras humildes, não tinha o direito de se fazer ouvir
poderosos, os chefes de partido, e a civilização que
mocidade para servir e o
poder lhe ordenar.

Oh, não, mançeb
Lenitrai-vos de que n

Agora, Sr. red
junta, que dirigi é
as injúrias contra

termo às suas demonstrações de simpatia para comigo, cessar. Não ferem o alvo. Seria, de ora avante, o luxo ociosidade.

Juda, 31 de dezembro de 1856.

(IDEM)

535. O estado de céu excede à vida do deserto, em lá se a Deus¹ com maior claridade ; mas o deserto excede ao em cá se gozar a Deus¹ com o merecimento, que lá não lugar ; e por isso sem agravo, antes com lisonja do amor Deus, se pode trocar o céu por um deserto.

(VIEIRA)

536. O cego, depois que Cristo o alumiu, ficou um lince vista, e as toupeiras queriam guiar o lince. Que um cego guiar outro cego, e uma toupeira outra toupeira, cega é muito presumida : mas que as toupeiras quisessem guiar o lince, e os cegos dar lições de ver a quem tinha olhos milagrosos ?!

Viu-se jamais presunção tão cega ? Só uma acho nas escrituras semelhante ; mas também em Jerusalem : que só em uma terra onde se crucifica a Cristo¹ se podem criar e oferecer tais monstros.

(IDEM)

Comentarios

Com. ao n.º 435, pág. 137

1. do *que*. Esta conjunção comparativa também se usa na simples forma *que*. Esta é, mesmo, a forma primitiva, conforme iremos vendo, à medida que formos recuando para as origens da nossa lingua. Na forma do *que* o elemento *do* é um puro expletivo (n.º 122, nota), que surgiu todas as vezes que a simples conjunção *que* poderia ser tomada pelo pronome relativo *que*. Apareceu, pois, por uma necessidade de clareza. — 2. *todas as*. No português moderno ao adjetivo *todo* no plural deve seguir-se necessariamente o artigo, como aquí se vê. Se, porem, *todo* está no singular, pode vir ou deixar de vir com o artigo : *por toda parte* ou *por toda a parte*. Modernamente se tem querido fazer uma distinção, aliás boa : *toda casa se queimou* significará : *cada casa se queimou*, *todas as casas se queimaram* ; *toda a casa se queimou* significará : *a casa inteira*. Mas isto não pode ser estabelecido como *dogma lingüístico* para todos os casos. — 3. Houve supressão do pronome relativo *que*, construção essa muito frequente no padre Vieira e nos clássicos em geral. Quanto à análise, veja-se o n.º 388. — 4. *na sua*. Com os adjetivos possessivos é indifferente usar ou deixar de usar o artigo : *meu chapéu* ou *o meu chapéu* são expressões iguais. E isto se observa desde os mais remotos documentos da lingua. — 5. *as alturas mais aristocráticas*. Pessoas que não conhecem suficientemente o português e se põem a traduzir do francês, escrevem : *as alturas as mais aristocráticas*. Essa repetição do artigo nos superlativos é pura imitação do francês. Em boa linguaagem dir-se-á : *as alturas mais aristocráticas*, ou : *alturas as mais aristocráticas*. — 6. *Calistismo* = *caiporismo*. *Calisto* chama-se ao homem infeliz no jogo. — 7. Ver a nota 2, acima. — 8. *raro* = *raramente*. Adjetivo empregado como adverbio mui elegantemente. — 9. *que se eleva*. O pronome *se* está colocado procliticamente por atração do pronome relativo *que* (ver o n.º 409, c). — 10. A próclise do *se* foi exigida pelo adverbio *não*, que, como o adverbio *nunca*, exerce também forte atração sobre os pronomes pessoais obliquos (n.º 409, b). — 11. Expliquem a próclise de acordo com a nota 9. — 12. Ver a nota 3. Temos aquí a mesma syntaxe. — 13. Ver a nota 2. — 14. A próclise do *se* foi determinada pelo *pronome relativo* (tambem chamado *adverbio conjun'ivo*) onde. — 15. Idem. — 16. Idem. — 17. Ver a nota 9. — 18. Idem. — 19. Idem. — 20. Rui Barbosa escreveu : *cujá clientela vai periodicamente fazer-se*, etc., com o pronome *se* enclítico. Que outra colocação se lhe poderia dar de acordo com os ns. 412 e 413 ? — 21. Ver a nota anterior, quanto à sínclise. — 22. Ver a nota 10. — 23. Próclise determinada pela conjunção *até que*. — O pronome *lhes* equivale neste caso ao possessivo *seu* : *seus restos*. E' a melhor maneira de considerá-lo em análise e de o colocar em diagrama,

Com. ao n.º 436, pág. 139

1. Ver o com. anterior, nota 4. — 2. Expliquem a sínclise pronominal. — 3. Cláusula subord. subst. interrogativa indireta. — 4. Idem. Ver o n.º 400. — 5. Expliquem a próclise. — 6. Idem. — 7. Observem os dois pontos, pontuação adequada, porque o que se segue explica o que antecedeu. — 8. A próclise é devida ao adverbio *assim*. — 9. Conforme vimos, as cláusulas adjetivas, modernamente, em geral só se virgulam quando são explicativas, n.º 424. Mas, quando a clareza ou a necessidade de respiração o exigem, pode-se virgular a cláusula adjetiva, mesmo quando ela não seja explicativa. Rui Barbosa, por exigências de oratoria, do ritmo do falar, lança mão desse recurso, como se pode ver nesta página. — 10. de nos abrir. Quando um pronome se acosta a um infinito que se acha preso por preposição, a sínclise varia. A próclise é a sintaxe favorita de Vieira e de Rui Barbosa. E' a colocação mais antiga. A ênclise é mais comum em certos clássicos modernos. E' quase sempre mais eufónica. — 11. Ver a nota anterior. — 12. Expliquem a próclise. — 13. Idem. — 14. Ver a nota 9. — 15. Idem. — 16. brotou = fez brotar. O verbo *brotar*, quase sempre intransitivo, está aqui tomado como verbo transitivo. — E' tempo agora de falar francamente acerca dos chamados verbos intransitivos, o que não fizemos na pág. 45 por evitar confusão. A linguagem das nossas grâmatias em geral reproduz a linguagem das grâmatias latinas, que por seu turno reproduziram a da grâmatica grega. Em grego e latim chama-se verbo transitivo o que governa um acusativo; intransitivo o que não governa acusativo. Em português, pois, será verbo transitivo, propriamente, o que pedir objecto directo, o acusativo do latim; intransitivo, o que não o pedir. E' por isso que, mesmo os que nós chamamos de transitivos indirectos (n.º 257), são mencionados como intransitivos pelos dictionarios em geral. — Assim, pois, no rol dos intransitivos entram: a) os verbos de predicação completa; b) os de predicação incompleta attributivos; c) os chamados transitivos indirectos. — 17. Expliquem a sínclise. — 18. ... a esses = desses. Sintaxe de cunho latino: dativo por genitivo. «*Miseriis suis remedium mortem expectare*». Esperar a morte como remedio a suas misérias (= de suas misérias). (Sall. Cat., apud Allen). — 19. Prestem a máxima atenção em todo este belo trecho descriptivo referente às andorinhas. — 20. Explicar a sínclise e o sentido do pronome *lhe*. — 21. A próclise é exigida pelo adverbio *já*. — 22. Infinito preposicionado com valor de cláusula adjetiva. Podia ser substituido pelo gerundio. Ver o n.º 340, nota. — 23. Vingar. Qual o seu sentido aqui? — 24. Semeava, não semeiava. Os verbos em *ear* são todos irregulares. Sempre que o acento tónico cai no *e* do tema, intercala-se um *i* entre esse *e* e as desinências pessoais: semeio, semeias, semeia; semeamos, semeais, semeiam. Em *semeamos* e *semeais*, como se vê, o *i* desapareceu. — No imperativo: semeie eu, semeia tu, semeie ele: semeemos nós, semeai vós, semeiem eles. — No presente do conjuntivo: eu semeie, tu semeies, ele semeie, nós semeemos, vós semeeis, eles semeiem. Vê-se, pois, que a irregularidade se dá nas três pessoas do singular e na 3.ª do plural, e só no presente do indicativo, presente do conjuntivo e imperativo

(positivo e proibitivo). – 25. O caudal, não *a caudal*, como geralmente se escreve e diz. – 26. Expliquem a próclise. – 27. Nessa cláusula gerundiva há duas cousas a observar. 1.ª) Vem entre vírgulas. Quase sempre isso se dá com as gerundivas. 2.ª) O pronome vem enclítico. E' sintaxe de rigor com o gerundio, caso não venha o adverbio *não* ou algum outro elemento que reclame a próclise. N.º 408, d. – 28. Expliquem a próclise. – 29. Comentem os alunos por si mesmos de acordo com o que já foi dito atrás. – 30. Nota 10. – 31. Idem. Nestes dois exemplos temos a confirmação da teoria exposta em a nota 10.

Com. ao n.º 437, pág. 143

1. Ver o com. ao n.º 435, nota 2. – 2. Obedecer a. Ver os ns. 253, 254 e 259. – 3. Ver o com. ao n.º 436, nota 18. – 4. Idem. – 5. Ver o n.º 259. – 6. Bonapartes. Os nomes próprios em português admitem plural, ao contrario do que succede em algumas outras linguas. – 7. Ver o n.º 259. – 8. Expliquem a próclise e o valor de *lhes*. – 9. Omissão de *que*. – 10. Expliquem a próclise. – 11. Dêem a razão da mesóclise. Era ela forçada aquí? – 12. Teve *que despejar*. Esta contrução foi atacada por Leite de Vasconcelos, nas «Lições de Filologia». Segundo ele deve dizer-se: «*Teve de despejar*». Não tem razão. Essa sintaxe se encontra nos melhores clássicos, como nos será dado ver. «*Tenho que ir*», diz o padre A. Pereira. A explicação de semelhante modo de dizer parece-nos ser esta. A construção primitiva foi a seguinte: «*Tenho uma casa que vender*» (Ver o n.º 398). Depois, operou-se uma inversão, e começou-se a dizer: «*Tenho que vender uma casa*». Pela repetição de tal sintaxe a cláusula adjetiva principiou a compor com o verbo *ter* uma expressão verbal perifrástica, com a idéia de obrigação, como na expressão – *tenho de vender*. E essa construção se generalizou por tal forma que o emprego da construção primitiva, sem idéia de obrigação, chegou mesmo por vezes a oferecer ambiguidade de sentido. Daí a necessidade de se criar uma forma clara, que evitasse a ambiguidade, quando esta surgisse. E criou-se então: «*Tenho uma casa a vender*», sintaxe que Rui Barbosa averbou de solecismo na *Réplica*, pág. 276, mas sem estudar a causa do seu aparecimento. Poder-se-á chamar de solecismo uma construção abonada por Herculano e C. Branco, e tão profundamente arraigada no falar comum? Dado à preposição *a* o valor de *para*, não há nenhum solecismo, em nossa modesta opinião, atendendo-se a que o infinito al é passivo como em muitos outros casos, que estudaremos adiante. «*Tenho uma casa a vender*», isto é – *para ser vendida*. Compare-se o italiano: «*Hò una casa da vendere*». Não podemos enxergar uma diferença essencial entre essa construção e esta outra perfeitamente clássica: «*Dei-lhe a ler um livro*». – 13. A próclise é requerida pela conjunção *ainda que*. – 14. Indefensa é forma alatinada. A forma simples portuguesa é *indefesa*. Porque a recusou Rui Barbosa? – 15. O infinito preso por uma preposição a um adjetivo no plural, pode vir na forma pessoal ou impessoal, dependendo isso mais do gosto particular de cada escritor. – 16. Usar o, usar do. E' indiferente. (Ver o n.º 259). – 17. Até

ao, *até o*, são sintaxes equivalentes. No começo da lingua a preposição *até* era empregada *sozinha* : «Chegou até a porta, até o rio». Depois, como essa preposição veio a ter significação de *mesmo*, expressões havia em que surgiam dúvidas. Por exemplo : «O homem foi derrubando tudo, até a casa». Isto pode significar : *foi derrubando tudo até chegar na casa*, ou - *foi derrubando tudo, mesmo a casa*. Lançou-se mão de um recurso : juntou-se a *até* a preposição *a* - um puro expletivo - e desfez-se a dúvida. - 18. Al está a prova cabal do que asseveramos na nota anterior : a omissão do expletivo. - 19. De novo aparece o *a*. - 20. Ver o n.º 322, nota. - 21. O pronome *se* poderia ser colocado depois dos dois verbos? Entre os dois? - Recorram à lição LXII, pág. 130. - 22. Começaram a *se volver*. O verbo *começar* servindo de auxiliar de um infinito, aparece na lingua primitiva ligado a esse infinito diretamente : *começou fazer* ; ou preso pela preposição *de* : *começou de fazer* ; finalmente, pela preposição *a*, que não exclue, aliás, a preposição *de*, ainda em voga. - Quanto à sínclise do pronome *se*, vejamos o com. ao n.º 436, nota 10. - 23. Ver a nota 15, acima. - 24. Idem. - 25. De Guiné. Antigamente os nomes de países vinham sempre *sem artigo*. Modernamente empregam-se em geral *com ele*. Não obstante, pode-se ainda omitir, como fez aí Rui Barbosa, que também escreveu as *Cartas de Inglaterra*. . . - 26. *Vê-se eleito consul*. Caso curioso de dois subatributos, fenômenos de que os nossos gramáticos, salvo erro, não cogitam. - 27. *Mais bem iluminada*. Quando no grau de comparação entra um particípio passado, a forma analítica *mais bem* é preferida, modernamente pelo menos, à forma sintética *melhor*. Não seria erro, porem, dizer : *melhor iluminada*. - 28. Aqui Rui Barbosa preferiu a ênclise. Ver o com. ao n.º 436, nota 10. - 29. O ouviu anunciar. Poderia ser : *lhe ouviu anunciar*, de acordo com o n.º 371, notas 1 e 2. Completando o que aí dissemos, com referencia aos verbos *ver*, *ouvir*, *fazer*, *deixar* e *mandar*, seguidos de um infinito com um pronome obliquo por sujeito, a nossa observação particular leva-nos a fazer mais uma outra restrição. Há uma acentuada repugnancia em usar *lhe* quando o infinito é pronominal. Não se dirá «*Vi-lhe ferir-se*», mas «*Vi-o ferir-se*». Como, porem, esta observação só ultimamente é que a temos feito, damo-la com todas as reservas, convidando os alunos a observarem por si mesmos na leitura dos clássicos. Também os verbos *ajudar* e *ensinar*, seguidos de um infinito regido de preposição, admitem a mesma alternativa *se* o infinito é transitivo : «*ajudá-lo a fazer o exercicio*» ou «*ajudar-lhe a fazer o exercicio*». - 30. Observem os *dois pontos*. O que se segue é uma explanação do que ficou. - 31. *Propinas* é o genuino termo português em vez de *gorjeta*, de origem moderna. - 32. A próclise foi determinada pelo adverbio *facilmente*. - 33. Verbo de predicação completa - ou intransitivo - transformado em verbo de predicação incompleta transitivo. Ver o com. ao n.º 436, nota 16. - Choveu está por *fez chover*. A tais verbos dá-se o nome de *fatitivos*. - 34. a) Observem a pontuação à luz da nota 30, acima. - b) Observem mais nas cláusulas anteriores a sequencia do *ponto e vírgula* separando cláusulas coordenadas. - 35. Os *dois pontos* são proprios para designar idéias opostas, como aqui. - 36. A conjunção integrante *que* exige a próclise, como o pronome relativo *que*, porem *com menos força*. - 37. *Se*, não *si*. A grafia *si* na conjunção subordinativa condicional é um

refinado pedantismo brasileiro, que a gramática histórica e os clássicos todos repelem em absoluto, como veremos. – 38. Ver os ns. 253, 254, 259. – 39. Observem a forma *do que*. Ver o com. ao n.º 435, nota 1. – 40. Com. ao n.º 436, nota 18. – 41. Observem a forma *que*, em vez de *do que*, empregado pouco acima.

Com. ao n.º 438, pág. 149

1. Expliquem o *i*. Ver o com. ao n.º 436, nota 24. Como é o infinito desse verbo? – 2. O verbo *parecer* pode ser pessoal ou impessoal: *ele parece bom*, *eles parecem bons*. Daí o aparecerem com ele duas construções, quando se lhe segue um infinito. 1.ª) Se o fizermos pessoal, o infinito é que vem na forma impessoal: «Eles parecem ser bons». 2.ª) Se o fizermos impessoal, emprega-se então o infinito pessoal: «Eles parece serem bons». A análise é completamente diversa. Analisem. – 3. Expliquem a pontuação. – 4. A ênclise é rigorosa? – 5. Observem a passiva pronominal. Qual é o sujeito? – 6. Gerundio = cláusula adjetiva. – 7. Comentem esse *lhe*. – 8. Idem. – 9. Comentem. – 10. Observem a concordância. – 11. Todo, singular, sem artigo. N.º 435, nota 2. – 12. Todos, plural, seguido do artigo. – 13. *Idear-se*. A ênclise é de rigor? – 14. *Oscilando*. Gerundio = cláusula adjetiva, como em o n.º 6, acima. Este nosso gerundio seria representado em latim não pelo gerundio, mas pelo participio presente: – *oscillans*. Raramente o gerundio latino corresponde ao gerundio português: quasi sempre é traduzido pelo nosso infinito. – 15. *Morosamente* está rimando com *indolente*. – 16. *boiadas* está rimando com *chapadas*. Deve-se evitar isto em boa prosa. – 17. *Caatinga*; palavra indígena, formada de *caa*, mato, e *tinga*, branco. – 18. *trasmalha* ou *tresmalha*, como *traspasar* e *trespasar*. Este verbo pode deixar de ser pronominal. – 19. Palavra inglesa. Pronuncia-se *stipl tchêse*; significa *camisa corrida em linha reta*. – 20. Ver a nota 13. – 21. Expliquem a próclise – *lhe impede encaixar*. Também se podia dizer: *o impede de encaixar*. São frequentes no português essas duplas construções em que com o pronome *o* vem um infinito preposicionado, e com o pronome *lhe* desaparece a preposição. – 22. Comentem a ênclise. – 23. *bizarra*, isto é – *garbosa, elegante*, muito ao contrario do *bizarro* francês, que significa *exquisito, extravagante*. Cuidado, pois, na tradução do *bizarro* francês. – 24. Expliquem os *dois pontos*. – 25. Ver a nota 34, letra *b*, no com. ao n.º 437. Aquí o *ponto e vírgula* está separando uma sequencia de cláusulas gerundivas, perfeitamente irmãs. – 26. Expliquem a ênclise. – 27. *Toda*, singular, sem o artigo, mesmo com o sentido de *inteira*. Eis aí a razão por que dissermos que a distinção moderna (ver o com. ao n.º 435, nota 2) não pode ser um dogma. – 28. *Toda*, com o artigo. – 29. *Como que* é uma locução adverbial com o sentido de *aproximadamente, aparentemente*. – 30. Expliquem a ênclise. – 31. Idem. – 32. Nem o adverbio *aquí* forçou a próclise. – 33. A pronuncia geral é *acrobata*; mas é errada. – 34. *El-lo*. O nosso adverbio *eis* veio do latino *ecce*. Esse adverbio de designação governava em latim, *indiferentemente*, o nominativo ou o acusativo. Tanto se podia dizer:

«*Ecce ille*», como «*Ecce illum*». Esta última forma gerou a nossa — *ei-lo*, que tem dado que fazer aos gramáticos, mas sem razão alguma. O nosso pronome o, antigamente lo, vem do acusativo *illum*. A razão que levou o português a preferir a fórmula *ecce + acusativo*, a gramática histórica explica satisfatoriamente. Lá chegaremos. — 35. Ver a nota 14. — 36. *Gaucho* é o habitante dos pampas, no Rio Grande do Sul e no Uruguai, o homem de vida aventureira (1). — 37. Certo = certamente. — 38. Expliquem a vírgula da cláusula adjetiva. — 39. Expliquem a próclise. — 40. Ver a nota 14. — 41. Traje ou *trajo*. — 42. Bombachas são as calças largas que se usam no Sul (2). — 43. Nota 14. — 44. Faca está rimando com *guaiaca*. Ver as notas 15 e 16. — 45. Algo. Este pronome indefinido — aqui em função adverbial — esteve em desuso por longo tempo: é um dos termos resuscitados na língua de pouco tempo a esta parte. — 46. criou-se. O verbo *crear*, com o sentido de *dar o ser a alguma coisa*, é irregular. Quando o acento tônico devia cair no *e* do tema, esse *e* transformou-se em *i*. Em vez de *creo*, como seria se o verbo fosse regular, temos *crio*; e assim também — *crias, cria*; mas — *creamos, creais*; e de novo — *criam*. No presente do conjuntivo: *crie, crieas, crie, creemos, creeis, criem*. No imperativo: *crie eu, cria tu, crie ele*; *creemos nós, creai vós, criem eles*. O restante do verbo é todo regular. — Mas ao lado desse verbo *crear*, que apresenta tal irregularidade, empregaram alguns escritores uma forma *criar*, inteiramente regular, que se conjuga: *crio, crias, cria, criamos, criais, criam*; permanecendo em todos os modos, tempos e pessoas o *i* do tema. É a forma usada por E. da Cunha no texto que comentamos. Essa forma traz o sentido de *alimentar, fazer, crescer, educar*: *criar galinhas, criar cabelos, criar o menino*, etc. Outros escritores, abandonando a distinção convencional, só conhecem o verbo *crear*, com ambas as significações. Finalmente, há outros que só empregam *criar*, ou pelo menos preferem esta forma à outra (Ver Moraes). Seria conveniente que só ficasse o regular *criar*, e ao lado dele os substantivos — *criação, criador, criado, criança, criatura*. — O que, porém, não existe, *não existiu nunca*, é um verbo *crear*, que se conjugue: *eu creo, tu creas, ele crea*. — 47. Raro = raramente. — 48. Gerundio com valor de cláusula adjetiva. — 49. Idem. — 50. Também se diz *fusca*. — 51. A preposição *a* é aí um simples expletivo. Ver o n.º 122. — 52. Ver a nota 48. — 53. *Alpercata* tem as formas lídimas coirmãs — *alparcata, alpargata*, e em Vieira — *pargata* simplesmente, donde

(1) Nem os nossos dicionários nem os dicionários espanhóis dão ou propõem um étimo a este vocábulo. Acreditamos que ele se prende ao germânico pela raiz *gauch*, que significou primitivamente *homem tolo, desparafusado, desmiolado*. A essa raiz se prende o velho alto alemão *gougarón*, com o sentido de — vagar como um agitado ou um louco. (RAGNAUD, *Dict. étim. de la langue allemande*). — O que mais nos confirma esta suposição é a pronúncia oriental *gaúcho*, não *gaúcho*. Em todo o caso é mera hipótese o étimo proposto.

(2) A palavra *bombix* significava em grego — *bicho de seda*. Daí passou a significar a seda e, mais tarde, por intermédio do latim, o algodão e o tecido de algodão. A palavra *bombacha* é um adjetivo substantivado. Em espanhol é masculino — *bombacho* — por subentender-se o substantivo *pantalon*, masculino; no português é feminino e plural, por subentender-se a palavra *calças*. — A velha palavra francesa *bombace*, que aliás nem Littré regista — faz supor a existência de um adjetivo *bombaceus*. As palavras latinas em que entrou o sufixo *aceus* deram em francês palavras em *ache* (*garnache*), *asse* (*crevasse*), e *ace* (*populace*). No português deu palavras em *az* (*cartaz*), *aço* (*embaraço*), *acho* (*riacho*). A razão do nome *bombacha* vem de que as primitivas eram calças largas de seda, segundo nos explica Viterbo no *Elucidario*.

o nosso popular — *pragata*, sem o artigo árabe *al* e com a metátese do *r*. — 54. Nota 48. — 55. Idem. — 56. Com. ao n.º 436, nota 10. — 57. Vencer. Infinito passivo, tendo por sujeito o pronome *se*. Caso curioso de que em geral não fazem menção nossos gramáticos. — 58. Nota 48. — 59. Expliquem a ênclise. — 60. Certo = certamente. — 61. A pronuncia *projétil*, plural *projétils*, é pouco de acordo com o latim; a verdadeira seria *projéttil*, plural *projéteis*. A mudança operou-se pela razão que damos ao com. ao n.º 531, referente a *reptil*. — 62. Observem o *ponto e vírgula* separando uma sequencia de cláusulas coordenadas. Como essas cláusulas são pequeninas, poder-se-iam pontuar com simples vírgulas. Vejam na pág. 148, a começar na linha 7, a pontuação de Rui Barbosa, em caso semelhante. — 36. Raro = raramente. Com. ao n.º 436, nota 10.

Com. ao n.º 439, pág. 155

1. Pronome pleonástico. N.º 121. — 2. Supressão de *que*. — 3. Mercê de e graças a são duas locuções prepositivas. — 4. Expliquem a sínclise. — 5. Idem. — 6. Idem. — 7. Idem. — 8. Idem. — 9. Comentem. — 10. Idem — 11. Expliquem a ênclise. — 12. Comentem. — 13. Que outra colocação poderia ter o pronome *os*? Consultar os ns. 412 e 413. — 14. Expliquem a ênclise. — 15. Comentem. — 16. Conjuguem esse verbo no indic. pres., conj. pres. e imperativo. — 17. Comentem. — 18. Expliquem a ênclise. — 19. *se vão* O *se* é expletivo: *ir-se* ou *ir* é a mesma cousa. — 20. Expliquem a ênclise. — 21. Comentem. — 22. Expliquem a próclise. — 23. Expliquem a ênclise. — 24. *Avalanche*, palavra de cunho francês, mas hoje mui usada por bons escritores. — 25. Observem a repetição de *e*. A repetição de conjunções chama-se *polissíndeto*, bem como a falta delas se chama *assíndeto*.

Com. ao n.º 440, pág. 157

1. Tudo o que e tudo o mais é a construção primitiva. As formas *tudo que* e *tudo mais* são relativamente modernas. — 2. Destruir e construir conjugam-se: *destruo, construo; destróis, constróis; destrói, constrói; destruimos, construímos; destruí, construí; destroem, constroem*. — Todavia, nos clássicos primitivos deparam-se exemplos em que esses verbos vêm conjugados regularmente: — *construo, construes*. — 3. *faz que* ou *faz com que*. Ambas as construções são perfeitamente clássicas. — 4. Cláus. sub. subst. interrogativa (n.º 400). — 5. Comentem. — 6. *um dos que, uma das que, um daqueles que*, etc., podem ter o verbo no singular ou no plural; *um dos que diz* ou *dizem*. A sintaxe mais natural, porém, é a do plural, como no caso vertente. — 7. Ver os ns. 412 e 413. — 8. Houve supressão do antecedente (n.º 296) do relativo *que*. No português primitivo dir-se-ia: «são homens habéis os que faltam». — 9. Nos

adágios populares vê-se claramente como a comparativa *que* precedeu a forma *do que* (com. ao n.º 435, nota 1). – 10. Entretanto *que*. Modernamente se tem introduzido na língua a conjunção *enquanto que*; mas a forma genuinamente clássica é essa outra, do nosso texto. – 11. Resistir a. Ver o n.º 259 e os números antecedentes da mesma lição. – 12. Que diferença há entre *válido* e *valido*? – 13. Expliquem a próclise. – 14. Com a passiva pronominal *quase sempre* o verbo antepõe-se ao sujeito; mas há casos, como aqui, em que se dá o contrario. – 15. Presidir a. Expliquem esse *a*. – 15. A tendencia moderna é suprimir-se essa preposição *de*: *receia adquirir*.

Com. ao n.º 441, pág. 159

1. Carecer ora significa – *ter falta*: «O argumento *carece* de base» ora significa – *ter necessidade de alguma coisa*: «Ele *carece* de dinheiro para por mãos à empresa». Como os verbos estudados na lição XXXII, pode ser transitivo indirecto (*carecer de dinheiro*) ou transitivo directo (*carecer dinheiro*). Aqui está como... (?) e com o sentido de... (?). – 2. *fazer-lhes* ou *fazê-los*. Com. ao n.º 437, nota 29 e n.º 371, nota. – 3. *apossar alguém em alguma coisa* = *por alguém de posse de alguma coisa*. Compare-se essa construção com a outra: *apossar-se alguém de alguma coisa*. – 4. De acordo com o n.º 371, nota, *poder-se-ia* substituir esse pronome o pelo pronome *lhe*? – 5. Vir. Observem o futuro do conjuntivo do verbo *ver*, tão barbaramente maltratado no Brasil. – 6. *À fé* locução adverbial significando – *certamente*.

Com. ao n.º 442, pág. 161

1. Expliquem a próclise. – 2. O verbo *agradar* entra no rol dos estudados em o n.º 259. – 3. *Assemelhar uma coisa* ou *semelhar-se a uma coisa*. – 4. Que outra sínclise poderia haver à luz dos ns. 412 e 413? – 5. Idem. – 6. Ns. 259 e 255. – 7. Qual é o passado perfeito desse verbo? – 8. Comentem a ênclise. – 9. N.º 259. – 10. Qual o infinito desse verbo? Comentem a irregularidade. – 11. *Tudo são cambiantes*. Concordancia verbal com o atributo, o que se dá com frequência, mormente quando o sujeito é *tudo*. – 12. A passiva pronominal *impessoal* (n.º 226) não se costuma empregar quando o verbo se conjuga pronominalmente: procura-se, como aqui, um pronome indefinido (Ver o n.º 203). – 13. Com. ao n.º 438, nota 46. – 14. Era de esperar aqui o infinito *impessoal defender*, como se vê logo adiante, com o infinito *atacar*, na mesma relação em que se acha *defenderem*. Ver o n.º 341, nota 2. – 15. Com. ao n.º 440, nota 3. – 16. *Ela se defendesse*, passiva correspondente a – *ela fosse defendida*. Observem que neste ponto um escritor secundario teria escrito: *se a defendesse*, sintaxe de que não se encontram exemplos nos clássicos. Em

bom português não se combina nunca o pronome *se* com as formas *o, a*. — 17. *Mingua-lhe*. Em geral os gramáticos mandam conjugar o verbo *minguar* do seguinte modo: *mingúo, mingúas, mingúa; minguamos, minguais, mingúam*. Mas em Camões e em Castilho ele também se conjuga: *minguo, minguas*, etc. Ex.: «Que um ponto só não *mingua* nem se aumenta». (Elegia XI, verso 6.º) «Como inda por aquí *lhe mingua* flores». (Fausto, pág. 67). — 18. Com. ao n.º 437, nota 27. — 19. *Previnem* = impedem. — 20. Passiva impessoal regendo objeto indireto. Ver o n.º 260, nota 3. — 21. N.º 121. — 22. Pronuncia-se *inabil*. — 23. Com. ao n.º 437, nota 15.

Com. ao n.º 443, pág. 164

1. Supressão de *se*. — 2. Comentem a ênclise. — 3. A forma mais usada nos primitivos clássicos é *saco*. — 4. a sua pleonástico, ao lado de *lhe*, à semelhança do que ficou dito no n.º 121. — 5. Poder-se-ia empregar *lhe* por *o*, à luz do n.º 371, notas 1 e 2? Consultar também o Com. ao n.º 437, nota 29. — 6. Ns. 368, 369, 370. — 7. *Se* = *a si*. Corresponde perfeitamente ao latim *sibi*. E' o que podemos chamar — pronome dativo. — 8. Comentem a ênclise. — 9. Nota 7. — 10. *foge* = *evita*. N.º 167. — 11. N.º 121. — 12. Perfeitamente a sintaxe de Rui Barbosa. Conferir os ns. 412 e 413. — 13. Comentem a ênclise. — 14. Nota 7. — 15. *Através de*. N.º 52, nota 2. — 16. Passiva pronominal com sujeito pessoa; quase sempre o sujeito da passiva pronominal é *coisa inanimada*. — 17. Com. ao n.º 440, nota 3. — 18. Expliquem a ênclise. — 19. *Repugnar* admite varias construções: 1.ª) «O individuo repugnou (recusou) a bebida»; 2.ª) «O individuo repugnou (resistiu, opôs-se) à bebida»; 3.ª) «A bebida repugnou (causou repugnancia) ao individuo. — 20. *Comparem-no* — não compare-se-o. Ver a nota 16 do com. ao n.º 442. — 21. Observem a voz passiva. Qual o sujeito?

Com. ao n.º 444, pág. 167

1. Expliquem a próclise. — 2. *à minha* por *da minha*. Com. ao n.º 436, nota 18. — 3. Esse *que* é conjunção integrante? Se é, qual a função lógica da cláusula substantiva por ele introduzida? O sentido permite que o consideremos como tal? E se é pronome relativo, a que substantivo se refere? Este trecho é de difficil interpretação e oferece magnífica oportunidade de aguçar o espírito. — 4. A que se reporta esse pronome *as*? — 5. A mesma pergunta quanto ao pronome *os*. — 6. *deparar*. Este verbo admite três construções: 1.ª) «O hoteleiro deparou-me um refresco», isto é — *proporcionou-me*. 2.ª) «Ao hoteleiro deparou-se um refresco», isto é, — *apresentou-se-lhe aos olhos*. 3.ª) «O hoteleiro deparou com um refresco», isto é — *deu com um refresco*. O nosso caso traz a 1.ª construção. A 3.ª tem sido impugnada por alguns; mas nós vamos encontrá-la logo

abaixo, nesta mesma poesia. Usaram-na ainda F. Eliseo, Antonio de Camillo, Camilo. — 7. Pronome pleonástico. Ver o n.º 121. — 8. Expliquem a próclise. — 9. O verbo *lembrar* também admite mais de uma construção: 1.ª) «Eu me lembro daquele discurso»; 2.ª) «Eu lembrei-lhe aquele discurso»; 3.ª) «Lembra-me aquele discurso» (construção em que *discurso* é o sujeito); 4.ª) «Este discurso lembra (faz vir à memória) o de Rui Barbosa.» — 10. Comentem. — 11. Qual é o infinito desse verbo? Comentem. — 12. Com. ao n.º 438, nota 34. — 13. Qual é o infinito do verbo? Comentem. — 14. *meleço*. No Brasil se usa mais da palavra *melado*. — 15. *Cresso*. Geralmente se escreve *Creso* e se pronuncia *crézo*. Essoutra, porém, a forma legítima portuguesa. — *Cresso* era rei da Lidia, célebre por sua riqueza. — 16. *toda Lisboa*. Os nomes de cidades ora são considerados masculinos (*toda Paris se alvorotou*), ora femininos, como aqui. Não há regra fixa, e é pena que se lhes não uniformize o gênero. — 17. Dizer o infinito do verbo. — 18. Próclise determinada pela conjunção *se* (não se usa). — 19. *Crera-lo* — por *creras-lo* que não se usa. O *s* e o *r* finais dos verbos, em contacto com o pronome *lo* (com. ao n.º 438, nota 34, no fim), assimilavam-se ao *l* do pronome: *chamas-lo* ficava sendo — *chamal-lo* — *chamar-lo* ficava — *chamallo* (forma antiga de escrever). E modernamente *chamá-lo*. — 20. Conjuguem o verbo no indic., imp. e conjuntivo do presente. — 21. Expliquem a próclise. — 22. Ver a nota 6, 3.ª forma. — 23. Comentem. — 24. Infinitivo passivo: *serem invejados*. — 25. Dizer o infinito do verbo. Explicar o *l*. — 26. Há um jogo de palavras em *letras gordas* e *letras magras*. Homem de *letras gordas* é sinónimo de *ignorante*. — 27. O verbo *chamar*, no sentido de *dar nome*, admite duas construções: *chamei-o* ou *chamei-lhe* feio, ou *chamei-o* feio. A primeira, com objeto indireto, é a mais antiga e a mais clássica: é a que temos aí. Também se poderia dizer: «... *que chamam*». — 28. Omissão da conjunção integrante *que*. — 29. *lhes* — por *lhes o*, com supressão do *s* e do *e* em *lhes*. — Expliquem o sentido de *lhes*. A que categoria gramatical pertence esse *o*? — 30. O *que*? Geral a interrogação se faz apenas com *que*: «*Que* há de novo?» Para evitar, porém, confusão com o pronome relativo ou com a conjunção integrante, foi aparecendo o expletivo *o*, que se torna às vezes indispensável. — 31. *Acadêmia*. Esta forma é mais de acordo com o latim *académia* com o espanhol *académia*, e com o italiano *académia*. A forma *academia* veio por influencia do francês *académie* (G. Viana). — 32. As potências da alma eram — o entendimento, a vontade e a memória. — 33. A Academia de Ciências publicou varios volumes de *memórias*. Expliquem o jogo de palavras, à luz da nota 32. — 34. Com. ao n.º 436, nota 18.

Com. ao n.º 445, pág. 171

1. Omittiu-se com o segundo verbo o pronome *se*, já expresso com o primeiro. Esse é mui comum e elegante. — 2. Quando o verbo *ser* tem um sujeito singular e um atributo plural, é frequente a concordância com o atributo. Ex.: «O perigo são as más companhias, «Tudo são risos». Aqui temos a concordância feita com o sujeito. — 3. Também se diz: —

Respeito pelas leis. — 4. Observem a passiva pronominal. — 5. *se toma* = *é tomada*. É frequente omitir-se o sujeito *ele, ela*, com a passiva pronominal. Um mau escritor teria escrito logo: «em que vulgarmente *se a toma*». Já pedimos a uma escola inteira que nos mostrasse exemplos clássicos que abonassem tal construção. E a escola silenciou. Mas semelhante repugnância não se poderia explicar se na consciência dos clássicos esse pronome *se* fosse sujeito. Ela prova que a expressão era reputada por eles como passiva e aguardava, pois, o sujeito *ele* ou *ela*, mas nunca os objetos o *usado* e *a*. Retenha-se, pois, na memória que a combinação *se o, à luz dos textos clássicos*, é um aleijão — 6. Com. ao n.º 444, nota 27. — 7. Observem novamente a construção — *o aplicam* — evitando a outra — *se o aplica*. — 8. Expliquem a próclise. — 9. *mas que* = *ainda que*. — 10. Construção impessoal composta (Ns. 223 a 226). — 11. Garrett prefere a simples preposição *até*. Ver o com. ao n.º 437, nota 17. — 12. Ver o n.º 394. — 13. *Detalhe* é palavra de cunho francês. O português correspondente e puro é — *minucia* ou *minudencia*. Porisso chamou Garrett «expressão forasteira» ao adjetivo *detalhado*. — 14. *Suas*, sem o artigo. — 15. A que se refere esse *o*? A que categoria gramatical pertence? — 16. Arraigar ou arreigar. Conjugam-se *arraigo, arreigo*, etc.. Castilho, no *Dicionário de rimas*, põe *arreiga* rimando com *veiga*. Bocage quase sempre assim conjuga o verbo: «*Desarreiga* o terror que a todos gela», «*Em teu peito arreigou* feliz semente», «*Proficuas instruções melhor se arreigam*». Mas também: «... às vezes na vontade *arraiga* os vícios». — 17. A cláusula adjetiva é explicativa, não restritiva. Daí a vírgula. — 18. *Carecer* aqui é sinónimo de *precisar*; ver o com. ao n.º 441, nota 1. É verbo objetivo indireto (ver o n.º 259). — 19. Verbo igualmente objetivo (ou transitivo) indireto. Neste caso está como objetivo direto, tendo por objeto *que*: *que os misteres precisam* ou *de que os misteres precisam* é a mesma coisa. Ver os ns. 259 e 255. — 20. Ver a nota 11. — 21. *Presidir*. Expliquem a preposição *a*. — 22. *O que*, o mesmo que *quem* ou *aquele que*. — 23. Garrett sabia claramente que há uma aprendizagem de gramática que é funesta ao espírito: é esse ensino feito pelo método sintético, que ele vem combatendo, e que consiste em pretender dar os conhecimentos por meio de fórmulas e regras decoradas, longe dos textos e sem o manejo da língua. — 24. *invejar*, infinito passivo. — 25. Qual é o infinito desse verbo? — 26. De acordo com o n.º 371, nota 2, poderia ser: «... *lhes fez* *discorrer*?» — 27. *persuadido* *que* ou *de que*. — 28. Observem a forma passiva composta: *se não devem separar* = *não devem ser separados*. — 29. *Idem*. — 30. O possessivo com o artigo. — 31. Ver a nota 5. Qual o sujeito de *ensinasse*? — 32. Ver o com. ao n.º 435, nota 2. — 33. Infinito imperativo, como em latim. Quando aos verbos *ver, ouvir, fazer, mandar e deixar* se segue um infinito com sujeito plural, é indiferente que esse infinito venha na forma pessoal ou impessoal; mas na maioria dos casos vem na impessoal. Em nosso exemplo *modernos* é o sujeito de *falar*. — 34. Observem a omissão da conjunção *ou*. — 35. *a*, expletivo. Ver o n.º 122. — 36. Ver a nota 1.

Com. ao n.º 446, pág. 177

1. Com. ao n.º 445, nota 33. — 2. Comentem. — 3. Idem. — 4. *aspiram* a. *Aspirar* é também dos verbos que regem a preposição *a*. N.º 259. — 5. Próclise devida à conjunção *se*. Observar também a sintaxe — *se o convenciam*, evitando — *se se o convencia*. — 6. Ver o n.º 414. A ênclise é exceção mas não é rara. — 7. Ns. 121 e 122. — 8. *Zelo pelo serviço* ou *do serviço*. — 9. Com. ao n. 445, nota 33. — 10. Expliquem a próclise. — 11. Passiva. Com. ao n.º 443 nota 16, e 445 nota 5. — 12. Em que função lógica está a palavra *herdeiros*? — 13. Expliquem a dupla próclise. — 14. Era forçosa a crase? — 15. Observem a passiva pronominal. — 16. Expliquem a função lógica do adjetivo *discreta*. — 17. Expliquem a próclise. — 18. Com. ao n.º 435, nota 5. — 19. *a miúdo*. Outra forma é *a miude*. Ambas se encontram nos melhores clássicos, porem *a miúdo* é a forma popular, como em espanhol *ámenudo*. — 20. *Aos*, com a expletivo. N.º 122. — 21. *é que alcancei*. N.º 394. — 22. Que outra sínclise seria possível? Ns. 412 e 413. *Valer-lhe*, isto é — *não lhe posso impedir que escreva*, etc. — 23. *Resistir-lhe*, Ns. 258 e 259. — 24. Com. ao n.º 437, nota 17. — 25. = *ser esbofetado*. — 26. Com. ao n.º 436, nota 18. — 27. Conjuguem o verbo *rodear* no indic. pres., conjunt. pres. e imper. Com. ao n.º 436, nota 24. — 28. *namorava* = *encantava*. — 29. *a distancia*, sem crase, como é geralmente o emprego clássico desta locução adverbial. — 30. N.º 322, nota. — 31. Expliquem a próclise. — 32. Conjuguem conforme a nota 27, acima. — 33. De um modo geral podemos dizer que *onde* significa o lugar em que se acha alguma coisa; *aonde*, o lugar para o qual alguém ou alguma coisa se dirige. Não raramente, porem, *aonde* toma o lugar de *onde*, como aqui. — 34. Em geral, quando o sujeito de um infinito é o mesmo da cláusula a que esse infinito se subordina, ainda que tal sujeito seja plural o infinito se conserva na forma impessoal. Isto, porem, não é dogma. Casos há, como aqui, em que a idéia do plural, que já estava expressa no primeiro verbo, reaparece no infinito pessoal. — 35. N.º 337. — 36. Expliquem a ênclise. — 37. Conjuguem como em a nota 27. — 38. Nota 36. — 39. Idem. — 40. Idem. — 41. Ver o n.º 337. — 42. Dizer a função lógica do adjetivo *encostados*. — 43. Com. ao n.º 438, nota 29. — 44. N.º 394. — 45. Também se diz *anciões*; porem *anciãos* (esp. *ancianos*) é preferível. — 46. Com. ao n.º 436, nota 10. — 47. Comentem o *lhe*. — 48. Idem e expliquem a próclise. — 49. Idem. — 50. Com. ao n.º 437, nota 17. — 51. Conjuguem no indic. presente. — 52. Ver o n.º 259. — 53. *pegar da bengala*, o mesmo que *pegar a bengala*, como se diz no Brasil, onde o verbo rege objeto direto. — 54. Expliquem a próclise. — 55. Expliquem a ênclise. Era obrigatória aqui? Ns. 412 e 413. — 56. Expliquem a ênclise. — 57. Digam o infinito desse verbo. — 58. *perdoava*, está regendo objeto direto — *ofensas*. Isto sucede mais habitualmente quando o objeto não é pessoa. — 59. Expliquem a próclise com o gerundio. — 60. Expliquem a ênclise; mas tomem cuidado! — 61. *desapercebido*, isto é — *desprevenido*. Frequentemente se confunde este adjetivo com *despercebido*, dizendo-se: «O fato passou *desapercebido*», onde se deveria dizer *despercebido*

(sem ser notado). — Eis uma expressão em que os dois adjetivos vêm corretamente empregados: «O soldado tratou de passar *despercebido* perante o inimigo, por se achar *desapercebido* para uma luta», isto é — *desarmado*. — 62. *apreciar*, em vez de *apreciarem*, deve ter sido lapso de revisão. — 63. Ver os ns. 258 e 259. — 64. Conjuguem no indic. e conj. pres. — 65. Poder-se-ia substituir o pronome os por *lhes* de acordo com o n.º 371, notas? — Observem a ausencia do reflexivo depois do verbo *mover*. Temos notado que essa omissão não é rara quando o sujeito do infinito pronominal é um pronome no caso obliquo, como aí. Ver o n.º 371. — 66. Com. ao n.º 438, nota 29. — 67. Expliquem a ênclise. — 68. Dizer a função lógica de *sentado*. — 69. Idem. — 70. Observem o duplo plural do substantivo composto de dois elementos flexionaveis. — 71. Notas 68 e 69. — 72. Comentem o *lhe*. — 73. Expliquem a próclise. — 74. Qual a razão desse *a*? Poderíamos suprimi-lo? — 75. Comentem. — 76. Analisem perfeitos. — 77. Conjuguem no ind. e conj. pres. — 78. Expliquem a preposição *a*; que *a* trouxe aí? — 79. *envistando*, gerundio subtributo. — 80. Expliquem a próclise. — 81. Quando o infinito se acosta a um verbo auxiliar, em absoluta dependencia dele, como aquí, a forma pessoal (*merecerem*) é desagradavel e rara nos clássicos: *merecer* seria melhor.

Com. ao n.º 447, pág. 185

1. *desmaiar* = *fazer desmaiar*. Com. ao n.º 437, nota 33. — 2. *cujo* é = *do qual* é. Sintaxe antiquada. — 3. *redarguiu*. Este verbo conjuga-se: *redarguo, redargues, redargue; redarguimos, redarguis, redarguem*. Conjunt.: *redargua, redarguas*, etc. — 4. Dizer a função lógica do adjetivo *nostros*. — 5. *aonde*. Com ao n.º 446, nota 33. — 6. Poderia ser empregado o pronome *lhe* em vez de *o*? Ver o n.º 371, notas. — 7. Comentem a ênclise. — 8. *Véspera*. E' comum omitir-se a preposição *em* que rege um substantivo com idéia de tempo. — Ver a nota 6. — 10. *lhe queria*. O verbo *querer*, com o sentido de *amar alguém, ter-lhe amizade*, rege o pronome *lhe*; com o sentido de *desejar*, rege o pronome *o*. — 11. Responder conforme a pergunta da nota 6. — 12. *do irmão*, em pleonasmio com *lhe*, à semelhança do que foi dito nos ns. 121 e 122. — 13. Com. ao n.º 440, nota 1. A expressão *tinha de humano* podia vir sem a preposição *de*, construção comum em A. Herculano. — 14. Omissão de *quando*. Ver o n.º 388. — 15. O verbo *tocar* pode reger objeto direto (*o*) ou indireto (*lhe*). N.º 255. — 16. *há*, por *havia*, muito comum nos clássicos, em expressões como tais. — 17. Que quer isso dizer? — 18. *das*, partitivo português, correspondente ao francês *du: manger du pain*. Está arcaizado no Brasil, porem não em Portugal. — 19. *com ser* = *ainda que fosse*. — 20. E' muito frequente encontrarem-se verbos que indiferentemente são ou deixam de ser pronominais, como *ajoelhar, ajoelhar-se*. — 21. Dizer a função do adjetivo *trémulas*. — 22. Com. ao n.º 435, nota 2. — 23. A vírgula, aí, constitue uma necessidade de clareza. Vejam a confusão de sentido que haveria sem ela. — 24. Comentem o *lhe*. — 25. *rir* ou *rir-se*, a mesma cousa. O pronome *se* aí é expletivo, como em outros verbos. — 26. Comentem o *lhe*. — 27. Idem. — 28. Com. ao n.º 446,

nota 33. - 29. Expliquem a próclise. - 30. *que nem* = *como*. Muito usado pelo nosso povo e mui frequente nos clássicos. - 31. Expliquem a próclise. - 32. *cântaro*. Também existe a forma feminina *cântara*. «Margarida... vai encher a cantarinha». - 33. Comentem o *lhe*. - 34. Expliquem a preposição *a* em «ao seu servo». - 35. Comentem a próclise. - 36. Conjuguem esse verbo no pres. do ind., do conj. e imperativo. - 37. Nós hoje virgulamos raramente as cláusulas coordenadas presas pela conjunção *e*. Só o fazemos quando a primeira é muito longa ou quando queremos dar ênfase especial à segunda. Os antigos tinham outro critério. - 38. Comentem a próclise. - 39. Dizer a função do gerúndio *cvspindo*. - 40. Expliquem as vírgulas com a palavra *Senhor*. - 41. Expliquem a ênclice. - 42. Idem. - 43. Com. ao n.º 446, nota 33. - 44. Que outra sínclise podia dar-se? - 45. Dizer a função do gerúndio *desmaiando*. - 46. *Ela a chegar*. Sintaxe perfeitamente latina, que se denominava - *infinito histórico*. «Interim quotidie Caesar Aeduos frumentum, quod essent publice pollicite, flagitare». (César). - 47. O *que*? Com. ao n.º 444, nota 30. - 48. *e...* *que*, expletivo. - 49. Que outra sintaxe poder-se-ia empregar em vez desse infinito preposicionado? - 50. Qual a função desse gerúndio? - 51. Que outra colocação poderia ter o pronome *o*? - 52. Ver o n.º 414. - 53. Qual é o infinito de *volteiam*? - 54. Poderíamos empregar aí o pronome *lhe*? Ver o n.º 371, notas 1 e 2. - 55. Dizer o infinito. - 56. Nota 16. - 57. Empreguem outra sínclise. - 58. Nota 15. - 59. Nota 50. - 60. Nota 1. - 61. Dizer a diferença entre *fraga* e *fragua*. - 62. Comentem o gerúndio. - 63. Comentem o infinito preposicionado. - 64. Há, também, a forma *mocia*, clássica e usada pelo nosso povo. - 65. Eis aí um exemplo em que a supressão da preposição *a* depois de *até* acusaria ambiguidade de sentido. - 66. Dizer o infinito desse verbo. - 67. *corcel*, forma correta. - 68. *investiram* o castelo. O verbo *investir* admite varias construções: 1.º) *investir* uma coisa; 2.º) *investir* com uma coisa; 3.º) *investir contra* uma coisa. Finalmente vem a forma popular: *investir para* uma coisa. - 69. Nota 20. - 70. Dizer o modo, tempo e pessoa desse verbo. - 71. Com. ao n.º 444, nota 30. - 72. Pode empregar-se *lhe* por *o*? Vejam os ns. 412 e 413. - 73. Com. ao n.º 446, nota 29. - 74. Dizer o infinito do verbo. - 75. Expliquem a próclise. - 76. *ao desgraçado*, como em pleonasmo com *lhe* mas até certo ponto explicando-o. - 77. Qual é o sujeito de *saltar*? Comentem à luz do com. ao n.º 445, nota 33. - 78. Dizer a função lógica do gerúndio *enristando*. - 79. Idem. - 80. Poder-se-ia dizer: *viu-lhe arder*? - 81. Com. ao n.º 444, nota 30. - 82. Idem. - 83. Observem a expressão pouco usual no Brasil: *sobre a madrugada*. - 84. *perseguindo*, ger. adjetivo.

Com. ao n.º 448, pág. 201

1. Com. ao n.º 442, nota 11. - 2. E' indiferente dizer - *mais pequena* ou *menor*; mas não se diz *mais grande*, ao lado de *maior*. - 3. Ns. 254 e 259. - 4. A vírgula depois de *melhor* é contraria à praxe moderna, que em regra geral não separa por vírgula as cláusulas substantivas; foi determinada por necessidade de clareza apenas. Tentem omiti-la e verão. - 5. Os escritores antigos tinham mais liberdade do que nós hoje em mis-

turar o tempo passado com o presente nas descrições, como se vê aqui. O espírito moderno requer mais uniformidade: o passado com o passado e o presente com o presente. — 6. N.º 341, nota 2. — 7. A omissão da palavra *moda* é que deu origem a expressões como «*vestir-se à Luiz XV*», em que aparentemente temos a crase antes de uma palavra masculina. — 8. Qual é o sujeito de *escapar*? Comentem a concordância. — 9. *bizarria*, empregado na sua genuína significação portuguesa. Sinónimo de...? — 10. Com. ao n.º 440, nota 3. — 11. *adivinhar*, não *advinhar*, como frequentemente se lê. — 12. Qual é o sujeito de *é*? — 13. O verbo *assistir*, como já vimos, é dos que regem objeto direto ou indireto (n.º 255), governando, com o objeto indireto, a preposição *a*. Logo, em sendo objeto um pronome da 3.ª pessoa, devia aparecer na forma *lhe* (N.º 258). Mas só se usam as formas *a ele*, *a ela*, como aqui se vê. — 14. Qual é o sujeito de *corriam*? Qual a função do pronome *se*? — 15. Qual é o verbo desta sentença: «*tinham-se picado alguns bois*»? Qual é o sujeito? A função do pronome *se*? — 16. Com. ao n.º 447, nota 67. — 17. *brusco*, com o sentido de *súbito*, é francesia condenável. *Brusco*, em bom português, significa *turvo*: céu *brusco*. A *Seleção* de Caldas Aulete e a *Antologia* de Fausto Barreto e Carlos de Laet trazem *súbitos* em vez de *bruscos*. Duvidamos que a correção fosse devida ao proprio Rebelo da Silva, pois a edição que temos em mão no momento já é *póstuma*. — 18. *Próclise* determinada por *nenhum*. — 19. Em que voz está o verbo? — 20. Dizer a função lógica do infinito *provocar*. Há duas maneiras de considerar. — 21. Expliquem a ênclise. — 22. Dizer a função de *traspassado*: pode ser considerado de três modos. — 23. pode é melhor grafia do que *poude*. — Observem a ênclise com o infinito *levantar*. Poder-se-ia colocar o pronome *se* mesoclítico aos dois verbos? — 24. Expliquem a ênclise e o sentido de *lhe*. — 25. Expliquem a próclise. — 26. *fitavam a praça*. Também se escreve, e mais comumente, *fitar os olhos em alguma cousa*: *fitar os olhos na praça*. — 27. Expliquem a presença da preposição *a*. — 28. Comentem o *lhe*. — 29. Expliquem a próclise. — 30. Comentem o *lhe*. — 31. Expliquem a próclise. — 32. Que há de curioso nesse pronome? — 33. Expliquem a crase. — 34. Criado é forma que pressupõe o verbo regular *criar* ao lado do irregular *crear*. Com. ao n.º 438, nota 46. — 35. Poder-se-ia dizer: deixai-*lhe* ir? Com. ao n.º 437, nota 29. — 36. *ao velho fidalgo* está reforçando o pronome *o*. Expliquem a razão da preposição *a*. — 37. Chamamos a atenção dos alunos para a serie de *lhes* com o valor do possessivo *seu* no trecho que vai até *combate*. — 38. A tendencia moderna é não virgular as cláusulas comparativas intensivas, como essa. Antigamente, ao contrario, virgula-vam-se sempre. Rebelo da Silva é de um período intermediário. — 39. Expliquem a ênclise e digam qual é o sujeito da expressão verbal — *poderiam ouvir*. — 40. Comentem. — 41. Com. ao n.º 447, nota 67. — 42. Dizer as funções que o infinito *crescer* pode ter neste lugar (Ver a nota 20). Observem o sentido de *crescer* isto é — *avançar, chegar-se para perto de*, e, portanto, crescer aos olhos de quem fica fronteiro. — 43. Alterem a sínclise. — 44. Ao verbo *saber* pode seguir-se como objeto uma simples cláusula interrogativa indireta. — «*Não sei que diga*» — ou o pronome demonstrativo *o* seguido de uma cláusula adjetiva: «*Não sei o que diga*». Tudo depende da clareza do sentido. — 45. Expliquem a próclise.

Com. ao n.º 449, pág. 209

1. Poderíamos empregar *lhe* por *o*? Com. ao n.º 437, nota 29. - 2. - A forma portuguesa é *Berna*, não *Berne*. - 3. Inglaterra, sem artigo. - 4. Que está ligando a conjunção *e* antes de *que*? - 5. Observem a expressão adverbial à *porfia*. Que significa? - 6. Com. ao n.º 445, nota 16. - 7. Alterem a sínclise. - 8. Expliquem a próclise. - 9. Com. ao n.º 435, nota 2. - 10. Expliquem a ênclise. - 11. Como é o reverso de *bem estar*? - 12. Expliquem a vírgula. - 13. Qual é o sujeito de *usar*? Comentem a concordância. Expliquem a preposição *a*. - 14. Nos clássicos antigos é mais comum o plural *avós* em vez de *avôs*. - 15. Ver o n.º 377. - 16. Pode-se substituir o por *lhe*? Ver o n.º 371, notas. - 17. Esse *que*, se não é falta da edição que manuseamos, explica-se, como em outros casos, pela omissão da preposição *a*: *que* = *a que*. Esta sintaxe, porém, frequente em Camões, não é usual nos tempos modernos. - 18. Alterem a sínclise. - 19. Observem a serie de cláusulas substantivas separadas por ponto e vírgula. - 20. Porque foi possível aqui a substituição do pronome *o* - *que* era a sintaxe regular - por *lhe*? Ver a nota 16. - 21. Sucesso, com o sentido de *feliz êxito*, tem sido atacado como francesia. Mas aqui está um exemplo de Herculano e outros há nos mais abalisados clássicos. - 22. loterias vem determinado pelo artigo: *daí* a crase. - 23. bebidas vem sem o artigo: *daí* a ausencia da crase. - 24. O sujeito de *saem* é - *a maior parte*. E' frequente o coletivo levar ao verbo ao plural para concordar com a idéia de pluralidade que nele se contem. Outras vezes, porém, o verbo fica no singular. - 25. Esta sintaxe é estranha. - Era de esperar: «*o* obstem a precipitar-se», ou «*lhe* obstem precipitar-se». Com. ao n.º 438, nota 21. E' de crer que a preposição viesse como simples expletivo, à semelhança de outros casos. - 26. Expliquem a próclise. - 27. Que sentido tem aqui o verbo *prevenir*? - 28. Seria possível aqui substituir o por *lhe*? Ver a nota 16. - 29. O verbo *satisfazer* rege objeto direto ou indireto (N.º 255). O objeto indireto (*lhe*) é mais frequente quando se trata de pessoa; o direto é mais frequente quando se fala de cousas. - 30. Próclise devida a *tudo*. - 31. Alterem a sínclise. - 32. Omissão de *se*, já expresso. - 33. Também se pode dizer: *desprezo das classes, às classes ou para com as classes*. A construção de nosso texto - *respeito per ou por* - foi increpada por Leoni, mas abonada pelo Dr. Rui Barbosa com outros exemplos de Herculano. - 34. Criam, não *cream*. - 35. Alterem a sínclise. - 36. Observem a forma *creando* ao lado de *criam*. - 37. Expliquem a próclise. - 38. Com. ao n.º 435, nota 2. - 39. Dizer o infinito desse verbo. - 40. Que pronome é esse *o*? A que se refere? Expliquem-*lhe* a próclise. - 41. Com. ao n.º 445, nota 16. - 42. Cláusula subordinada substantiva fraseológica, sem embargo de ser também interrogativa indireta. Ver o n.º 400. - 43. Expliquem a próclise. - 44. Idem. - 45. devorar, infinito passivo. - 46. Aplicar aqui o comentário à nota 24, acima. - 47. A vírgula depois de *modo* explica-se pela supressão do adjetivo *tal*: de (*tal*) modo, *que*. Esta supressão é que gerou as nossas conjunções *de modo que*, *de maneira que*, nas quais a conjunção *que* era antigamente, como ainda no exemplo de Her-

culano, uma conjunção de subordinação comparativa. — A falta de vírgula aqui produziria ambiguidade. — 48. Chamamos a atenção especial dos alunos para essas considerações de Herculano, de elevadíssimo cunho moral, e concitamo-los a guerrearem sem treguas uma instituição imoral que envergonha a nossa terra. — 49. *lá*, expletivo, como em : «Eu sei *lá*». — 50. Expliquem a ênclise. — 51. *E'* que, expletivo. N.º 394. — 52. Expliquem a próclise. — Digam qual é o sujeito de *instituíram*. — 53. Expliquem a próclise. — 54. Expliquem a próclise e apontem o sujeito de *desperta*. — 55. Dizer o sujeito de *perderem-se*. — 56. Expliquem a ênclise. — 57. Idem. — 58. as suas em pleonasmo com *lhe*. — 59. Qual o sujeito de *engrossar*? Comentem a concordância. — 60. Com. ao n.º 437, nota 22. — 61. Com as palavras *tempo*, *ano*, *mês*, *dia*, *hora*, *instante*, *momento*, etc., servindo de *antecedentes* (n.º 296), é costume suprimir-se a preposição *em* que devia reger pronome relativo : *tempo que por tempo em que*. — 62. *E'* comum nos clássicos o emprego do gerundio de um modo absoluto, quando esperávamos a forma passiva impessoal, com o pronome *se*, como no caso presente. Entretanto, mesmo sem o pronome, conserva ele por vezes o sentido passivo. *E'* também frequente essa omissão do *se* com o infinito presente. — 63. Expliquem a ênclise. — 64. Rezam os gramáticos que se deve evitar o emprego de um substantivo no plural modificado por dois ou mais adjetivos no singular, como aqui : *indústrias fabril e agrícola*. Mas os exemplos como este pululam nos clássicos. — 65. Observem o conjuntivo *receemos*, não *receiemos*. — 66. Com. ao n.º 437, nota 15.

Com. ao n.º 450, pág. 220

1. *E'* este o genuíno emprego do verbo afetar português, isto é — como sinónimo de *fingir* ; com o sentido de *influenciar em alguma cousa*. — «Esta doença *afeta* os olhos» — é de colorido francês. — 2. *que*, igual a *porque*. Emprego mui comum. — 3. *Esquecem*. O verbo *esquecer*, como o seu antónimo *lembrar* (com. ao n.º 444, nota 9), admite varias construções. 1.ª) «Esqueci a hora» ; 2.ª) «Esqueci-me da hora» ; 3.ª) «Esqueceu-me a hora». Finalmente — «a cidade esqueceu», isto é — *ficou esquecida*, sin-taxe do nosso exemplo. — 4. *topar* uma *cousa*, *em* uma *cousa*, *com* uma *cousa* ; três maneiras de empregar esse verbo. — 5. Expliquem a próclise. — 6. Idem. Observem a atração apesar do ponto e vírgula. — 7. Expliquem a próclise. — 8. Idem. — 9. Idem. — 10. Com. ao n.º 438, nota 46. — 11. Com. ao n.º 444, nota 29. — 12. Com. ao n.º 438, nota 46. — 13. Qual é o sujeito de *espremeu*? — 14. Digam o infinito desse verbo. — 15. Com. ao n.º 447, nota 67. — 16. Ver o n.º 121, final do parágrafo. — 17. N.º 167. — 18. O verbo *encontrar* admite varias construções : *encontrar alguém*, *encontrar com alguém*, *encontrar-se com alguém*. Todas elas são perfeitamente clássicas. — 19. Observem a voz passiva. Digam qual é o sujeito e o agente. — 20. Alterem a sínclise. — 21. Infinito passivo. — 22. O verbo *extinguir*, conjuga-se : *extingo*, *extingues* (rimando com *moringues*), *ex-tingue* ; *extinguimos*, *extinguís*, *extinguem*. No pres. do conj. : *extinga-extingas*, *extinga* ; *extingamos*, *extingais*, *extingam*. Assim se conjuga tam-

bem o verbo *distinguir* (com o u mudo). – 23. A forma *aldeanas* pressupõe um masculino *aldeano*, à semelhança do espanhol. A forma usual, porem, é *aldeão*, feminino *aldeã*; plural *aldeões*, ou, melhor, *aldeãos*, como em espanhol – *aldeanos*. – 24. Ou : *toda parte*. Com. ao n.º 435, nota 2. – 25. Com. ao n.º 449, nota 64. – 26. Digam o infinito. – 27. Cria, não *crea*. – 28 e 29. Aqui temos cabalmente comprovadas as observações que fizemos no com. ao n.º 447, nota 10. – 30. a *que*; o pronome relativo vem aí acompanhado do seu antecedente. A tendencia moderna é suprimir o antecedente. Ver o com. ao n.º 440, nota 8. – 31. Com. ao n.º 440, nota 3. – 32. Dizer qual é o sujeito de *protegesse e honrasse*, e qual o papel do pronome *se*. – 33. Dizer o infinito de *pastoreiam*. – 34. *mais de um... dá*. A expressão *mais de um*, em função de sujeito, pode ter o verbo no singular, como aí, ou no plural. – 35. Com. ao n.º 443, nota 16. – 36. Ver a nota 23. – 37. Qual é o sujeito de *escreviam*?

Com. ao n.º 451

1. O verbo *consistir* rege a preposição *em*. – 2. *não vieram senão tributos*. Mais regular do que : «por eles não *veio* senão tributos». – 3. O verbo *crer* conjuga-se, no pres. do ind. : *creio, crês, creê*; *cremos, credes, creêm*. Desmanchou-se o hiato da primeira pessoa do singular (que seria *creo*, se o verbo não sofresse alteração alguma) intercalando-se um *i*. Essa irregularidade, que apareceu por uma necessidade fisiológica, por assim dizer, isto é – pela tendencia natural para evitar o esforço que os hiatos exigem, estendeu-se depois, *segundo uns*, a todas as pessoas do presente do conjuntivo, mesmo quando a razão fisiológica não existia mais. Ex. : *creia, creiais, creia* (formas em que o *i* se explica pela razão acima exposta); *creiamos, creiais* (formas em que o *i* é puramente analógico, permanecendo por mera influencia da 1.ª pessoa – porquanto é regra quase absoluta que a irregularidade manifestada na 1.ª pessoa do indic. pres. aparece em todas as pessoas do conjuntivo); *creiam* (forma em que de novo o *i* tem razão de ser). Gonçalves Viana, porem manda conjugar o presente do conjuntivo do seguinte modo : *creia creias, creia, creamos, creais, creiam*. Assim o *i* só aparece para desmanchar hiatos. Esta posição parece-nos melhor. – As mesmíssimas observações se aplicam ao verbo *ler*. – 4. *Carecia = precisava*. *Carecia de ser ou carecia ser*. Com. ao n.º 441, nota 5. 5. *ao ... corpo*, a pletivo, empregado quando o objeto é pessoa (n.º 122), e tambem quando, sendo embora animal ou cousa, pode trazer confusão de sentido (N.º 122, nota 2). – 6. O verbo *obviar* requer a preposição *a*. – 7. *Precisar de responder*, ou *precisar responder*. – 8. *á lavoura*, elegante construção igual a – *da lavoura*, com idéia de procedencia ou separação. E' sintaxe de cunho latino, onde o dativo se emprega por vezes em tais construções em lugar do ablativo : «*Vitam adolescentibus vis aufert*». – «A violencia tira a vida aos *adolescentes*». (Cat., *apud* Allen). – 9. *ofensivo da* ou *á*. – 10. Quando o gerundio vem regido de *em*, a próclise é a sínclise comum. – 11. *anti-naturais*. – Chamamos a atenção dos alunos para a confusão não rara

que se faz entre os prefixos *anti* e *ante*; *anti* significa *oposição*, é igual a *contra*: *anti-clerical*; *ante* traz a idéia de *tempo anterior*: *ante-diluviano*, *ante-datar*. — 12. Observem a forma «*lhe* fez contrair» em vez de «*o* fez», o que seria mais natural. Dêem o motivo por que a troca de pronomes se pode efetuar. Ver o n.º 371, nota 2. — 13. *carneírias*, tem por sinónimo *carneagem*, com o sentido de matança de animais. Mas a palavra *carneagem* passou também a significar *morticínio de gente*, e com esse sentido é empregada por bons escritores. Querem alguns que tal revolução se desse por influencia do francês *carnage*, que quer dizer *morticínio*, *carneícinia*. — 14. *Breve* = *abreviadamente*, tem sido considerado como francesia: *bref*. De fato, essa construção não pegou, e é para evitar. Entretanto, não foi só Garrett que a usou, como dá a entender Rui Barbosa na *Réplica*. — 15. *Insistir para não* é sintaxe comum como seria *insistir com*. — 16. *Se lhe*. Nas edições comuns aparece *se lhe*, numa tríplice combinação pronominal, verdadeiramente monstruosa. Na primeira edição desta obra e nas demais anteriores à atual, demos o grito de alarma e dissemos que provavelmente Castilho havia escrito *se lhe*, não *se lhe*. Havendo depois manuseado a edição *princeps*, vimos confirmada a nossa suposição. — 17. *triste velho de Portugal*. *De Portugal* é apostro de *velho*, apostro regido de preposição. Ver o n.º 78, nota. — 18. *Licenciar*, verbo irregular. *Conjuga-se como ansiar*: ind. pres.: *licenceio, licenceias, licenceia*; *licencia-mos, licenciais, licenceiam*. Pres. do conj.: *licenceie, licenceies, licenceie*; *licenciemos* (não *licenceemos*, como se o infinito fosse em *ear*), *licencieis, licenceiem*. — Imp. da 2.ª pessoa: *licencia tu, licenciai vós*. As demais pessoas como no conjuntivo (1). — 19. *fazê-lo subdividir*. Queremos observar que não podemos aqui considerar os dois verbos como formando uma única expressão com o pronome o por objeto. Somos forçados a considerar o infinito *subdividir* como passivo e aplicar ao caso o que ficou dito em os ns. 368, 369, 370 e 371, especialmente este último número. — 20. *E'* frequente nos clássicos o uso de *se* com o valor de um adverbio interrogativo, equivalente a *porventura*. Ver «*O meu idioma*», comentario ao n.º 488, nota 5. — 21. Os participios passados *regulares* em geral se empregam com

(1) *E'* frequente a grafia *licenciar* por *licenciar*, e semelhantemente — *providenciar, sentenciar*, etc. Este ponto não tem sido ventilado com segurança, pois mesmo Gonçalves Viana não o esclareceu como era de esperar.

Nos verbos em *ear* esta terminação pode ter duas procedencias: 1.ª) Provem de um tema ao qual se juntou o sufixo verbal *ear*, como em *cabecear*, que vem de *cabeça* + *ear*, com queda do *a* temático. 2.ª) Provem de temas terminados por *e* a que se juntou ou o sufixo verbal *ear*, ou o sufixo verbal *ar*, como em *golpear, serpear* (de golpe e serpe), casos em que não se poderia dizer qual dos sufixos se ajuntou, porquanto qualquer deles daria formas infinitivas em *ear*.

Com os verbos em *iar*, porem, o caso é outro, porque não há um sufixo *iar* no português. — Ora, assim sendo, a lógica popular foi levada a ver um verbo *licenciar*, formado regularmente de *licença* + *ear*; ao passo que não podia ver um verbo *licenciar*, que só poderia vir de *licenc* + *iar*, com um sufixo *iar*... que não existe. Para advogarmos, pois, a grafia *iar* — que é indubitavelmente a correta — ou teremos de admitir que esse verbo, bem como todos os demais em discussão, já nos veio de uma forma latina (*licentiare*) — o que não pode ser a explicação para varios desses verbos criados dentro da lingua — ou que os infinitos em *iar* se formaram com o sufixo *ar* aliado a formas temáticas *intermediarias* em que entrava um *i*. Esta última solução é que se nos afigura verdadeira. Consultando o falar do nosso caipira, vemos que ainda se guardam tais formas intermediarias: *licencia, comalescencia*, etc., formas que também se encontram nos melhores clássicos antigos, do que não é preciso dar exemplos.

os verbos *ter* e *haver*; os irregulares com os verbos *ser* e *estar*: «Ele tinha *corrompido* o amigo», «O amigo era *corrupto*». Não diríamos hoje: «Ele tinha *corrupto* o amigo». — Por outro lado, há participios *regulares* que estão tendendo a desaparecer e repugnam a ser empregados mesmo com os verbos *ter* e *haver*. Preferimos hoje escrever ou dizer: «Tenho *ganho* muito dinheiro», «Fomos *ganhos* pela sua bondade». — 22. França, *anartro* (1) contrario ao uso moderno. — 23. de pé e de cavalo. Esta é a locução clássica mais usual. Ao lado dela aparece também a outra: *a pé, a cavalo*. Em Minas Gerais se usa a primeira: *de pé*; em São Paulo, no meio das classes mais ou menos letradas, emprega-se a segunda: *a pé*. Entre os caipiras, porem, aparece uma outra: *de a pé*, locução esta de que só conhecemos um exemplo em bom escritor: é de Garrett, citado pelo sr. Mario Barreto. E' locução aparentemente de cunho espanhol, e assim se explica talvez o seu uso restrito ao *caboclo* paulista, atendendo-se às antigas feiras de Sorocaba, ao contacto directo com o Uruguai. — 24. *Germania*, substantivo *ártrico* (2) consoante o uso moderno.

Com. ao n.º 452, pág. 225

1. da, partitivo. Com. ao n.º 447, nota 18. — 2. *apoteóse*, melhor do que *apoteose*. — 3. *ela se erige*, voz passiva: não — *se a erige*. Ver o com. ao n.º 442, nota 16. — 4. Com. ao n.º 446, nota 6. — 5. Alterem a sínclise. — 6. Qual é o sujeito de *neguem*? — 7. Expliquem a preposição *de*. — 8. Diz-se geralmente *no todo*. — 9. Expliquem a preposição *a*. — 10. Também se diz: *folgo em, folgo com, folgo por*. — 11. *comparação de ou com*. — 12. *e que as transformações*. O que está ligando a conjunção *e*? — 13. Melhor *necrópoles*. — 14. *mesmo* = *ainda*, considerado francesia, mas sem razão. — 15. Qual é o sujeito de *comparam*? — 16. É frequente em uma locução verbal composta de dois ou mais verbos, ver o pronome reflexivo encabeçando essa locução, quando, na realidade, ele só pertence ao último verbo, como aqui. — 17. *que* expletivo. — 18. *egoística* e *egoista*: reserva-se mais a forma *egoista* para as pessoas. — 19. *a* expletivo, com o fim de dar à expressão «*cousa sua*» a feição inconfundível de objeto. N.º 122, e notas especialmente a 2.ª. — 20. Pronome dativo. Com. ao n.º 443, Nota 7. — 21. *vos* = *para vós*. — 22. Que é da tal forma *crea*? — 23. Dizer o infinito de *rodeiam*. Comentar. — 24. Observem como o adverbio *allí* produziu a atração pronominal não só com o verbo *entrelaça*, mas com todos os outros que se seguem, junto aos quais ele se subentende. Dizer o sujeito de *entrelaça, deslembra, distraem, assoalham, pleiteiam*. — 25. Qual o sujeito de *bebe*? — 26. Ver os ns. 161 e 162. — 27. *amanhã* ou *amanhã*. — 28. *Sequer* não *siquier*. — 29. Observem a vírgula depois de *tempo*: é exigência da clareza. Suprimida ela, a palavra *futuro* assumiria a feição de adjetivo

(1) Ahamos de conveniencia introduzir este neologismo tão cômodo nos comentarios e tão usual em inglês. *Anartros*, no grego, quer dizer em termos grammaticais — sem o artigo.

(2) *A'ártrico*, isto é — com o artigo.

que modificasse *tempo*. — 30. *às gerações*. Que estará modificando essa frase? Talvez uma vírgula tirasse a dúvida. — 31. E' possível alterar a sínclise? — 32. Idem. — 33. Com. ao n.º 446, nota 19. — 34. Subentende-se aí o verbo *ser*. — 35. Não — *passeiando*. — 36. Este adjetivo está tomando uma feição pejorativa que não é da sua essência, como aqui se vê. — 37. Poderíamos dizer: *entrar por* ou *como vereador*, ficando o verbo *entrar* no carater de verbo atributivo e *vereador* como atributo regido de *como* ou *por*, à semelhança do que sucede com o subatributo (N.º 239, nota). — 38. Castilho evita a construção *não se me escutou* pela mesma razão por que evita *não se o escutou*. — 39. O verbo *eleger* tem objeto? — 40. *assear* — melhor do que *acear*. — 41. Qual é o sujeito de *esculpí*? — 42. Esse que pode ser igual a *porque* (com. ao n.º 450, nota 2), ou a *o que*, como teremos oportunidade de ver em casos que não permitem a mínima dúvida. — 43. Qual o sujeito de *pedí*? — 44. Observem a crase. — 45. Observem a ausência de crase. Qual foi o elemento omitido? — 46. Expliquem a vírgula depois de *anuência*. — 47. Infinito passivo. — 48. Qual o sujeito de *aumentar*? Que há aí de curioso? — 49. Com. ao n.º 342, nota 11. — 50. A palavra *personagem* pode ser masculina (o *personagem*) ou feminina (a *personagem*), sendo, porém, na maioria dos casos *feminina*. — 51. Pronome dativo. Ver a nota 20. — 52. Nota 35. — 53. Nós hoje não colocaríamos mais essa vírgula depois de *aves*, em virtude da conjunção *e* que se segue. — 54. *que* expletivo. — 55. Nota 18. — 56. Expliquem a próclise. Conjuguem no pres. do ind., do conj. e no imp. o verbo *conferir*. — 57. Com. ao n.º 444, nota 6. — 58. Omissão da conj. *que*. — 59. Pronome dativo na forma, porém mais *ablativo* na significação: *lhe admiram* equivale a *admiram nele*. Ver o com. ao n.º 451, nota 26. — 60. a *ambos*, em pleonasmos com os. — 61. Ns. 118 e 119.

Com. ao n.º 453, pág. 231

1. Infinito passivo. — 2. Não confundir *anti* com *ante*. — 3. Classifiquem a cláusula *e vale pouco*. — 4. Qual é o sujeito de *fala*? — 5. Encerrando o *conteúdo* está o...? — 6. Qual o sujeito de *pode ler*? Expliquem a próclise. — 7. O mesmo que *chama atenção*. — 8. Comentem esse *é que*. — 9. Polir, com o sentido de *civilizar*, é verbo defectivo: não se usa todas as vezes que ao tema deviam seguir-se as vogais *o*, *e*, *a*. Mas ao lado dessa forma existe a forma *pulir*, *lustrar*, que se conjuga no ind. pres.: *pulo*, *pules*, *pule*, *pulimos*, *pulís*, *pulem*; no subj. pres.: *pula*, *pulas*, *pula*, *pulamos*, *pulais*, *pulam*. — 10. Vírgula de respiração. — 11. Qual o sujeito de *pode aprender*? — 12. Comentem esse *que*. — 13. Ainda uma vez *cria*. — 14. *Exação* = *exatidão*. *Exação* é, porém, mais antigo e mais genuinamente português do que *exatidão*, que aliás se encontra em clássicos de nomeada. — 15. *para* ou *a*. — 16. Aquí era de esperar — *de todo gênero*, isto é, *de qualquer gênero*. Como vimos, neste caso emprega-se modernamente o substantivo *dnartro*. Mas não se esqueçam de que observamos todo o convencional desta construção moderna, frequentemente contrariada, como aquí, pelos melhores clássicos. — 17. Comentem a vírgula. — 18. Alterem a sínclise. — 19. Com. ao n.º 451, nota 7. — 20. Observem a

concordancia – *os que somos*. O pronome *que* é da 3.ª pessoa, porque se refere ao artigo os substantivado (isto é, *os homens*). Ver o n.º 128. O verbo, porem, voltou a concordar com a primeira pessoa. Em latim acontecia a mesma cousa : «*Me, me adsum qui feci*» (Virg.). – 21. Com. ao n.º 449, nota 62. – 22. Observem a ordem inversa de toda esta sentença. Ponham-na em ordem direta. – 23. Nota 21. – 24. *a suprimam, não se a suprima*. – 25. Idêntica observação. – 26. Comentem a ênclise, alterem a sínclise. – 27. Com. ao n.º 452, nota 16. – 28. Observem a diferença de sentidos : *saborear uma cousa*, isto é, *dar-lhe sabor* : «O sal *saboreia* os alimentos» ; *apreciá-la, gostar dela* : «Ele *saboreia* os pratos» ; finalmente, *saborear-se com, em ou por alguma cousa*, isto é, *tomar gosto a ela*. – 29. Qual o sujeito de *olhar*? Expliquem a ênclise. – 30. N.º 402. – 31. Dizer o sujeito de *finje fazer*. – 32. substituído aos métodos velhos outro, é o mesmo que substituídos os métodos velhos por outro. A construção de Castilho neste passo condiz com a construção francesa, que, sendo ignorada por quem a traduz, constitue um real tropeço. A nossa expressão : «Quero substituir o método A pelo método B» diz-se em francês : «Je veux substituer la méthode B à la méthode A». Observem a transposição dos termos. – 33. Ou : *em lugar de*. – 34. Observem o prefixo *re* unido a substantivo para intensificá-lo. – 35. O verbo *por*, no pret. pref. do indicativo, é conjugado por uns : *pus, puseste, pôs* ; *pusemos, pusestes, puseram* ; por outros : *pus, poseste, pôs* ; *posemos, posestes, poseram*. No imperf. do conj. : *pusesse ou posesse, pusessem ou posessem*, etc., ou ainda : *pusera ou posera* ; *puseras ou poseras*, etc. No fut. do conj. : *puser ou poser, puseres ou poseses*, etc. Semelhante hesitação se observa com o verbo *poder*. Mas as formas com *u* (*puser*) em vez de *o* (*poser*) são preferíveis num como noutro verbo. – 36. Chamamos a atenção dos alunos para as mais que sabias observações de Castilho neste ponto. – 37. Qual é o sujeito de *compreendeu*? E o de *decorou*? Cuidado aqui com a resposta. – 38. Infinito com valor de imperativo. – 39. Idem. – 40. Idem. – 41. Em que função estão *serdadeiro* e *prestadio*?

Com. ao n.º 454, pág. 234

1. Expliquem a preposição *a*. – 2. Comentem. – 3. Expliquem a preposição *de*. – 4. Por que não empregou Bernardes a forma «*lhe chamou?*» – 5. Que é esse *o*? A que se refere? – 6. Comentem esse *que*. – 7. Com os elementos parentéticos como no presente caso, em que entra o verbo *dizer* (N.º 415) e outros semelhantes, a ordem na topologia pronominal é geralmente esta : o pronome obliquo antepõe-se ao verbo, e o pronome reto se lhe pospõe. Ex. : «Eu não quero – me disse ele – que tal aconteça». – 8. *Senão = mas*. – 9. Qual o sujeito de *deu*? – 10. Em que função se acha *decidida*?

Com. ao n.º 455, pág. 234

1. denunciar de = *dar denuncia de*. — O *lhe* neste caso está proclítico, assim como podia estar enclítico: Observem a ausencia da conjunção *que*. — 3. A preposição *per* no português moderno, foi suplantada pela preposição *por*, de maneira que só consegue viver acostada aos artigos, nas formas *pelo*, *pela*, etc. Na sua forma *per*, só aparece na expressão de *per si*. Neste mesmo exemplo de Bernardes ela seria hoje substituída pela preposição *por*. — 4. Comentem esses gerundios. — 5. Qual o sujeito de *perdoe*? — 6. Aulete diz que o verbo *apiedar* deve conjugar-se assim: *eu me apiado, tu te apiadas, ele se apiada; nós nos apiedamos vós vos apiedais, eles se apiedam*. A forma usada aqui por Bernardes parece comprovar essa doutrina. Rui Barbosa, nas *Cartas de Inglaterra*, usou *apieda-se* ou *cousa que o valha*. Essa vacilação provem de que no português arcaico existia, ao lado do substantivo *piiedade*, a forma *piadade*; *piadoso* ao lado de *piedoso*; e, portanto, *apiadar-se* ao lado de *apiedar-se*. Por uma razão eufônica, que talvez não nos seja possível descobrir agora, parece que todas as formas de *apiedar* em que o *e* era tônico repugnavam aos antigos, de modo que eles iam tomar emprestadas as formas irmãs ao verbo *apiadar*, resultando daí a promiscuidade de formas. — 7. *a faz passar*. Poderia ser *lhe faz*?

Com. ao n.º 456, pág. 236

1. *que* = *do que*, forma primitiva. — 2. *discrição* é a forma encontrada nos clássicos, em lugar de *discreção*, que os léxicos preconizam e que Gonçalves Viana chama *disparatada* (Apost., I, 367). — Não confundir *discrição* com *descrição*, diversos na grafia e no sentido. — 3. N.º 118. — 4. Com. ao n.º 445, nota 1. — 5. Qual a diferença entre *fraga* e *fragua*? — 6. *é força* = *é forçoso*, *é necessario*. Observem a omissão de *que*. — 7. Expliquem a forma *lhe*. — 8. Alterem a sínclise. — 9. Expliquem a próclise. — 10. *infeta com*, em vez de *afetada com*. Com. ao n.º 450, nota 1. — 11. Expliquem a preposição *de*. — 12. Que é esse *o*? A que se refere? — 13. Nós hoje escreveríamos: «Um seu amigo *lhe* perguntou quantos anos havia, etc.». — 14. *agradar* rege dativo (*lhe*) ou acusativo (*o*). Ns. 255 e 259. — Esse *a Deus* é objeto indireto. Não se trata aí apenas de um *a* expletivo acompanhando o objeto direto (N.º 122). — 15. Expliquem a ênclise. — 16. Dizer o infinito de *receava* e conjugar o verbo no pres. do indic. — 17. Ver a nota 14. — 18. No português moderno o sujeito de um gerundio vem-lhe sempre posposto. Ex.: «Dizendo *ele isto*, houve um silencio em toda a sala». Dá-se o mesmo com o particípio passado. No português antigo, como neste exemplo se vê, era indiferente a colocação. — 19. Poder-se-ia mudar o acusativo o no dativo *lhe*? Porque não o fez Bernardes? Consultar o com. ao n.º 437, nota 29. — 20. Expliquem a ênclise. — 21. Idem. — 22. Qual o sujeito de *ponham*? — 23. Qual o *de* devem *por*? — 24. Qual o *de* guarda? — 25. Em que função está *auriflamem*?

- 26. *fé com ele* ou *fé nele*. - 27. Qual o sujeito de *entrega*? Há *objeto*!
 - 28. Com. ao n.º 452, nota 50. - 29. *ceremonias* ou antes *cerimonia*.
 - 30. por com o sentido de *para*. - 31. As *partículas atraentes* perdem a sua força quando o verbo está no infinito, como se vê aqui, onde em *de esperar-se* a próclise, de acordo com o n.º 409, b. - 32. Nota 30. - A Nota 31. - 34. Nota 30. - 35. Nota 31. - 36. Nota 30.

Com. ao n.º 457, pág. 239

1. Expliquem a preposição *a*. - 2. E' impossível dizer *se esse gerúndio* equivale a *quando dormia* ou *que dormia*. - 3. Essa forma *imos* por *seus*, que se encontra em nosso povo, foi muito clássica. - 4. *lhe tocava* = *lhe dizia respeito*. Com. ao n.º 447, nota 15. - 5. Com. ao n.º 445, nota 31. - 6. Omissão de *que*. - 7. Observem a ênclise. - 8. Expliquem a próclise. - 9. Nota 4.

Com. ao n.º 458, pág. 240

1. *Delinquir* conjuga-se *delinquo, delinques, delinque; delinquimus, delinquís, delinquem*. Semelhantemente o verbo *apropinquare* conjuga-se: *apropinquo, apropinquas, apropinqua, etc.* - 2. Com. ao n.º 447, nota 1. - 3. Expliquem a preposição *a*. - 4. Nota 2. - 5. *por* = *para*.

Com. ao n.º 459, pág. 240

1. Porque não - *lhe chamava*? - 2. Poderia ser *lhe deixou*? - 3. por que *ao* e não *o*? - 4. Qual o objeto de *ensinasse*? - 5. Qual o objeto de *fazer*? - 6. Qual o sujeito de *conta*? - 7. Hoje geralmente dizemos *se bem que*. - 8. *Assistir* rege dativo (*lhe*) ou acusativo (*o*). - 9. *o avisou de que*. Substituam o acusativo *o* pelo dativo *lhe*. Que sucederá? - 10. Com. ao n.º 445, nota 33. - 11. Nota 8. - 12. Infinito passivo. - 13. *ao*. Expliquem a preposição *a*. - 14. Classifiquem a cláusula *de tal modo se dão*, etc.

Com. ao n.º 460, pág. 241

1. Obedecer N.º 255. - 2. Expliquem a ênclise. - 3. *velo de*. Com. ao n.º 446, nota 8. - 4. *do que* = *que*. Em Vieira pode-se observar claramente que o elemento *do* é um expletivo que surgiu para tirar dúvidas quanto ao sentido, como poderia dar-se neste caso. A não ser assim ele emprega sempre a forma simples *que*. - 5. Expliquem a preposição *a*. - 6. Nota 4, final. - 7. Portugal, Marrocos e Castela são nomes de países que se usam sempre *ânartros*, ao contrario do que se dá com os outros. Observem a vírgula. Nós hoje pontuaríamos assim: «Nenhuma cidad

tem Portugal que, se estiver fortificada e prevenida, não custe, etc.» — 8. Expliquem a ênclise. — 9. dentro em = dentro de. — 10. Mudem a preposição de. — 11. os buscam, não — se os busca. — 12. Ver a nota 7, acima. Já vimos, quanto à vírgula, que a tendencia moderna é não virgular as cláusulas comparativas. — 13. Expliquem a preposição a. — 14. senão = mas. — 15. senhorear uma cousa ou senhorear-se de uma cousa. — 16. aspirara, verbo objetivo indirecto. N.º 259. — 17. Em que modo e tempo está começaram? — 18. Idem quanto a estiveram. — 19. Expliquem a ênclise. — 20. que = do que. Nota 4, final. — 21. O mesmo que é forçoso. — 22. Alterem a sínclise. — 23. Notas 7 e 9. — 24. Nota 12. — 25. Com. ao n.º 436, nota 10, e com. ao n.º 437, nota 15. — 26. Nota 9. — 27. que = o que. — 28. Expliquem o nos. — 29. Com. ao n.º 449, nota 62. — 30. Dois elementos em separado: por, prep.; que, pron. relativo: não há aí a conjunção porque. — 31. Com. ao n.º 440, nota 14. — 32. Hoje diríamos: o seu poder, porque todo aí quer dizer inteiro. — 33. Os em pleonasmos com reinos (N.º 121, final). Quando o objeto antecede ao verbo e ao sujeito, como aqui, é frequente esse pleonismo necessario para clareza do sentido. — 34. Nota 14.

Com. ao n.º 461, pág. 243

1. com ser = embora fosse. — 2. do que = que. — 3. Analisem a cláusula: a tivemos por feliz. — 4. naufragantes, por naufragos, forma pouco usual. — 5. Observem a dupla syntaxe: «O navio sossobrou» e «O mar sossobrou o navio». — 6. Expliquem a ênclise. — 7. Idem. — 8. Idem. — 9. Que está fazendo esse pronome se? — 10. E' frequente o uso de nem com valor de ou. — 11. Vírgula apenas de respiração. — 12. vizinhos a ou de. — 13. Hoje dizemos por causa. — 14. Observem como o que está separado do seu cabeçalho — de maneira, na linha anterior: de (tal) maneira que. — 15. que ou com que. Com. ao n.º 440, nota 3. — 16. Comentem. — 17. Com. ao n.º 449, nota 24. — 18. que = do que. — 19. posto que modernamente leva o verbo ao conjuntivo. — 20. Comentem a ênclise. — 21. Comentem. — 22. Nos clássicos se encontram as formas artilharia, artelheria (Castanheda), artelheria e artilheria, predominando a primeira e a última forma. — 23. Comentem. — 24. Nota 18. — 25. Com. ao n.º 459, nota 7. — 26. Classifiquem esse a. — 27. e mais, conjunção que significava no português antigo, não obstante, a pesar de, etc. Em Vieira é frequente com o sentido de principalmente. — 28. posto que. Ver a nota 19. — 29. Mudem esse lhe por o. Que resulta? — 30. encontra: contraria. — 31. Com. ao n.º 436, nota 10. — 32. que = do que. — 33. Qual o sujeito de pediu? — 34. resolutivo, é a forma constante nos clássicos primitivos, e ainda em Vieira. Nós hoje diríamos resolvido; resolutivo, modernamente, é puro adjetivo: homem resolutivo. — 35. entretanto, como se vê aqui, significava primitivamente — nesse interim, durante esse tempo. — 36. Observem o futuro do conjuntivo — vir. Um dos erros mais grosseiros e mais espalhados é um futuro ver: «Se você ver Fulano...» — 37. Classifiquem a cláusula «com ela se partira», etc. — 38. Expliquem a preposição a. — 39. o que = quem. — 40. Com. ao n.º 436, nota 10. — 41. indecencia tem hoje um colorido mais vivo. —

42. Que é *êsse* o? A que se refere? – 43. *Valer*, com o sentido de *ser útil a, acudir a*, etc., é transitivo indireto (ver o n.º 258); raramente é transitivo direto, como na expressão de Garrett: «Valha-o a breca!» – 44. Que faz aqui a conjunção *e*? – 45. Expliquem a preposição *a*. – 46. Conjuguem o verbo *remediar* no indicativo presente e pret. perfeito; no conjuntivo presente e no imperativo. – 47. Expliquem a próclise. Seria possível substituir o *lhe* por *o*? – 48. E' obrigatória a próclise? – 49. Com. ao n.º 437, nota 27. – 50. *dia* = *no dia*. Com. ao n.º 447, nota 8. – 51. Alterem a sínclise em *o quiserem ouvir*. – Conjuguem no pres. do conj. o verbo *crer*.

Com. ao n.º 462, pág. 248

1. *se bem* = *se bem que*. – 2. *esperar por alguém* = *esperar alguém*. – 3. *ainda que* atualmente pede o modo conjuntivo. 4. Expliquem a próclise. 5. *fortuna* = *felicidade*. Com o sentido de *acúmulo de bens* é *francesia*. – 6. Mudem a preposição *de*. – 7. Que há de notável aqui? – Troquem o pronome *o* pelo pronome *lhe* antes de *avise*. Que sucederá? – 8. Classifiquem a cláusula *quando é a minha partida*. – 9. Classifiquem a cláusula – *como se tratou*. – 10. Qual é o sujeito de *tratou*? Esse verbo tem objeto? – 11. Expliquem a próclise. – 12. Qual é o sujeito de *acrescenta*? – 13. Comentem a próclise. – 14. *vitoria dos navios* significa *vitoria sobre os navios*: não quer dizer que os navios de Sigismundo saíram vitoriosos, mas, ao contrario, batidos. – 15. Qual o sujeito de *há*? O objeto? Qual o objeto de *dizer*? – 16. Qual o sujeito de *devem de ser*? Qual o atributo ligado a *ser*? – 17. *sucesso*, aqui, está com o seu genuíno sentido de *desfecho, resultado*. Ver o com. ao n.º 449, nota 21. – 18. *Persuadir* admite mais de uma construção. Ex.: «Eu o persuado de que isto aconteceu»; «Eu *lhe* persuado que isto aconteceu»; «Eu *lhe* persuado uma coisa». – 19. *a la moda*. Nestas expressões: *a la moda*, *a la fé*, etc., vê-se claramente que a forma primitiva no nosso artigo era *lo*, *la*. – 20. N.º 121. – 21. *infinito* = *infinitamente*. – 22. Expliquem a próclise. – 23. Qual o sujeito de *faça*? O verbo tem objeto? – 24. Expliquem a próclise. – 25. Com. ao n.º 439, nota 19. – 26. *sobre* = *a respeito de*. – 27. Idem. – 28. Qual o infinito? – 29. Expliquem a próclise. – 30. Em que função se acha *encontrados*? – 31. Comentem.

Com. ao n.º 463, pág. 249

1. Expliquem a ênclise. – 2. Qual o sujeito de *aceite*? – 3. O de *execute*? – 4. Expliquem a próclise. – 5. *que ... puseram-se*. Um dos casos da ênclise com o relativo *que*, anomalia explicável aqui, no entanto, pelo afastamento do relativo. – 6. *que* = *do que*. – 7. Idem. – 8. Forma arcaica de *até agora*. – 9. Em que modo e tempo está *chegara*? – 10. Expliquem a próclise. – 11. *imos*, arcaico, por *vamos*. – 12. *cear*, não *ceiar*. – 13. Cuidado com a interpretação deste trecho final.

Com. ao n.º 464, pág. 251

1. Nomes de países empregados *ánartros*. – 2. Nomes de países empregados *ártricos*. – 3. Nota 1. – 4. *que*, preferido a *do que*. – 5. Idem; – 6. Explicar a ênclise. – 7. Analisar a expressão *por impossível*. – 8. Hoje colocármolos apenas uma vírgula depois de razão. – 9. Porque foi possível substituir o *por lhe?* – 10. *socorrê-la*. De Vieira e Bernardes para cá preferem os clássicos que o verbo *socorrer* se use com o acusativo *o*; até Camões o dativo (*lhe*) e o acusativo se alternam mais frequentemente. – 11. Dizer o modo e tempo de *foram*. – 12. As nossas palavras *capital* e *cabedal* procedem da mesma fonte latina. Os antigos empregavam communmente *cabedal* onde nós hoje empregariamos *capital*. – 13. Classifiquem a cláusula e os *direitos*, etc. – 14. Expliquem a crase. Era de rigor? – 15. *de notar* = *de ser notado*. Este nosso infinito com sentido passivo, ligado pelas preposições *para* e *de* ao verbo *ser*, representa o particípio do futuro em latim: *é de louvar, é para louvar* – *laudandum est* (Diez). – 16. *por extrema que*, locução conjuntiva subordinativa condicional (ou mais rigorosamente falando, *hipotética*). – 17. Comentem a vírgula. – 18. N.º 451. – 19. Omissão de *que*. – 20. Com. ao n.º 451, nota 73. – 21. Porque Vieira empregou os (*os fez duvidar*) e não *lhes?* – 22. Hoje empregariamos uma vírgula depois de conquistas. – 23. Observem o futuro do *conjuntivo*. – 24. Comentem a ênclise. – 25. *que* = *do que*. – 26. *se bem* = *se bem que*. – 27. Analisem *por menos duvidosa*. – 28. Qual o sujeito de *vê?* – 29. Alterem a sínclise. – 30. Com. ao n.º 440, nota 14. – 31. Comentem esse *que*. Digam o n.º do diagrama modelo pelo qual se analisaria esta cláusula. – 32. *pertendo* por *pretendo*. A metátese ou transposição do *r* é frequentíssima no português antigo; daí ficarem muitas dessas formas arcaicas outrora clássicas, conservadas pelo nosso povo: *pertender, perquisar*, etc. – 33. *nem* = *ou* – 34. Vão observando a justeza das observações que fizemos acerca de *que* e *do que*: *do que* só excepcionalmente ocorre em Vieira. – 35. *dentro em* = *dentro de*. – 36. *diversão* – termo militar aqui. «Operação ou manobra que tem por fim desviar a atenção do inimigo do ponto que se pretende ocupar». (Aulete). – 37. Nota 31. – 38. Que será esse *a?* – 39. Classifiquem a cláusula – *mostrarmos grande*, etc. – 40. Nota 34. – 41. Qual o sujeito de *vêm?* – 42. Nota 34. – 43. Qual o sujeito de *foram?* Comentem a anomalia sintática. – 44. Porque *dela* e não *aquela?* – 45. Comentem a preposição *a*. – 46. Que é esse *a?* A que se refere? – 47. Esse *a* é artigo ou preposição? – 48. cuidem nela ou dela – 49. *ainda que*, com. ao n.º 462, nota 3. – 50. Não se poderia usar aqui outra sintaxe? – A que se refere esse *o* depois de *esquecia-me?* E' pronome? – 51. Comentem a vírgula. – 52. Com. ao n.º 440, nota 14. – 53. Expliquem a preposição *a*. – 54. Ver o n.º 163. – 55. Com. ao n.º 440, nota 14. – 56. Com. ao n.º 440, nota 3. – 57. *estranhe*, não *extranhe*. – 58. Qual o sujeito de *impossibilitou?* O pronome *me* é acusativo ou dativo? – 59. Suprimindo-se a preposição *a* o pronome *me* fica sendo dativo ou acusativo? – 60. Um erro frequente é conjugar o verbo *poder*, na 1.ª pessoa do pret. perf. do indic.: eu *poude*. – 61. Esse *que* é igual a...?

Com. ao n.º 465, pág. 256

1. *que* = *do que*. – 2. *que* = *senão*. Esse *que* é perfeitamente igual ao *que* francês em expressões como esta : « *il n'y a point d'autre Dieu que moi* ». Mas essa comparativa assim empregada com o valor de *senão*, só aparece, no português de Vieira e Bernardes, após um substantivo modificado pelo adjetivo outro, como no caso vertente. E' só assim também que a encontramos em Rui Barbosa. Ver a explicação em « *O meu idioma* », com. ao n.º 536, nota 3, pág. 222. – Cavaleiro de Oliveira abusou de construção semelhante nas suas cartas, perpetrando feios galicismos. – 3. Comentem a vírgula. – 4. Que é esse *a*? Como diríamos hoje? – 5. Qual o sujeito de *soube*? – 6. Observem esse exemplo frisante da repugnância dos clássicos à combinação *se o*. – 7. *estranhar*, infinito passivo, correspondente ao supino em u do latim, que se juntava aos adjetivos: *mirabile dictu*. – A grafia *estranhar*, em vez de *extranhar*, e quasi única nos clássicos. – 8. *admirar* admite varias construções: « *Isto admira* », isto é – causa admiração; « *Isto admirou-o* » = fê-lo cheio de admiração; « *Eu o admiro* », isto é – *rendo homenagem aos seus dotes*. – 9. *que* = *do que*. – 10. Qual o sujeito de *fizesse*? Existe objeto? – 11. Qual o sujeito de *fez*? – 12. O sujeito de *posesse*? Poder-se-ia grafar de modo diferente essa forma verbal? – 13. Qual o sujeito de *nasça*? Que há de curioso? – 14. Qual o sujeito de *mandaram*? Que está fazendo o pronome *se*? – 15. *Tenho que dizer uma cousa*, hipérbato por – *tenho uma cousa que dizer*. Neste exemplo ainda não se pode ver a idéia de *obrigação*: ainda estamos na forma intermediaria em que havia apenas uma transposição de termos, segundo nossa explicação. Aí, como se vê, o verbo *ter* mantém o seu objeto: *cousa*. Depois, por extensão ou contaminação sintática, começou-se a dizer: « *Tenho que ir, tenho que vir, etc.* », casos em que não há a referida inversão. Estas expressões são prediletas do Dr. Rui Barbosa e abonadas pelos melhores clássicos, conforme vemos aqui e vimos já em o com. ao n.º 437, nota 12. (Depois de termos dado a nossa explicação referente ao ponto, casualmente se nos deparou uma de J. Rufino Cuervo com respeito ao espanhol. E' semelhante à nossa). – 16. *passar* ou *passar-se*, é a mesma *cousa*. A primeira forma – esta que aqui vemos – predomina nos clássicos primitivos. – 17. Qual a diferença entre *adaga* e *adarga*? – 18. Comentem. – 19. *premeie*. Vieira quase sempre faz irregular o verbo premiar: *premeio, premeias, premeia, premiamos, premiais, premeiam*. Bernardes fê-lo regular: *premio, premias, premia, etc.* Em 'geral é conjugado irregularmente.

Com. ao n.º 466, pág. 257

1. A palavra *mister* frequentemente vem na função de subatributo, como se fosse regida de *por* ou *como* (Ver o n.º 239, nota). E nos clássicos antigos, assim como no Dr. Rui Barbosa, ela nos aparece com a preposição

de: «Deus não há mister tempo» é igual a «Deus não há (por ou de) mister tempo», sendo *tempo* o objeto. — 2. *que*, interrogativo, sem o expletivo *o*, *que* modernamente se foi introduzindo. Ver o com. ao n.º 444, nota 31. — 3. Com. ao n.º 444, nota 30. — 4. O gerundio latino não tinha nominativo, mas gen. em *dí*, ac. em *dum*, dat. e ablat. em *do*: *amandi*, *amandum*, *amando*. O caso nominativo (que serve de sujeito ou atributo) era expresso pelo infinito. Ex.: «Errare humanum est». No português não é raro o nosso gerundio assumir essa função nominativa, como no caso vertente — dando, em vez de *dar*.

Com. ao n.º 467, pág. 258

1. Qual a função desse *que*? — 2. Comentem a vírgula depois de *Tulio* na linha acima. — 3. Que há por comentar? — 4. *passaram*, no plural concordando com o sujeito composto: *Heitor e Aquiles*. — 5. *passou*, no singular, concordando apenas com um dos elementos do sujeito composto: *Fidias e Lisipo*. Consultar os números 161 e 162. — 6. Também existe a forma *Planeio*.

Com. ao n.º 468, pág. 259

1. Ver o n.º 398. E' necessario subentender um substantivo após o verbo *tendes*. — 2. Sujeito composto da 3.ª pessoa com a 2.ª tem o verbo na 2.ª do plural. N.º 165. — 3. Poderemos substituir *os* por *lhes*? — 4. Idem. — 5. Dizer o infinito de *senhoreia*. Ver o com. ao n.º 460, nota 15.

Com. ao n.º 469, pág. 259

1. E' justa a vírgula? — 2. Idem. — 3. Dizer o infinito de *mareiam*. — 4. Idem de *passeiam*. — 5. Que pontuação colocaríamos hoje depois de *porto*?]

Com. ao n.º 470, pág. 260

1. Comentem. — 2. Idem. — 3. Idem. — 4. Idem. — 5. Discutam a vírgula depois de *dizia*. — 6. Analisem: *por nada*. — 7. Idem quanto a: *por justificado*. — 8. Idem.

Com. ao n.º 471, pág. 260

1. Observem a vírgula fechando a cláusula adverbial condicional que inicia uma sentença. Ns. 428 e 430. E' também a pontuação moderna. — 2. Expliquem a ênclise. — 3. Comentem a vírgula. — 4. Classifiquem a cláusula : *não advertís, etc.* — 5. Expliquem a preferencia para com a forma *lhes* em vez de *os*.

Com. ao n.º 472, pág. 260

1. Com. ao n.º 443, nota 16. — 2. Comentem. — 3. Expliquem a preposição *a*. — 4. As nossas formas superlativas em *íssimo* indicam o superlativo absoluto : *riquíssimo* corresponde a *muito rico*. Em latim, porém, as formas em *íssimus* indicavam o superlativo absoluto e o relativo, porém mais frequentemente este do que aquele. Isto explica a razão por que Vieira traduziu *fortissime* por — o *mais valente* e não por *muito valente*. Quando em português se diz : «F. é o *riquíssimo* da terra» com o sentido de — o *mais rico*, isso não passa de latinismo de exclusivo uso erudito : no falar geral tal emprego não existe. Cumpre ainda observar que no português primitivo, bem como nas outras linguas irmãs, não existiam essas formas em *íssimo*. Elas principiaram na Italia pelo tempo do Renascimento e foram invadindo no século XVI os outros povos chamados latinos. Em francês não pegaram, salvo nos títulos, como *illustrissime*, etc. No português nunca desceram, pelo menos no Brasil, ao povo baixo. Nosso caboclo ainda as ignora. No português arcaico, em vez de *belíssimo*, dizia-se : *mui muito belo*, repetindo o adverbio. — 5. *Ihe encarregou* que tomasse ou — o *encarregou* de tomar — 6. Expliquem a próclise. — 7. *pretensão* ou *pretensão*; ambas as formas se justificam, uma do latim *praetentum*, outra de *praetensum*. — 8. *Tribu* no português primitivo era masculino. — 9. *Persistir* segundo uns dicionários deve pronunciar-se *percistir*; segundo outros : *perzistir*. A corrente geral é pela última pronuncia. — 10. Mudem o acusativo *o* pelo dativo *lhe*. Que sucede? — 11. *resistido* está governando o acusativo *o*, isto é — objeto direto, conforme o n.º 295, ainda que na maioria dos casos governe o dativo *lhe*, conforme o n.º 259, e conforme se verá da nota seguinte. — 12. *resistir* com o dativo *lhe*. Ver a nota anterior. — 13. *comparar a* ou *com*. — 14. Expliquem a próclise. — 15. *fundadas* está concordando apenas com o substantivo *desconfianças*. Pela regra comum deveríamos ter *fundados*, por causa de *temores* : substantivo masculino mais substantivo feminino pedem adjetivo masculino plural. N.º 158. — 16. Comentem a vírgula. — 17. Qual a diferença entre *dissimular* e *simular*? — 18. *por que*, não *porque*. — 19. Conjuguem *remediar* no pres. do indic. — 20. Com. ao n.º 466, nota 4. — 21. *indo* = quando *ia*. — 22. *bando*. Esta palavra de origem germânica, significa ordem ou decreto. — 23. *quem lhe pare a* está por — *pessoa a quem pareça*. E' *anacoluto*, isto é — construção composta de duas

partes, ambas truncadas, e que não se submete, pois, à análise lógica. — Anacolutos como este são frequentes nos clássicos antigos e permanecem nos riffs populares: «Quem vende cabritos e cabras não têm de algures lhe vem». — 24. consentindo a execução ou na execução. — 25. Com. ao n.º 451, nota 8. — 26. E' facultativa a sínclise aquí? — 27. Expliquem a preposição *a*. — 28. Não raro se lê nos clássicos catorze, grafia que não deixa dúvida quanto à pronuncia. — 29. Esse que pode ser um puro expletivo, ou admitiremos aí a omissão de algum elemento: Senhor (vê) que sou, etc. — 30. Comentem a vírgula. — 31. Com. ao n.º 436, nota 10. — 32. Com. ao n.º 444, nota 30. — 33. pela assistir, em vez de por a assistir ou para a assistir. E' tão frequente esse emprego de *per* em vez *por* e *para*, que nos causou pasmo o haver o sr. Carlos de Laet estranhado a construção em Rui Barbosa. — 34. A syntaxe regular aquí seria: «aconselhando-lhe que se acomodassem, etc.», ou «aconselhando-os a se acomodarem», ou, finalmente, «aconselhando-os a que se acomodassem». E' este um caso em que se empregou a cláusula substantiva *que se acomodassem* como um segundo objeto, tal qual se fazia em latim com alguns verbos, como *doceo*, *rogo*, etc. Ver «O meu idioma», pág. 178, nota 8. — 35. Com. ao n.º 436, nota 10. — 36. Infinito passivo. — 37. Comentem a vírgula.

Com. ao n.º 473, pág. 264

1. Bersabéia ou antes *Bersabé*. — 2. Analisem a expressão: *por profeta*. — 3. Não me chamem. Vieira recusa a construção *se me chame* como a outra — *se o chame*, e pela mesma razão; isto é: não se pode combinar *se* com um pronome obliquo em função accusativa, seja qual for esse pronome. — 4. E' possível que sou tido. Diríamos hoje assim?

Com. ao n.º 474, pág. 264

1. Que, interrogativo, em lugar de — o que? forma esta relativamente moderna, como já vimos. — 2. Idem. — 3. de vossas. Omissão do artigo com o possessivo. — 4. Nota 1. — 5. Nota 3. — 6. Idem. — 7. Comentem a vírgula. — 8. Nota 3. — 9. Idem. — 10. Observem a concordancia: «eu o que publiquei» em vez de «eu o que publicou», ou «quem publicou», como parecia mais natural. Com. ao n.º 453, nota 20. — 11. A minha, com o artigo, ao contrario do que vimos acima. — 12. Idem. — 13. Que é esse o? — 14. Idem. — 15. Idem. — 16. Expliquem a próclise. Qual o sujeito de executou? — 17. O rei e povo, sujeito composto em que só o primeiro substantivo está determinado pelo artigo. — 18. Comentem a vírgula. — 19. Idem. — 20. Como é o infinito de *sentencia*? Conjuguem o verbo no ind. pres., imp. afirmativo e negativo, mas com todas as pessoas. — Qual o sujeito de *sentencia*? — 21. Qual o sujeito de *revoga*? — O pronome *se* é ou não objeto? — 22. Digam o modo e tempo de *foram*. — 23. Qual o

sujeito de *absolve*? – 24. O de *puderam condenar*? – 25. O de *absolvesse*? Esse verbo tem objeto? – 26. Qual o sujeito de *condena*? A qual das categorias gramaticais pertence esse sujeito? – 27. Qual o sujeito de *pode absolver*? – 28. O de *absolve*? – 29. O de *pode condenar*? Alterem a sínclise.

Com. ao n.º 475, pág. 265

1. Expliquem a crase. – 2. Qual o sujeito de *manda*? – 3. Qual o de *deve esperar*? Alterem a sínclise. – 4. Deram três quartos. Modernamente se prefere fazer este verbo impessoal como *haver e fazer* (ver a lição XXXI, pág. 69): «Já deu dez horas». Ambas as construções, porém, são clássicas. – 5. Qual o sujeito de *saiba*? E' substantivo?

Com. ao n.º 476, pág. 266

1. Ver o com. ao n.º 438, nota 46. – 2. *creado*, forma regular de *crear*. – 3. Idem. – 4. *cria* (nunca o célebre *crea*), forma irregular de *crear*: *crio, crias, cria*; *creamos, creais, criam*. – 5. Idem. – 6. Els aí de novo o Infinito *crear*. – 7. Idem. – 8. Nota 2. – 9. Forma regular em todas as pessoas. – 10. *descobrimento* é o português genuíno: *descoberta* é de cunho moderno e de sainete francês. – Nota 3. – 11. Nota 6. – 12. Idem.

Com. ao n.º 477, pág. 267

1. *precederão*. O verbo *preceder* rege dativo, ou acusativo: *preceder ao dia*, ou *preceder o dia*. – 2. Com. ao n.º 462, nota 3. – 3. Com quem concorda o adjetivo *ensanguentados*? – 5. Com. ao n.º 445, nota 33. – 5. Idem. – 6. *persuadiram ao mundo que*. Suprimam a preposição *a*. *Que sucede?* – 7. N.º 398. – 8. Idem. – 9. *Holanda, dnartro*. – 10. *França*, idem. – 11. *assistir*, regendo acusativo com o sentido de *prestar auxílio*. Com. ao n.º 459, nota 8. – Observem a serie de cláusulas substantivas separadas por dois pontos. Hoje empregariamos nesse caso o ponto e vírgula. Ver o com. ao n.º 449, nota 19. – 12. Com. ao n.º 445, nota 33. – 13. Com. ao n.º 446, nota 61. – 14. *nossas* em pleonasmo com o pronome *nos* unido ao verbo *tomam*. – 15. *por que*, não *porque*.

Com. ao n.º 478, pág. 268

1. Os nomes de cidade, ao contrario do que sucede modernamente com os nomes de países, empregam-se *dnartros*: «*París é belo, Londres é enorme*». Quando, porem, o nome de cidade veio de um nome comum a tendencia popular, sobretudo, é ajuntar-lhe o artigo: «*O Rio de Janeiro é encantador*», «*A Baía é porto de mar*». — E' isto o que explica, neste exemplo de Vieira, a crase. — 2. Comentem.

Com. ao n.º 479, pág. 268

1. tremendo, gerundio equivalente do infinito histórico latino ou infinito português regido de *a*: *a tremer*. — 2. Eis aí a prova cabal do que ficou dito em a nota anterior. — 3. Idem. — 4. moendo, gerundio com valor do particípio presente latino, ligado pela conjunção *e* ao seu irmão, o particípio passado — *reedificados*, puro adjetivo. E' o mesmo que se dava em latim com o particípio presente: «*Videtis ut senectus sit operosa et semper agens aliquid*». (Cat.).

Com. ao n.º 480, pág. 268

1. mais pequeno ou menor: é facultativo. Não se usa, porem, mais grande, como já observamos.

Com. ao n.º 481, pág. 269

1. Com. ao n.º 465, nota 2. — 2. Modernamente criou-se o verbo *contrabalançar* por *contrapesar*.

Com. ao n.º 482, pág. 269

1. Comentem.

Com. ao n.º 483, pág. 269

1. Observem como Vieira evitou, pondo o verbo no plural com sujeito indeterminado (ver o n.º 201), a construção *se lhe a*, que taxamos de monstruosidade. — 2. Outra maneira de evitar a combinação *se o, se a*: *ela se salve não se a salve*.

Com. ao n.º 484, pág. 269

1. *que em vez de do que.* – 2. Idem. – 3. Idem. – 4. Modernamente colocaríamos aí apenas uma vírgula. No português antigo, porém, era frequente, quando havia uma longa inversão da ordem, com uma sequência de cláusulas, fechar a última cláusula com dois pontos, para introduzir a principal ou a conclusão de um raciocínio. – 5. *nem = ou.* – 6. Ns. 226 e 260, nota 3. Qual é o sujeito de *acuda*?

Com. ao n.º 485, pág. 270

1. Classifiquem a cláusula – *que o cultivasse.* – 2. N.º 196 e n.º 199, nota. – 3. Mudem o dativo *lhe* no acusativo *o*. Que acontece? – 4. Expliquem a ênclise.

Com. ao n.º 486, pág. 270

1. *consistia*, regendo em – 2. Expliquem a próclise. – 3. *ceremonia* ou *cerimonia*. – 4. Vieira prefere fazer o verbo *assistir* (= dar auxílio) reger acusativo. – 5. Ver o com. ao n.º 483, nota 1. – 6. Qual o sujeito de *era*? Que há de anormal? – 7. Nota 4.

Com. ao n.º 487, pág. 270

1. *ardendo*, igual a *ardente* ou *que ardia*. E', como se vê, sintaxe muito correta e muito popular: «Queimou-se com água fervendo». – 2. *queimar*, intransitivo. – 3. *queimar-se*, transitivo. Expliquem a ênclise. – 4. Nota 1. – 5. Idem. – 6. Idem. – 7. Idem. – 8. Qual o sujeito de *ouvia*? – 9. *negociar* não *negocear*. Com ao n.º 451, nota 53. – 10. Aqui houve anástrofe: a ordem natural seria: *que Moisés viu*. – 11. Nota 1. – 12. Quando o infinito do verbo *ser* ou *estar* forma locução verbal com outro verbo que está no plural, esse infinito fica em geral na forma impessoal, seguindo-se-lhe o atributo no plural: «... vos prezais de ser descendentes».

Com. ao n.º 488, pág. 271

1. *mandando-o* que fosse, duplo acusativo ou objeto. Ver o com. ao n.º 472, nota 34. – Construção correta seria também: *mandando-lhe*

que fosse. Com o verbo **mandar** a construção acima é comum, principalmente em frei Luiz de Sousa. – 2. Alterem a sínclise. – 3. **repugnou** = *esquivou-se*. – 4. Expliquem a preposição *a*. – 5. Analisem a expressão – *por adjunto*.

Com. ao n.º 489, pág. 272

1. **aceite**, o mesmo que *aceito*, segunda forma do particípio irregular de *aceitar*. – 2. **por mulher** = *por (ser) mulher*. – 3. Ver a nota anterior. – 4. **Contentem**. – 5. *Se*, dativo, ou reflexivo *indireto*. – 6. Toda a expressão – *por qualquer lado* que deve ser considerada como uma *conjunção de subordinação consecutiva*. – 7. **porque** = *para que*; é conjunção de subord. *final*. – 8. Hoje poríamos aí uma simples vírgula. – 9. Ver a nota 6. – 10. **por mais que** – conjunção de *sub. condicional*. – 11. Observem o jogo de palavras: *confeitar e enfeitar*. – 12. A que equivale esse *que*?

Com. ao n.º 490, pág. 273

1. Eis-nos ainda às voltas com o verbo *crear*; mas é conveniente, porque assim talvez consigamos que os alunos fujam do erro tão generalizado com relação ao modo de conjugar. «Deus... *cria*», não *crea*. – 2. *Idem*. – 3. Expliquem a razão da regularidade da forma *creou*. – 4. **presidir**, regendo dativo, isto é, verbo *transitivo indireto*. Ns. 194 e 195. – 5. *Idem*. – 6. Nota 3. – 7. *Idem*. – 8. *Idem*. – 9. *Idem*. – 10. *Idem*. – 11. Houve por *teve*, como hoje se diz. – 12. Nota 3. – 13. **de que**, por *que*, afim de evitar confusão com o relativo. – 14. Nota 11. – 15. Esse «*primeiro*» fica esperando o seu *completivo do que lhe desse*, no qual de novo a forma do *que* aparece por *que*, afim de impedir confusão. – Observem o *lhe* por *o em* – *lhe mandou fabricar*. Expliquem o *que* tornou possível a substituição. – 16. Qual o sujeito de *estar*? – Qual o de *há de governar*? – 17. Nota 3.

Com. ao n.º 491, pág. 274

1. Há aqui uma sátira. Em que consiste? – 2. Qual o sujeito de *há de responder*? – 3. Qual o sujeito de *há de fazer*? – 4. **fazer-se-á**, por *far-se-á*. É comum nos clássicos, quando há *tmese* no futuro, conservar, a forma regular *fazerei, fizerás, fizerá*, etc., como aqui se vê. Na Bíblia tradução do padre Pereira, são frequentes essas construções.

Com. ao n.º 492, pág. 274

1. o *meio como*. Na edição de que nos servimos estava apenas: *o meio com*. Evidentemente há erro. Era preciso corrigir a nosso juízo, visto que não dispúnhamos de outra edição. E a correção havia de ser *meio como*, ou *meio com que*. Escolhemos a primeira por mais próxima do simples *com*, ainda que o *com que*, logo adiante, reclame a preferência. — 2. *Não é meu conceder-vos*. Elegante sintaxe de cunho latino: *non est meum dare vobis*.

Com. ao n.º 493, pág. 274

1. Comentem esse gerundio. — 2. Comentem a vírgula.

Com. ao n.º 494, pág. 275

1. Qual o modo e tempo de *dera*? — Qual o objeto? — Qual a função do pronome *se*? — Que nome lhe devemos dar? — 2. Em que função está o adjetivo *doido*?

Com. ao n.º 495, pág. 275

1. *moer*, inf. passivo. — 2. Comentem o *vos*. — 3. Idem. — 4. Qual o objeto de *desfabricam*? — 5. *que*, interrogativo, em vez de *o que*. — 6. Ns. 252 e 259. — 7. Qual o objeto de *sabeis*? Com. ao n.º 448, nota 44. — 8. Expliquem a substituição de *o*, acusativo, por *lhe*, dativo. — 9. Nota 6. — 10. Expliquem a razão por que não se deu aqui a substituição de *o* por *lhe*? Ver a nota 9. — 11. Nota 1. — 12. Nota 7. — 13. Nota 8.

Com. ao n.º 496, pág. 276

1. Comentem. — 2. Idem. — 3. Idem. — 4. Idem.

Com. ao n.º 497, pág. 276

1. Hoje diríamos *haja de haver*, porque é esse o modo exigido pelas cláusulas substantivas que servem de sujeito do verbo *ser*, em expressões como : *é possível, é justo que, é conveniente que*, etc. O indicativo só se pode

usar modernamente quando o atributo exclue a idéia de dúvida ou simples possibilidade : *é certo, é inegável*, etc. — 2. Comentem o verbo *chamar*. — 3. Idem — 4. Que faz aí esse pronome *se*? — 5. Expliquem o *lhe* por *o*. — 6. Qual o modo e tempo de *houvera*? — 7. Idem quanto a *tiveram*.

Com. ao n.º 498, pág. 277

1. Porque *os* e não *lhes*? — 2. conforme pode ter ou deixar de ter após si a preposição *a*. Esta duplicidade de construção explica-se facilmente atendendo-se a que *conforme* é equivalente a *conformado*, e começou por ser mero adjetivo. Assim poder-se-ia dizer primitivamente : «Ele fez isso *conforme ao* seu modo de ver», exemplo em que *conforme* exercia a função de subatributo do objeto *isso*. Ou então «ele fez isso, *conforme seu modo de ver*», isto é — estando seu modo de ver *conformado* com a sua conduta. — 3. Esse *lhe* está por *lhes*. Em *Camões* é frequentíssima a forma *lhe* referir-se a substantivos no plural. — 4. Hoje diríamos : «de todo o coração», porque *todo* aqui significa *inteiro*. — 5. até *o* em vez de até *ao*, que é uso relativamente moderno. — 6. Idem. — 7. Comentem a vírgula. — 8. N.º 225.

Com. ao n.º 499, pág. 277

1. Conjuguem *competir* no ind. e conj. presentes. — 2. Modernamente diríamos : «toda outra», sem o artigo, porque *outra* aqui equivale a *qualquer*. — 3. Indignar-se de, com ou ainda por. — 4. Que é esse *a*? — Que veio fazer?

Com. ao n.º 500, pág. 277

1. *mingua*. Ver o com. ao n.º 442, nota 17.

Com. ao n.º 501, pág. 278

1. Comentem, a função sintática desse *a*. — 2. Vírgula puramente de respiração. — 3. Observem como se contrapesa a cláusula adjetiva — *que está* — com o gerúndio *estando*. — 4. Ver a nota 1.

Com. ao n.º 502, pág. 278

1. Qual o sujeito de *eram*? – 2. posto a seus pés e lavando. Ver o com. ao n.º 479, nota 4. – 3. Modernamente se evita juntar mais aos comparativos ou superlativos sintéticos *superior*, *inferior*, *ínfimo*, *lindo*, etc. Nos clássicos, porém, os exemplos pululam (ver a copia de exemplos em Rui Barbosa, *Réplica*, pág. 103). – 4. Expliquem a ênclise. – 5. Idem.

Com. ao n.º 503, pág. 278

1. *encarnar* ou *encarnar-se*. – 2. Conjuguem no ind. pres. – 3. Dizemos geralmente assim? – 4. Qual o modo e tempo de *pecara*?

Com. ao n.º 504, pág. 279

1. Substituam a cláusula – *que fiquem* – por outra construção. – 2. Idem quanto à cláusula *que deixem*.

Com. ao n.º 505, pág. 280

1. Qual o sujeito de *toca*? – A que se refere o relativo *que*? – 2. Aos adjetivos numerais cardinais, tomados partitivamente, juntavam os antigos o artigo definido, o que hoje não se usa. – 3. *Sucederam felizmente* – isto é: *tiveram bom êxito, saíram-se bem*, como o francês *réussir*. – 4. *Provincial que acabou de ser*, anástrofe por: *que acabou de ser provincial*. – 5. A que se refere o pronome *ele*? – 6. Ver os ns. 220 e 221. – 7. A que se refere o pronome relativo *que*? – 8. Como se classifica essa cláusula por *ele* iniciada?

Com. ao n.º 506, pág. 283

1. Com. ao n.º 449, nota 62.

Com. ao n.º 507, pág. 283

1. Com. ao n.º 449, nota 62.

Com. ao n.º 508, pág. 285

1. Com. ao n.º 449 nota 62. – 2. Classifiquem a cláusula – *com que ficava defendida*. A que se refere o relativo *que*?

Com. ao n.º 509, pág. 285

1. A nossa preposição *exceto* nada mais é do que o participio passado irregular do verbo *excetuar*, que ainda concordava com o substantivo no tempo de Vieira, isto é: que ainda fazia a simples função de adjetivo. Hoje é arcaísmo tal construção.

Com. ao n.º 512, pág. 287

1. Comentem *vivo e vivo*, jogo de palavras.

Com. ao n.º 513, pág. 288

1. *Esse me* é dativo ou acusativo?

Com. ao n.º 514, pág. 288

1. À semelhança do francês, do inglês e do alemão, dizia-se antigamente – e o nosso caipira até agora – «*ele chove hoje*» (fr. : *il pleut* ; ing. : *it rains* ; al. : *es regnet*). E' a sintaxe de Vieira aqui.

Com. ao n.º 516, pág. 289

1. *por que*. Como diríamos hoje? – 2. Ainda que os títulos sejam femininos, se se referem a homens como aqui (Sua Alteza, o rei), os pronomes e adjetivos vêm no gênero masculino: *Sua Alteza... ele é sabio*. N.º 158, nota. – 3. Qual o modo e tempo de *conhecera*? – 4. Mudem a construção por outra equivalente. Com. ao n.º 444, nota 9. – 5. Qual o sujeito de *falta*? – 6. Observem o polissíndeto. – 7. Qual o sujeito de *dissesse*? – 8. Comentem.

Com. ao n.º 518, pág. 291

1. vindo de visitar, isto é – *chegando de ter estado em visita*. Esta contrução, trazendo sempre a idéia de *vir, chegar*, é perfeitamente clássica, mas não autoriza a outra : «Minha mãe *vem de morrer*», que é um grosseiro galicismo – *vient de mourir*. – 2. Ou se deu aqui a supressão da prep. *de* – o que sucede frequentemente quando ela introduzir uma cláusula substantiva – ou então houve o emprego do duplo objeto, que já estudamos. 3. Melhor que *pachd*.

Com. ao n.º 519, pág. 292

1. O verbo copiar é regular. Conjuga-se : *copio* (não *copelo*), *copias*, *copia*, *copiamos*, *copiais*, *copiam*. Erra-se frequentemente neste verbo.

Com. ao n.º 526, pág. 297

1. Houve omissão do verbo *ser* depois de *merece*. Com este verbo é frequente e elegante tal omissão.

Com. ao n.º 530, pág. 301

1. A forma *benção*, plural *benções*, é artificial, mas já adquiriu foros de cidade. A verdadeira forma guardada pelo nosso caipira é *essa* : *benção* (rimando com *ação*), plural *benções* (rimando com *ações*).

Com. ao n.º 531, pág. 301

1. A pronuncia *reptil* (rimando com *vil*), plural *reptis*, é errônea. *Reptil* do adjetivo latino *reptilis* (com o *i* da penúltima breve), só podia dar em português – *reptil*, plural *repteis*. Todavia a forma plural constante nos clássicos é a primeira. A explicação está em se haver substantivado o adjetivo, vindo assim a sofrer analogia com os substantivos em *il*, como *unil*, *barril*, *anil*, *pernil*, etc

Com. ao n.º 533, pág. 303

1. Cumprir com um voto = cumprir um voto. E' forma correta.

Com. ao n.º 534, pág. 304

1. e que, etc. Que está conjuntando esse e? – 2. Qual o sujeito de *poluía*?

Com. aos ns. 535 e 536, pag. 309

1. Os dois trechos dos ns. 535 e 536 encerram uma das questões mais curiosas da lingua portuguesa. Aí se lê: «...gozar a Deus», «...se crucifica a Cristo».

Eis dois exemplos interessantes da passiva pronominal. Os partidários do *se* sujeito quebram lanças para provar que as expressões – *a Deus, a Cristo* – são objetos diretos dos verbos *gozar* e *crucificar*, objetos regidos de preposição, porque são nomes de pessoas (Ver o n.º 122).

Outros, como o prof. Said Alí, se bem que não dêem o *se* como sujeito, crêem que aí temos expressões impessoais, mas com objetos diretos: *a Deus, a Cristo*, são dois acusativos.

Evidentemente esta segunda posição é mais científica do que a outra e tem uma real aparência de verdade. Mas uma objeção a nosso ver esmagadora se ergue contra ela. De fato, se tais expressões impessoais – quer lhes chamemos ativas, quer passivas, pouco importa – podem reger frequentemente um objeto direto quando este é substantivo, como nos casos vertentes, qual a razão porque não regem um objeto direto quando este é pronome? Porque não se diz: «crucifica-se-o», se se pode dizer: «se crucifica a Cristo?»

A objeção afigura-se-nos irrespondível.

Acresce que, ainda mesmo quando o pretenso objeto não é pessoa, mas cousa, é de rigor nos clássicos o fazê-lo acompanhar da preposição *a*, o que prova que a preposição não vem como o simples expletivo que se emprega com o objeto pessoa. Diogo de Paiva escreveu: «é conveniente que se respeite aos dotes.»

Por tudo isso fomos levado a ver em tais complementos uns verdadeiros objetos indiretos, uns puros dativos, e amplamente discutimos o ponto em nosso trabalho «*Ensaio linguístico*».

Posteriormente nos veio às mãos a gramática espanhola de Andrés Bello, com as luminosas anotações de Cuervo. Foi com verdadeira satisfação que vimos os dois eminentes filólogos encararem o fenómeno, em espanhol, exatamente como nós o havíamos feito aqui.

Longe rios levaria a discussão cabal do assunto. Para comprovar, como fenómeno idêntico em espanhol, o nosso modo de ver, limitamo-nos a citar uma das observações de Bello:

«El verbo de construcción impersonal puede llevar su acostumbrado régimen : «Se pelea por el caballo». Pero aquí se ofrece una duda : el complemento acusativo subsiste tal en la construcción impersonal cuasi-refleja, ó varía de naturaleza ? Quando decimos : «Se admira a los grandes hombres» ; «Se colocó a las damas en un magnífico estrado», debemos mirar estos complementos a los grandes hombres, a las damas como verdaderos acusativos ? Io me inclino á creer que no ; lo primero por la modificación de significado que esta construcción produce en el verbo : *se admira es se siente admiración ; se coloca es se dá colocación ; se alaba es se dan alabanzas* ; sentido que parece pedir más bien un dativo. – Lo segundo porque si el complemento tiene por término el demonstrativo *el*, no le damos otras formas que las del dativo : «Se les admira (a los grandes hombres), no se los admira. – Lo tercero, porque si el complemento lleva por término un nombre indeclinable, es de toda necesidad ponerle la preposición *á*, que en el dativo de estos nombres no puede nunca omitirse como puede en el acusativo : así, ó decimos : «Se desobedece á los preceptos de la ley divina», en construcción impersonal, ó «Se desobedecen los preceptos», en construcción regular, haciendo á los preceptos sujeto ; pero no podemos decir : «Se desobedece los preceptos».

Recomendamos a referida obra aos que desejarem ver a discussão completa do ponto. Aquí deixamos apenas traçado ao aluno um rumo que, talvez, só mais tarde ele poderá seguir com abso.uta firmeza: Fica esta página aguardando esse dia. A questão é a mais embaraçosa no português, como no espanhol, e, por isso, justamente, é a que viemos tratando aos pedaços até culminar neste ponto que requer, para sua compreensão, mentes desenvolvidas.

Em resumo :

1. Temos uma passiva pronominal pessoal, não somente com o sujeito claro, mas admitindo claro o proprio agente : «Descobriu-se a ilha Formosa per um Fernando do Pó». – Nos tempos modernos, porem, nota-se manifesta repugnancia em por claros os agentes da passiva pronominal, preferindo-se transformá-la na construção regular com o verbo *ser*.

2. Temos uma forma impessoal, isto é – sem sujeito, que se originou com os verbos transitivos aos quais se ocultavam os sujeitos, e que, por expansão, se foi estendendo, como em latim, aos verbos intransitivos : *come-se bem, sobe-se por uma escada, está-se contente*.

As construções com os verbos *ser* e *estar* são recentes. Em espanhol, lingua em que esse fenômeno sintático evolve exatamente como aquí, há ainda invencível repugnancia em estender as construções impessoais ao verbo *ser* (Cuervo).

3. A passiva impessoal governa o objeto indireto dos verbos relativos : «Obedece-se à lei», como em latim : «*invidetur potentibus*».

4. Finalmente, a passiva impessoal pede um dativo – ou objeto indireto – mesmo com os verbos puramente transitivos : «Crucifica-se a Cristo», «Respeita-se aos dotes».

5. No estado atual da lingua as construções impessoais se recusam a governar acusativos. Não se diz em bom português : «Aluga-se casas»,

ficando *casas* como objeto, mas sim: «Alugam-se *casas*», ficando *casas* como sujeito, o que explica o plural do verbo. Pela mesma razão não se diz: «Aluga-se ~~as~~ baratinho», mas: «Alugam-se *elas* baratinho».

6. Acontecerá, porventura, no português, o que aconteceu no grego, em que as construções impessoais passivas vieram a reger um acusativo? (ver a pág. 75). — Só o futuro responderá. Não dogmatizemos a respeito.

7. Em qualquer hipótese, porém, o *se* não é, não será sujeito, a não ser por um decreto de gramáticos, isto é — por uma cousa vã e inofensiva.

Índice das principais questões

A

a, expletivo, n.º 122.
academia, Com. 444, 31.
aceite = aceito, Com. 489, 1.
a distancia, Com. 446, 29.
adivinhar, Com. 448, 11.
adjetivo, sua colocação no diagrama, n.º 23, letra b; funcionando como advérbios, ns. 43, 44; equivalendo a substantivos, n.º 90, sentença 18, nota; advérbios possessivos, com as diversas pessoas gramaticais, ns. 130, 131, 132.
admirar, Com. 465, 8.
advérbios, n.º 23, letra b; sua função, ns. 35, 36, 37, 59.
afetar, Com. 450, 1.
agente da passiva, n.º 182.
agradar, Com. 442, 2; 456, 14.
ainda que, Com. 462, 3.
ajudar, Com. 437, 29.
a la moda, Com. 462, 19.
aldeãos, Com. 450, 23.
algo, Com. 438, 45.
alpercata, Com. 438, 53.
a miúdo, Com. 446, 19.
anástrofe, Com. 503, 4.
anciãos, Com. 446, 45.
ante e anti, Com. 451, 11.
antecedente do pronome relativo, n.º 296, Com. 330, 8.
apiedar, Com. 455, 6.
apossar, Com. 441, 3.
aposto, n.º 75, sua pontuação, n.º 77; regido de preposição, n.º 78, nota.

apoteose, Com. 452, 2.
arraigar, Com. 445, 16.
artigo repetido nos superlativos, Com. 435, 5; com os nomes de países, Com. 437, 5.
assear, Com. 452, 40.
até o, Com. 437, 17.
atributo, n.º 99; colocação em diagrama, n.º 104; no plural, com o infinito impessoal, Com. 487, 12; composto, n.º 154; regido de preposição, Com. 452, 37.
avós, Com. 449, 14.

B

benção, Com. 530, 1.
Berna, Com. 449, 2.
bizarro, Com. 438, 23.
bomachas, Com. 438, 42.
bombe, Com. 451, 14.
brusco, Com. 448, 17.

C

carecer, Com. 441, 1; 445, 18; 451, 10.
carnagem, Com. 451, 13.
catorze, Com. 472, 28.
caudal, Com. 436, 25.
ceremonia, Com. 456, 29.
chamar, Com. 444, 27; 454, 4.
cidades (nomes de), Com. 444, 16.

cláusulas, n.º 226 ; coordenadas, ns. 271, 274, 275 ; cláusula principal, n.º 279 ; cláusulas subordinadas (adjetivas, adverbiais, substantivas), ns. 289, 298, 299, 323, 335, 340, 343, 358, 362, e seguintes ; cláusulas conversíveis, n.º 399 ; substantivas interrogativas indiretas, n.º 400 ; cláusula adjetiva, ligadas por *como* e *quando*, n.º 402.

coletivo, Com. 449, 14.

como que = *aproximadamente*, Com. 438, 29.

complemento, n.º 94 ; compl. atributo, n.º 99 ; compl. obj., n.º 102.

com ser = *embora fosse*, Com. 461, 1.

concordancia, do adjetivo, n.º 158, Com. 449, 63 ; do verbo, n.º 159 a 165, Com. 445, 2 ; 449, 24 ; 450, 34 ; 453, 20 ; 467, 4 ; 487, 12 ; 516, 2.

conforme, Com. 498, 2.

conjunção, ns. 45, 46, 47, 48 ; coordenativas, n.º 277 ; subordinativas, ns. 326, 327, 328.

consentir, Com. 472, 24.

consistir, Com. 451, 1.

construir, Com. 440, 2.

copiar, Com. 519, 1.

correl, Com. 447, 67.

crase, n.º 89 ; Com. 448, 7.

criar, Com. 438, 46 ; 490, 1.

crer, Com. 451, 3.

cujo, Com. 447, 2.

cumprir com, Com. 533, 1.

D

dar, Com. 475, 4.

dativo, por genitivo, Com. 436, 18 ; por ablativo, Com. 451, 8 452, 59.

de modo que, Com. 449, 47.

delinquir, Com. 456, 1.

dentro em (ou *de*), Com. 460, 9.

denunciar de, Com. 455, 1.

deparar, Com. 444, 6.

de pé, Com. 451, 23.

desapercebido, Com. 446, 61.

descobrimento, Com. 476, 10.

destruir, Com. 440, 2.

detalhe, Com. 445, 13.

discrição, Com. 455, 2.

dissimular, Com. 472, 17.

dois pontos, Com. 437, 30 e 35.

E

ear (verbos em), Com. 436, 24.

egoísta, Com. 452, 18.

ei-lo, Com. 438, 34.

ele chove, Com. 514, 1.

elipse, n.º 66.

e mais, Com. 461, 27.

encarnar, Com. 503, 1.

encontrar, Com. 450, 18.

ensinar, Com. 437, 29.

entretanto, Com. 461, 35.

entretanto que, Com. 440, 10.

é que, n.º 394.

eria (sufixo), Com. 461, 22.

esquecer, Com. 450, 3.

estranhar, Com. 465, 7.

exação, Com. 453, 14.

exceto, Com. 508, 1.

expletivo, n.º 122 ; nota 1 ; Com. 439, 19 ; 449, 25.

extinguir, Com. 450, 22.

F

fatitivo (verbo), Com. 437, 3.

fazer-se-á, Com. 491, 4.

fazer que (ou *com que*), Com. 440, 3.

fê com (ou *em*), Com. 456, 26.

fitar, Com. 448, 26.

folgar, Com. 452, 10.

fortuna, Com. 462, 5.

G

gaucho, Com. 438, 36.
gerundio, lição LX; Com. 449, 62; 456, 18; 466, 4; 479, 4; 487, 2.
gorgeta, Com. 437, 31.
graças a, Com. 439, 3.

H

há (por *havia*), Com. 447, 16.

I

indignar-se, Com. 499, 3.
infinito, modo subordinado por natureza, não pode estar na cláusula principal, n.º 335, nota 1; regido de preposição faz a função de subatributo, n.º 340; formando cláusulas substantivas, ns. 359, 361, 362; determinado pelo artigo, n.º 372; sínclise quando o infinito está preso por preposição, Com. 436, 10; preso por preposição a um adjetivo plural, Com. 437, 15; passivo, tendo por sujeito o pronome *se*, Com. 438, 57; Com. 444, 24; 449, 45; 450, 21; 451, 9; 54, 60; 452, 47; 453, 1; 459, 12; 465, 7; 495, 1; com o valor de imperativo, Com. 445, 33; 453, 38; empregado na forma impessoal, Com. 446, 34 e 81; com o valor do infinito histórico do latim, Com. 447, 46; do particípio do futuro latino, Com. 464, 15; sínclise, Com. 456, 31.
inhabil, Com. 442, 22.
insistir para, Com. 451, 15.
intransitivo (verbo), Com. 436, 16.
investir, Com. 447, 68.
íssimo (sufixo), Com. 472, 4.

L

lembrar, Com. 444, 8.
ler, Com. 451, 3.
lho = *lhes o*, Com. 444, 29.
lhe por o, depois de *ver*, *ouvir*, *fazer*, *deixar* e *mandar* Com. 437, 29.
licenciar, Com. 451, 18.
locução adverbial, ns. 39, 40, 41, 151, sentença 5, nota 2.
locução conjuntiva, Com. 489, 7 e 11.
locução prepositiva, ns. 31, 32, 33.
locução verbal (falsa), n.º 369.

M

maciço, Com. 447, 64.
mais de um, Com. 450, 34.
mais inferior, Com. 502, 3.
mais pequeno, Com. 448, 2; 480, 1.
Marrocos, Com. 460, 7.
mas que = *ainda que*, Com. 445, 9.
melhor e mais bem, Com. 437, 27.
mercê de, Com. 439, 3.
mesmo = *ainda*, Com. 452, 14.
minguar, Com. 442, 17.
mister, Com. 466, 1.

N

namorar = *encantar*, Com. 446, 28.
nem = *ou*, Com. 484, 5.
nome de cidades, Com. 478, 1.
nome de países, Com. 437, 25.

O

objeto, ns. 102, 121, 122, 154, 253; segundo objeto representado por uma cláusula, Com. 472, 24; 488, 1.

obviar, Com. 451, 6.
 omissão do sujeito *de* com passiva pronominal, Com. 445, 5.
 omissão do reflexivo, com um infinito que tem por sujeito um pronome obliquo, Com. 446, 65.
 omissão da preposição *em* com os substantivos com idéia de tempo, Com. 449, 61.
 omissão da preposição *de* antes de cláusulas substantivas, Com. 518, 2.
 omissão do verbo *ser*, Com. 526, 1.
 omissão do antecedente do pronome relativo, Com. 448, 44.
 onde e aonde, Com. 446, 33.
 o que = quem, Com. 445, 22.
 ordem direta, n.º 63.
 outro que, Com. 465, 2.

P

parecer, Com. 438, 1.
 participio, ns. 80, 374 ; emprego dos regulares e irregulares, Com. 451, 63 ; com sujeito posposto no português moderno, Com. 456, 18.
 partícula apassivadora, n.º 209.
 partitivo, Com. 447, 18.
 passar = passar-se, Com. 465, 16.
 passiva pronominal, ns. 208, 215, 220, 226, 227, 260, nota 3 ; colocação do sujeito com a passiva pronominal, Com. 440, 14.
 pelo = por o, Com. 472, 33.
 perdoar, Com. 446, 58.
 persistir, Com. 472, 9.
 personagem, Com. 452, 50.
 persuadir, Com. 462, 18.
 pessoas gramaticais, lições XXI, XXII, XXIII.
 frase, ns. 15, 17, 53, 58, nota 60, nota 183.
 plural dos nomes próprios, Com. 437, 6.

plural dos substantivos compostos, Com. 446, 70.
 polir, Com. 453, 9.
 polissíndeto, Com. 439, 25.
 ponto e vírgula, Com. 449, 19 ; 438, 25.
 pontuação, ns. 240 a 250 ; 417 a 434 ; Com. 448, 38.
 por, Com. 453, 35.
 por = para, Com. 456, 30 ; 458, 5.
 por que, Com. 472, 18 ; 477, 15.
 posto que + indicativo, Com. 461, 19.
 preceder, Com. 477, 1.
 predicação completa, n.º 92.
 predicação incompleta, n.º 93.
 predicado, ns. 5, 8, 9, 152.
 premiar, Com. 465, 19.
 preposição, ns. 19, letra f ; 25, 29, 34, 56.
 pretensão, Com. 472, 7.
 próclise, com o gerundio regido de *em*, Com. 451, 10.
 projétil, Com. 438, 61.
 pronome, ns. 19, 20, 110 a 121, 138, 171, 207, 299, 293.

Q

que, expletivo, Com. 452, 17 e 54.
 que = porque, Com. 450, 2.
 que, conj. integrante, requer a próclise, Com. 437, 36.
 que ou do que, Com. 435, 1.
 quem *lhe* (anacoluto), Com. 472, 23.
 que *nem* = como, Com. 447, 30.
 querer, Com. 447, 10 ; 450, 28.

R

re (com substantivo), Com. 453, 34.
 redarguir, Com. 447, 3.
 reflexivo, ns. 205, 207, 215.

relações (expressas pelas preposições), ns. 27, 28.

resistir, Com. 472, 12.

respeito por, Com. 449, 33.

reptil, Com. 531, 1.

repugnar, Com. 443, 19.

rima, Com. 438, 44.

S

saber que ou o que, Com. 448, 44.

saborear, Com. 453, 28.

saco, Com. 443, 3.

satisfazer, Com. 449, 29.

se, não si Com. 437, 37.

se = porventura, Com. 451, 20.

se lhe a, Com. 451, 16.

semear, Com. 436, 24.

senão, Com. 451, 2.

senhorear, Com. 460, 15.

sentença, ns. 3, 64, 65, 261, 268, 272, 290, 379.

sentenciar, Com. 474, 20.

se o, Com. 442, 16 ; 452, 38 ; 473, 3.

seu = o seu, Com. 435, 4.

sobre = a respeito de, Com. 462, 26.

socorrer, Com. 464, 10.

solecismo, n.º 160.

subatributo, ns. 229 a 239 ; Com. 437, 26.

substantivo, ns. 2, 4, 5, 23, letra a.

substituir, Com. 453, 32.

suceder, Com. 505, 3.

sucesso, Com. 449, 21.

sujeito, ns. 5, 8, 9, 19, 52, nota 1, 152, 201.

T

tempo que = tempo em que, Com. 449, 61.

ter que despejar, Com. 437, 12 ; 465, 15.

tocar, Com. 447, 15.

todo, Com. 435, 2.

topar, Com. 450, 4.

trasmalhar, Com. 438, 18.

tribu, Com. 472, 8.

tudo o mais, Com. 440, 1.

tudo o que, Com. 440, 1.

tudo são, Com. 442, 11.

U

um dos que, Com. 440, 6.

usar, Com. 437, 16.

V

valer, Com. 461, 43.

verbos, ns. 91, 93, 100, 103, 106, 167, 168, 197, 205, 255, 257 ; intransitivo, Com. 436, 16 ; 437, 33 ; pronominais, ou não, Com. 447, 20 ; em *iar*, como *licenciar* transformados erroneamente em *ear*.

vitoria de, Com. 462, 14.

vir de visitar, Com. 518, 1.

vocativo, ns. 70, 72.

voz ativa, n.º 178.

voz passiva, ns. 181, 184, 185, lição XXIX, n.º 208.

Z

zelo por ou de, Com. 446, 8.

Um Dicionário genuinamente Brasileiro



- 2ª EDIÇÃO -

REVISTA
E AUMENTADA POR

ANTENOR NASCENTES

na parte de Filologia
e Gramática

C. MELLO-LEITÃO

na parte de História
Natural

FRANCISCO VENANCIO FILHO

na parte de Física,
Química e Mecânica

C. DELGADO DE CARVALHO

na parte de Geografia
e História

J. BAPTISTA DA LUZ

Revisor Chefe
da Companhia Editora
Nacional, na parte
Ortográfica

PEQUENO DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA organizado para o Brasil, enriquecido com grande número de vocábulos novos — *brasileirismos* — de palavras arcaicas, já em desuso, e principalmente em nosso país, em duas ortografias.

No **PEQUENO DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA** encontram-se milhares de palavras nossas, de uso corrente nos estados, que os consulentes não precisam de poucos acessíveis elucidários que a os livros de literatura regional. Di registro de palavras obsoletas, q emprega. E' o primeiro dicionário Brasil e elaborado com um espírito moderno, uma vez que se levou *Lingua Viva*, aquela que brota d nossos escritores, se lê nos jornai no lar, nas ruas, no campo e por. É também o primeiro dicionário nas duas ortografias, fonética e

O **PEQUENO DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA** constituirá um instrumento de tra tante, fácil, eficiente e indispensa fessores, estudantes e a todos. aquel jem escrever corretamente a Ling

Um volume com cerca de 76.000 e 1.140 páginas, no formato 13 x Encadernado em percalina . . .

ATENDEMOS PEDIDOS PELO SERVIÇO DE REEM

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO BR

Rua Ouvidor, 94
RIO DE JANEIRO

Rua 15 No
SÃO PAULO

São Paulo Editora Ltda., Imprensa, Rua Reg

Preço deste vol. 15\$000